



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

ALEXANDRA FRAZÃO SEOANE

ANÁLISE DO PROCESSO TRADUTÓRIO DE AUDIODESCRITORES
PROFISSIONAIS E NOVATOS



FORTALEZA – CEARÁ

2017

ALEXANDRA FRAZÃO SEOANE

ANÁLISE DO PROCESSO TRADUTÓRIO DE AUDIODESCRITORES
PROFISSIONAIS E NOVATOS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof^a. Dra. Paula Lenz Costa Lima.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Seoane, Alexandra Frazão.

Análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos [recurso eletrônico] / Alexandra Frazão Seoane. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 354 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.ª Dra. Paula Lenz Costa Lima.

1. Tradução Audiovisual Acessível. 2. Audiodescrição. 3. Rastreamento Ocular. 4. Processo Tradutório. I. Título.

ALEXANDRA FRAZÃO SEOANE

ANÁLISE DO PROCESSO TRADUTÓRIO
DE AUDIODESCRITORES PROFISSIONAIS E NOVATOS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof^a. Dra. Paula Lenz Costa Lima.

Aprovada em: 05 de maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA



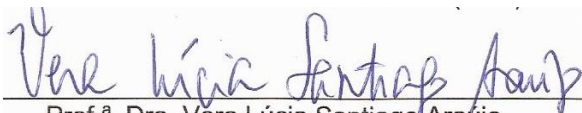
Prof.^a. Dra. Paula Lenz Costa Lima (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



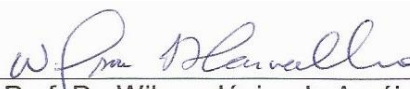
Prof.^a. Dra. Soraya Ferreira Alves
Universidade de Brasília (UNB)



Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço da Silva
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Prof.^a. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

À minha família. Meus pais, Antônio Carlos e Leila. Meu irmão, Adriano. Minha cunhada Denise. Minha sobrinha Ingrid.

À minha orientadora, professora Dra. Paula Lenz Costa Lima, por ter aceitado o desafio de trilhar este caminho desconhecido junto comigo, pelos ensinamentos, orientação e paciência.

À doutoranda e amiga professora M^a. Élide Gama Chaves, que me arrastou para o mundo da tradução audiovisual.

Aos colegas de orientação Beto, Sarah e Teófilo, cujas horas de discussões ajudaram a amadurecer várias ideias.

Aos colegas do LEAD, sem os quais esta pesquisa não existiria e que também sempre me incentivaram e se mostraram dispostos a ajudar quando necessário.

Ao Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho, que, além de considerações importantes durante a qualificação e disciplina seminário de tese, foi um coordenador exigente, mas flexível e solícito.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, cujos ensinamentos levarei aonde eu for.

RESUMO

Esta tese está afiliada aos Estudos da Tradução, insere-se nos Estudos Descritivos da Tradução (HOLMES, 2000) e é orientada ao processo. A audiodescrição (AD) é uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível na qual elementos visuais são descritos em palavras. Aplicada às produções audiovisuais, ela possibilita que pessoas cegas ou com baixa visão tomem conhecimento desses elementos visuais. Podem ser descritos, em filmes e no teatro, por exemplo, o cenário, os figurinos e outros elementos de cena (JIMÉNEZ HURTADO, 2007). Nesta tese, objetiva-se analisar o processo tradutório de 8 audiodescritores, 4 profissionais e 4 novatos, ao elaborarem a AD de um curta de 5 minutos para melhor entender o processo que leva à elaboração de ADs. Montou-se uma metodologia para investigar esse processo, descrevendo, analisando e comparando o comportamento tradutório dos participantes e os roteiros elaborados. A metodologia utilizada foi baseada em Pagano, Alves e Araújo (2011), porém utilizando o rastreamento ocular para, além de visualizar as estratégias do audiodescritor na elaboração de seu roteiro, obter também dados sobre seu comportamento ocular, levando a entender melhor como se processa a elaboração desse roteiro. Com isso, identificaram-se comportamentos que, espera-se, possam auxiliar na formação de futuros audiodescritores e conseqüentemente na qualidade das ADs que chegam ao público-alvo. Como exemplo, visualização do filme em um reprodutor de vídeo, pesquisas antes e durante a elaboração do roteiro, constante monitoramento da leitura das descrições nos tempos alocados, recuperação de informações nas descrições já elaboradas para manter coesão no roteiro e revisão ortográfica do roteiro ao final da elaboração. Foi possível perceber as três fases da tradução: orientação, redação e revisão (JAKOBSEN, 2002), entretanto não foram identificadas diferenças estatisticamente significantes entre os processos dos dois grupos estudados. Por outro lado, análises estatísticas mostraram que é no produto final, o roteiro de AD, onde mais observam-se diferenças entre os perfis. Os resultados indicam que é no número de inserções, palavras utilizadas e elementos do filme contemplados nos roteiros onde o audiodescritor profissional se sobressai em relação ao audiodescritor novato.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual Acessível. Audiodescrição. Rastreamento Ocular. Processo Tradutório.

ABSTRACT

This thesis is affiliated with the Translation Studies, is inserted in Descriptive Studies of Translation (HOLMES, 2000), and is process-oriented. Audio description (AD) is a form of Audiovisual Translation Accessibility, in which visual elements are described in words. Applied to audiovisual productions, it enables blind or visually impaired people to become aware of these visual elements. For example, in the movies and in the theater, the scenery, the costumes and other scene elements can be described (JIMÉNEZ HURTADO, 2007). This thesis aimed to analyze the translation process of 8 audiodescribers, four professionals and four novices, when preparing the AD of a 5-minute movie to better understand the process that leads to the elaboration of AD scripts. I set up a methodology to investigate the process, describing, analyzing and comparing the translation behavior of participants and the elaborated scripts. The methodology used was based on Pagano, Alves and Araújo (2011), but using the eye tracker to identify audiodescribers' behaviors in developing their script and also to collect data about their eye behavior, leading us to understand better how the preparation of the script is carried out. With this, I identified strategies that can be taught in the formation of future audiodescribers and consequently improve the quality of the ADs that reach the target audience. For example, viewing the movie in a video player, researching before and during script development, constant monitoring of the readings of the descriptions in the allocated times, retrieving information in the descriptions already elaborated to maintain cohesion in the script and spelling revision of the script at the end of elaboration. It was possible to see the three phases of translation: orientation, drafting and revision (JAKOBSEN, 2002). However, I did not identify statistically significant differences between the two groups. On the other hand, statistical analysis showed that it is in the final product, the AD script, where we truly observe differences between both profiles. The results indicate that it is in the number of inserts, words used and elements of the film contemplated in the scripts that the professional audiodescriber excels in relation to the novice.

Keywords: Accessible Audiovisual Translation. Audio Description. Eye Tracking. Translation Process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagens da cena de sedução do filme <i>Rango</i>	42
Figura 2 – Captura de tela do <i>software Subtitle Workshop</i>	45
Figura 3 – Roteiro de audiodescrição aberto no <i>Bloco de Notas</i>	46
Figura 4 – Exemplo de <i>Gaze Plot</i> de PR01.....	63
Figura 5 – Exemplo de <i>Heat Map</i> de PR01.....	64
Figura 6 – <i>Unexpected Visitors</i> de Ilya Repin.....	65
Figura 7 – Movimentação ocular em Yarbus (1967).....	66
Figura 8 – Visualização da função <i>replay</i> do <i>Tobii Studio</i>	91
Figura 9 – Áreas de interesse delimitadas no <i>Subtitle Workshop</i>	104
Figura 10 – Exemplo de etiqueta técnica.....	108
Figura 11 – Exemplo de etiqueta cinematográfica.....	110
Figura 12 – Exemplo de etiqueta gramatical.....	110
Figura 13 – Exemplo de etiquetas narratológicas.....	112
Figura 14 – Busca pela etiqueta <LC> no roteiro de PR01 no <i>WordSmith Tools</i>	113
Figura 15 – Visualização do processo de PR01.....	120
Figura 16 – Tela de visualização do <i>Tobii Studio</i> : Identificação do início da fase de redação.....	121
Figura 17 – Tela de visualização do <i>Tobii Studio</i> do processo de NV01.....	125
Figura 18 – <i>Gaze plot</i> de NV01 durante o início da fase de revisão.....	125
Figura 19 – Primeiro momento de NV04 na fase de redação.....	127
Figura 20 – Roteiro elaborado por NV03 na fase de redação.....	141
Figura 21 – NV01 deletando descrição.....	144
Figura 22 – <i>Heat Map</i> de NV01 elaborando a descrição sobre duplicidade.....	145
Figura 23 – PR01 tendo problemas com o <i>software Subtitle Workshop</i>	151
Figura 24 – Primeiros créditos finais.....	152
Figura 25 – <i>Heat Map</i> da revisão de uma descrição por parte de PR01.....	169
Figura 26 – <i>Heat Map</i> da participante PR01 lendo sinônimos.....	170
Figura 27 – <i>Frames</i> da Cena 01 – Logo da produtora.....	238
Figura 28 – <i>Frames</i> da Cena 02a – Créditos iniciais.....	241
Figura 29 – <i>Frames</i> da Cena 02b – Créditos iniciais.....	242
Figura 30 – <i>Frames</i> da Cena 02c – Créditos iniciais.....	243
Figura 31 – <i>Frames</i> da Cena 02d – Créditos iniciais.....	244

Figura 32 – <i>Frames</i> da Cena 02e – Créditos iniciais.....	245
Figura 33 – <i>Frames</i> da Cena 03a – Roberta.....	250
Figura 34 – <i>Frames</i> da Cena 03b – Roberta.....	251
Figura 35 – <i>Frames</i> da Cena 03c – Roberta.....	252
Figura 36– <i>Frames</i> da Cena 03d – Roberta.....	253
Figura 37 – <i>Frames</i> da Cena 03e – Roberta.....	254
Figura 38 – <i>Frames</i> da Cena 04a – Marcos.....	259
Figura 39 – <i>Frames</i> da Cena 04b – Marcos.....	260
Figura 40 – <i>Frames</i> da Cena 04c – Marcos.....	261
Figura 41 – <i>Frames</i> da Cena 04d – Marcos.....	261
Figura 42 – <i>Frames</i> da Cena 04e – Marcos.....	262
Figura 43 – <i>Frames</i> da Cena 05a – Augusto	266
Figura 44 – <i>Frames</i> da Cena 05b – Augusto	266
Figura 45 – <i>Frames</i> da Cena 05c – Augusto	267
Figura 46 – <i>Frames</i> da Cena 05d – Augusto	267
Figura 47 – <i>Frames</i> da Cena 05e – Augusto	268
Figura 48 – <i>Frames</i> da Cena 05f – Augusto	268
Figura 49 – <i>Frames</i> da Cena 06a – Eduardo.....	271
Figura 50 – <i>Frames</i> da Cena 06b – Eduardo.....	272
Figura 51 – <i>Frames</i> da Cena 06c – Eduardo.....	273
Figura 52 – <i>Frames</i> da Cena 06d – Eduardo.....	273
Figura 53 – <i>Frames</i> da Cena 06e – Eduardo.....	274
Figura 54 – <i>Frames</i> da Cena 07a – Desfecho.....	277
Figura 55 – <i>Frames</i> da Cena 07b – Desfecho	277
Figura 56 – <i>Frames</i> da Cena 07c – Desfecho	278
Figura 57 – <i>Frames</i> da Cena 07d – Desfecho.....	279
Figura 58 – <i>Frames</i> da Cena 07e – Desfecho.....	279
Figura 59 – <i>Frames</i> da Cena 07f – Desfecho	280
Figura 60 – <i>Frames</i> da Cena 07g – Desfecho.....	280
Figura 61 – <i>Frames</i> da Cena 08a – Créditos finais	290
Figura 62 – <i>Frames</i> da Cena 08b – Créditos finais	290
Figura 63 – <i>Frames</i> da Cena 08c – Créditos finais.....	291
Figura 64 – <i>Frames</i> da Cena 08d – Créditos finais	291
Figura 65 – <i>Frames</i> da Cena 08e – Créditos finais	292

Figura 66 – <i>Frames</i> da Cena 08f – Créditos finais.....	293
Figura 67 – <i>Frames</i> da Cena 08g – Créditos finais	293
Figura 68 – <i>Frames</i> da Cena 09 - Aviso	298

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo total da tarefa dos participantes por fase.....	128
Gráfico 2 – Distribuição do tempo em percentual dos profissionais em cada fase ..	130
Gráfico 3 – Distribuição do tempo em percentual dos novatos em cada fase	131
Gráfico 4 – Comparação do tempo de tarefa em percentual dos participantes por fase	131
Gráfico 5 – Número de fixações por grupo na fase de redação	166
Gráfico 6 – Duração média das fixações por grupo na fase de redação	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de pesquisas por participante por cena descrita.....	158
Tabela 2 – Quantidade de pesquisas e tipos de pesquisas realizadas pelos participantes	163
Tabela 3 – Tempo utilizado para pesquisa e percentagem com relação ao tempo total da tarefa	164
Tabela 4 – Fixações dos profissionais durante a fase de redação.....	165
Tabela 5 – Fixações dos novatos durante a fase de redação	165
Tabela 6 – Revisões realizadas pelos participantes na fase de revisão	180
Tabela 7 – Número de fixações dos profissionais durante a fase de revisão.....	181
Tabela 8 – Número de fixações dos novatos durante a fase de revisão	182
Tabela 9 – Respostas ao questionário pós-coleta com relação ao aspecto 1	184
Tabela 10 – Comparação entre os roteiros elaborados com relação à etiqueta técnica por participante	194
Tabela 11 – Ocorrência total e percentual das etiquetas por participante.....	195
Tabela 12 – Comparação entre os roteiros elaborados com relação à etiqueta cinematográfica por participante	196
Tabela 13 – Comparação entre os roteiros elaborados com relação à etiqueta gramatical por participante	197
Tabela 14 – Ocorrência das etiquetas narratológicas nos roteiros dos profissionais	198
Tabela 15 – CFS das etiquetas narratológicas nos roteiros dos profissionais	199
Tabela 16 – FR das etiquetas narratológicas nos roteiros dos profissionais.....	200
Tabela 17 – Ocorrência das etiquetas narratológicas nos roteiros dos novatos	201
Tabela 18 – CFS das etiquetas narratológicas nos roteiros dos novatos.....	202
Tabela 19 – FR das etiquetas narratológicas nos roteiros dos novatos	202
Tabela 20 – Comparação entre as médias dos valores absolutos, CFS e FR entre profissionais e novatos	203

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sequência de falas e sons da cena de sedução do filme <i>Rango</i>	39
Quadro 2 – Sequência da cena de sedução do filme <i>Rango</i> com audiodescrição	40
Quadro 3 – Objetivos, perguntas, hipóteses e estudos que serviram de base para responder a cada pergunta de pesquisa	83
Quadro 4 – Resumo do perfil dos participantes profissionais	96
Quadro 5 – Resumo do perfil dos participantes novatos	97
Quadro 6 – Lista de elementos importantes de cada cena	105
Quadro 7 – Lista de etiquetas técnicas	108
Quadro 8 – Lista de etiquetas narratológicas	111
Quadro 9 – Parametrização das variáveis.....	114
Quadro 10 – Área de visualização de PR03, NV01, NV02 e NV04	123
Quadro 11 – Comparação entre os participantes com relação ao tempo total da tarefa e o tempo em cada fase	128
Quadro 12 – Área de visualização de PR01, PR02, PR03 e NV01	134
Quadro 13 – Número de fixações nas Áreas de Interesse durante orientação	135
Quadro 14 – Duração média das fixações, em milissegundos, nas Áreas de Interesse durante orientação.....	136
Quadro 15 – Número e duração das fixações dos participantes na Área de Interesse Filme durante a fase de orientação	137
Quadro 16 – Descrições de NV04 antes e depois de o <i>Subtitle Workshop</i> fechar...	154
Quadro 17 – Revisões de PR03 durante a fase de redação.....	155
Quadro 18 – Fixações parametrizadas nas Áreas de Interesse na fase de redação	167
Quadro 19 – Lista de descrições modificadas na fase de revisão por participante..	175
Quadro 20 – Fixações parametrizadas nas Áreas de Interesse na fase de revisão	183
Quadro 21 – Respostas ao questionário pós-coleta com relação ao aspecto 2	184
Quadro 22 – Respostas ao questionário pós-coleta com relação ao aspecto 3	185
Quadro 23 – Elementos contemplados pelos participantes em todas as cenas do filme	187
Quadro 24 – Percentual de elementos contemplados pelos profissionais.....	190
Quadro 25 – Percentual de elementos contemplados pelos novatos.....	191

Quadro 26 – Tempo total e percentual de tempo definido pelos participantes para a leitura das descrições.....	193
Quadro 27 – Elementos importantes da cena da logo da produtora.	239
Quadro 28 – Descrições dos participantes para a cena da logo da produtora	239
Quadro 29 – Elementos contemplados pelos participantes na cena da logo da produtora	240
Quadro 30 – Elementos importantes da cena dos créditos iniciais.....	246
Quadro 31 – Descrições dos participantes para a cena dos créditos iniciais.....	246
Quadro 32 – Elementos contemplados pelos participantes na cena dos créditos iniciais.....	248
Quadro 33 – Elementos importantes da cena de Roberta.....	255
Quadro 34 – Descrições dos participantes para a cena de Roberta.....	255
Quadro 35 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Roberta	257
Quadro 36 – Elementos importantes da cena de Marcos.....	262
Quadro 37 – Descrições dos participantes para a cena de Marcos.....	263
Quadro 38 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Marcos	264
Quadro 39 – Elementos importantes da cena de Augusto	269
Quadro 40 – Descrições dos participantes para a cena de Augusto	269
Quadro 41 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Augusto	270
Quadro 42 – Elementos importantes da cena de Eduardo.....	274
Quadro 43 – Descrições dos participantes para a cena de Eduardo.....	274
Quadro 44 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Eduardo	275
Quadro 45 – Elementos importantes da cena do desfecho.....	281
Quadro 46 – Descrições dos participantes para a cena do desfecho	282
Quadro 47 – Elementos contemplados pelos participantes na cena do desfecho ...	288
Quadro 48 – Elementos importantes da cena dos créditos finais	294
Quadro 49 – Descrições dos participantes para a cena dos créditos finais	295
Quadro 50 – Elementos contemplados pelos participantes na cena créditos finais.	297
Quadro 51 – Elementos importantes da cena do aviso.....	298
Quadro 52 – Descrições dos participantes para a cena do aviso	298
Quadro 53 – Elementos contemplados pelos participantes na cena do aviso	299

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Audiodescrição
ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
Aoi	Área de Interesse
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CCLIN	Núcleo de Cultura, Cidade e Linguagem
CFS	Coeficiente de Frequência Simples
CH	Centro de Humanidades
DT	Descrição da Tradução
EDT	Estudos Descritivos da Tradução
ETT	Estudos Teóricos da Tradução
EXLEG	Estudos Experimentais em Legendagem para Surdos e Ensurdecidos: análise da velocidade e da segmentação
EXPERT@	Conhecimento experto em tradução: modelagem do processo tradutório em altos níveis de desempenho
FR	Frequência Relativa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LATAV	Laboratório de Tradução Audiovisual
LEAD	Legendagem e Audiodescrição
LERO	Laboratório Experimental de Rastreamento Ocular
LETRA	Laboratório Experimental de Tradução
Libras	Língua Brasileira de Sinais
NV01	Participante Novato 01
NV02	Participante Novato 02
NV03	Participante Novato 03
NV04	Participante Novato 04
PcDV	Pessoas com deficiência visual
PosLA	Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada
PR01	Participante Profissional 01
PR02	Participante Profissional 02
PR03	Participante Profissional 03
PR04	Participante Profissional 04

SW	Subtitle Workshop
TAV	Tradução Audiovisual
TRAMAD	Tradução, Mídia e Audiodescrição
TT	Teoria da Tradução
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	30
2.1	ESTUDOS DA TRADUÇÃO	30
2.2	TRADUÇÃO AUDIOVISUAL	36
2.3	AUDIODESCRIÇÃO.....	37
2.4	PESQUISAS EM AUDIODESCRIÇÃO DE FILMES.....	47
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	53
3.1	PROCESSO TRADUTÓRIO	53
3.2	EXPERIMENTOS SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO.....	54
3.3	RASTREAMENTO OCULAR.....	61
3.3.1	Pesquisas em tradução com rastreamento ocular	66
3.3.2	Recomendações para pesquisas com rastreamento ocular ...	73
3.4	PRODUTO DO PROCESSO TRADUTÓRIO	80
4	METODOLOGIA	85
4.1	TIPO DE PESQUISA.....	85
4.2	CONTEXTO DA PESQUISA	86
4.3	DESENHO EXPERIMENTAL.....	88
4.3.1	<i>Corpus</i> da pesquisa	88
4.3.2	Instrumentos de pesquisa	89
4.3.2.1	Questionário pré-coleta	89
4.3.2.2	Rastreador ocular	89
4.3.2.3	Relato retrospectivo sobre o processo.....	91
4.3.2.4	Questionário pós-coleta.....	92
4.3.3	Participantes	92
4.3.3.1	Participantes profissionais.....	94
4.3.3.2	Participantes novatos.....	95
4.3.4	Variáveis	99
4.3.5	Procedimentos	99
4.3.5.1	Procedimentos éticos.....	100
4.3.5.2	Análise do filme.....	100
4.3.5.3	Coleta de dados.....	100
4.4	METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	102

4.4.1	Do processo.....	102
4.4.1.1	Fluxo de trabalho	103
4.4.1.2	Distribuição da atenção	103
4.4.2	Do produto	105
4.4.2.1	Comparação dos roteiros e filme	105
4.4.2.2	Etiquetagem dos roteiros.....	108
4.4.2.2.1	<i>Etiquetas técnicas.....</i>	108
4.4.2.2.2	<i>Etiqueta cinematográfica</i>	109
4.4.2.2.3	<i>Etiqueta gramatical.....</i>	110
4.4.2.2.4	<i>Etiquetas narratológicas</i>	110
4.4.3	Análises estatísticas	114
5	ANÁLISE DOS DADOS	119
5.1	RESULTADOS DAS ANÁLISES DO PROCESSO.....	119
5.1.1	Orientação.....	132
5.1.1.1	Quanto à visualização do filme.....	133
5.1.1.2	Quanto às estratégias tradutórias.....	138
5.1.2	Redação	140
5.1.2.1	Principais estratégias	141
5.1.2.2	Pesquisas realizadas	156
5.1.2.3	Fixações nas áreas de interesse	165
5.1.3	Revisão	168
5.1.4	Análise do questionário pós-coleta.....	183
5.2	RESULTADOS DAS ANÁLISES DO PRODUTO	186
5.2.1	Comparação dos roteiros e filme.....	186
5.2.2.	Etiquetagem dos roteiros	193
5.2.2.1	Etiquetas técnicas.....	193
5.2.2.2	Etiqueta cinematográfica	196
5.2.2.3	Etiqueta gramatical.....	197
5.2.2.4	Etiquetas narratológicas	198
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	205
6.1	SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO	205
6.1.1	Fluxo de trabalho.....	205
6.1.2	Distribuição da atenção.....	211

6.2	SOBRE O PRODUTO RESULTANTE DO PROCESSO TRADUTÓRIO.....	212
6.2.1	Comparação dos roteiros e filme.....	212
6.2.2	Etiquetas técnicas.....	212
6.2.3	Etiqueta cinematográfica.....	213
6.2.4	Etiqueta gramatical.....	213
6.2.5	Etiquetas narratológicas.....	214
6.3	OUTRAS CONSIDERAÇÕES.....	214
7	CONCLUSÕES.....	218
	REFERÊNCIAS.....	223
	APÊNDICES.....	231
	APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	232
	APÊNDICE B – Questionário pré-coleta	233
	APÊNDICE C – Roteiro para protocolo verbal	235
	APÊNDICE D – Questionário pós-coleta.....	236
	APÊNDICE E – Análise do filme <i>Resquícios da infância</i> e das descrições elaboradas	237
	APÊNDICE F – Legenda para surdos e ensurdecidos do filme resquícios da infância.....	300
	APÊNDICE G – Roteiro etiquetado PR01	301
	APÊNDICE H – Roteiro etiquetado PR02	307
	APÊNDICE I – Roteiro etiquetado PR03.....	312
	APÊNDICE J – Roteiro etiquetado PR04	318
	APÊNDICE K – Roteiro etiquetado NV01	324
	APÊNDICE L – Roteiro etiquetado NV02.....	328
	APÊNDICE M – Roteiro etiquetado NV03.....	333
	APÊNDICE N – Roteiro etiquetado NV04	337
	APÊNDICE O – Figura 8	341
	APÊNDICE P – Figura 15.....	342
	APÊNDICE Q – Figura 16	343
	APÊNDICE R – Figura 17	344
	APÊNDICE S – Figura 18.....	345
	APÊNDICE T – Figura 19.....	346
	APÊNDICE U – Figura 22	347

APÊNDICE V – Figura 26.....	348
ANEXOS	349
ANEXO A – Autorização de utilização do filme <i>Resquícios da Infância</i>	350
ANEXO B – Esquema de orientação da participante PR01	351
ANEXO C – Parecer do comitê de ética.....	352

1 INTRODUÇÃO

Em 2010, de acordo com o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹, foi constatado que no Brasil existiam mais de 35 milhões de pessoas com deficiência visual (doravante PcDV), sendo 582 mil cegas. Tais números revelam a necessidade de políticas inclusivas, com projetos que permitam não apenas a acessibilidade dessas pessoas com deficiência no que se refere a locomoção, mobilidade, literatura especializada e tecnologias assistivas, mas que também garantam o acesso às produções audiovisuais, como filmes, seriados, peças de teatro, congressos, partidas esportivas, obras de arte etc.

Inserido nessa prática inclusiva, este trabalho de tese tem como objetivo geral analisar o processo tradutório de audiodescritores, sendo eles profissionais e novatos, durante a produção do roteiro de audiodescrição de um curta-metragem. Montei uma metodologia para investigar esse processo, descrevendo, analisando e comparando o comportamento tradutório dos participantes e os roteiros elaborados, em busca de parâmetros que venham a auxiliar a elaboração de novos roteiros e de padrões processuais dos audiodescritores profissionais.

A audiodescrição (doravante AD) é uma modalidade de tradução audiovisual (TAV) que traduz imagens em palavras e torna diversos tipos de produções audiovisuais acessíveis às PcDVs. Como definem Franco e Araújo (2011, p. 17):

A audiodescrição (*audio description*) é a tradução em palavras das impressões visuais de um objeto, seja ele um filme, uma obra de arte, uma peça de teatro, um espetáculo de dança ou um evento esportivo. O recurso tem o objetivo de tornar esses produtos acessíveis a pessoas com deficiência visual. A AD pode ser pré-gravada ou ao vivo. A AD pré-gravada é geralmente usada em filmes, programas de TV e obras de arte, enquanto a AD ao vivo acontece em eventos e no teatro.

Geralmente, para se elaborar uma AD, o produto audiovisual é analisado para que seja produzido um roteiro escrito contendo as descrições das informações visuais observadas pelo tradutor/audiodescritor. Esse roteiro, que pode ser lido ao vivo ou gravado por um locutor, será disponibilizado em forma de áudio. Em alguns casos, a AD é realizada sem roteiro, com o audiodescritor realizando tanto a descrição quanto a locução ao vivo, como é o caso das partidas de futebol. Nos

¹ Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&idnoticia=2125&view=noticia>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

filmes, seriados e peças teatrais, são descritos personagens, figurinos e cenários, entre outros elementos visuais, os quais auxiliam o entendimento do enredo. Em quadros e peças de museus, são fornecidas informações sobre as obras de arte, bem como aspectos de sua composição e aquilo que representam, para permitir que a PcDV desfrute da obra de arte. Em partidas de futebol, além de informações como a cor da camisa dos jogadores e a aparência física, como corte de cabelo, pode-se audiodescrever o campo, o estádio, o comportamento da torcida etc. Esse recurso de acessibilidade, tanto no teatro como em filmes, partidas de futebol e museus, já pode ser encontrado em alguns países, como Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos. No Brasil, o mais comum atualmente é encontrá-lo em filmes na TV e em DVDs.

Packer (1996), em um estudo realizado com PcDVs para a *American Foundation for the Blind*, menciona alguns dos benefícios da AD para as PcDVs, entre os quais está a aquisição de conhecimento sobre o mundo visual. Os participantes da pesquisa comentaram que a AD os ajudou a conhecer vários aspectos visuais da interação social, como a linguagem corporal das pessoas em determinadas circunstâncias, e normas culturais, como estilos de roupas para certas ocasiões. Além disso, a AD proporciona, segundo o estudo, um melhor conhecimento sobre materiais televisivos e uma sensação de independência, porque as PcDVs conseguem assistir aos programas sem a ajuda de terceiros. Também permite que elas vivenciem uma conexão social ao se sentirem incluídas em atividades sociais em que há exibição de filmes, por exemplo. Todos esses benefícios mostram a importância de prover esse tipo de acessibilidade sempre que possível.

Atualmente, na TV brasileira, podem-se encontrar alguns programas com AD. Como exemplos é possível citar os seriados *Chaves*, no SBT, e *Hermanas*, na TV Aparecida. A emissora que mais apresenta programas com AD atualmente é a Rede Globo. A emissora conta com filmes audiodescritos em diversos horários, mas principalmente na Tela Quente, às segundas-feiras à noite, na Temperatura Máxima, aos domingos à tarde, e no Supercine, aos sábados à noite. Para ter acesso ao recurso, é necessária a utilização da tecla SAP ou a tecla multiáudio do controle remoto, já que é preciso mudar para um segundo áudio do programa em questão. Geralmente, o primeiro áudio contém o áudio do filme dublado e o segundo, esse mesmo áudio com o acréscimo da AD. Também é possível ter acesso a séries e

filmes com AD pela NETFLIX. Atualmente, encontram-se com AD² em português as séries 3%, *Fearless – 8 segundos para a glória* e *Laerte-se* e o filme *O roubo da taça*. A AD no Brasil só é inserida em produções audiovisuais faladas em língua portuguesa, quer sejam dubladas ou produzidas no país.

A implantação desse recurso na TV brasileira teve início com a publicação da Norma Complementar No. 01/2006³, aprovada pela Portaria No. 310, de 27 de junho de 2006, do Ministério das Comunicações (BRASIL, 2006a), que previa a obrigatoriedade da AD para PcDVs. No entanto, a norma só entrou em vigor em julho de 2011. A implantação do recurso, que deveria ter começado em 2006 com o mínimo de duas horas diárias de programação audiodescrita e que, em 11 anos, deveria abranger 24 horas da programação diária, teve seu primeiro obstáculo apenas dois dias após a publicação da norma. Em 29 de junho de 2006, foi assinado o Decreto nº 5.820 (BRASIL, 2006b), que revia os prazos para que as emissoras se adequassem para a transmissão de sinal digital no lugar do analógico. A implantação da AD para o sinal analógico se mostrava inviável, já que apenas com o sinal digital era possível transmitir mais de um áudio da programação, e a prioridade das emissoras era o mercado digital. Por isso, a extensão dos prazos para a adequação das emissoras tornou-se um motivo para que a implantação do recurso fosse adiada.

Em 2008, poucos dias antes do prazo máximo para o início da implementação da AD na programação brasileira, foi publicada a Portaria No. 403⁴, de 27 de junho de 2008 (BRASIL, 2008a), que prorrogava o prazo por mais 30 dias. Ao final desse prazo, a Portaria No. 466, de 30 de julho (BRASIL, 2008b), concedeu mais 90 dias para o início da implantação do recurso. Em 14 de outubro, a Portaria No. 661 (BRASIL, 2008c) suspendeu completamente a obrigatoriedade da Portaria No. 310 e abriu uma consulta pública no ano de 2009 junto à população brasileira com o objetivo de “compreender, de forma mais precisa, as expectativas da sociedade a respeito da promoção da acessibilidade através da áudio-descrição⁵ no serviço de radiodifusão de sons e imagens e retransmissão de televisão”. Em 24 de

² Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse/audio-description>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

³ Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/normas/26752-norma-complementar-n-01-2006>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

⁴ Disponível em: <<http://www2.mcti.gov.br/index.php/portarias/24676-portaria-n-403-de-27-de-junho-de-2008>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

⁵ A questão sobre a forma como se deve escrever a palavra *audiodescrição* no Brasil, podendo ser encontrada a variante *áudio-descrição*, é referente a uma posição teórica defendida pelos pesquisadores, a qual não abordaremos neste trabalho.

março de 2010, a Portaria No. 188 (BRASIL, 2010) definiu um novo prazo para a implantação do recurso, estabelecendo que as emissoras deveriam oferecer esse recurso por, no mínimo, 2 horas semanais até julho de 2011, até alcançar 20 horas semanais, no mínimo, até julho de 2020.

Essa demora entre a publicação da Portaria No. 310 em 2006 e a implantação do recurso em 2011 ocorreu por diversos fatores. Segundo Costa (2014, p. 39):

A AD passou a ser discutida de maneira mais sistemática a partir de 2005. Nesse momento, a AD era referida como “descrição e narração em voz de cenas e imagens”. De lá até a definição do começo da obrigatoriedade em 2011 foram publicadas diversas portarias, foram feitos pareceres por empresas, reuniões técnicas, audiências e consultas públicas, e o debate girou em torno da viabilidade econômica, das condições técnicas e da (in)existência de profissionais disponíveis. Esse debate foi importante para a definição do cronograma de implantação e da cota da programação a ser audiodescrita.

Em 2008, um ofício da ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) ao Ministério das Comunicações citou algumas considerações a serem feitas sobre a implantação de recursos de acessibilidade na TV brasileira. Entre elas estavam o fato de que algumas emissoras não possuíam recursos financeiros para acatar todas as exigências do Ministério Público e a falta de audiodescritores profissionais em número suficiente. Com o término da transmissão do sinal analógico no Brasil, que teve início em 2016 e deve terminar apenas em 2023, espera-se que haja cada vez mais programas com esse recurso na TV brasileira. A formação desses profissionais é um dos principais objetivos dos estudos nessa área na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e em várias outras universidades no Brasil, como na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade de Brasília (UnB).

A pesquisa em AD na UECE teve início em 2005, com uma disciplina na graduação do Curso de Letras que abordava a acessibilidade audiovisual, ministrada pela professora Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo. Em 2008, foi criado o grupo de pesquisa LEAD (Legendagem e Audiodescrição), sob coordenação da professora Vera Santiago, que realiza estudos e pesquisas no Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) no Campus de Fátima, Centro de Humanidades (CH), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Desde então o grupo tenta, por meio de diferentes estudos e aplicações de testes de recepção, encontrar parâmetros para a

elaboração de AD para diversos tipos de produções audiovisuais, bem como para imagens estáticas, como pinturas e ilustrações de materiais didáticos, que atendam às necessidades das PcDVs brasileiras. Outro objetivo do grupo é a formação de audiodescritores para atender à demanda nacional por audiodescrições, que surgiu após o início da obrigatoriedade do recurso na TV brasileira. Além disso, o grupo oferece o recurso da AD para espectadores com deficiência visual no Ceará, por meio de mostras de filmes acessíveis, como a mostra *Ouçó Porque Vejo, Vejo Porque Ouçó – I Mostra de Filmes Acessíveis do Cine Ceará* e a *Mostra de Filmes Acessíveis do BNB / Cine Ceará*, exibidas no ano de 2009, e peças teatrais audiodescritas, como *A Vaca Lelé*, que desde 2010 vem sendo apresentada com esse recurso por diversas vezes⁶.

A minha história com a pesquisa e elaboração de AD começou quase junto com a do grupo de pesquisa. No final de 2008, durante uma disciplina do curso de Letras da UECE, conheci a professora Vera Lúcia Santiago Araújo e uma de suas bolsistas, Élide Gama Chaves, que me convidaram para fazer parte do grupo. Inicialmente na legendagem, pois eu já fazia legenda para filmes e seriados japoneses de forma amadora. Porém, como se tornaria marca do grupo, todos os integrantes se envolviam em todas as pesquisas, tanto em Legendagem para Surdos e Ensurdidos quanto em Audiodescrição. Assim, no começo de 2009 estávamos todos envolvidos na mostra *Ouçó Porque Vejo, Vejo Porque Ouçó - I Mostra de Filmes Acessíveis do Cine Ceará* e a *Mostra de Filmes Acessíveis do BNB / Cine Ceará*, legendando, audiodescrevendo e editando vídeos e áudios. Desde então trabalho e pesquiso com as duas modalidades de tradução, nas esferas profissional e acadêmica, com graduação, especialização, mestrado e agora doutorado.

Na seção 2.4 serão apresentados alguns trabalhos frutos das pesquisas desenvolvidas na UECE sobre audiodescrição de filmes. A maioria delas tem caráter descritivo e exploratório. Apenas duas pesquisas, Seoane (2012) e Dantas (2012), até o momento, tiveram caráter experimental. A presente tese vem ajudar a preencher essa lacuna de pesquisas experimentais que também existe no cenário mundial. Nenhuma das pesquisas anteriores focou o processo tradutório, e sim as etapas de elaboração. A diferença entre esses dois pontos de vista é que, enquanto

⁶ Para mais informações: <<http://atavbrasil.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

o segundo aborda principalmente questões técnicas e tradutórias, o primeiro, além dessas questões, aborda também o comportamento do tradutor durante a realização da tarefa e o produto final.

Apesar de centradas no produto, as pesquisas sobre AD de filmes supracitadas trazem observações interessantes sobre o comportamento do audiodescritor, como, por exemplo, quais programas ele utiliza, por que priorizou uma informação em detrimento de outra, a escolha do léxico que deve ser pertinente ao público-alvo e ao gênero do filme etc. Contudo, até onde sei, nenhuma pesquisa foi realizada relacionando a competência tradutória dos tradutores/audiodescritores profissionais comparada à inexperiência de audiodescritores novatos. O que encontrei foram trabalhos comparando os roteiros de profissionais e amadores (FRANCO *et al.*, 2011). Indaguei então se uma análise do processo de elaboração de uma AD por profissionais comparado com o processo realizado por um novato poderia mostrar padrões de comportamento que pudessem ser ensinados ou desencorajados a audiodescritores em formação. Além disso, acredito que uma análise do produto final, o roteiro de AD, desses dois perfis de profissionais pode ajudar a elaborar parâmetros de AD que auxiliem o audiodescritor na elaboração de novos roteiros.

Já existem algumas pesquisas que comparam o roteiro final de diferentes audiodescritores. Mascarenhas (2012) compara dois roteiros de AD, um elaborado pela própria pesquisadora, que realizou uma análise descritiva da estrutura narrativa de uma minissérie, *Luna Caliente* (REDE GLOBO, 1999), audiodescrita, e outro elaborado por uma audiodescritora colaboradora, que não realizou essa análise. Franco *et al.* (2011), que será mais bem detalhado no capítulo de fundamentação teórica, compara a recepção de duas ADs para um trecho de filme, uma elaborada por uma pessoa sem experiência em tradução audiovisual e outra elaborada pelo grupo de pesquisa das autoras do artigo. Mais uma vez, a pesquisa foi focada no produto e na recepção desses roteiros pelas PcDVs.

Como listado anteriormente, são diversas as áreas de pesquisas em AD, mas trabalhos que abordem o processo tradutório ainda são escassos. Além disso, a formação de audiodescritores é algo necessário. Esta tese, ao analisar o processo tradutório de oito audiodescritores, quatro profissionais e quatro novatos, visa colaborar tanto com as escassas pesquisas na área como com a formação de novos audiodescritores e o aprimoramento de audiodescritores novatos. A análise desse

processo pode ajudar na identificação de estratégias⁷ que podem ser aplicadas na formação de outros audiodescritores. Para isso, acredito ser necessário responder a alguns questionamentos: Até que ponto as mesmas metodologias, técnicas e variáveis métricas aplicadas à análise do processo de tradução de textos escritos e de legendagem podem ser utilizadas no processo de elaboração de audiodescrição? Qual a diferença do comportamento tradutório de audiodescritores profissionais e novatos? Em que sentido o roteiro elaborado por um novato se diferencia de um elaborado por um profissional? Em que a análise do processo de AD e do produto final dos profissionais pode ajudar no aprimoramento de um audiodescritor novato?

Para discutir essas questões, alguns trabalhos na área de processo tradutório foram analisados, entre eles: Jakobsen (2002), Hvelplund (2015), Pagano, Alves e Araújo (2011) e Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016). O primeiro analisa o processo tradutório de tradutores de texto escrito; o segundo, a tradução para dublagem; e os dois seguintes, o processo tradutório de legendistas. Todas essas pesquisas serão detalhadas no capítulo de fundamentação teórica. Não há, até onde tenho conhecimento, pesquisas que abordem o processo tradutório de audiodescritores utilizando metodologias e análises como nessas pesquisas citadas nem utilizando o rastreamento ocular ou qualquer *software* de captura de tela. Isso mostra que há uma lacuna tanto nos estudos processuais, que não analisaram ainda essa forma de tradução e esses profissionais, quanto nos estudos sobre audiodescrição, que não analisaram os profissionais da área sob a perspectiva do processo tradutório. A seguir, serão expostas outras justificativas para a realização deste trabalho.

É evidente a necessidade de promover a acessibilidade de grande número de pessoas com deficiência visual no Brasil às produções audiovisuais, tanto por questões culturais quanto educacionais. Nessa perspectiva social, esta pesquisa se justifica ao objetivar um melhor entendimento do processo tradutório que leva à elaboração de ADs; com isso, é possível melhorar o ensino que formará os futuros audiodescritores do país e, conseqüentemente, a qualidade das ADs que chegam ao público-alvo.

Numa perspectiva acadêmica, este trabalho se justifica por colaborar para o desenvolvimento dos Estudos da Tradução, mais particularmente da Tradução

⁷ Nesta tese, utilizo o termo estratégia como sinônimo de técnica, tática ou método.

Audiovisual (TAV), nos quais os estudos em audiodescrição estão inseridos. Aderaldo (2014) elaborou um histórico do desenvolvimento dos Estudos da Tradução, iniciando por Holmes (2000)⁸, que divide os Estudos da Tradução em Aplicado (Ferramentas de auxílio à tradução, Política da tradução e Crítica da tradução) e Puro (Descritivo [Orientado à função, Orientado ao processo, Orientado ao produto] e Teórico [Parcial e Geral]). A autora afirma que o ensaio de Holmes (2000):

É, hoje, considerado um texto fundacional e responsável pelo descolamento da Tradução como disciplina periférica em relação à Literatura, à Linguística e à Filosofia. À época, o autor percebeu que a tradução levantava questões que já não eram solucionadas nas disciplinas que predominantemente a abrigavam: a Linguística Contrastiva, a Literatura Comparada e a Lógica (ADERALDO, 2014, p. 26).

Outro estudo citado pela pesquisadora foi Williams e Chesterman (2002), que ampliou a gama de possibilidades dos Estudos de Tradução de Holmes (2000) e classificou 12 áreas possíveis, entre as quais destacam-se na presente tese a *Tradução multimídia*, a *Análise textual e tradução*, a *Avaliação da qualidade da tradução*, o *Processo tradutório* e a *Formação de tradutor*. Aderaldo (2014) assinala o fato de a audiodescrição só vir a aparecer nos Estudos de Tradução com Gambier (2003), “que introduziu a tradução da imagem para PcDVs (audiodescrição) entre as demais modalidades de TAV acessível” (ADERALDO, 2014, p. 35-36). Acessível, pois, assim como a legendagem para surdos e ensurdecidos, voltada para pessoas com deficiência sensorial auditiva, a AD tem como objetivo oferecer, a certo grupo de espectadores que possui alguma deficiência sensorial visual, a possibilidade de usufruir e desfrutar de produções audiovisuais (DÍAZ CINTAS, 2007). Tanto Holmes (2000) quanto Williams e Chesterman (2002) foram lidos e serão mais detalhados no capítulo 2.

A presente tese tentou trazer também uma contribuição para os estudos sobre o processo tradutório, os quais, em sua maioria, analisam tradutores de textos escritos interlinguísticos (JAKOBSEN, 2002; ALVES, 2005; ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009; MAGALHÃES; ALVES, 2006). Que seja do meu conhecimento, quanto a pesquisas cujo enfoque seja o processo tradutório de uma modalidade de tradução audiovisual, existem somente as pesquisas de Pagano, Alves e Araújo (2011) e

⁸ Ensaio originalmente apresentado em 1972 no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada, em Copenhague.

Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016), cujo tema é a legendagem, e Hvelplund (2015), cujo tema é a dublagem. O ineditismo desta pesquisa está no fato de que, até onde sei, está será a primeira pesquisa envolvendo a audiodescrição.

Esta tese vem, então, juntar-se a esses outros trabalhos, que serão mais bem discutidos no capítulo de fundamentação teórica, mas com diferenciais com relação ao enfoque, objeto de estudo e metodologia. Em primeiro lugar, diferentemente de pesquisas já mencionadas que focam no processo de tradução de textos escritos, legendagem e dublagem, o foco deste trabalho é no processo de elaboração de um roteiro de AD. A metodologia utilizada é baseada em Pagano, Alves e Araújo (2011), porém utilizando o rastreamento ocular em vez do *software* de *screen logging*⁹ *Camtasia*, para, além de visualizar as estratégias do audiodescritor para elaborar seu roteiro, como ocorreria se fosse utilizado o *Camtasia*, obter também dados sobre seu comportamento ocular de forma a entender como se processa a elaboração desse roteiro. Segundo Pagano, Alves e Araújo (2011, p. 136), é indiscutível que os estudos processuais fornecem *insights* bastante úteis para o treinamento de tradutores, no caso, de legendistas, mas aplicáveis à formação de audiodescritores.

Outro projeto desenvolvido na UECE no âmbito do PosLA (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada), o EXLEG (Estudos Experimentais em Legendagem para Surdos e Ensurdidos: análise da velocidade e da segmentação), cujo objeto de pesquisa é a legenda, também contribuiu com os estudos sobre rastreamento ocular. As pesquisas deste projeto se desenvolvem no Laboratório Experimental de Rastreamento Ocular (LERO) e no LATAV.

Para realizar o estudo, definiu-se como objetivo geral analisar o processo tradutório e o produto resultante desse processo de oito audiodescritores, sendo eles quatro profissionais e quatro novatos, durante a produção do roteiro de AD do filme curta-metragem *Resquícios da Infância* (2015). O filme será mais detalhado no capítulo 4, seção 4.3.1, a descrição das cenas pode ser encontrada no Apêndice E e as falas dos personagens podem ser lidas no Apêndice F. Os objetivos específicos da pesquisa foram:

⁹ A técnica de *screenlogging* permite a gravação e reprodução de tudo o que uma pessoa visualiza na tela do computador enquanto o utiliza. Os *softwares* utilizados, as buscas eletrônicas realizadas, o texto digitado e apagado. Tudo fica gravado em formato de vídeo. O *Tobii Studio*, *software* que utilizei juntamente com o rastreador, possui uma opção que permite essa gravação.

- a) Esboçar uma metodologia para investigar o processo tradutório de audiodescritores;
- b) Descrever e comparar o comportamento tradutório, tempo despendido na orientação, redação e revisão, de audiodescritores profissionais e novatos;
- c) Comparar os roteiros de AD elaborados por audiodescritores profissionais e novatos;
- d) Identificar prováveis padrões processuais dos audiodescritores profissionais.

Para alcançar esses objetivos, foram elaboradas as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Até que ponto as mesmas metodologias e técnicas aplicadas à análise do processo de legendagem podem ser utilizadas para estudar o processo de elaboração de audiodescrição?
- b) Que diferenças podem ser identificadas ao mapear o processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos?
- c) Que diferenças podem ser identificadas entre os produtos finais, o roteiro de AD, elaborado por audiodescritores profissionais e novatos?
- d) Quais comportamentos dos audiodescritores profissionais podem ser identificados, ensinados ou desencorajados?

As hipóteses iniciais para cada uma dessas perguntas foram:

- a) As metodologias e técnicas aplicadas atualmente na análise do processo tradutório de tradutores de textos escritos e de legendagem são adequadas para analisar o processo tradutório de audiodescritores.
- b) Assim como no caso de tradução de texto escritos (JAKOBSEN, 2002) e de legendagem (PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011; ORREGO-CARMONA; DUTKA; SZARKOWSKA, 2016), são esperadas diferenças entre o processo tradutório de audiodescritores profissionais e o de novatos, tanto com relação ao tempo para conclusão da tarefa como com relação ao fluxo de trabalho.
- c) Da mesma forma que ocorre entre traduções escritas e legendas produzidas por profissionais e novatos (JAKOBSEN, 2002; PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011; ORREGO-CARMONA; DUTKA; SZARKOWSKA, 2016) e com roteiros de AD produzidos de forma amadora e acadêmica (FRANCO *et al.*, 2011), o

produto final, o roteiro de AD, elaborado por audiodescritores profissionais e por novatos apresentarão diferenças, por exemplo, com relação à quantidade de descrições.

d) A análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais indicará padrões de comportamento e técnicas que podem ser ensinadas a audiodescritores novatos.

Além desta introdução, esta tese conta com mais 6 capítulos. O capítulo a seguir tratará da contextualização da pesquisa nos Estudos da Tradução. O capítulo 3 traz a fundamentação teórica. Serão apresentados, entre outros, trabalhos que influenciaram a metodologia adotada para esta pesquisa. No capítulo 4, será apresentada a metodologia de coleta e análise dos dados. No capítulo 5, mostro o resultado das análises; no capítulo 6, a discussão desses resultados. Por fim, apresento as considerações finais acerca desta pesquisa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, inicialmente, contextualizarei, dentro dos Estudos da Tradução, a audiodescrição como modalidade de tradução e minha pesquisa como uma pesquisa dentro dos Estudos Descritivos da Tradução (HOLMES, 2000) e orientada ao processo. Em seguida, farei uma introdução sobre a modalidade de tradução objeto desta tese, a audiodescrição, abordando questões teóricas e práticas desse tipo de tradução.

2.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Jakobson (1995) afirma que qualquer experiência cognitiva pode ser traduzida em qualquer língua e define três tipos de tradução:

1. Tradução intralinguística ou reformulação: texto de partida e texto de chegada estão na mesma língua, mas de forma diferente. Exemplo: relançamento de obras literárias reescritas em português moderno.

2. Tradução interlinguística ou tradução propriamente dita: texto de partida e texto de chegada estão em línguas diferentes. Exemplo: traduções das obras de Nietzsche que são estudadas nos cursos de Filosofia no Brasil.

3. Tradução intersemiótica ou transmutação: texto de partida e texto de chegada são representados através de meios semióticos diferentes. Por exemplo, um verbal e o outro não verbal. Exemplo: adaptação de livros para o cinema¹⁰.

Essa ampliação dos tipos de tradução é o que permitiu localizar a audiodescrição (AD) dentro dos Estudos da Tradução, estando incluída nessa classificação de Jakobson (1995) como uma tradução intersemiótica, pois ocorre entre dois meios semióticos diferentes, o visual e o verbal. A AD visa permitir que, por meio da narração de elementos visuais, a pessoa com deficiência visual (PcDV), pessoa cega ou com baixa visão, assista a qualquer produção audiovisual.

Aderaldo (2014), na contextualização de sua pesquisa, localiza os estudos sobre AD nos Estudos da Tradução delineando a formação da disciplina

¹⁰ Jakobson (1995) fala da tradução intersemiótica como sendo a tradução de signos verbais em signos não verbais. Plaza (2003, p. xi) é quem propõe que o sentido inverso também é válido, a tradução de signos não verbais em signos verbais, característica da audiodescrição.

Estudos da Tradução desde Holmes (2000)¹¹ e Toury (1995), passando por Williams e Chesterman (2002), Pagano e Vasconcellos (2003) até Franco e Araújo (2011). Em seguida, a autora apresenta um conciso histórico do surgimento das primeiras audiodescrições e sua filiação aos Estudos da Tradução através dos trabalhos de Gambier (2003), Piety (2003), Benecke (2003; 2004) e Díaz Cintas (2005; 2007). A seguir, falarei um pouco sobre alguns desses estudos, lidos também por mim, para situar esta pesquisa dentro dos Estudos da Tradução.

Com relação aos primórdios da disciplina dos Estudos da Tradução, Aderaldo diz:

O termo *Estudos da Tradução* foi cunhado por Holmes, em seu conhecido ensaio *The name and the nature of Translation Studies* [O nome e a natureza dos Estudos da Tradução] [...] hoje, considerado um texto fundacional e responsável pelo descolamento da Tradução como disciplina periférica em relação à Literatura, à Linguística e à Filosofia. À época, o autor percebera que a tradução levantava questões que já não eram solucionadas nas disciplinas que predominantemente a abrigavam: a Linguística Contrastiva, a Literatura Comparada e a Lógica. [...] Holmes concebeu os Estudos da Tradução e propôs a transformação da tradução em disciplina empírica e independente, criando um objeto de estudo claro: a tradução e as traduções com uma nomenclatura menos restritiva: Estudos da Tradução [*Translation Studies*] (ADERALDO, 2014, p. 25-26).

A partir da nomenclatura da disciplina, Holmes (2000, p. 176) estabelece dois ramos dos Estudos da Tradução:

- a) Estudos Descritivos da Tradução (EDT) ou Descrição da Tradução (DT): cujo objetivo é “descrever os fenômenos da tradução e as traduções à medida que se manifestam no nosso mundo experiencial”¹²;
- b) Estudos Teóricos da Tradução (ETT) ou Teoria da Tradução (TT): que tem como objetivo “estabelecer princípios gerais pelos quais esses fenômenos possam ser explicados e previstos”¹³.

Os Estudos Descritivos englobariam três tipos de pesquisas:

¹¹ Apesar de ter sido publicado em 2000, a primeira versão do artigo de James S. Holmes foi escrita em 1972.

¹² Minha tradução para: “to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience” (HOLMES, 2000, p. 176).

¹³ Minha tradução para: “to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted” (HOLMES, 2000, p. 176).

- a) Orientada ao produto: o objeto analisado são as traduções já existentes, ou individuais ou comparações entre mais de uma tradução de um mesmo texto de partida;
- b) Orientada à função: seria mais estudo do contexto do que do texto da tradução. O objeto investigado é a função da tradução na situação sociocultural do público-alvo dessa tradução;
- c) Orientada ao processo: o objeto estudado é o processo de tradução ou o ato tradutório, principalmente o que acontece na cabeça do tradutor durante a elaboração de uma tradução.

Já os Estudos Teóricos, segundo o autor, têm como objetivo:

Usar os resultados dos estudos descritivos da tradução, associados com informações vindas de outros campos e disciplinas relacionados, para desenvolver princípios, teorias e modelos que servirão para explicar e prever o que são e o que serão as traduções e o processo tradutório¹⁴ (HOLMES, 2000, p. 177-178).

O autor afirma que, apesar de o objetivo principal dos teóricos da área ser tentar encontrar uma teoria geral da tradução, essa é uma tarefa extremamente complexa. O que ocorre na prática é que as teorias formadas são parciais ou específicas e que acabam por contemplar apenas um ou alguns dos diversos aspectos da tradução. Por exemplo, algumas teorias abordam o meio pelo qual a tradução é elaborada, se é uma tradução elaborada por um humano, por uma máquina ou por ambos em conjunto. Além desta, as teorias podem abordar a área (língua ou cultura), o nível (discursos ou textos), o tipo do discurso ou do texto (gênero), o tempo (textos contemporâneos ou antigos) e o problema (limites de variância e invariância, equivalência ou correspondente na tradução de, por exemplo, metáforas ou de nomes próprios).

Holmes (2000) localiza os Estudos Teóricos e os Estudos Descritivos da Tradução no ramo de *estudos puros* e, em seguida, fala do ramo da disciplina que trata dos *estudos aplicados*. Nesse ramo, encontram-se estudos voltados para o treinamento de tradutores, ferramentas de apoio, política da tradução e crítica da tradução. O autor afirma ainda que todas as disciplinas estão interligadas, pois “cada

¹⁴ Minha tradução para: “using the results of descriptive translation studies, in combination with the information available from related fields and disciplines, to evolve principles, theories, and models which will serve to explain and predict what translating and translations are and will be” (HOLMES, 2000, p. 177-178).

um dos três ramos fornece materiais para os outros dois e faz uso dos resultados que, em troca, os outros lhe fornecem”¹⁵.

A partir desse trabalho inicial de Holmes (2000), Williams e Chesterman (2002) ampliam os ramos da disciplina dos Estudos da Tradução. Com o advento de novas tecnologias, os autores perceberam lacunas na classificação de Holmes (2000). Para Williams e Chesterman (2002), os Estudos da Tradução estão divididos em 12 áreas de estudo. São elas: a) Análise textual e tradução; b) Avaliação da qualidade da tradução; c) Tradução de gênero; d) Tradução multimídia; e) Tradução e tecnologia; f) História da Tradução; g) Ética da tradução; h) Terminologia e glossários; i) Interpretação; j) Processo tradutório; k) Formação de tradutor; l) Tradução como profissão.

Esta tese configura-se como um estudo nas seguintes áreas, conforme suas descrições:

a) Análise textual e tradução: pode abordar, entre outros, a análise do texto de partida, “observando os vários aspectos que possam causar problemas de tradução”¹⁶. Os autores chamam a atenção para o fato de que uma análise prévia do texto de partida ajuda o tradutor a elaborar, de forma mais fácil, soluções para os problemas encontrados durante a tradução. Outro ponto abordado nessa área é a comparação entre as traduções e os textos de partida. Por exemplo, comparar o texto de partida com diversas traduções a fim de verificar como os tradutores traduziram particularidades do texto de partida, qual estratégia tradutória utilizaram para isso ou se há uma regularidade no comportamento tradutório.

b) Avaliação da qualidade da tradução: para avaliar a qualidade de uma tradução, pode-se recorrer ao texto de partida, onde tradução e texto de partida são comparados em busca de equivalências e desvios dessas equivalências; à língua de partida, em que é avaliada a fluidez, a facilidade de leitura, clareza ou naturalidade do texto, da tradução comparada a outros textos na língua-alvo ou ao efeito da tradução no público-alvo, seja ele cliente, leitores, críticos ou professores.

d) Tradução multimídia: aborda pesquisas com textos audiovisuais provenientes de rádio, TV, filmes, DVD etc., qualquer produção audiovisual. Analisam-se principalmente revocalização, como dublagem e *voice-over*, e

¹⁵ Minha tradução para: “with each of the three branches supplying materials for the other two, and making use of the findings which they in turn provide it” (HOLMES, 2000, p. 183).

¹⁶ Minha tradução para: “examining the various aspects of it that might give rise to translation problems” (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p. 6).

legendagem. Como será visto a seguir, a AD só aparece nos Estudos da Tradução no artigo de Gambier (2003).

j) Processo tradutório: nessa área, é estudado o comportamento do tradutor em função do meio e dos processos, através da observação do tradutor durante o processo de tradução, podendo isso ser feito através de programas que registram as ações do tradutor ao elaborar uma tradução no computador, por exemplo, *softwares* como o *Camtasia* e o *TRANSLOG*, que registram, respectivamente, as teclas pressionadas e a tela do computador. Uma das coisas a serem observadas pode ser a distribuição do tempo em várias atividades e a utilização de material de referência. Os resultados de pesquisas nessa área podem colaborar com a próxima área, que trata da formação de tradutores. Uma vez que se relacionem certos processos tradutórios à qualidade da tradução produzida, é possível identificar boas práticas de tradução, como estratégias que garantam uma tradução de qualidade. Também tenta-se, nessas pesquisas, investigar como, cognitivamente, um tradutor chega a uma decisão tradutória. Isso pode ser conseguido com o uso de protocolo verbal, quando o tradutor comenta suas decisões enquanto elabora a tradução, por relatos retrospectivos, quando as decisões são comentadas após toda a tarefa tradutória, ou por coleta de dados através, por exemplo, do *key logging*, técnica que, através de *software* computacional, as teclas do teclado pressionadas são registradas, incluindo pausas que podem indicar hesitação por parte do tradutor.

k) Formação de tradutor: os estudos nessa área englobam desde as disciplinas e o conteúdo dos programas de formação de tradutor até como deve ser a inserção dos alunos desses cursos no mercado de trabalho. Outra abordagem versa sobre “áreas tipicamente problemáticas” ou problemas universais que todo tradutor em formação enfrenta ao traduzir textos específicos, como utilização inadequada de dicionários e até inabilidade ao escrever textos de áreas específicas, como medicina e física.

Com base em Holmes (2000), esta tese se insere nos Estudos Descritivos da Tradução e é orientada ao produto e ao processo, pois analisei tanto o produto resultante, o roteiro de audiodescrição, como o processo tradutório de audiodescritores enquanto estes elaboram esse produto. Já com relação a Williams e Chesterman (2002), a tese apresenta um estudo nas áreas de *Análise textual e tradução*, pois analisei o texto de partida, o filme, na tentativa de identificar quais

características poderiam causar problemas aos audiodescritores durante a tarefa de tradução e comparei essa análise com as traduções elaboradas, os roteiros de AD. Também são apresentados resultados na área da *Avaliação da qualidade da tradução*, uma vez que comparei o texto de partida, o filme, com o texto de chegada, os roteiros de AD, em busca das equivalências e desvios dessas equivalências. Nesta tese, utiliza-se o conceito de equivalência de Jakobson (1995):

No nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras (JAKOBSON, 1995, p. 65).

Se na tradução interlingual, onde os meios semióticos são ou podem ser os mesmos, essa equivalência não pode ser sempre objetiva, entre meios semióticos diferentes, como a imagem e a descrição dessa imagem, essa objetividade é mais complicada de ser alcançada. Por isso, esta tese foca na mensagem passada pela imagem.

Considerando o texto de partida como sendo uma produção audiovisual, a tese também é classificada como um estudo na área de *Tradução multimídia*. Outra área que esta pesquisa aborda é o *Processo tradutório*, que se configura como o ponto principal desta tese. Ao analisar o processo, interno (quando possível, mesmo que indiretamente) e externo, que o audiodescritor percorre para elaborar sua tradução e relacionar esse processo com a qualidade do roteiro elaborado, observo algumas estratégias que podem ser consideradas boas práticas que devem ser ensinadas nos cursos de formação de novos audiodescritores. Assim, esta tese inclui-se também na área *Formação de tradutor*.

Na classificação de Williams e Chesterman (2002), os textos de partida da *Tradução Multimídia* são, principalmente, textos falados. Na época, eles citaram apenas a revocalização, quando o som original do filme é modificado, que pode ser na forma de dublagem ou de *voice-over*, e a legendagem, quando o som do filme não é modificado e um texto com a tradução é inserido no vídeo. A seção a seguir trata da Tradução Audiovisual (TAV) e da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa).

2.2 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

A Tradução Audiovisual é uma área dos Estudos da Tradução que visa estudar a tradução aplicada a produtos audiovisuais, que geralmente trazem informações através de dois meios semióticos, imagens e sons. O termo Tradução Multimídia (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002) restringia as produções traduzidas.

Franco e Araújo (2011) abordam as questões terminológicas da área, começando com uma discussão sobre o próprio termo denominador. A área começou a tomar forma com o termo *film translation* ou tradução de filme, já que as primeiras práticas de tradução visavam à legendagem e/ou dublagem para o cinema. O termo seguinte, *screen translation* (GAMBIER, 2003), era um pouco mais abrangente, pois englobava tradução para cinema, televisão, vídeo e computador, ou seja, qualquer produto veiculado por meio de uma tela. Ainda em Gambier (2003), há a utilização do termo *audiovisual translation*, ou tradução audiovisual, que abrangia cinema, televisão, vídeo e, curiosamente:

rádio, chamando assim a atenção para a dimensão multissemiótica de todos os programas transmitidos. [...] O mais interessante, na verdade, é que o autor continua sua introdução do volume "*Screen Translation* usando AVT (*audiovisual translation*), o que reflete sua própria indefinição terminológica (FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 1).

As autoras afirmam que só com o artigo de Díaz Cintas (2005) a taxonomia da área começa a ser realmente entendida:

Em primeiro lugar, Díaz Cintas deixa claro que o meio audiovisual inclui todos os espaços onde há um sinal acústico e um sinal visual, independentemente de ser transmitido através de uma tela (que pode ser ao vivo ou não) ou de um palco (sempre ao vivo). [...] Em segundo lugar, Díaz Cintas diminui consideravelmente os tipos de tradução audiovisual, limitando-se aos principais, de onde subtipos emergirão, como, por exemplo, a legendagem para ouvintes (aberta) e a legendagem para surdos (que pode ser aberta ou fechada, como a *closed caption*), que pertence à modalidade legendagem (FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 3).

Dentro das modalidades estudadas pela Tradução Audiovisual, encontram-se a legendagem e a revocalização. A primeira trata da legenda para ouvintes, interlingual e a mais conhecida, legenda para surdos e ensurdecidos e a legenda eletrônica. Já a revocalização trata da dublagem, do *voice-over* e da audiodescrição para pessoas com deficiência visual. É justamente o viés inclusivo que as caracteriza como Tradução Audiovisual Acessível (TAVa).

Tendo situado a pesquisa nas áreas dos Estudos da Tradução, na próxima seção abordo a modalidade de tradução cujo processo de elaboração e produto final são analisados nesta tese, a audiodescrição.

2.3 AUDIODESCRIÇÃO

Segundo Aderaldo (2014), a audiodescrição como modalidade de tradução só vai aparecer entre os Estudos da Tradução com a publicação de Gambier (2003)¹⁷. Em seu artigo, Gambier (2003) aponta 1995 como o ano no qual a tradução audiovisual começou a ganhar mais destaque e ser discutida, principalmente a partir de eventos comemorativos do aniversário de 100 anos do cinema. O autor aponta outras razões para o crescente interesse na área: o surgimento de novas tecnologias que permitiam produtos e serviços *online* e *offline*, as rápidas mudanças com relação às práticas tradutórias e as políticas voltadas para os idiomas e maior consciência com relação a isso, especialmente de grupos minoritários que sentiam necessidade de utilizar a mídia como meio para promover e reforçar sua própria identidade cultural (GAMBIER, 2003, p. 171). Todas essas mudanças se refletiram também na terminologia da área, que, por causa das diferentes formas semióticas e meios de comunicação em que podia surgir, deixou de vez de ser chamada de tradução em tela ou tradução fílmica para ser nomeada de tradução audiovisual.

Além da terminologia, são citadas três questões fundamentais para a área: a relação entre produção verbal, imagens e som, entre idioma e cultura de partida e de chegada, e entre código ou texto falado e escrito. Com relação à audiodescrição, o autor a classifica como uma tradução do tipo desafiadora (*challenging type*) e a caracteriza como sendo uma tradução para cegos e deficientes visuais, aqueles que possuem algum grau de cegueira, mas que ainda enxergam:

envolve a leitura de informações que descreve o que está acontecendo na tela (ação, linguagem corporal, expressões faciais, vestuário etc.), que são adicionadas à trilha sonora dos diálogos, sem interferir com os efeitos sonoros nem com a música¹⁸ (GAMBIER, 2003, p. 176).

¹⁷ Neste texto o autor não chama de tradução audiovisual, e sim, tradução de tela, ou *screen translation*.

¹⁸ Minha tradução para: "involves the reading of information describing what is going on on the screen (action, body language, facial expressions, costumes, etc.), which is added to the sound track of the dubbing of the dialogue, with no interference from sound and music effects" (GAMBIER, 2003, p. 176).

O autor aponta ainda que o público-alvo da AD é muito variado. Pessoas com baixa visão podem precisar de níveis de detalhamento menores do que pessoas cegas. Até mesmo entre pessoas cegas esse detalhamento pode ser diferenciado, já que pessoas que não nasceram cegas podem tirar proveito de sua memória visual para inferir muita coisa. Pessoas que têm mais contato com produções audiovisuais talvez precisem de menos descrições para acompanhar um filme ou peça do que aquelas que nunca viram uma produção desse tipo. Para pessoas jovens, descrições mais curtas e precisas seriam melhores. Até mesmo pessoas que enxergam podem se beneficiar da AD, já que algumas deixam a TV ligada enquanto fazem outras tarefas, logo, só escutam o que está acontecendo.

Díaz Cintas (2005) aponta que a AD tem que ser elaborada com o produto audiovisual na língua do público-alvo, seja esse material nacional ou dublado. Se o público-alvo é espanhol, o material ou já foi feito em espanhol ou teve que ser dublado. No caso de não ser possível ou estar disponível a dublagem, além da descrição dos elementos visuais, a AD terá que contemplar também a audiosubtitulação (*audiosubtitling*), que seria a leitura das legendas do filme legendado. O autor também fala da possibilidade de se traduzir uma AD já elaborada em outro idioma e utilizar essa tradução na versão dublada desse mesmo filme.

Como dito anteriormente, a AD tem uma aplicabilidade variada: filmes, peças de teatro, ilustrações em livros, obras de arte, partidas de futebol etc. As pesquisas desenvolvidas na UECE em algumas dessas áreas serão mostradas na seção 2.4. Uma AD pode ser elaborada de três formas distintas. Na primeira delas, e a mais comum, o audiodescritor recebe uma cópia do produto que será audiodescrito, o texto de partida, elabora o roteiro, o texto de chegada, e grava ou entrega o roteiro para ser lido ou gravado pelo cliente que encomendou a tradução. Por exemplo, no caso de filmes, o audiodescritor recebe uma cópia do filme, elabora o roteiro, e o áudio dessa AD tanto pode ser gravado pelo próprio audiodescritor, que entrega esse áudio ao cliente que fará a edição com o áudio original do filme, como pode ser gravado pelo cliente, caso em que o audiodescritor só entrega o roteiro da AD.

A segunda forma de se elaborar uma AD é quase ao vivo. É o que ocorre em peças de teatro, por exemplo. O audiodescritor pode assistir a apresentações e ensaios e elaborar seu roteiro de AD a partir deles. Porém, como uma apresentação

teatral acontecerá ao vivo e podem ocorrer improvisos, o audiodescritor utiliza o roteiro como uma base, mas deve estar sempre atento a elementos novos no palco, ações improvisadas, troca de atores etc. Nesse caso, a gravação do roteiro não é indicada.

A terceira forma de realizar uma AD é ao vivo. É o que ocorre em desfiles de escola de samba e em partidas de futebol. O audiodescritor pode se preparar previamente, como faria um intérprete, pesquisando sobre o enredo da escola de samba, assistindo a ensaios ou decorando o nome de jogadores e familiarizando-se com termos técnicos do futebol. Porém, grande parte da AD será elaborada e narrada ao vivo. Na presente tese, o foco será no processo de elaboração apenas do roteiro de uma AD para filme. A seguir, serão descritas as etapas de elaboração desse tipo de AD.

A elaboração de uma AD começa com o audiodescritor recebendo o produto que será audiodescrito. No caso, uma versão digital de um filme ou trecho de filme passa pelo processo de elaboração do roteiro e é finalizada quando esse roteiro é gravado e o áudio é editado junto com o áudio do filme. Essa elaboração do roteiro pode começar como qualquer outro tipo de tradução. O audiodescritor pode ou não assistir ao filme todo antes de começar a elaborar o roteiro. Independentemente disso, ele deve saber que nunca conseguirá audiodescrever tudo o que aparece na cena de um filme e deve saber o que priorizar para passar as informações mais importantes, por exemplo, as que permitam que a PcDV entenda o que se passa na cena. Como exemplo, citarei uma sequência do filme *Rango*, que foi utilizado no estudo piloto para esta tese. Na sequência, Rango, o personagem principal, mostra suas várias facetas como ator, em um monólogo, e uma delas é a da sedução. O Quadro 1 traz os sons presentes nessa cena.

Quadro 1 – Sequência de falas e sons da cena de sedução do filme *Rango*

(continua)

	Tempo de início → término	Fala do personagem e sonoplastia
1	00:01:27,097 → 00:01:29,220	E se vocês quiserem romance...
2	00:01:29,321 → 00:01:30,821	[Música romântica] ¹⁹
3	00:01:30,957 → 00:01:33,636	Vou me tornar o maior amante que o mundo conheceu!
4	00:01:33,737 → 00:01:34,437	[Barulhinho]
5	00:01:34,538 → 00:01:35,538	[Som de violão]
6	00:01:36,469 → 00:01:37,649	Olá... (voz sexy)

¹⁹ Neste caso, apresentamos os sons do filme entre colchetes, em acordo com os parâmetros de legendagem para surdos e ensurdecidos seguidos no grupo de pesquisa LEAD.

(conclusão)

	Tempo de início → término	Fala do personagem e sonoplastia
7	00:01:38,012 → 00:01:39,924	[Som de violão]
8	00:01:40,663 → 00:01:44,314	Eu reparei que você reparou que eu estava te reparando.
9	00:01:44,415 → 00:01:45,215	[Estalar de dedos]
10	00:01:45,416 → 00:01:49,044	As mulheres ficam muito desconfortáveis diante da minha beleza.
11	00:01:49,145 → 00:01:51,256	Mas você está confortável demais.
12	00:01:51,357 → 00:01:51,857	[Tapinha]
13	00:01:51,958 → 00:01:52,458	Não, para...
14	00:01:52,558 → 00:01:53,058	[Tapinha]
15	00:01:53,159 → 00:01:54,159	Tô falando sério.
16	00:01:54,260 → 00:01:55,260	Ah, já que insiste... haha
17	00:01:55,361 → 00:01:56,856	Ai que cosquinha... Não aguento!
18	00:01:56,957 → 00:01:57,957	É silicone?
19	00:01:58,058 → 00:01:59,058	[Som de um tapa bem forte]
20	00:01:59,659 → 00:02:01,235	É isso! Conflito!

Fonte: Transcrição das falas e sons do filme *Rango* (2011).

Tendo acesso apenas às falas e aos sons do filme, é possível ter uma noção do que acontece na cena. O herói se passa por um sedutor, dando em cima de alguém. O primeiro sinal de problema para o PcDV seria a caracterização do herói. Como saber que o personagem na verdade é um camaleão, e não um homem? Esse dado poderia ser descoberto com a leitura da sinopse, por exemplo, antes de assistir ao filme. Mas o que seria o [Barulhinho] na legenda 4? O [Som de violão] das legendas 5 e 7 estaria ligado à legenda 2 [Música romântica] ou o herói teria pego um violão? Que graça haveria em um [Estalar de dedos], legenda 9, no meio de uma cena de sedução? Talvez fosse possível inferir o que ocorre durante os [Tapinha] das legendas 12 e 14, já que é uma cena de sedução, e esses tapinhas são semelhantes ao [Som de tapa bem forte] da legenda 19, pois todos são resultados da mão da boneca na pele do camaleão. Inclusive, é muito simples imaginar o que ocorre no momento desse tapa mais forte, já que se sabe que é uma cena de sedução, onde provavelmente estariam um homem e uma mulher, e o som do tapa vem logo após ele perguntar “se eram de silicone”. A seguir, a mesma cena será apresentada com a AD veiculada pela Rede Globo:

Quadro 2 – Sequência da cena de sedução do filme *Rango* com audiodescrição

(continua)

	Fala do personagem e sonoplastia	Audiodescrição
1	E se vocês quiserem romance...	
2	[Música romântica]	
3	Vou me tornar o maior amante que o mundo conheceu!	

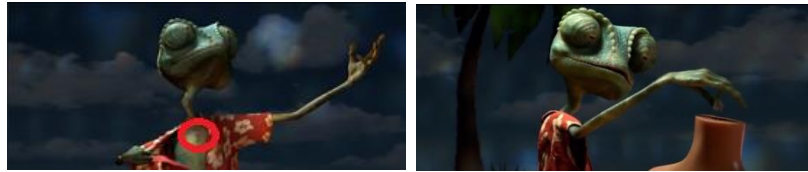
(conclusão)

	Fala do personagem e sonoplastia	Audiodescrição
4	[Barulhinho]	
		Ele pega um violão.
5	[Som de violão]	
6	Olá... (voz sexy)	
7	[Som de violão]	
		Ele se aproxima da boneca sem cabeça.
8	Eu reparei que você reparou que eu estava te reparando.	
9	[Estalar de dedos]	
10	As mulheres ficam muito desconfortáveis diante da minha beleza.	
11	Mas você está confortável demais.	
12	[Tapinha]	
		Ele põe a mão da boneca na perna dele.
13	Não, para...	
14	[Tapinha]	
15	Tô falando sério.	
16	Ah, já que insiste... haha	
17	Ai que cosquinha... Não aguento!	
18	É silicone?	
19	[Som de um tapa bem forte]	
		Ele dá um tapa no rosto com a mão da boneca.
20	É isso! Conflito!	

Fonte: Transcrição das falas e sons do filme *Rango* (2011) e da audiodescrição veiculada pela Rede Globo.

Agora sabe-se que o violão está com o herói, que a “mulher” que ele tenta seduzir é uma “boneca sem cabeça”, que os tapinhas eram ele colocando a mão dela na perna dele e o tapa mais forte foi ele dando um tapa no rosto com a mão da boneca. Mesmo assim ainda ficaram dúvidas com relação ao [Barulhinho] e o [Estalar de dedos]. Apenas visualizando a cena, é possível entender a comicidade de ambas as imagens. O [Barulhinho], como pode ser visto na Figura 1 à esquerda, é um único pelo no peito do herói que se mexe e causa o barulhinho, como uma mola que se solta, no momento em que ele tenta seduzir abrindo a camisa. O [Estalar de dedos] é quando ele, seduzindo a boneca, tira um chumaço de sujeira do buraco do pescoço dela, na Figura 1 à direita, onde deveria estar a cabeça, e atira a sujeira para longe com os dedos.

Figura 1 – Imagens da cena de sedução do filme *Rango*



Fonte: Captura de tela do filme *Rango* (2011).

Esses dois elementos cômicos da cena, infelizmente, não puderam ser audiodescritos por falta de tempo. Ambos exigiriam que a AD fosse sobreposta aos sons e falas, o que também poderia levar a um não entendimento da cena. Outros elementos que compõem a cena e ações do personagem também ficaram sem descrição, e esse é um dos principais desafios da tarefa de elaborar uma AD: o que audiodescrever, quando e como.

Salway (2007) afirma que, além de se tratar de uma tradução intersemiótica, envolvendo transferência de informação visual para verbal, o texto de partida, filmes e programas de TV, por exemplo, são misturas complexas de códigos fundamentados principalmente nos canais auditivo e visual. Por isso, a AD, substituindo o canal visual, deve interagir de forma apropriada com os diálogos e sons já existentes na produção audiovisual.

Sendo assim, a AD deve ser inserida em momentos em que não há fala dos personagens, nem outros sons relevantes para a compreensão do enredo, como tosses, tiros, batidas na porta e toques de campainha etc. Para isso, o audiodescritor deve fazer uma análise minuciosa dos elementos que estão em cena e priorizar o que for mais relevante, aproveitando ao máximo os tempos disponíveis para inserir essas descrições.

Na Alemanha e Bélgica (VERCAUTEREN, 2007), na Espanha (AENOR UNE 153020, 2005) e no Reino Unido (ITC, 2000) existem guias e normas que visam padronizar e garantir certo nível de qualidade das audiodescrições de cada região. No Brasil, a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura reuniu profissionais, pesquisadores da área e o público-alvo para elaborar o guia para produções audiovisuais acessíveis (NAVES *et al.*, 2016), com diretrizes tanto para a elaboração de audiodescrição quanto a de legendagem para surdos e ensurdecidos. Essas diretrizes são baseadas em resultados de diversas pesquisas e focam em três questões da elaboração de uma AD: técnica, linguística e tradutória.

Com relação às questões técnicas, o guia recomenda que o roteiro de AD contenha, além dos tempos de início e término das inserções²⁰ de AD, as deixas, que são as falas dos personagens antes do momento no qual a descrição deve ser inserida, e as rubricas, instruções para o narrador, como falar pausadamente ou mais rápido. Também informa que as descrições devem ser inseridas preferivelmente entre os diálogos e sem interferir com sons e músicas, podendo, para isso, adiantar ou atrasar uma informação em relação à cena. Sobre a narração, esta não deve ser monótona e deve levar em consideração o tipo de filme. Por exemplo, no caso de um filme infantil, a narração deve se parecer mais com uma contação de história. O guia também recomenda que o audiodescritor, mesmo no caso de AD ao vivo, receba antecipadamente algum material que lhe sirva de apoio ou acompanhe ensaios ou a produção do programa para elaborar um pré-roteiro. Sobre o uso de equipamentos eletrônicos nas salas de cinema, é informado que existem duas formas de exibição dessa AD: via frequência FM e via aplicativos de dispositivos móveis.

As questões linguísticas abordadas no guia se referem ao uso da linguagem, que deve ser objetiva, simples e imaginativa, também adaptando-se ao público-alvo, e ao uso de adjetivos e advérbios, que são altamente recomendados para dar mais detalhes e clareza às descrições. Também é indicada atenção na escolha de verbos de ação que melhor descrevam a cena. Por exemplo, pular, saltar e saltitar são ações visualmente diferentes. O presente do indicativo é o tempo verbal indicado para os roteiros, as orações devem ser, preferencialmente, coordenadas ou com períodos simples e deve-se evitar linguagem rebuscada, termos chulos e gírias (NAVES *et al.*, 2016, p. 25).

As questões tradutórias tratam dos planos e enquadres do filme, da descrição dos personagens com relação aos atributos físicos, figurino, estados emocionais, da localização espacial e temporal das ações, da descrição dos ambientes, de elementos visuais verbais e de sons; no caso, o objetivo principal seria localizar a origem desse som. Nesta tese, não se analisam os roteiros produzidos com base nas questões estéticas apresentadas neste guia.

²⁰ Nesta tese, o termo inserção se refere a uma linha contendo descrições. Utiliza-se essa palavra pois no programa utilizado para elaborar as descrições é usada a tecla *Insert* do teclado para se inserir uma nova linha de descrição.

Os roteiros de AD produzidos no LEAD, na UECE, seguem os parâmetros recomendados por Jiménez Hurtado (2007) e Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010). Analisando mais de 300 roteiros de filmes audiodescritos nas línguas espanhola, inglesa, alemã e francesa, as autoras categorizam as descrições mais frequentes e sugerem que os elementos que devem ser audiodescritos são divididos em elementos visuais não verbais e visuais verbais.

Entre os elementos visuais verbais estão:

- a) didascálias (rubricas ou instruções utilizadas no cinema mudo como forma de suporte ao diálogo ausente, para acrescentar informação complementar ao relato ou como forma de separação entre sequências);
- b) títulos (crédito para marcar o final do filme ou de uma parte);
- c) legendas (usadas para incluir, sem uso da dublagem, a banda sonora original ou algum fragmento);
- d) e escritos diversos (diegéticos, pertencentes à história narrada, como nomes de restaurantes ou de ruas onde se desenvolve a ação, títulos de livros lidos por personagens, cartas ou mensagens; ou não diegéticos, exteriores ao mundo narrado, mas que informam sobre ele, por exemplo, uma música que acompanha uma dada cena, mas que só é ouvida pelos espectadores, os personagens são alheios a ela).

Entre os elementos visuais não verbais estão:

- a) personagens (figurino, atributos físicos, expressões faciais, linguagem corporal, etnia e idade);
- b) ambientação (elementos espaciais e elementos temporais, localização temporal dos personagens: momento, hora do dia, ano, mês, uma semana depois, outro dia etc.);
- c) e as ações (praticadas no filme, como “o personagem corre” ou “o carro capota”).

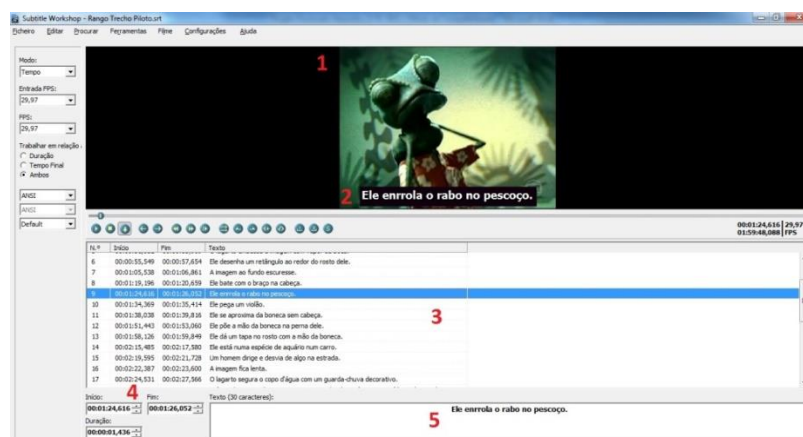
Foram esses elementos que apontei, quando possível, como sendo os mais relevantes em minha análise das cenas do filme utilizado no estudo para a presente tese e que pode ser vista no Apêndice E. Essa análise ajudou, principalmente, a perceber diferenças entre os roteiros dos participantes.

Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010) também mapearam a estrutura do roteiro de AD de mais de 300 filmes em pequenas unidades de

significado através da elaboração de categorias semânticas. Essas categorias foram então transformadas em etiquetas para, com o aporte teórico e metodológico da Linguística de *Corpus*, analisar a ocorrência dessas categorias em outros roteiros. Essa parte do trabalho será explicada na seção 3.4 desta tese. As autoras também sugerem quando os elementos devem ser descritos: (i) a descrição deve ser inserida, sempre que possível, entre os diálogos; (ii) só deve sobrepor os diálogos não importantes ou legendados, que serão narrados, e apenas para dar informações muito relevantes; (iii) durante o filme, pode sobrepor letras de músicas e efeitos sonoros se nem a canção nem o som sobrepostos forem relevantes para o entendimento do filme e se a audiodescrição for necessária.

Tendo em mente todas essas recomendações, o audiodescritor elabora seu roteiro. No grupo da UECE, é utilizado o *software* de legendagem *Subtitle Workshop* para elaborar os roteiros de AD. Esse *software* permite, entre outras funcionalidades, a visualização do filme e a marcação do início e do final de cada descrição. A Figura 2 mostra o roteiro sendo produzido. A parte de cima, marcação 1, representa a área onde o audiodescritor visualiza o filme. Na marcação 2, há a descrição que será inserida naquele momento. Abaixo, marcada com o número 3, há uma lista com todas as descrições já produzidas e seus respectivos tempos de início e término. Na marcação 4, estão os tempos de entrada e saída da descrição que está sendo visualizada. Eles definem o momento exato no qual a descrição deve ser narrada. Mais abaixo, marcado com 5, vê-se o local onde o texto da descrição pode ser elaborado e revisado.

Figura 2 – Captura de tela do software *Subtitle Workshop*

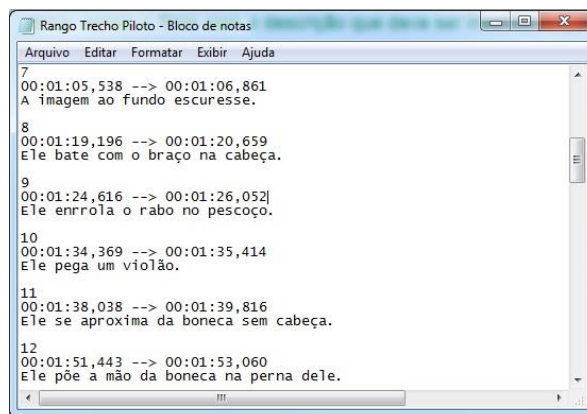


Fonte: Captura de tela do filme Rango no *Subtitle Workshop*.

Enquanto o audiodescritor está utilizando esse programa, as descrições elaboradas vão aparecendo como se fossem legendas, na parte de baixo do filme, obedecendo aos tempos delimitados pelo audiodescritor. Uma das características desse programa é que, havendo, por exemplo, 20 descrições, se o audiodescritor quiser testar se a descrição 15 pode ser lida durante o tempo que foi alocado a ela, ele pode dar dois cliques na descrição 14 e assistir à “legenda” da descrição 14 e 15. Esse comportamento foi observado diversas vezes.

É possível perceber que a elaboração de um roteiro de AD envolve diversas subtarefas, assim como é o caso da dublagem relatado por Hvelplund (2015) que será explicado na seção 3.3.1. Além de visualizar o filme, para decidir o que audiodescrever, o audiodescritor elabora seu texto, verifica a possibilidade ou não de ler a descrição elaborada no tempo disponibilizado e modifica o texto dessa descrição ou, se possível, os tempos de início e término da descrição. Ou seja, está sempre interagindo com três elementos distintos, o visual, o escrito e o auditivo. Além disso, ele pode visualizar descrições previamente elaboradas, estratégia às vezes utilizada para a recuperação de informações, e fazer pesquisas *online* utilizando navegadores de internet caso ache necessário. Ao terminar de elaborar seu roteiro, o arquivo gerado pelo programa pode ser aberto no *Bloco de Notas*, como mostra a Figura 3.

Figura 3 – Roteiro de audiodescrição aberto no *Bloco de Notas*



Fonte: Captura de tela do bloco de notas.

Na imagem é possível ver, nas três últimas linhas, as informações com relação ao número da descrição, 12, ao tempo de entrada ou início, no primeiro minuto, aos 51 segundos e 443 milissegundos, e saída ou término, no primeiro

minuto, aos 53 segundos e 60 milissegundos, no qual a descrição deve ser inserida no áudio do filme, e a descrição em si:

Ele põe a mão da boneca na perna dele.

Holland (2009) fala de outra questão relativa à elaboração de roteiros: a objetividade. O autor comenta que quando recebeu as primeiras instruções sobre como elaborar uma descrição, foi advertido para ser imparcial e objetivo, para “dizer aquilo o que via” (HOLLAND, 2009, p. 173) e para evitar entrar em contato com, por exemplo, o diretor de uma peça, pois este o faria ver aquilo que ele queria que o audiodescritor visse. Com o passar do tempo, Holland percebeu que a intenção artística do diretor era algo valioso para seu roteiro, afirmando que o audiodescritor deveria buscar o máximo de informações sobre a obra que está audiodescrevendo. Cabe ao audiodescritor decidir quanto do conhecimento adquirido de forma externa à obra ele vai utilizar em seu roteiro.

Uma vez decidido o que será audiodescrito, quando e se há tempo para a descrição, o roteiro está quase pronto para ser gravado. Recomenda-se, antes, uma edição do roteiro, caso seja necessário, com a inclusão de rubricas, ou instruções, para o narrador. Por exemplo, falar mais rápido em certas descrições cujo tempo é muito curto. Após a gravação, o áudio com a AD é editado junto com o áudio do filme, obedecendo aos tempos de cada descrição. A seguir, falarei um pouco sobre as pesquisas nessa área voltadas para audiodescrição de produções audiovisuais em vídeo.

2.4 PESQUISAS EM AUDIODESCRIÇÃO DE FILMES

Como visto anteriormente, as pesquisas em AD abordam principalmente: estudos descritivos (DANTAS, 2012; SEOANE, 2012); busca por parâmetros que auxiliem a produção desses roteiros (JIMÉNEZ HURTADO, 2007; JIMÉNEZ HURTADO; RODRÍGUEZ; SEIBEL, 2010; MASCARENHAS, 2012; ADERALDO, 2014); e pesquisas de recepção para testar esses parâmetros (FRANCO *et al.*, 2011; B. NÓBREGA, 2014). São escassos, se não inexistentes, estudos que enfoquem uma análise do processo tradutório do audiodescritor e que utilizem em suas metodologias técnicas já consagradas nos estudos do processo tradutório. Tão escassos quanto são os estudos que comparam roteiros de AD produzidos por

audiodescritores profissionais e novatos ou amadores. Neste trabalho, entende-se que audiodescritores amadores são aquelas pessoas que se dispõem a elaborar roteiros de AD sem estudo prévio da área. Já audiodescritores novatos são estudantes que receberam algum tipo de noção sobre a modalidade e treinamento na área. E profissionais são aqueles que, além de estudo e treinamento na área, já elaboraram audiodescrição profissionalmente, ou seja, recebendo pagamento por isso.

Um dos poucos estudos nesse campo é o de Franco *et al.* (2011), que comparam dois roteiros de um trecho de um filme e a recepção pelos deficientes visuais a cada um desses roteiros. Um dos roteiros, identificado por AD comercial, foi de um DVD comercializado no Brasil e elaborado pelo que as pesquisadoras chamaram de amador, e o outro, identificado por AD acadêmica, foi elaborado pelas pesquisadoras. As pesquisadoras, que fazem parte do grupo TRAMAD²¹ (Tradução, Mídia e Audiodescrição) da UFBA (Universidade Federal da Bahia), utilizaram um trecho do filme *Irmãos de Fé* (2004), lançado comercialmente no Brasil em DVD com AD. Segundo as autoras, esse foi o primeiro DVD com AD a ser lançado comercialmente no Brasil. A AD comercial foi elaborada pelo diretor de criação do DVD, que, segundo relatos dele mesmo no próprio DVD, não possuía experiência nem conhecimento na área de tradução audiovisual. O filme foi assistido pelas pesquisadoras do grupo, que analisaram e corrigiram aquilo que consideraram problemático na AD comercializada. Essa consideração levou em conta resultados de pesquisas de recepção realizadas previamente pelo grupo com outros filmes. A presença de muitos momentos de silêncio entre as falas, onde poderiam ser inseridas descrições, foi um dos problemas apontados na AD comercial. Além disso, as pesquisadoras afirmam que a AD comercial era vaga, enquanto a AD acadêmica era mais precisa, detalhada, e explicava melhor elementos culturais do filme. Como exemplo, a AD comercial localiza o personagem falando apenas que se encontra no *Templo de Jerusalém*, enquanto a AD acadêmica fala que ele se encontra “em uma sinagoga”, “prostrado no chão”, “no meio da sala”, “na frente da mesa”, “onde está a Torá, o livro sagrado dos judeus”. Além disso, algumas vezes a AD comercial não correspondia ao que era visto no filme (FRANCO *et al.*, 2011, p. 7). Um exemplo

²¹ Para mais informações: <<http://www.tramad.com.br/>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

citado mostra que a AD comercial fala que um menino sentou na cama quando a imagem mostrava ele sentado na cama, levantando-se e sentando-se no chão.

Após a elaboração e gravação da AD acadêmica, o trecho foi apresentado a um grupo de 25 pessoas, algumas cegas e outras com baixa visão. Os participantes do estudo assistiram ao trecho com a AD comercial, responderam perguntas específicas sobre o trecho, assistiram ao trecho com a versão da AD acadêmica, responderam novamente às perguntas sobre o trecho e finalmente relataram livremente o que acharam das duas versões. Os resultados mostraram que os participantes conseguiam dar respostas mais completas após assistirem à AD acadêmica e que a preferiam justamente por ser mais detalhada e não deixar tantos espaços de silêncio no filme. Apesar disso, as pesquisadoras afirmam que a versão comercial, na maioria das vezes, serviu ao seu propósito, que era de permitir que os deficientes visuais entendessem o contexto do filme.

Considerando os resultados de Franco *et al.* (2011), perguntei-me se, ao comparar os roteiros elaborados por audiodescritores profissionais e novatos, encontraria as mesmas diferenças que as encontradas no estudo. Seriam as ADs dos novatos menos detalhadas, dessincronizadas com a imagem e o som? Poderiam elas conter erros como a elaborada por um amador? Ou seja, quais diferenças poderiam ser identificadas entre o roteiro de AD produzido por um profissional e um roteiro produzido por um novato? Essa é uma das perguntas de pesquisa que tenciono responder com a presente pesquisa.

Dentre as pesquisas realizadas na UECE, no que diz respeito à AD, é possível dividi-las em pesquisas descritivas, exploratórias e experimentais; algumas com relevância para esta tese ou pela contribuição metodológica ou pela avaliação prévia dos parâmetros utilizados. Entre as pesquisas descritivas, que mostram as etapas para a elaboração de uma AD, está a minha monografia de especialização (SEOANE, 2011), onde faço uma análise de todas as etapas, desde a roteirização, que é a elaboração do roteiro, até a gravação e a edição desse áudio e mixagem com o áudio original do filme *Corisco e Dadá* (1996). Na monografia, eu abordo principalmente decisões tomadas durante a elaboração do roteiro de audiodescrição, apontando a necessidade de priorização do que deve ser audiodescrito baseada principalmente nas limitações de tempo, mas também utilizando as próprias falas dos personagens do filme como apoio para as descrições. Além disso, defendo a utilização, nas descrições, de vocabulário específico presente nas falas dos

personagens. No caso do filme em questão, a AD contou com palavras como *embornal*, bolsa onde eram levados os mantimentos dos cangaceiros, *bando* e *volante*, como eram chamados, respectivamente, os grupos de cangaceiros e de policiais que perseguiram esses cangaceiros.

Entre as pesquisas descritivas, também estão aquelas que analisam o roteiro já pronto. É o caso de Seoane (2015), P. Nóbrega (2015), Abud (2016), que serão discutidos na seção 3.4, e O. Silva (2012) e Sales (2012), que analisaram a caracterização de personagens, ou seja, como o personagem é descrito e construído através da AD de filmes. Comentarei brevemente sobre essas duas últimas pesquisas que começaram a utilizar as etiquetas que serão melhor explicadas na seção 3.4.

Utilizando a Linguística de *Corpus*, O. Silva (2012) analisou como foi feita a caracterização dos personagens na AD de três DVDs comercializados no Brasil, *Irmãos de fé* (2005), *O signo da cidade* (2007) e *Chico Xavier* (2010). A autora percebeu que os personagens nesses três filmes não foram descritos detalhadamente, houve muita utilização de dêiticos para apresentá-los e identificá-los e pouca caracterização dos estados emocionais, mentais e de aspectos físicos e de vestuário. A autora conclui afirmando que tudo isso pode levar a PcDV a ter problemas tanto para identificar os autores de determinadas ações, suas motivações, sentimentos e reações, quanto para fazer suas próprias inferências e especulações a respeito desses personagens.

Sales (2012) avaliou as possíveis consequências da falta de referência de aspectos do personagem principal do filme *Bezerra de Menezes: O Diário de um Espírito* (2008). Ao comparar o roteiro de AD com o roteiro cinematográfico do filme, a pesquisadora chegou à conclusão de que as descrições priorizaram aspectos referentes à faixa etária do personagem, em detrimento, por exemplo, da caracterização do vestuário, pois sempre que o personagem aparecia com roupão vermelho se tratava de seu espírito que contava a história do filme. Esse detalhe não foi passado para as PcDVs. As expressões faciais também não foram descritas, logo os estados emocionais e mentais foram negligenciados. A falta de descrição dos ambientes também prejudicou a caracterização do personagem, pois, em ambientes escuros, estava sempre o espírito, em contraste com o personagem vivo que percorria ambientes iluminados. Esses e outros fatores a levaram à conclusão de que as PcDVs não iriam conhecer em detalhe o personagem principal

do filme nem os ambientes que ele frequentava e teriam dificuldade em identificar se o personagem, em dada cena, é o espírito ou apenas o personagem em idade avançada.

B. Nóbrega (2014) realizou uma pesquisa descritivo-exploratória onde, além de elaborar e analisar dois tipos diferentes de roteiros, houve um teste de recepção, com PcDVs, desses roteiros de AD, sendo um mais detalhado e outro baseado principalmente nas ações dos personagens. A pesquisadora constatou que em ambos os roteiros havia descrições dos elementos verbais do filme, como logomarcas e textos, porém nos roteiros detalhados esses elementos eram mais frequentes. O detalhamento dos personagens foi observado da mesma forma. Em ambos os roteiros havia descrições dos personagens, sendo que, no roteiro que possuía menos detalhes e o foco eram as ações, elas eram menos frequentes. Com relação ao teste de recepção, ambos os roteiros proporcionaram boa recepção por parte das PcDVs, mesmo que estas, algumas vezes, apontassem lacunas nos roteiros baseados nas ações.

A mais recente linha de pesquisa no grupo está voltada para as pesquisas com delineamento experimental. Seoane (2012) e Dantas (2012) utilizaram dados do rastreamento ocular de pessoas que enxergam, videntes, para analisar a AD já existente de um filme e propor uma AD para um trecho de um desfile de escola de samba, respectivamente.

Seoane (2012) analisou o percurso do olhar de seis participantes ao assistirem a um curta-metragem. Metade dos participantes assistiu a esse filme com audiodescrição e a outra metade, apenas com o som original do filme. Foi observado que quase 70% dos elementos descritos no roteiro correspondiam àqueles fixados pelos participantes que assistiram ao filme tanto com como sem AD. Isso pode indicar que o roteiro contemplou os elementos que normalmente chamariam a atenção dos videntes. Além disso, ao final do trabalho, é proposto que os elementos localizados no centro da imagem/cena sejam priorizados, se o contexto não apontar outros elementos em cena como sendo mais importantes para a narrativa.

Dantas (2012) utilizou o percurso do olhar de seis participantes videntes em um trecho de desfile de escola de samba para propor um roteiro de AD. O roteiro também levou em conta comentários feitos pelos participantes da pesquisa após assistirem ao vídeo, principalmente referências a elementos externos, como filmes e espetáculos circenses. Os dados do rastreador ajudaram o pesquisador a perceber

como os participantes tomavam consciência dos elementos do vídeo, em que sequência o faziam.

Esta tese vem juntar-se aos trabalhos anteriormente mencionados. A seguir, irei discorrer sobre os estudos do processo tradutório, com enfoque nos estudos que utilizaram rastreamento ocular, e sobre estudos que analisam o produto desse processo, no nosso caso, o roteiro de audiodescrição.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são apresentadas as pesquisas que embasaram teórica e metodologicamente a tese ora proposta. Falarei sobre alguns estudos do processo tradutório com enfoque experimental e, mais adiante, a utilização de rastreamento ocular nas pesquisas nessa área. Por último, falarei de pesquisas cujo enfoque é o roteiro de audiodescrição e que auxiliaram na análise dos roteiros elaborados pelos participantes da pesquisa.

3.1 PROCESSO TRADUTÓRIO

Atualmente, os estudos da tradução possuem também uma abordagem processual, a qual foca o processo durante o qual a tradução é elaborada. A análise desse processo tenta decifrar e explicar o que acontece cognitivamente com o tradutor enquanto realiza sua tarefa. Entendendo melhor como a tradução é elaborada, é possível, por exemplo, replicar ou ensinar esse processo e as estratégias utilizadas a tradutores novatos.

Para estudar o processo e as estratégias utilizadas por tradutores, têm-se aplicado técnicas de introspecção, como o caso do protocolo verbal (*Think aloud protocol*), quando o tradutor verbaliza tudo o que ele está pensando enquanto realiza uma tarefa, e a técnica do *key logging*, quando tudo que é digitado no teclado, deletado e inclusive as pausas são registrados por um *software*. Recentemente começou-se a aplicar também a técnica de rastreamento ocular (*eye tracking*) para analisar o processo tradutório. Essa técnica consiste em gravar e analisar para onde o tradutor olhou. Presume-se que assim é possível acompanhar também o caminho da atenção do observador e, conseqüentemente, analisar o ritmo cognitivo proveniente dessa atenção baseada no olhar. Ritmo esse definido, no decorrer de uma tarefa tradutória, como sendo “os padrões da alternância entre fases de redação e pausas” (ALVES, 2005, p. 115).

Por exemplo, se um tradutor, ao traduzir uma frase, visualiza por um tempo relativamente superior uma palavra, em comparação às outras palavras da frase, pode-se supor que essa palavra representa um problema que está requerendo um esforço cognitivo maior do tradutor. Entretanto, essa análise não pode ser baseada apenas nos dados do rastreador. A fixação do olhar de uma pessoa em

dado elemento ou palavra pode não ser consequência de um esforço cognitivo. Por exemplo, o tradutor pode ter parado em uma palavra por distração, não necessariamente porque está pensando em como traduzi-la ou em seu significado. Por isso são necessárias outras técnicas de coleta de dados que corroborem as do rastreador, tais como o protocolo verbal, e que permitam a triangulação de dados, que será abordada adiante. Ao verbalizar o porquê de a atenção ter sido alocada àquela palavra, tem-se uma análise mais consistente com resultados mais claros. A seguir, serão apresentados alguns trabalhos que serviram de base para a presente tese, de forma mais direta.

3.2 EXPERIMENTOS SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO

Jakobsen (2002; 2003) compara o processo tradutório de quatro tradutores profissionais e quatro estudantes de tradução, todos dinamarqueses, que receberam a tarefa de traduzir quatro textos, dois do inglês para o dinamarquês e dois do dinamarquês para o inglês. O pesquisador, com base em estudos prévios e analisando os dados das teclas acionadas registrados durante a tarefa de tradução dos participantes, *key logging*, identificou três fases que ocorrem no processo de digitação durante a elaboração de uma tradução, que serão descritas a seguir. Assim, foi possível determinar tanto diferenças quanto semelhanças entre os grupos e entre os participantes de cada grupo.

A primeira fase do processo é a orientação. Essa fase começa assim que o texto de partida é mostrado ao tradutor na tela do computador e termina quando a primeira tecla, letra, do texto de chegada é digitada. Segundo o autor, essa fase é dominada pela compreensão; é o tempo que o tradutor aloca para olhar e se familiarizar com o texto de partida. Nessa fase, mesmo que haja uma preparação cognitiva do texto de chegada, não há qualquer tipo de digitação. Apenas a movimentação do texto de partida com o *mouse* ou com teclas direcionais é permitida.

A segunda fase do processo é a redação. Essa fase começa quando a primeira tecla do texto de chegada é digitada até a digitação do ponto final que indica que a primeira versão do texto de chegada está pronta. Durante essa fase, podem ser realizadas diversas tarefas, inclusive orientação *online* e revisão *online* do texto de chegada. Ou seja, durante a produção da tradução, o tradutor pode

retornar ao texto de partida para reler algo, orientação, e isso pode gerar uma revisão de algo que ele já traduziu. Segundo o autor, no caso de textos escritos, o final dessa fase geralmente é seguido por uma grande quantidade de movimentos do *mouse*, que indicam que o texto de chegada está sendo revisado e reformulado, o que caracteriza a fase seguinte.

A terceira fase é a revisão final. Nessa fase, a velocidade de produção do texto cai significativamente, já que o objetivo principal é a revisão do texto já produzido. O tradutor pode voltar tanto ao texto de partida quanto ao texto de chegada várias vezes para monitorar a fluidez do texto, resolver problemas ainda existentes ou validar soluções encontradas. Há a correção da pontuação e de ortografia, e o formato do texto pode ser modificado. Essa fase dura até que o tradutor decida que a tradução está pronta para ser entregue e, assim, pare de movimentar o *mouse* e de pressionar teclas.

Os resultados da análise de Jakobsen (2002) mostraram que o grupo de estudantes passou entre 1% e 3% do tempo total na fase de orientação e entre 73% e 85% na fase de redação. Já na fase de revisão, dois participantes passaram cerca de 25% do tempo total, enquanto os outros dois passaram cerca de 13%. Segundo o autor, isso sugere diferentes estilos de trabalho ou de perfis de tradutores, sendo um que prioriza uma fase de redação mais fluente, deixando para resolver dúvidas na fase de revisão, e outro que investe tempo para resolver problemas imediatamente.

Já no grupo dos profissionais, a fase de orientação levou entre 0,4% e 10,2% do tempo total da tarefa de tradução. Com média de 2,5%, foi um pouco mais alta que a dos estudantes, que em média despenderam 1,7% do tempo nessa fase. Já na fase de redação, os profissionais passaram cerca de 73% do tempo. Na fase de revisão, os profissionais despenderam em média 24% do tempo, contra a média de 19% do tempo empreendido pelos estudantes. O autor cita que um dos profissionais passou mais tempo na fase de revisão do que na de redação, mesmo não realizando alteração alguma no texto. A análise sugere que, na fase de revisão final, os profissionais monitoram e otimizam um texto que já se apresenta fluente e completo, enquanto que os estudantes ainda tentam resolver problemas.

Resumindo, os profissionais passaram, proporcionalmente, menos tempo na fase de redação e mais tempo nas fases de orientação e de revisão do que os estudantes. O autor chama à atenção o fato de que, durante a fase de orientação, o tempo despendido por ambos os grupos não era suficiente para que houvesse uma

leitura completa de nenhum dos textos de partida. Os profissionais passaram pouco tempo a mais do que os estudantes realizando essa orientação e, ao contrário do que ocorreu com estes últimos, a extensão do texto de partida era proporcional ao tempo despendido nessa fase: quanto mais longo era o texto de partida, mais tempo os profissionais passavam nessa fase.

O autor também menciona que o tempo de produção das traduções dependia de três fatores: a extensão do texto; se o tradutor estava ou não relatando o processo em tempo real através de protocolo verbal; e se a tradução estava sendo feita do dinamarquês para o inglês ou vice-versa. Em geral, quanto maior o texto, mais tempo era despendido na fase de redação. As traduções do dinamarquês para o inglês eram quase 23% mais lentas. Quando os participantes precisavam relatar verbalmente suas decisões, o processo tradutório se tornou consideravelmente mais lento, com os profissionais, tendo chegado a ficar 40% mais lento.

Com relação à revisão realizada durante a fase de redação, uma análise das teclas utilizadas nessa fase, como o apagar, revelou que o grupo de estudantes revisou o texto quase que o dobro de vezes dos profissionais, o que sugere que o texto produzido pelos profissionais na fase de redação tem maior durabilidade²² do que o texto produzido pelos estudantes. Ambos os grupos revisaram mais nessa fase nas condições sem protocolo verbal e de dinamarquês para inglês.

Por fim, a fase de redação foi aquela em que os profissionais demonstraram mais claramente sua diferença em relação aos novatos, produzindo textos de forma mais rápida e durável. Isso quer dizer que o texto produzido na fase de redação sofria pouca ou nenhuma alteração na fase de revisão ao final do processo. O contrário ocorreu com o texto dos estudantes, que chegavam ao final da fase de redação com problemas mal ou não resolvidos com os quais iriam lidar na fase de revisão. Diversos estudos já trabalharam com os resultados e a metodologia de Jakobsen (2002) e alguns fazem parte da fundamentação teórica desta tese (JAKOBSEN; JENSEN, 2008; ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009; ALVES;

²² Para esta tese, adotei a definição de Alves (2005) que sugere que “durabilidade textual seja definida como a propriedade do texto produzido por um participante tradutor ao final da fase de redação cujo nível de consciência crítica e de gerenciamento operativo (ritmo cognitivo) e discursivo do processo de tradução lhe permita chegar a uma produção textual que, mesmo demandando ajustes e reelaborações na fase de revisão, terá as características de uma produção mais adequada às especificidades do texto de partida e às necessidades da tarefa de tradução” (ALVES, 2005, p. 131).

PAGANO; DA SILVA, 2011; PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011; ALVES; GONÇALVES; SZPAK, 2014).

A partir do trabalho de Jakobsen (2002), questionei se, durante a elaboração de roteiro de AD, o processo tradutório do audiodescritor também poderia ser dividido nessas três fases e como se daria a identificação delas. Além disso, seriam os audiodescritores profissionais mais rápidos do que os novatos durante a fase de redação, como ocorreu com a tradução escrita em Jakobsen (2002)? Qual dos dois perfis de audiodescritores passaria mais tempo na fase de revisão? Por quê? Seria a durabilidade do roteiro dos profissionais maior que a dos novatos após a fase de redação? Seria essa durabilidade comparável com a encontrada por Jakobsen (2002)? Uma pesquisa que pode mostrar, metodologicamente, como obter essas respostas e que já ajuda a levantar hipóteses para responder a esses questionamentos será apresentada a seguir.

Pagano, Alves e Araújo (2011) apresentam um estudo piloto que compara o comportamento de legendistas profissionais e estudantes de tradução na elaboração da legenda de um trecho de um filme, em relação ao tempo despendido nas fases de orientação, redação e revisão e em relação ao produto final, as legendas. Para isso, os autores examinaram o ritmo cognitivo dos participantes, compararam as legendas produzidas e analisaram as escolhas linguísticas de cada participante. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram questionários pré e pós-coleta, *screen logging* em tempo real da produção das legendas e protocolos retrospectivos coletados após a finalização da legendagem. Os resultados foram comparados por grupos de perfis em busca de semelhanças e diferenças no desempenho entre os grupos e entre os participantes de um mesmo grupo.

A metodologia utilizada nesse estudo foi baseada em estudos consagrados da pesquisa em processo tradutório e fez parte do projeto EXPERT@ (Conhecimento experto em tradução: modelagem do processo tradutório em altos níveis de desempenho), desenvolvido por pesquisadores do LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará. Foi utilizado um número pequeno de participantes para avaliar o desempenho de cada um. Segundo os autores:

Do ponto de vista cognitivo, a tradução pode ser considerada um problema mal definido (SHREVE, 2006) e, devido ao grande número de variáveis

envolvidas no processo, é menos propensa a ter uma análise objetiva. No entanto, deve ser possível descrever as características que distinguem o desempenho de tradutores novatos e profissionais (PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011, p. 138)²³.

Os participantes foram divididos em dois grupos, o dos legendistas profissionais e o de estudantes de tradução. Cada grupo continha três participantes. Todos deveriam traduzir o trecho inicial de 7 minutos e 47 segundos do filme canadense *The Handmaid's Tale* (*O Conto da Aia*), de 1990, utilizando o *software* de legendagem *Subtitle Workshop*. Os profissionais já possuíam, em média, dez anos de experiência em legendagem. Os estudantes não possuíam experiência profissional como tradutores nem como legendistas, mas receberam treinamento em como utilizar o *software* de legendagem. Os participantes preencheram um questionário pré-coleta, que solicitava algumas informações pessoais, profissionais e acadêmicas. Em seguida, receberam instruções geralmente fornecidas aos legendistas brasileiros, tais como: o número máximo de caracteres por segundo que cada legenda poderia conter era 16, a linguagem coloquial deveria ser evitada, placas e textos escritos deveriam ser legendados etc. Também foram informados que poderiam fazer pesquisas na internet e consultas a dicionários.

Durante o processo de tradução, tudo o que os participantes fizeram no computador foi gravado pelo *software Camtasia*, que permite registrar e visualizar, por exemplo, pesquisas na internet e se os participantes assistiram ao trecho antes de iniciar a tradução. Ao término da tradução, os participantes assistiram ao próprio processo de tradução através do *Camtasia* e responderam a perguntas relativas ao processo, técnica conhecida como relato retrospectivo. Por fim, foi aplicado um questionário pós-coleta, no qual os participantes tinham que classificar como mais ou menos importantes certas questões técnicas da legendagem. Por exemplo, foi perguntado se resolver problemas de sincronização foi mais ou menos importante do que resolver problemas de segmentação ou de linguagem.

A análise dos dados começou com o cálculo do tempo total despendido pelos participantes, individualmente, durante a realização da tarefa toda e durante cada uma das fases da tradução: orientação, redação e revisão. Depois, os

²³ Minha tradução para: “From a cognitive perspective, translation can be considered an ill-defined problem (Shreve 2006) and, due to the large number of variables involved in the process, it is little prone to objective scrutiny. Nevertheless, it should be possible to describe characteristics features which distinguish the performance of novice and professional translators” (PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011, p. 138).

*templates*²⁴, arquivos de legenda, elaborados no *Subtitle Workshop* foram analisados. Nessa etapa, foi possível visualizar as legendas produzidas com relação à velocidade de leitura, sincronização²⁵ e condensação²⁶. Em seguida, a linguagem das legendas foi analisada em termos de características do registro. Os dados obtidos através do protocolo verbal auxiliaram a análise das escolhas linguísticas dos participantes.

O estudo mostrou que, em relação ao tempo decorrido em cada fase da tradução, os tradutores profissionais finalizaram a tarefa em menos tempo, cerca de 1 hora e 20 minutos, enquanto dois estudantes levaram mais de 2 horas para realizar a tarefa. Um dos estudantes, entretanto, finalizou a tarefa com tempo semelhante ao dos profissionais e, por isso, foi classificado como tendo um nível intermediário entre os dois grupos. Com relação aos tempos de cada fase da tradução, os profissionais registraram mais tempo na fase de redação, seguida pela fase de revisão e, por último, a fase de orientação.

Estudos anteriores do LETRA (PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011, p. 142) mostravam que, em traduções em que o texto de partida e o de chegada são escritos, os tradutores profissionais dedicavam pouco tempo à fase de revisão, uma vez que seus textos saíam da fase de redação com alta durabilidade e, por isso, necessitavam de pouca ou nenhuma correção. O fato de que, durante a elaboração de legendas, os profissionais dedicaram muito tempo à fase de revisão, segundo os autores, pode ser explicado por questões técnicas da legendagem, uma vez que a análise dos *templates* do programa de legendagem utilizado, *Subtitle Workshop*, mostrou que, na fase de redação, os tradutores profissionais fizeram as marcações de entrada e saída da legenda de forma descuidada, focando na tradução da fala do filme. A fase de revisão, então, serviu para adequar os tempos dessas marcações, o que resultou em legendas mais bem sincronizadas do que as elaboradas pelos

²⁴ “Um *template* pode ser definido como um arquivo de legenda composto por legendas exibidas em um filme e feito na língua de partida, geralmente inglês, com algumas configurações específicas em termos de palavras por minuto e número de caracteres por linha, que é então traduzido para tantas línguas quanto necessário.” Minha tradução para: “A *template* can be defined as a subtitle file consisting of the spotted subtitles of a film done in the SL, usually English, with specific settings in terms of words per minute and number of characters in a row, which is then translated into as many languages as necessary” (GEORGAKOPOULOU, 2003, p. 210). No caso do estudo de Pagano, Alves e Araújo (2011), o *template* usado foram os arquivos contendo a legenda em português elaborados pelos participantes da pesquisa.

²⁵ Sincronização refere-se à sincronia entre o início e o término da legenda comparado ao início e término da fala do personagem a qual aquela legenda traduz.

²⁶ Condensação refere-se à redução da informação que há na legenda comparada à fala do personagem a qual aquela legenda traduz.

estudantes, que passaram pouco tempo na fase de revisão. Já os estudantes passaram bastante tempo na fase de orientação, provavelmente pela falta de familiaridade com o *software* ou os procedimentos de legendagem, mesmo tendo recebido treinamento prévio.

Com relação às legendas produzidas, em termos de velocidade de leitura e condensação, mesmo a média de legendas sendo parecida entre todos os participantes, 65 legendas para o trecho do filme, os estudantes estavam mais preocupados do que os profissionais com a questão técnica do número de caracteres máximo por segundo, que era 16. Por isso, suas legendas continham mais condensações enquanto a legenda dos profissionais extrapolava o limite máximo de caracteres instruído no início da tarefa. Isso pode ter ocorrido porque, ao visualizar a versão legendada do filme, função permitida pelo *software* utilizado, eles acreditavam, com base nas experiências profissionais, que o alto número de caracteres não prejudicaria o telespectador que assistiria à legenda em questão. Em contrapartida, os estudantes editaram e condensaram mais as legendas, mesmo quando não era necessário, para manter os 16 caracteres por segundo da instrução. Assim, a legenda gerada por esses participantes costumava não possuir informações que, segundo os estudantes, poderiam ser apreendidas pelo telespectador através das imagens do filme.

As escolhas linguísticas dos participantes mostraram diferentes soluções para os problemas encontrados e diferentes técnicas para chegar a essas soluções. Um dos estudantes preferia omitir informações para as quais não encontrava uma tradução apropriada, enquanto os outros dois encontraram soluções parecidas com as dos profissionais. Mesmo que, neste caso, a tradução dos profissionais tenha sido baseada mais em escolhas pessoais do que em resultado de buscas, o que foi o caso dos estudantes.

Nesta tese, analisei o comportamento de audiodescritores profissionais e novatos seguindo a metodologia de Pagano, Alves e Araújo (2011). Assim, o comportamento tradutório dos participantes foi analisado buscando as três divisões mencionadas por Jakobsen (2002) e investigadas em Pagano, Alves e Araújo (2011). Além disso, os questionários, relatos e imagens do programa de captura e análise do rastreador ocular forneceram dados sobre o comportamento tradutório que acredito serem comparáveis com os da pesquisa citada. Um dos diferenciais da presente tese foi a utilização do rastreador ocular (*eye tracker*). A

seguir, falarei um pouco sobre o rastreamento ocular e a utilização dessa ferramenta nos Estudos de Tradução.

3.3 RASTREAMENTO OCULAR

Duchowski (2007) explica a importância dos estudos que rastreiam o movimento ocular. O autor afirma que movemos nossos olhos para visualizar, em alta definição, uma parte específica do campo de visão e, assim, poder focar nos detalhes do que estamos olhando. Também desviamos nossa atenção para que possamos focalizar nossa concentração sobre algum objeto. Logo, presume-se que, se podemos rastrear os movimentos dos olhos, podemos acompanhar também o caminho da atenção do observador. Isso nos ajudaria a compreender o que o observador achou interessante, isto é, o que chamou sua atenção, talvez até fornecendo uma ideia de como essa pessoa percebeu o que quer que ela tenha fixado seu olhar.

Just e Carpenter (1980) levantaram a hipótese do olho-mente, pelo qual se pressupõe que o olho permanece fixado em uma palavra ou objeto enquanto a mente está processando aquela palavra ou objeto. Ou seja, existiria uma correlação direta entre o que uma pessoa olha e o esforço cognitivo que essa pessoa dedica ao que está olhando.

Baseados na hipótese do olho-mente de Just e Carpenter (1980), os autores de pesquisas sobre o processo tradutório assumem que as fixações oculares podem ser utilizadas para mapear momentos de esforço cognitivo em textos de partida e/ou de chegada e explicar traços cognitivos inerentes ao processo tradutório humano (ALVES; GONÇALVES; SZPAK, 2014, p. 153)²⁷.

Existem vários tipos de aparelhos capazes de monitorar o movimento ocular. Alguns desses aparelhos mantêm a cabeça do participante fixa. Isso evita que o rastreamento perca o olhar do participante, por exemplo, quando olha para o teclado enquanto elabora legendas. Isso aumentaria a qualidade dos dados coletados, porém poderia gerar desconforto ao participante. Entre os formatos mais

²⁷ Minha tradução para "Building on Just & Carpenter's (1980) eye-mind assumption, authors in translation process research assume that eye fixations can be used to map instances of processing effort in source and/or target texts and account for cognitive traits inherent to human translation processes".

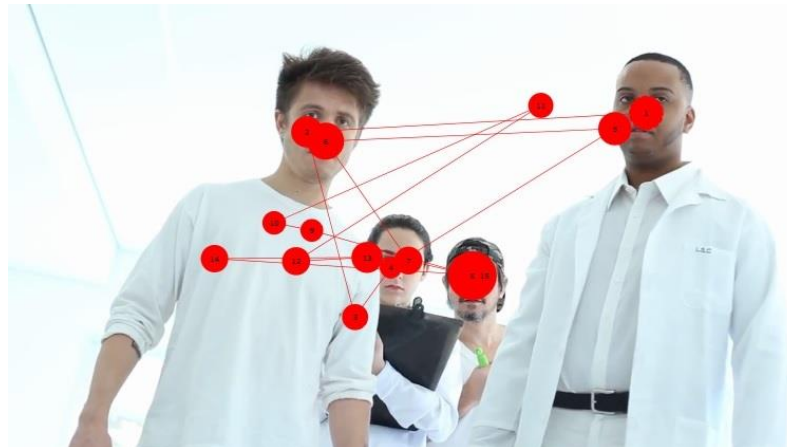
comuns de rastreadores, podem ser citados os capacetes (*Head-Mounted*), óculos (*Eyetracking Glasses*) ou monitores (*Remote eye trackers* ou *Desktop eye trackers*).

Os principais dados analisados com relação ao movimento ocular são as fixações, as sacadas e a mudança no tamanho da pupila. Rayner (1998) afirma que o termo fixação pode ser mal interpretado, pois o olho humano nunca fica completamente parado, fixado, em um único ponto, e que as fixações acontecem para promover o processo cognitivo. Nesta tese, fixação é definida como qualquer pausa do olhar, de no mínimo 100 milissegundos²⁸, em determinada região da tela. Além disso, fixações muito próximas, dentro de um raio de 30 pixels, foram consideradas como sendo um mesmo ponto de fixação (PEREGO *et al.*, 2010)²⁹. Ou seja, se o rastreador identificar uma fixação em determinado ponto da tela e uma segunda fixação, imediatamente posterior, a menos de 30 pixels da anterior, ambas com duração mínima de 100 milissegundos, o *software* de análise apresentará essas duas fixações como sendo uma só e somará o tempo de duração das duas. Isso pode ser mais bem visualizado na Figura 4 a seguir, na qual alguns dos círculos que representam fixações são maiores do que outros. Essa figura mostra o percurso do olhar da participante profissional 01 (PR01) enquanto assistia a uma cena do filme utilizado nesta tese. Na figura, é possível ver as fixações, representadas pelos círculos; as sacadas, linhas entre uma fixação e outra; e diferentes tempos de duração das fixações, representados por círculos de diversos tamanhos (quanto maior o círculo, mais tempo durou a fixação).

²⁸ Segundo o manual do *Tobii Studio* (TOBII STUDIO, 2014, p. 55), “para a maioria dos estudos sobre atenção a duração mínima da fixação de 100 milissegundos é apropriada”. Minha tradução para: “For most attention studies a minimum fixation duration of 100 ms is appropriate”.

²⁹ Utilizou-se a configuração sugerida por Perego *et al.* (2010) por ser um dos únicos trabalhos com tradução audiovisual que menciona essas configurações e por ser a configuração utilizada em outras pesquisas na UECE.

Figura 4 – Exemplo de *Gaze Plot* de PR01

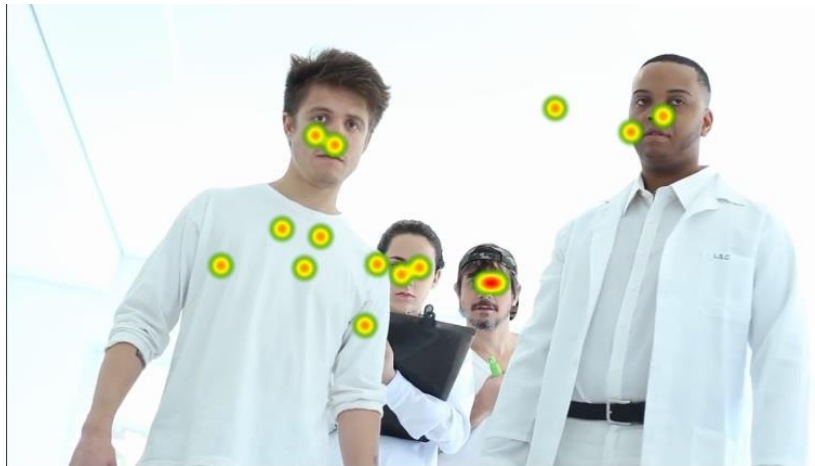


Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
PR01: participante profissional 01.

A Figura 4 mostra o *gaze plot*, o caminho do olhar, da participante enquanto ela assistia ao filme. Sacada é o movimento rápido em direção a uma nova posição ou ponto de interesse onde uma nova fixação foi realizada. Na Figura 04, a sacada é representada pelos traços em vermelho que ligam cada fixação à sua sucessora. As fixações e sacadas registradas pelo rastreador ocular podem ser visualizadas de diversas formas pelo pesquisador. Uma delas é o *gaze plot*, que mostra o caminho percorrido pelo olhar do participante na forma de uma sequência de pontos ligados por linhas. Os pontos representam as fixações e as linhas, as sacadas.

Outra forma de visualizar os dados é através do *Heat Map*, ou Mapa de Calor. Nele, as áreas de uma imagem ou texto recebem diferentes tonalidades dependendo da duração e recorrência de fixações em cada área. Quanto mais fixações ou maiores as durações em determinada área, mais a sua tonalidade se aproxima do vermelho. Já áreas com menos fixações recebem uma tonalidade entre amarelo e verde, e áreas nas quais quase não houve ou não houve fixação permanecem inalteradas. Isso pode ser visualizado na Figura 5, na qual o que mais chamou a atenção da participante foi o personagem ao centro usando boné, tendo recebido as fixações mais demoradas.

Figura 5 – Exemplo de *Heat Map* de PR01



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio
PR01: participante profissional 01.

Alguns estudos (VILARÓ *et al.*, 2012; SHARMIN *et al.*, 2008) mostram que o movimento ocular pode variar de acordo com o estímulo visual ou auditivo e com a dificuldade ou o interesse do processamento cognitivo que o estímulo causa no participante do experimento. Vilaró *et al.* (2012) descrevem um experimento no qual os participantes assistiram quatro vezes a um mesmo trecho de filme. Cada vez que o trecho era passado, apenas o som do filme era diferente. As autoras identificaram que o movimento ocular dos participantes foi relativamente diferente nos quatro trechos. Por exemplo, a cena do filme mostrava algumas pessoas num campo aberto, duas em primeiro plano e mais algumas em segundo plano, o céu azul e árvores ao fundo. Quando o filme foi apresentado sem áudio, os participantes fixaram principalmente onde havia pessoas, supostamente porque eram os únicos que se moviam no filme. Com o som original do filme, o foco foi nas duas pessoas em primeiro plano. Quando o áudio continha o som de um helicóptero, as pessoas tenderam a distribuir a atenção entre as pessoas, o céu e o topo das árvores ao fundo. Quando o áudio era de um bebê chorando, o foco de fixações dos participantes foi nas pessoas em segundo plano na cena e ao redor delas, já que as pessoas em primeiro plano eram apenas dois adultos em pé e era claro que o som de bebê não vinha deles.

Sharmin *et al.* (2008) analisaram o movimento ocular de estudantes, divididos entre aqueles com habilidade em digitação ou não, traduzindo textos de diferentes complexidades sob diferentes pressões de tempo. O estudo mostrou que, enquanto a variável complexidade aumentou o número de fixações no texto de

partida, a variável tempo diminuiu a duração média das fixações no texto de partida. Isso pode significar que a complexidade do texto obrigou mais releituras a fim de os tradutores resolverem questões de dúvidas sobre, por exemplo, vocabulário ou coesão textual. Além disso, a pressão de tempo obrigou os tradutores a terem uma leitura mais rápida, diminuindo a duração das fixações, pois tinham pouco tempo para realizar a tarefa.

Yarbus, em 1967, já discutia que, além do estímulo, a tarefa dada ao participante também influencia a forma como o participante olha os elementos do estímulo. Segundo o autor, a distribuição das fixações em um objeto varia conforme a tarefa dada ao participante. Um dos exemplos que o autor dá é a movimentação do olhar de um participante enquanto este observa a pintura *Unexpected Visitors* de Ilya Repin, Figura 6.

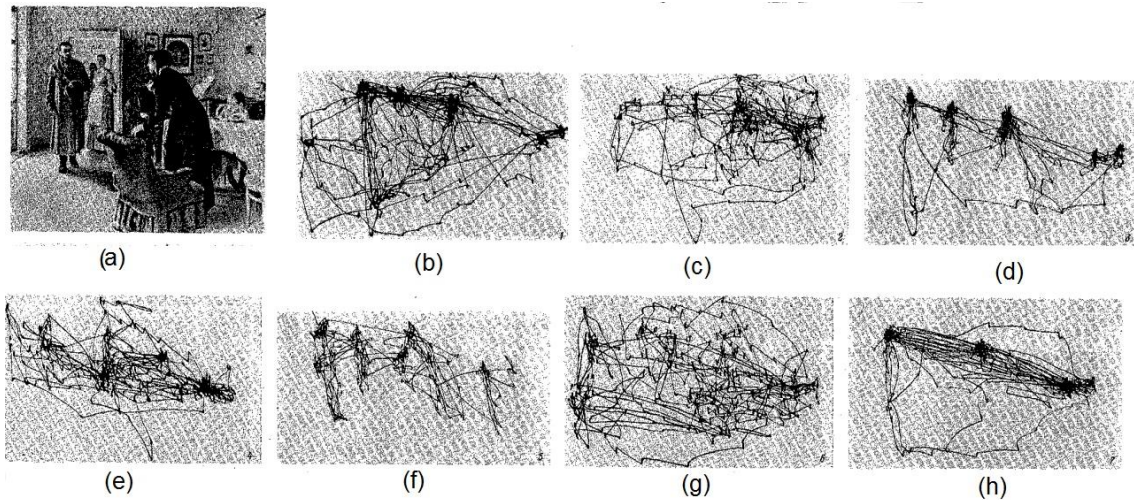
Figura 6 – *Unexpected Visitors* de Ilya Repin



Fonte: <<http://www.wikiart.org/en/ilya-repin/unexpected-visitors-1888>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

Yarbus (1967) apresenta, entre outras, uma análise da movimentação ocular de um mesmo participante ao observar essa pintura após receber tarefas diferentes. A Figura 7 mostra o resultado da movimentação ocular do participante para as tarefas, da esquerda para a direita começando pela linha superior: b) visualizar livremente a pintura; c) analisar a situação econômica da família; d) indicar a idade de cada personagem; e) especular o que a família estava fazendo antes da chegada do visitante; f) lembrar-se das roupas dos personagens; g) lembrar-se da posição das pessoas e dos objetos na sala; e h) estimar há quanto tempo o visitante esteve longe da família. Em (a) vê-se a imagem da pintura original.

Figura 7 – Movimentação ocular em Yarbus (1967)



Fonte: Adaptado de Yarbus (1967, p. 174).

Pode-se ver claramente em (d) e (f) que o olhar do participante quase redesenhou os personagens da pintura, pois, nessas tarefas, o foco era, respectivamente, indicar a idade de cada personagem e lembrar-se das roupas dos personagens. A seção a seguir tratará sobre pesquisas em tradução que utilizam o rastreamento ocular como uma das técnicas de coleta de dados.

3.3.1 Pesquisas em tradução com rastreamento ocular

Além dos estudos citados anteriormente, vários outros utilizaram o rastreamento ocular para analisar tanto tradutores durante a elaboração de tradução quanto o produto final, a tradução feita. Doherty e O'Brien (2009) avaliaram, através de rastreamento ocular, o comportamento do olhar de pessoas lendo traduções automáticas. Os pesquisadores traduziram sentenças automaticamente utilizando uma ferramenta e as dividiram conforme a qualidade atestada por tradutores profissionais. Em seguida, analisaram o movimento ocular de pessoas enquanto liam essas sentenças e compararam os dados com relatos posteriores dos participantes sobre as sentenças e com a avaliação dada a cada sentença pelos tradutores. Os resultados mostraram correlação entre a qualidade das sentenças atestadas por tradutores profissionais, os relatos dos participantes e os dados do rastreador, comprovando que este último é uma ferramenta interessante a ser usada na avaliação de traduções automáticas.

Carl, Jakobsen e Jensen (2008) e Alves, Pagano e da Silva (2009) também investigaram o comportamento de tradutores desenvolvendo metodologias de triangulação de dados. Em ambos os trabalhos, foi proposta a utilização do rastreamento ocular em conjunto com o relato retrospectivo e um *software* que registra o comportamento do usuário com relação ao teclado: teclas pressionadas no teclado, pausas, correções, cliques do *mouse* etc.

Jakobsen e Jensen (2008) investigaram o comportamento de tradutores profissionais e estudantes. O movimento ocular dos participantes foi analisado enquanto liam quatro textos, cada um com um propósito específico: compreensão, tradução posterior, tradução oral e tradução escrita. Os resultados mostraram que os tradutores profissionais foram mais rápidos e que, tanto entre eles quanto entre os estudantes, houve uma progressão linear no tempo em que a tarefa foi realizada, na frequência das fixações e na duração média dessas fixações. Na tradução escrita, a distribuição da atenção visual no texto de partida foi maior que no texto de chegada apenas para os estudantes, enquanto os tradutores profissionais priorizaram o texto de chegada.

Alves, Pagano e da Silva (2011), utilizando como base a metodologia de Jakobsen e Jensen (2008), testaram a leitura para diferentes propósitos: responder a um questionário sobre o que foi lido, produzir um resumo oral do que foi lido e traduzir oralmente um texto enquanto está sendo lido. Os pesquisadores encontraram divergências quanto aos resultados obtidos por eles e aqueles publicados em Jakobsen e Jensen (2008) e, assim como em Alves, Pagano e da Silva (2009) e O'Brien (2009), reafirmaram a necessidade de padronização dos parâmetros utilizados no rastreador ocular, como o tempo e a distância mínimos para se identificar uma fixação, uma sacada ou várias fixações.

O rastreamento ocular também é utilizado nos estudos sobre leitura de legendas. Entre os trabalhos pioneiros, podem ser citados d'Ydewalle, Van Rensbergen e Pollet (1987), De Linde e Kay (1999) e Perego *et al.* (2010). A pesquisa de d'Ydewalle, Van Rensbergen e Pollet (1987) mostra o resultado de dois experimentos nos quais os participantes, acostumados a filmes com legendas, assistiam a vídeos legendados. No primeiro experimento, os participantes, fluentes e não fluentes na língua original do vídeo, o alemão, tinham que relatar se achavam cada legenda boa ou rápida. O tempo máximo de exposição de uma mesma legenda era de 2 segundos, 4 segundos ou 6 segundos. Os participantes claramente

distinguiam conscientemente as legendas pela velocidade e relataram que as legendas de 1 linha, não importando a velocidade, eram percebidas sempre como mais rápidas do que as legendas de 2 linhas. No segundo experimento, foi utilizado o rastreamento do olhar para analisar o comportamento de leitura dos participantes nas legendas, também apresentadas nas 3 velocidades distintas, de um mesmo vídeo com a variável presença ou não do áudio original do filme. O objetivo foi ter uma ideia de como a informação sonora é utilizada para acompanhar as legendas e para entender o filme. Os resultados mostram que mesmo conhecendo a língua do filme, os participantes liam as legendas tanto quanto aqueles que não conheciam a língua e dependiam das legendas para entender as falas dos personagens. Os autores sugerem que a leitura das legendas é algo quase automático quando os participantes se deparam com o texto contendo a mesma mensagem do áudio que estão ouvindo. Isso porque ler a mensagem seria mais rápido e eficiente que ouvi-la.

De Linde e Kay (1999) analisaram como algumas características das legendas para surdos e ensurdecidos, como velocidade e sincronia com relação às imagens, influenciam no comportamento ocular dos participantes da pesquisa. Entre as conclusões do estudo está o fato de que as chances de uma mesma legenda ser lida mais de uma vez, releitura, é maior nas legendas que permanecem muito tempo na tela e/ou que permanecem na tela entre cortes de cena.

De Bruycker e d'Ydewalle (2003) investigaram a recepção de crianças e adultos ouvintes à legendagem tanto na língua nativa quanto na estrangeira. Mais uma vez é afirmado que a leitura de legendas é automática e que não há muitas diferenças na leitura com relação à idade dos participantes. Menos tempo era gasto para se lerem as legendas inversas, quando a legenda estava na língua estrangeira e o áudio na língua nativa dos participantes. Nesse tipo de legenda também ocorriam menos leituras palavra por palavra.

Como Hvelplund (2015, p. 1) aponta, o rastreador ocular, nos estudos de Tradução Audiovisual, foi utilizado principalmente em pesquisas de recepção de um tipo de tradução elaborada. Os únicos trabalhos sobre processo tradutório de tradutores audiovisuais utilizando rastreador ocular de que tenho conhecimento são Hvelplund (2015) e Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016). O primeiro analisou tradutores elaborando uma dublagem, e o segundo, dois tipos de legendas.

Hvelplund (2015) analisa o processo tradutório de seis estudantes de um programa de mestrado em tradução ao elaborarem uma tradução para dublagem. Os participantes tinham experiência básica em dublagem e algum conhecimento sobre a metodologia utilizando o rastreador ocular. O rastreador utilizado foi o Tobii X120, e os participantes tiveram que traduzir as falas de um trecho de um programa de TV para crianças de dois minutos, do inglês para o dinamarquês, e tinham acesso a um dicionário *online*.

O foco do estudo foi a alocação do esforço cognitivo desses tradutores, investigando como eles distribuem seus recursos cognitivos, como ocorre o fluxo de processamento desses tradutores e a carga cognitiva imposta nos sistemas cognitivos do tradutor durante a tarefa de tradução. O pesquisador dividiu a tela do computador em quatro áreas de interesse: Texto de partida, um arquivo de texto com o *script* das falas dos personagens em inglês; Dicionário, uma aba de um navegador onde os participantes tinham acesso ao dicionário *online*; Texto de chegada, um arquivo de texto onde os participantes deveriam elaborar sua tradução; e Filme, onde os participantes poderiam assistir ao filme que deveriam dublar. Essas quatro áreas eram visualizadas simultaneamente pelos participantes e representam as subtarefas dessa modalidade de tradução, onde o participante precisa ter acesso às falas dos personagens, tanto na forma escrita quanto falada, às imagens do filme, pois precisa adaptar sua tradução para a sincronização labial dos personagens, a um dicionário e à sua própria tradução.

Os dados provenientes do rastreador ocular utilizados nas análises foram a duração das fixações, o tamanho da pupila e as alternâncias de atenção. A duração das fixações indica a carga de trabalho imposta ao sistema cognitivo: quanto maior a fixação, maior a carga e maior é o grau de dificuldade do que está sendo processado. O mesmo ocorre com a dilatação da pupila. Quanto mais dilatada a pupila, mais complexa é a tarefa sendo realizada naquele momento. O fluxo de processamento é identificado através das alternâncias de atenção, o caminho que o olhar faz entre as áreas de interesse que representam os diferentes elementos utilizados durante essa tarefa de tradução. Além do programa *Tobii Studio*, utilizado para registrar os dados do rastreamento ocular, o pesquisador utilizou o programa R para realizar as análises estatísticas dos dados. Foram utilizados dois métodos estatísticos para analisar o movimento ocular, estatística descritiva e estatística inferencial. O primeiro foi utilizado para se ter uma avaliação geral dos processos

dos tradutores, e o segundo, para verificar diferenças significativas entre as várias subtarefas da dublagem.

Com relação à distribuição da atenção, onde e por quanto tempo o tradutor olhou para um dos elementos em tela, os resultados mostraram que, somando-se os tempos de todos os participantes, 47,5% do tempo os participantes passaram fixando na área que representava o texto de chegada, sua própria tradução. Foi despendido 26,5% do tempo para processar o texto de partida e 21,6% na área do filme. A área do dicionário recebeu fixações em apenas 4,9% do tempo. Esses dados indicam que o processamento do texto de chegada, o texto alvo, é mais cognitivamente complexo do que qualquer outro subprocessamento da dublagem (HVELPLUND, 2015, p. 6).

A análise do fluxo de processamento, que apresenta a sequência com que os vários elementos foram processados, ou seja, a transição entre as várias áreas de interesse e os momentos em que havia digitação do texto de chegada, mostrou que a maior parte das transições (3.538 no total) foram do texto de partida para o texto de chegada (1.117), do texto de chegada para o texto de partida (976), do filme para o texto de chegada (592) e o inverso (556). Mais de 91% das transições envolviam o texto de chegada, corroborando os dados anteriores de que o texto de chegada exige mais atenção dos tradutores. Com relação à atividade de digitação, os resultados mostraram que 80,6% das vezes que a atenção saiu do texto de chegada, ela foi para a atividade de digitação, e o contrário ocorreu em 85,1% das vezes. Ou seja, antes de digitar algo e após fazer isso, em mais de 80% das vezes os tradutores fixavam no próprio texto de chegada. Isso significa que mesmo que o tradutor já tenha decidido sobre como traduzir algo durante o processamento do texto de partida e validado sua decisão durante o processamento do filme, vai quase sempre consultar seu texto de chegada antes de digitar algo e logo depois, para verificar se o trecho traduzido se encaixa no restante da tradução já elaborada e se não há erros de digitação.

A última análise, referente à complexidade cognitiva das diferentes subtarefas da dublagem, mostrou que o texto de chegada, o texto da dublagem, novamente é o que demanda maior esforço cognitivo; a média das fixações nessa área foi de 290 ms, enquanto que a média das fixações no texto de partida foi de 208 ms. A segunda maior demanda cognitiva foi na área do filme, com média de fixações de 285 ms. A área do dicionário apresentou média de 224 ms. Com relação

à dilatação da pupila, a análise mostrou que as pupilas estavam mais dilatadas durante o processamento do filme, seguido pelo processamento do texto de chegada, do dicionário e do texto de partida. O autor atribui esse resultado à necessidade de processamento simultâneo de elementos verbais, visuais e textuais presentes no filme. Mesmo os participantes passando pouco tempo fixando na área do filme, essas poucas fixações exigiram mais dos participantes, cognitivamente falando.

Hvelplund (2015, p. 6) esboça inclusive o que seria o fluxo de processamento típico dessa modalidade de tradução: A atenção partiria inicialmente do texto de partida para o texto de chegada e daí ou de volta para o texto de partida, o que ocorreu em 2/3 das vezes, ou para o filme. E partindo do filme, em 80,2% das vezes, a atenção retorna para o texto de chegada.

Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016) relatam resultados preliminares de um estudo sobre o processo de elaboração de legendagem, assim como Pagano, Alves e Araújo (2011), porém utilizando rastreamento ocular. Doze tradutores profissionais e seis tradutores em treinamento legendaram dois vídeos, um trecho de 85 segundos da série americana *The NewsRoom*, do inglês para o polonês, e um trecho de dois minutos da série polonesa *Hotel 52*, do qual elaboraram uma legenda para surdos e ensurdecidos (LSE), intralingual. Para o trecho originalmente em inglês, todos os participantes receberam a transcrição das falas originais. Já para o trecho em polonês, nenhuma transcrição das falas foi fornecida.

Os pesquisadores coletaram dados através de um rastreador ocular, modelo SMI Red Mobile 250hz, registro de teclado e *mouse* e da tela do computador, além de entrevistas semiestruturadas. Os participantes receberam instruções com relação ao tamanho e duração das legendas e tiveram acesso à internet durante a elaboração das legendas. Os *softwares* utilizados para essa tarefa foram o *Eztitle* e o *EdList*, editores de legenda comerciais parecidos com o *Subtitle Workshop*. Foram analisados os tempos em que os participantes completaram a tarefa, a taxa de redução textual das legendas interlinguísticas, ou condensação, e o fluxo de trabalho dos participantes.

Com relação ao tempo para completar a tarefa, os participantes profissionais despenderam menos tempo do que os participantes em treinamento: 39% menos tempo na tradução intralinguística e 56% menos tempo na LSE. Os

profissionais também foram os que tiveram menor número de *clicks* do *mouse* registrados, o que, segundo os autores, está relacionado a uma maior familiaridade com as ferramentas utilizadas. A redução textual apresentada nas legendas dos dois perfis foram similares. O fluxo de trabalho dos tradutores em treinamento apresentou mais fragmentações, com estágios mais definidos, enquanto que o dos profissionais não apresentou estágios distintos. Por exemplo, os profissionais tiveram ou uma fase de revisão da legenda toda ou revisão de uma parte específica da legenda, enquanto que os tradutores em treinamento realizavam várias revisões. E ambos os perfis utilizaram recursos externos semelhantes, como Google e Wikipédia.

Recentemente o rastreamento ocular foi aplicado nos estudos da audiodescrição. Vilaró *et al.* (2012), como mencionado anteriormente, descreveram um estudo com o objetivo de avaliar a influência da inclusão de sons no direcionamento do olhar e nas fixações durante a visualização de um filme. Ao apresentar um mesmo trecho de filme com quatro áudios diferentes, os pesquisadores notaram que o olhar dos participantes foi influenciado, como já mencionado. A hipótese dos autores, que foi confirmada pelo experimento, indica que “o som é tão importante quanto a imagem para determinar a percepção dos espectadores de textos audiovisuais e que a influência do som precisa ser levada em consideração quando se elabora uma audiodescrição” (VILARÓ *et al.*, 2012, p. 63)³⁰.

Orero e Vilaró (2012) avaliaram a necessidade de serem audiodescritos pequenos detalhes dos filmes que passariam despercebidos pela maioria das pessoas que enxergam. Entre eles estão erros de continuidade, identificação de pessoas famosas e até detalhes que ajudam a entender a narrativa do filme ou a construção da identidade de um personagem. Um dos exemplos citados mostra uma cena em que um homem gordo faz exercícios levantando pesos feitos de latas de picles vazias. Não perceber que as latas estão vazias leva à perda da comicidade da cena. E em outro filme, a cena mostra duas celebridades na plateia assistindo a um desfile, a atriz Sofia Loren e a *socialite* Paris Hilton. Após passar os trechos para 18 participantes, foi constatado que eles fixaram o olhar tanto na lata de picles quanto nas celebridades. Porém, um questionário realizado após o experimento concluiu

³⁰ Minha tradução para: “the experiment has confirmed the authors’ hypothesis that sound is as important as images in determining the viewers’ perception of audiovisual texts, and that the influence of sound needs to be taken into consideration when drafting audio description” (VILARÓ *et al.*, 2012, p. 63).

que apenas 33% dos participantes se deram conta, ou se lembraram, das latas de picles e 44% reconheceram as celebridades.

Vilaró e Orero (2013) investigaram a percepção de temas recorrentes, *leitmotif*, e se deveriam e quando deveriam ser audiodescritos. Ao passar trechos de filmes com esse tipo de elementos para pessoas que enxergavam, um grupo sem ouvir audiodescrição e outro ouvindo, as pesquisadoras observaram que apenas os participantes que assistiram aos trechos com AD identificaram os elementos recorrentes. Elas argumentam então que os guias sobre como elaborar ADs poderiam trazer uma recomendação para que os audiodescritores “conectem”, em seus roteiros, elementos recorrentes da mesma forma como acontece na imagem. E explicam que a intenção do artigo foi conscientizar para a importância dos *leitmotifs* e sua implicação para a recepção da AD.

A seguir, serão pontuados alguns desafios, de questão teórica, com relação à utilização do rastreador ocular em pesquisas de tradução. Observo, nesta tese, as recomendações dos autores em minha metodologia e análise, como será visto adiante.

3.3.2 Recomendações para pesquisas com rastreamento ocular

Os pesquisadores O'Brien (2009) e Hvelplund (2014) citam algumas das principais dificuldades metodológicas com relação à utilização do rastreamento ocular nos Estudos da Tradução. Além de sugerir como contornar alguns desses problemas, os autores também comentam como os pesquisadores devem proceder no momento de analisar e interpretar os dados.

Uma das primeiras dificuldades mencionadas é o ambiente onde o experimento será realizado. O pesquisador deve estar atento à escolha do rastreador que será utilizado, ao local onde o experimento ocorrerá e aos elementos que compõem esse ambiente. Além do rastreador mais adequado, O'Brien (2009) menciona que o *software* utilizado tanto para coletar quanto para analisar os dados do rastreador deve sempre estar atualizado. As principais recomendações são com relação ao:

- a) Rastreador: A escolha do rastreador mais adequado para cada tipo de pesquisa vai depender do que está sendo pesquisado. Se, para o pesquisador, dados relacionados com buscas em livros, revistas e

dicionários físicos são relevantes, a melhor opção seriam rastreadores do tipo *glass* ou *head-mounted*, que lembram respectivamente óculos e um capacete. Porém, na maioria das pesquisas em tradução, o rastreador utilizado é o do tipo *desktop* ou *remote*, que se parece com um monitor de computador. O tradutor realiza suas pesquisas no próprio computador onde está sendo rastreado o seu olhar. Hvelplund (2014) menciona a importância da precisão com que o rastreador reflete o local do olhar. Essa precisão, baseada no ângulo de visão e medida em graus, geralmente é informada pelo fabricante do rastreador. No caso do rastreador TX300, utilizado para minha pesquisa, a precisão, quando o participante se encontra a uma distância entre 50 e 80 centímetros do rastreador, varia entre 0,1° e 0,6°. Apesar de o rastreador do tipo *head-mounted* ter uma precisão maior na hora de rastrear o olhar, o rastreador do tipo *remote* é mais recomendado, pois aumenta a validade ecológica³¹ do experimento por ser menos invasivo, já que o tradutor não precisa carregar um equipamento pesado na cabeça, o que traria desconforto e estresse e poderia prejudicar o desempenho dele na tarefa de tradução. Uma das sugestões para contrabalancear a menor precisão dos dados do rastreador tipo *desktop* é a utilização de dados provenientes de outras técnicas de coleta, como questionários e protocolos verbais, para corroborar os dados do rastreador (ALVES, 2003; ALVES; PAGANO; SILVA, 2009; O'BRIEN, 2009).

- b) Local: O local onde o rastreador será utilizado também deve ser escolhido com cuidado. Interferências como iluminação e barulhos externos e internos e a intimidade do participante com objetos com os quais ele vai interagir durante o experimento podem interferir no comportamento e reações desse participante, tornando os dados coletados inválidos. A iluminação, por exemplo, pode afetar a dilatação da pupila. Se essa for uma das métricas utilizadas para analisar o esforço cognitivo do tradutor, deve-se garantir uma iluminação contínua e confortável para o participante. Uma das recomendações é a

³¹ Assegurar que as condições do estudo se aproximem ao máximo das condições reais que o participante encontraria normalmente ao realizar uma tarefa de tradução (ALVES, 2003).

utilização de luz artificial e de persianas, cortinas ou fumê do tipo *blackout* nas janelas para evitar interferência da luz externa. Barulhos externos, como pessoas conversando e trânsito intenso, podem desviar a atenção do tradutor e atrapalhar o processo. No caso da legendagem e da audiodescrição, isso pode ser um problema relevante, já que em ambas as modalidades de tradução é importante que o tradutor consiga entender o que foi dito, para legendar e para não repetir informações na AD, e possa respeitar tanto a sincronia da legenda com a fala do personagem quanto a não sobreposição da AD com os sons do filme. Mais do que a utilização de um fone de ouvido, que pode incomodar o tradutor, o ideal é a utilização de caixas de som e um ambiente de trabalho com o mínimo possível de ruídos.

- c) Ambiente: Deve-se apresentar ao participante um ambiente o mais próximo possível das condições nas quais ele está acostumado a trabalhar para não criar outras variáveis no experimento. O laboratório deve parecer o máximo possível mais com um escritório do que com um laboratório de pesquisa para evitar o que ambos os autores chamam de *white coat effect*, ou efeito jaleco, que é quando o participante apresenta um comportamento não natural devido ao fato de estar sendo analisado ou participando de uma pesquisa. O grau de familiaridade dos participantes com relação ao sistema operacional, programa de tradução, navegadores para realização de buscas e até o teclado que será utilizado também pode interferir no processo de tradução. Por exemplo, a utilização de um teclado com *layout* diferente daquele a que o participante está acostumado pode fazer com que ele perca muito tempo procurando as teclas certas. O'Brien (2009) diz que "o ambiente do rastreamento deve ser montado de forma que o participante se sinta familiarizado e confortável"³² e que deve ser enfatizado ao participante que o que está sendo analisado é como o processo de tradução ocorre, e não a qualidade ou não do tradutor ou de seu produto final. Ainda com relação ao uso do teclado, Hvelplund (2014) chama à atenção o fato de que, quando o participante

³² Minha tradução para: "[...], the eye-tracking environment ought to be set up in such a way that the participant is familiar and comfortable with it" (O'BRIEN, 2009, p. 254).

estiver olhando para o teclado enquanto digita, o rastreador não conseguirá capturar o olhar. Isso pode fazer com que, no final do experimento, a porcentagem de dados capturados seja muito baixa. Nesse caso, cabe ao pesquisador avaliar se os dados do participante são válidos para análise ou não. O'Brien (2009, p. 257) aconselha que uma porcentagem válida seja superior a 70%. Ou seja, mais de 70% do tempo de experimento o participante passou olhando para a tela, isto é, teve seu olhar rastreado.

- d) Participantes: Com relação aos participantes da pesquisa, O'Brien (2009) discorre sobre a terminologia, o perfil, a quantidade e a competência dos participantes tradutores. Quanto à terminologia "profissional", a autora comenta que há diferentes definições para esse termo, podendo ser aplicado tanto a uma pessoa que trabalha há mais de dez anos como tradutor *freelance* como a um estudante de tradução do último ano que trabalha há um ano em uma agência de tradução. Mesmo a comparação do processo tradutório de duas pessoas que trabalhem nas mesmas condições por períodos idênticos poderia mostrar diferenças comportamentais entre os dois tradutores. O mesmo pode ocorrer com o termo "novato". O aprendizado das pessoas é diferente, e um aluno que estuda AD há seis meses pode ter um comportamento similar ao de um audiodescritor mais experiente, por exemplo. A autora sugere então que, mais do que rotular os participantes em "profissionais" ou "novatos", o mais indicado é detalhar ao máximo possível o perfil de cada participante para permitir que outros estudos possam replicar a metodologia e comparar os resultados de seus participantes com base no perfil, e não em rótulos variáveis. Mesmo a divisão dos participantes em profissionais e novatos, de acordo com o perfil de cada um, não garante que a competência tradutória dos dois grupos seja homogênea. Cada tradutor pode ter uma das competências mais desenvolvidas, como compreensão da língua-alvo (no caso da AD, a linguagem cinematográfica, por exemplo, e domínio de como passar essa compreensão visual para o verbal) e domínio de vocabulário especializado. Nesta tese, chamo de novatos os participantes com

menos tempo de estudos sobre AD e que não atuam profissionalmente como audiodescritores. Já profissionais são aqueles participantes que possuem no mínimo quase o dobro de tempo de estudos sobre AD, comparando com os novatos, e que já atuam no mercado profissionalmente como audiodescritores. Outra questão levantada por O'Brien (2009) é com relação ao pagamento ou não do profissional pelo seu tempo e trabalho. É difícil garantir que um profissional se comporte e forneça um produto final para uma pesquisa da mesma forma que ele faria se estivesse em seu escritório ou em casa trabalhando para um cliente qualquer, mesmo o pesquisador pagando pelo tempo e trabalho do tradutor. Com relação a participantes novatos, geralmente estudantes, um incentivo para eles é a possibilidade de participarem de uma pesquisa, sem contar possíveis créditos para atividades complementares. Já a quantidade adequada de participantes para a realização da pesquisa pode variar devido a diversos fatores, como recursos financeiros do pesquisador, tempo para realização do experimento e análise dos dados e quantidade de participantes disponíveis com o perfil desejado. A quantidade de participantes nos estudos que vêm sendo realizados varia entre 5 e 20, sendo a média de 12 participantes (O'BRIEN, 2009, p. 255). A autora também afirma que, mesmo com poucos participantes, os estudos são válidos por testarem metodologias, equipamentos e *designs* experimentais. Além disso, “esses estudos são importantes para a elaboração de hipóteses utilizando pequenas comunidades que podem então ser testadas em grandes comunidades”³³. Mesmo com um número reduzido de participantes, a geração de dados pode ser aumentada combinando-se várias técnicas de coleta de dados. O'Brien (2009) e Hvelplund (2014) também comentam que o consumo excessivo de cafeína bem como a utilização de drogas, álcool e maquiagem pesada podem interferir nas medições do rastreador e devem ser evitados pelos participantes. Hvelplund (2014) menciona que, apesar de os óculos e as lentes de contato não serem problema,

³³ Minha tradução para: “[...], such studies are valuable for generating hypotheses using small communities which can then be tested on larger communities” (O'BRIEN, 2009, p. 255).

óculos com armação muito estreita podem interferir na captura dos dados.

- e) Dados: Hvelplund (2014) discute também até que ponto podemos garantir que os dados do rastreador mostram com perfeita precisão temporal e espacial o elemento que está recebendo a atenção do tradutor. O autor afirma que ainda não foi dada uma atenção crítica suficiente com relação a até que ponto podemos afirmar que os dados do rastreamento indicam processo cognitivo. Ele questiona a premissa do olho-mente de Just e Carpenter (1980), dizendo que nem sempre aquilo que é focalizado pelo olhar necessariamente recebe foco de atenção por parte do participante do experimento. Assim, ele sugere que a hipótese olho-mente “fornece uma estimativa da relação entre foco visual e foco cognitivo” (HVELPLUND, 2014)³⁴. Para garantir uma melhor estimativa, é aconselhável a utilização de outras formas de coleta desses dados simultaneamente. O’Brien (2009) fala sobre a triangulação de dados, que envolve o cruzamento de resultados provenientes de diferentes ferramentas e métodos, principalmente qualitativos e quantitativos, como entrevista, questionários, protocolo verbal e dados provenientes do rastreamento e de *softwares* que registram a utilização do teclado. Os dados gerados por essas ferramentas devem ser gravados, às vezes transcritos, decodificados e analisados. Dependendo do número de pesquisadores envolvidos no estudo, um número grande de participantes pode não ser uma opção recomendada. Já havendo vários pesquisadores, cada um poderia analisar os dados sob uma perspectiva. Uma análise estatística dos dados do rastreador também é desejável. Com relação a protocolos verbais, O’Brien (2009) sugere que os participantes sejam treinados anteriormente e encorajados a falar antes de participarem do experimento. Fornecer esse tipo de experiência tornaria os protocolos verbais mais completos e passíveis de fornecer a maior quantidade de dados possível.

³⁴ Minha tradução para: “an approximation of the relationship between visual focus and cognitive focus” (HVELPLUND, 2014, p. 209).

Com relação às questões éticas do estudo, é importante obter a aprovação do comitê de ética da instituição à qual a pesquisa está vinculada. Além disso, deve-se deixar claro ao participante que os dados pessoais dele serão mantidos em sigilo e que ele pode pedir para que seus dados sejam retirados do experimento a qualquer momento, sem prejuízos pessoais ou profissionais.

A validade do desenho da pesquisa pode ser afetada pelo *corpus* dado aos participantes para que traduzam, assim como pela forma como essa tradução é feita. Como citado anteriormente, o ambiente é extremamente importante para o participante agir da forma mais natural possível, sendo o mais indicado disponibilizar os *softwares* e teclado com os quais ele já esteja habituado a trabalhar. Textos ou filmes longos podem deixar o participante cansado ou entediado. Além disso, no caso do *eye tracking*, tarefas longas são mais propensas à perda de dados e geram muitos *gigabytes* a serem armazenados. A natureza do texto também pode interferir no comportamento, já que tradutores especializados talvez encontrem dificuldades em traduzir textos mais gerais, assim como estudantes talvez tenham mais dificuldade com textos específicos e técnicos.

Segundo Hvelplund (2014), as duas medidas mais utilizadas nas pesquisas em tradução para analisar o comportamento tradutório são as fixações e a dilatação da pupila. A duração e a quantidade de fixações mostram o esforço cognitivo em dado elemento da tradução. Com relação às fixações, o autor chama a atenção para a utilização de filtros com os quais o pesquisador deve definir o que é considerado fixação. Essa definição é de suma importância para que outros estudos possam replicar a metodologia e comparar resultados. Esse ponto será abordado na seção 4.3.2.2.

Já com relação ao tamanho da pupila, conforme Hvelplund (2014), a dilatação desta está relacionada a um aumento na carga cognitiva. Quanto mais difícil a tarefa, maior fica a pupila. Porém, deve-se estar atento à latência existente entre o reconhecimento de um problema por parte do cérebro e a dilatação da pupila, que pode durar entre 300 e 500 milissegundos durante tarefas de tradução. Além disso, a pupila pode variar de tamanho como uma reação a qualquer variação de luz no ambiente. Na presente tese, a dilatação da pupila dos participantes não foi analisada, pois é um dado que pode variar por diversos motivos, principalmente mudanças na iluminação do ambiente do experimento.

A seção seguinte trata de pesquisas que analisam roteiros de audiodescrição e fundamentam a análise que proponho dos roteiros elaborados pelos participantes para esta tese.

3.4 PRODUTO DO PROCESSO TRADUTÓRIO

Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010), como dito anteriormente, elaboraram etiquetas com base em categorias de elementos encontrados em mais de 300 filmes audiodescritos analisados. As autoras dividiram essas categorias em três estruturas conceituais narrativas: narratológica, cinematográfica e gramático-discursiva. Os elementos enquadrados na categoria narratológica são visuais verbais, como textos escritos em letreiros, e visuais não verbais, como as descrições dos personagens e dos ambientes. Na categoria cinematográfica estão elementos que descrevem a linguagem da câmera, como planos e movimentação da câmera, ou a montagem do filme, transições e ritmo da montagem, que pode ser lenta, normal ou acelerada. Já a categoria gramático-discursiva engloba, por exemplo, verbos, que podem ser classificados conforme a semântica, se é um verbo que descreve um movimento ou um ato de fala, ou conforme a morfologia, se o verbo está no infinitivo, gerúndio etc. Essa categoria ainda trata do discurso, conectivos, epistemologia, sintaxe e aspectos tradutológicos, como a domesticação e a estrangeirização.

Assim, as autoras acreditam que é possível observar regularidades discursivas, ou seja, características da linguagem presente nos roteiros de AD. As autoras alertam para a importância da concepção de uma gramática própria dos roteiros de AD que auxiliaria, por exemplo, na busca por um equivalente funcional ao traduzir entre dois códigos diferentes de comunicação, o visual e o linguístico (JIMÉNEZ HURTADO; RODRÍGUEZ; SEIBEL, 2010, p. 77). Uma vez que um efeito de câmera, por exemplo, foi audiodescrito, futuros roteiros poderiam utilizar a mesma construção gramatical para descrevê-lo.

O projeto CAD_TV (Acessibilidade na televisão brasileira: a construção e a análise de um *corpus* de roteiros de audiodescrição da grade de programas da TV aberta), desenvolvido atualmente na UECE, trabalha para identificar essas regularidades nas ADs brasileiras. O projeto, que também é vinculado ao LEAD e à UECE, visa a esse tipo de análise em roteiros de filmes e seriados veiculados na TV

brasileira, utilizando Linguística de *Corpus* e etiquetas baseadas nas categorias de Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010).

Somado a esses estudos, B. Nóbrega (2014), também através da Linguística de *Corpus* e de etiquetas baseadas nas categorias de Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010), realizou uma análise descritiva de dois tipos de roteiros de AD, um baseado em ações e outro mais detalhado. Como resultado, a pesquisadora identificou a existência de descrição detalhada de elementos narratológicos nos dois tipos de roteiros. Ou seja, mesmo quando o foco da AD são as ações que ocorrem no filme, uma certa quantidade de detalhes dos elementos visuais também é descrita.

P. Nóbrega (2015), Seoane (2015) e Abud (2016) utilizaram a mesma metodologia dos trabalhos anteriores, mas com etiquetas adaptadas desses trabalhos. P. Nóbrega (2015) analisou a distribuição de personagens e objetos e a localização espacial e temporal no roteiro de AD de dois filmes de animação. A pesquisadora observou que descrições de distribuição tanto de personagens quanto de objetos geralmente ocorriam após um verbo que indicava movimento, como entrar, sair, descer e voar, sendo a estrutura discursiva mais recorrente desse tipo de descrição a presença desse verbo seguido por uma preposição e um substantivo ou advérbio de lugar. Já as descrições de localização espacial, que descrevem onde uma cena ocorre, são compostas principalmente por uma locução adverbial de lugar seguida de uma preposição e um substantivo de lugar. A descrição de quando as ações ocorrem, localização temporal, geralmente é feita através de advérbios de tempo.

Seoane (2015) etiquetou o roteiro de AD de seis filmes e analisou se havia descrições físicas dos personagens e como elas eram feitas. Foi percebido que, independentemente do gênero do filme, os personagens eram pouco descritos, inclusive os principais. Essa descrição, quando feita, priorizava informações relacionadas às características físicas permanentes, como cor dos olhos e cabelo, e identificação do personagem pela idade, menino ou idoso, por exemplo. A forma de caracterização menos encontrada foi com relação a aspectos subjetivos, como a utilização de adjetivos como bonito, feio ou imenso.

Abud (2016) analisou a caracterização dos personagens por meio de estados emocionais, mentais e expressões faciais no roteiro do filme *Um amigo inesperado* (2006). A pesquisadora concluiu que “a estratégia discursiva

predominante na AD deste filme é a inversão da ordem clássica da sentença, colocando-se palavras ou expressões utilizadas para explicitar os sentimentos das personagens em início de oração, adiante do sujeito e do verbo” (ABUD, 2016, p. 84).

Na presente tese, utilizei a mesma metodologia com o objetivo de observar regularidades técnicas e discursivas entre roteiros elaborados por audiodescritores profissionais e novatos. Para isso, fiz uma análise eletrônica, utilizando o *software* de análise textual *WordSmith Tools 6.0*, dos roteiros etiquetados com as etiquetas propostas por B. Nóbrega (2014) e pelos pesquisadores do projeto CAD_TV, no qual a presente pesquisadora também está inserida, e utilizadas nas pesquisas de Seoane (2015), P. Nóbrega (2015) e Abud (2016). Perguntei-me que diferenças poderia encontrar entre os roteiros de profissionais e novatos. Haveria, por exemplo, uma maior preocupação dos profissionais com a descrição de elementos cinematográficos, como o tipo de plano com que a cena foi filmada? Seriam os roteiros dos novatos mais baseados em ações e os dos profissionais mais detalhados? As etiquetas, o *software WordSmith Tools 6.0* e a metodologia utilizada para analisar os roteiros de AD serão explicados na seção 4.4.2. Além disso, realizei uma análise das cenas do filme, que pode ser lida no Apêndice E, em busca dos elementos mais relevantes de cada cena para comparar qual perfil de audiodescritor contemplou esses elementos em maior ou menor número.

Os estudos citados anteriormente, como mencionado, auxiliaram na elaboração da metodologia proposta neste projeto, seja com relação ao número de participantes, desenho do estudo, escolha dos dados a serem analisados, método de análise desses dados ou para comparação com os resultados obtidos. O Quadro 03, baseado em Araújo (2006), esboça um resumo que mostra onde foi aplicado cada um dos estudos citados em busca de respostas para as perguntas de pesquisa.

Quadro 3 – Objetivos, perguntas, hipóteses e estudos que serviram de base para responder a cada pergunta de pesquisa

Objetivos	Perguntas de pesquisa	Hipóteses iniciais	Fundamentação teórica
Esboçar uma metodologia para investigar o processo tradutório de audiodescritores .	Até que ponto as mesmas metodologias e técnicas aplicadas à análise do processo de legendagem podem ser utilizadas no processo de elaboração de audiodescrição?	As metodologias e técnicas aplicadas atualmente na análise do processo tradutório de tradutores de textos escritos e de legendagem são adequadas para analisar o processo tradutório de audiodescritores.	Jakobsen (2002); Alves (2003); Alves (2005); Carl, Jakobsen e Jensen (2008); Jakobsen e Jensen (2008); Alves, Pagano e Silva (2009); O'Brien (2009); Perego <i>et al.</i> (2010); Pagano, Alves e Araújo (2011); Hvelplund (2014); Hvelplund (2015); Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016)
Descrever e comparar o comportamento tradutório, tempo despendido na orientação, redação e revisão, de audiodescritores profissionais e novatos.	Que diferenças podem ser identificadas ao mapear o processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos?	Assim como no caso de tradução de texto (JAKOBSEN, 2002) e de legendagem (PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011), são esperadas diferenças entre o processo tradutório de audiodescritores profissionais e o de novatos, tanto com relação ao tempo para conclusão da tarefa como com relação ao fluxo de trabalho.	Jakobsen (2002); Carl, Jakobsen e Jensen (2008); Jakobsen e Jensen (2008); Alves, Pagano e da Silva (2009); Pagano, Alves e Araújo (2011); Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016)
Comparar os roteiros de AD elaborados por audiodescritores profissionais e novatos.	Que diferenças podem ser identificadas entre os produtos finais, o roteiro de AD, elaborados por audiodescritores profissionais e novatos?	Da mesma forma que ocorre entre traduções escritas e legendas produzidas por profissionais e novatos (JAKOBSEN, 2002; PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011) e com roteiros de AD produzidos de forma amadora e acadêmica (FRANCO <i>et al.</i> , 2011), o produto final, o roteiro de AD, elaborado por audiodescritores profissionais e por novatos, apresentarão diferenças, por exemplo, com relação a quantidade de descrições.	Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010); Franco <i>et al.</i> (2011); Pagano, Alves e Araújo (2011); Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016)
Identificar prováveis padrões processuais dos audiodescritores profissionais.	Quais estratégias ou comportamentos dos audiodescritores profissionais podem ser identificados?	A análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais indicará padrões de comportamento e técnicas que podem ser ensinadas a audiodescritores novatos.	Jakobsen (2002); Pagano, Alves e Araújo (2011); Hvelplund (2015); Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016)

Fonte: Elaborado pela autora.

Além dessas, as outras pesquisas aqui citadas me ajudaram a entender melhor o rastreamento ocular (YARBUS, 1967; JUST; CARPENTER, 1980; RAYNER, 1998; DUCHOWSKI, 2007; SHARMIN *et al.*, 2008; VILARÓ *et al.*, 2012), bem como a utilização dessa ferramenta nos estudos de tradução (JAKOBSEN; JENSEN, 2008), tradução audiovisual (D'YDEWALLE; VAN RENSBERGEN;

POLLET, 1987; DE LINDE; KAY, 1999; DE BRUYCKER; D'YDEWALLE, 2003; DOHERTY; O'BRIEN, 2009) e especificamente estudos sobre audiodescrição (ORERO; VILARÓ, 2012; VILARÓ *et al.*, 2012; VILARÓ; ORERO, 2013). A seguir, será apresentada a metodologia desta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, são apresentados aspectos metodológicos deste estudo, como o tipo de pesquisa, o contexto, os participantes e o desenho experimental. Por último, serão descritos os procedimentos que foram utilizados na análise dos dados coletados.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta é uma pesquisa empírica exploratória descritiva com procedimentos experimentais, com abordagem quali-quantitativa, pois analisei tanto dados qualitativos quanto quantitativos. O levantamento da fundamentação teórica teve caráter exploratório, pois, além do conhecimento sobre AD, processo tradutório e rastreamento ocular, procurou-se desenvolver uma metodologia e formas de analisar os dados coletados para responder aos questionamentos levantados para esta tese.

A aplicação da metodologia tem caráter experimental. A variável independente, aquela que o pesquisador pode controlar, foi a experiência profissional e o tempo de estudo sobre AD do audiodescritor: se é profissional, com mais de três anos no mercado e de estudos em audiodescrição, ou se é novato, com menos de três anos de estudos na área e sem ter experiência profissional. Já os amadores, como na pesquisa de Franco *et al.* (2011), são pessoas que não possuem nem estudos nem experiência profissional na área e se propõem a elaborar roteiros de AD. As variáveis dependentes são as fixações (duração média, total e número de fixações) dos participantes por fase e por área de interesse, tempo total para realização da tarefa, tempo em cada fase da tradução, número de pesquisas na fase redação e tempo despendido nessas pesquisas. Os produtos finais, os roteiros de AD, também foram analisados para comparar os roteiros elaborados por profissionais e novatos. Para isso, analisei as variáveis número de inserções, número de palavras e palavras distintas, caracteres por segundo das inserções, número de etiquetas totais e por categoria, elementos do filme contemplados, tempo total de AD e aproveitamento dos tempos do filme para AD. Essas variáveis serão mais detalhadas na seção 4.3.4. Também foi utilizado o método de triangulação, no qual mais de uma forma de coleta de dado é utilizada para melhorar a confiabilidade da pesquisa. Alves (2001) afirma que:

Nas Ciências Sociais existe uma tradição consolidada que defende o uso conjunto de métodos quantitativos e qualitativos dentro de uma perspectiva de complementariedade (cf. JICK, 1979). Chama-se esta opção metodológica de triangulação. [...] investigar um mesmo objeto por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno (ALVES, 2001, p. 70-71).

Em outras palavras, propõe-se utilizar diferentes técnicas de coleta como formas complementares de se levantarem dados a partir de pontos de observação diferenciados. A triangulação na presente pesquisa foi realizada observando-se os dados do rastreamento ocular; os comentários do participante enquanto ele observou, após o término da tarefa, a gravação de parte de seu próprio processo de tradução; as respostas dadas por ele durante o relato retrospectivo, que apresentou momentos tanto livres quanto guiados; as respostas ao questionário; bem como o produto final elaborado. Tanto os dados colhidos por meio de comentários, relatos e respostas aos questionários quanto os dados provenientes do rastreamento ocular foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. O *software* utilizado para a coleta de dados do movimento ocular, *Tobii Studio 3.3.2*, apresenta dados de forma tanto quantitativa, números exatos e análises estatísticas, quanto qualitativa, com esses mesmos números interpretados e mostrados em formato de vídeo e/ou imagem.

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa de doutorado está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE. Os primeiros dois participantes realizaram a tarefa no Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV), e as demais, no Laboratório Experimental de Rastreamento Ocular (LERO), ambos localizados no Centro de Humanidades da UECE. Não acredito que a mudança de local tenha influenciado nem a coleta nem os resultados obtidos, já que ambos os locais respeitavam as recomendações vistas na seção 3.3.2.

O rastreador teve que ser retirado do LATAV e levado para o LERO por conta de uma obra próxima ao mesmo que inviabilizava a aplicação da pesquisa. O rastreador ocular em questão é do modelo Tobii TX300, que é parecido com um monitor de computador (*Remote eye trackers* ou *Desktop eye trackers*), ligado a um

computador onde está instalado o *software Tobii Studio*, versão 3.3.2, que capturou e analisou os dados do movimento ocular de tudo que os participantes visualizaram, bem como a tela do computador, que mostra todos os movimentos que o participante fez durante o processo de tradução, como pesquisas na internet e utilização de qualquer ferramenta computacional para a elaboração do roteiro de AD. O rastreador possui câmeras de infravermelho que, direcionadas aos olhos do participante, enviam uma luz que penetra a retina e é refletida de volta para as câmeras que registram a posição do olhar naquele instante. Esse rastreador possui uma taxa de amostragem de 300 Hz, ou seja, captura 300 amostras de dados por segundo. Ele também possui câmera e microfone para gravar as reações dos participantes. Mesmo assim, gravei, com a utilização de uma câmera de vídeo, o participante respondendo aos questionários, para posterior transcrição e análise dos comentários feitos por ele. A câmera não ficou voltada para o participante, já que o objetivo era apenas a gravação do áudio para transcrever as respostas do participante. Isso poderia ser feito também com um gravador ou celular.

Com relação à iluminação, o LATAV não possui nem persianas nem fumê no vidro da janela, porém o LERO teve suas janelas cobertas com cartolina e *blackout* pretos que impediam a entrada de luz. Quanto aos ruídos externos, foram priorizados horários de menos movimentação, não muito tarde, para evitar vista cansada e pressa, por parte do participante, de ir embora. Também foram colocados avisos na porta para evitar a entrada de terceiros. Apenas o participante e a pesquisadora responsável permaneceram no laboratório durante a leitura do termo de consentimento, o preenchimento dos questionários e a realização da tarefa tradutória.

Os participantes usaram fone de ouvido durante a atividade para minimizar a interferência de ruídos externos. Testes relativos à altura do volume foram realizados antes do início da tarefa para que o participante não precisasse fazê-lo após o início da tarefa tradutória. Os fones só eram retirados ao final da elaboração do roteiro para o participante responder ao questionário pós-coleta. Com relação ao teclado, este possui *layout qwerty ABNT2*, o mesmo normalmente utilizado tanto pelo grupo de pesquisa como pelos participantes. O sistema operacional utilizado foi o *Windows 7*, que é uma das versões com as quais os participantes são familiarizados. Para a realização de pesquisas *online*, os participantes tiveram disponíveis três dos navegadores mais comuns, *Internet*

Explorer, *Google Chrome* e *Mozilla Firefox*. Como será visto no Capítulo 5, pesquisas *online* são importantes para a tomada de decisão do audiodescritor sobre diversos aspectos, inclusive com relação a quais palavras usar e, às vezes, como elas são escritas. Para elaboração do roteiro, o *software* utilizado pelos participantes foi o *Subtitle Workshop 2.51*, com o qual os integrantes do grupo de pesquisa, que formam tanto grupo de profissionais como de novatos, e alunos da UECE aprendem e elaboram legendagem e audiodescrição. A interface do programa pode ser modificada, aumentando ou diminuindo a área onde o vídeo aparece, e inversamente modifica a área onde as descrições já elaboradas aparecem. Optei por deixar os participantes livres para fazer essa modificação, pois queria manter a tarefa o mais próximo do natural. Como será visto, isso dificultou a comparação dos resultados entre os participantes em alguns momentos. A seguir, é apresentado o desenho experimental.

4.3 DESENHO EXPERIMENTAL

Nesta seção, são apresentados o filme que compõe o *corpus* da pesquisa, os instrumentos utilizados para coleta de dados, os participantes, as variáveis analisadas e os procedimentos adotados.

4.3.1 *Corpus* da pesquisa

O filme utilizado nesta tese foi *Resquícios de Infância* (2015)³⁵, curta de quase cinco minutos elaborado pelos alunos do *Latin American Film Institute*³⁶ como trabalho de conclusão de curso. No Anexo C, encontra-se a autorização para a utilização do filme. Esse filme mostra, aparentemente, a rotina de uma médica no que parece ser uma sala de convivência de pacientes com problemas psicológicos. Ela, com sua prancheta nas mãos, passa por quatro pacientes, nos contando qual o problema de cada um e mostrando sua interação com cada um deles. Ao final do curta é revelado que a médica é a verdadeira paciente. As cenas desse filme são mais bem explicadas no Apêndice E, onde é apresentada uma descrição do filme.

³⁵ O filme pode ser visualizado no *link* <<https://www.youtube.com/watch?v=8eUVvdyQPI4>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

³⁶ Para mais informações, ver: <<http://lafilm.com.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

Para a escolha desse filme, levou-se em conta a língua falada, no caso, o português, a duração, de cinco minutos, e a presença de características que geralmente são encontradas em filmes, como diálogos, música, textos escritos, linguagem de câmera e créditos. A duração do filme foi estabelecida após a realização de um estudo piloto, no qual a participante levou mais de uma hora para audiodescrever um trecho de cinco minutos. Entendo que filmes longos seriam extremamente exaustivos e que audiodescrever um filme completo é interessante para uma coleta de dados completa.

4.3.2 Instrumentos de pesquisa

Nesta seção, são detalhados os questionários pré e pós-coleta, ambos baseados nos respectivos questionários de Pagano, Alves e Araújo (2011), a utilização do rastreador seguindo as condições e recomendações de O'Brien (2009) e Hvelplund (2014), os procedimentos adotados durante o relato retrospectivo (CARL; JAKOBSEN; JENSEN, 2008; ALVES; PAGANO; SILVA, 2009) e o *software* de análise textual *WordSmith Tools 6.0*.

4.3.2.1 Questionário pré-coleta

O questionário pré-coleta (ver Apêndice B) serviu para coletar informações pessoais, profissionais e acadêmicas que ajudaram a identificar o perfil de cada participante, conforme será descrito na seção 4.3.3. Nele, há perguntas referentes ao grau de escolaridade, tempo de estudo sobre AD, experiência ou não profissional, tanto como audiodescritor como no ensino de AD, frequência com a qual elabora roteiros e se já realizou estudos específicos sobre cinema ou não. A familiaridade com computador e internet e a frequência com que o participante assiste a filmes também são dados importantes para traçar o perfil dos participantes.

4.3.2.2 Rastreador ocular

Seguindo as sugestões de O'Brien (2009) e Hvelplund (2014) citadas no capítulo de fundamentação teórica, o rastreador utilizado para esta pesquisa é do tipo *desktop* com o *software Tobii Studio* atualizado na última versão disponível pelo

fabricante à qual o laboratório tinha direito, versão 3.3.2. O rastreador lembra um monitor, apesar de ser um pouco maior que a maioria.

Com relação à definição do que foi considerado fixação, foi utilizado um dos filtros de fixação presentes no *Tobii Studio 3.3.2*, que tem como principais funções remover os dados inválidos e identificar as fixações e as sacadas, reduzindo a quantidade de dados a serem analisados. O filtro utilizado neste trabalho foi o *ClearView*, que permite definir o tempo mínimo de duração de uma fixação e um raio dentro do qual várias fixações são consideradas uma só e seus tempos de duração são somados. Logo, qualquer instante no qual o olhar ficou parado por menos tempo do que o tempo mínimo definido não foi considerado uma fixação, e sim parte de uma sacada. A configuração desse filtro varia entre os estudos e leva em conta o estímulo que está sendo mostrado ao participante. Para esta pesquisa, um movimento ocular, para ser considerado uma fixação, precisa ter durado no mínimo 100 ms. Além disso, fixações dentro de um raio de 30 pixels (PEREGO *et al.*, 2010) são vinculadas e passam a representar uma única fixação com seus tempos de duração sendo somados.

Os dados do processo tradutório foram coletados e analisados utilizando-se o *software Tobii Studio*, no qual foi criado um projeto composto por dois estímulos, um texto com instruções para o participante e a opção *screen recording*. Essa opção permite, além de registrar o movimento ocular do participante, a gravação de tudo o que o participante faz no computador, desde a visualização do filme até outros programas abertos, pesquisas na internet através de navegadores etc., assim como faz o *software Camtasia* no experimento descrito por Pagano, Alves e Araújo (2011). As imagens geradas pelo *Tobii Studio*, tanto do movimento dos olhos quanto das ações do audiodescritor, foram utilizadas na análise do processo.

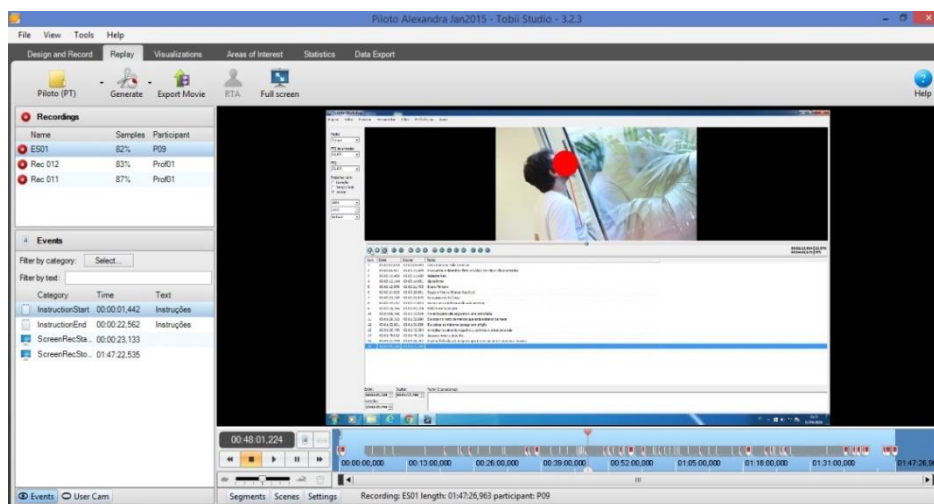
Durante a coleta, algumas das reações dos participantes foram anotadas pela pesquisadora responsável. Por exemplo, desde o começo, em cada inserção de descrição, alguns participantes liam em voz baixa a descrição enquanto o filme passava, para averiguar se a descrição poderia ser inserida ou se havia pouco tempo para isso. Quando não havia tempo, a primeira atitude era a de reformular a informação passada; a estratégia seguinte, às vezes, era reduzir a informação; e, como última alternativa, excluir a descrição. Isso indica uma constante monitoração da possibilidade ou não de as descrições serem lidas. Após o término da tarefa de tradução, algumas das anotações da pesquisadora responsável foram

transformadas em perguntas para melhor entender o processo tradutório do participante.

4.3.2.3 Relato retrospectivo sobre o processo

Após terminar de elaborar a AD do filme proposto, cada participante assistiu a trechos do próprio processo tradutório. Isso é possível com a utilização da opção *replay* do *software Tobii Studio*, que permite a visualização de tudo o que o tradutor fez no computador, além do percurso do olhar dele enquanto realiza essas ações. A Figura 8, que pode ser vista melhor no Apêndice O, mostra um exemplo dessa visualização.

Figura 8 – Visualização da função *replay* do *Tobii Studio*



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.

Foram comentados pelos participantes, por exemplo, comportamentos como pesquisas, decisões quanto às escolhas lexicais e elementos audiodescritos ou não, dúvidas, pausas longas e reformulação das descrições na fase de revisão. O relato teve um caráter misto, pois foi livre quando o participante pôde iniciar seu relato por onde desejou, mas também estimulado, já que a pesquisadora responsável analisou o processo durante a realização da tradução e pôde fazer perguntas específicas para cada participante. Os relatos dessa fase ajudaram na interpretação dos dados provenientes do rastreamento ocular, bem como do processo tradutório e do produto final. Um guia inicial das perguntas que foram realizadas nessa fase pode ser visto no Apêndice C.

4.3.2.4 Questionário pós-coleta

Este questionário apresenta perguntas referentes a questões técnicas do processo e do produto final (ver Apêndice D). Perguntei, por exemplo, sobre a importância, para o participante, de características como a não sobreposição de falas e sons pela AD, a utilização dos próprios sons do filme para ajudar a decidir o que audiodescrever, a escolha da linguagem utilizada na AD e a descrição de linguagem de câmera. Além disso, perguntei se, ao elaborar a AD, o participante havia se preocupado mais com os significados dos elementos no filme ou com a recepção da sua AD pelo público. Por último, indaguei se, para o participante, o que deve ser priorizado durante a tarefa é encontrar soluções com base em seus conhecimentos anteriores ou através de buscas na internet.

4.3.3 Participantes

Cada grupo, o de profissionais e o de novatos, contou com quatro participantes. O que diferenciou os grupos foi, além do tempo de estudos na área de Tradução Audiovisual (audiodescrição), se já tinham experiência profissional na área ou não. Os profissionais tinham no mínimo o dobro do tempo de estudos com audiodescrição do que os novatos, e estes nunca realizaram trabalhos remunerados como audiodescretores profissionais, apenas como bolsistas. Os participantes são voluntários e foram escolhidos entre os pesquisadores do grupo de pesquisa da UECE, ao qual esta pesquisa está vinculada. A rotulação entre participantes “profissionais” e “novatos” foi baseada em uma análise dos perfis de cada participante com o objetivo de comparar o comportamento tradutório e o produto final. Contudo, seguindo a orientação de O’Brien (2009), os perfis são detalhados para que futuros estudos possam comparar seus próprios resultados com os meus. O pequeno número de participantes é resultado de restrições orçamentárias, não sendo possível nem o pagamento dos profissionais por seu tempo e trabalho, nem a busca por participantes fora da cidade de Fortaleza, onde a pesquisa foi realizada. O’Brien (2009) afirma que, se a pesquisa visa à geração de hipóteses, um pequeno número de participantes é aceitável. Em caso de perda de dados, como desistência do participante ou problemas na coleta dos dados, por exemplo, um percentual baixo de dados do olhar registrados pelo *Tobii Studio 3.3.2*, esse participante foi

substituído. Isso acabou acontecendo com dois participantes profissionais e um novato, cujos dados foram descartados, e foram realizadas novas coletas com outros audiodescritores.

Contei então com os audiodescritores do grupo de pesquisa LEAD, que foram divididos conforme o perfil de cada um. Todos os pesquisadores do grupo estão acostumados a participar das pesquisas uns dos outros, mesmo entre áreas diferentes, legendagem e audiodescrição. Acredito que isso levou a um comportamento o mais natural e profissional possível, considerando que o produto precisava ser elaborado em um único dia. Como visto em O'Brien (2009), tão importante quanto a quantidade de participantes do estudo é testar a metodologia, os equipamentos e o desenho experimental, para que o estudo possa ser replicado por outros pesquisadores. Foi tomado cuidado para que os membros do grupo de pesquisa não tivessem contato com detalhes sobre a metodologia e hipóteses, proibindo a presença dos mesmos durante a qualificação e apresentações referentes à tese.

Com base em O'Brien (2009) e Hvelplund (2014), os participantes foram informados previamente de que não poderiam consumir excessivamente cafeína nem utilizar drogas, álcool ou maquiagem pesada no dia no qual o rastreamento foi realizado. Tais fatores poderiam dificultar ou alterar o rastreamento do olhar. Foi permitida a utilização tanto de óculos como de lentes, o que fosse mais confortável para o participante. Porém, durante a fase de calibragem, que é explicada na seção 4.3.5.3, foi observada a validade dos dados³⁷ desse participante. As coletas foram realizadas nos meses de fevereiro, junho e julho de 2016. Nenhum participante teve problemas com a calibragem, mas dois participantes profissionais e um novato tiveram uma baixa percentagem de dados válidos registrados, abaixo de 75%, e tiveram que ser substituídos. Esse foi o único critério de exclusão, pois o grupo de pesquisa não contava com mais de 10 participantes que pudessem ser classificados como audiodescritores novatos ou profissionais e não havia pessoas de fora do grupo que se encaixassem nesses perfis. A seguir apresento a descrição conforme o

³⁷ Informo aqui a percentagem de *Weighted Gaze Samples*, número de amostras do olhar rastreadas dividido pelo número de tentativas. Quanto mais próximo de 100%, mais amostras de ambos os olhos foram registradas: 50% pode significar que apenas um olho foi rastreado durante todo o período de rastreamento ou que ambos os olhos folham rastreados durante a metade do tempo total de rastreamento.

questionário pré-coleta, Apêndice B, dos participantes da pesquisa, primeiramente os profissionais e, em seguida, os novatos.

4.3.3.1 Participantes profissionais

A primeira participante, aqui identificada como PR01, foi classificada como profissional, pelo tempo de estudos sobre audiodescrição, mais de quatro anos, e por já ter elaborado audiodescrições profissionalmente. É formada em Letras pela UECE e terminou mestrado em Linguística Aplicada na UECE com uma dissertação sobre AD. Durante a graduação, teve disciplinas sobre AD, incluindo uma especificamente sobre locução para AD, e já fez curso sobre cinema. Realizou trabalhos profissionalmente, elaborando roteiro de AD de filme e de peça teatral, dependendo de forma casual de remuneração dessa fonte. Afirmou fazer trabalhos de audiodescrição remunerados com uma frequência de mais ou menos três trabalhos por ano, porém realiza diversos trabalhos não remunerados na universidade na qual trabalha.

A segunda participante profissional, identificada como PR02, é uma das mais atuantes no grupo, fazendo trabalhos de audiodescrição quase que mensalmente. Também é formada em Letras pela UECE, fez mestrado em Linguística Aplicada com o tema em AD e é doutoranda em Linguística Aplicada na UECE seguindo o mesmo tema. Estuda sobre AD e realiza audiodescrições há mais de 8 anos, tendo participado de diversos cursos sobre AD na UECE e fora. Participou de cursos de cinema e também tem experiência com ensino de AD, tendo ministrado aulas na graduação e especialização da UECE. Já realizou trabalhos profissionais audiodescrevendo filmes, peças de teatro, imagens estáticas, eventos e monumentos. Apesar de sua maior fonte de renda ser outra, desfruta de remuneração casual proveniente de trabalhos de AD.

O participante PR03 também é um dos membros do grupo com mais experiência, oito anos, tendo elaborado ADs de filmes, teatro, exposição de arte, desfile de moda, eventos e partida de futebol. Também tem mestrado em Linguística Aplicada pela UECE e realizou diversas pesquisas na área. Como não é formado em Letras, só teve contato com estudos de tradução a partir do mestrado. Recebe remuneração casualmente para elaborar ADs, entre seis a oito vezes por ano, mas

também não é sua principal fonte de renda. Nunca participou de cursos sobre cinema, mas tem bastante leitura na área.

A participante PR04 também pesquisa sobre AD há mais de oito anos, tendo defendido uma tese na área. Possui graduação em Letras e mestrado em Linguística Aplicada pela UECE. Participou de cursos sobre tradução e sobre AD e também tem experiência com ensino dessa modalidade de tradução. Não trabalha profissionalmente na área, apesar de já ter recebido remuneração para elaborar ADs. Durante os anos de 2012 e 2014, elaborava roteiros mensalmente, mas atualmente atua principalmente em pesquisas na área.

4.3.3.2 Participantes novatos

A primeira participante novata, identificada como NV01, recebeu a classificação de novata pelo curto tempo de estudos sobre audiodescrição e por nunca ter realizado um trabalho remunerado como audiodescritora. Ela é formada em Letras e tem contato há dois anos com estudos relacionados a AD, mas sempre dentro das disciplinas do curso de graduação, tendo feito o roteiro de quatro curtas para as disciplinas da graduação, nunca tendo participado de cursos sobre AD fora desse meio. Não possui experiência com ensino de AD, experiência profissional com elaboração de AD nem nunca fez cursos específicos sobre cinema, mas teve noções, nas disciplinas de graduação, sobre linguagem da câmera.

O segundo participante novato, NV02, é graduando em Letras, tem experiência com AD há um ano e meio, já tendo participado de cursos na própria UECE sobre AD e tendo ministrado um minicurso de duas horas sobre o tema. Não teve disciplinas sobre tradução na graduação, pois faz curso de licenciatura, nem nunca participou de cursos sobre cinema. Era bolsista de iniciação científica para pesquisar e elaborar ADs de obras de arte e, um mês antes de participar desta pesquisa, passou a receber uma bolsa específica para elaborar AD de material didático, inicialmente imagens.

NV03 é o terceiro participante novato, graduando em Letras, bolsista de iniciação científica, participa do grupo há dois anos, tendo participado de cursos sobre AD e elaborado ADs para disciplinas, mas atua principalmente na área de legendagem. Já teve disciplinas de tradução, mas nunca participou de cursos sobre cinema nem atuou como docente de cursos sobre AD.

A participante NV04 é a quarta participante novata. Ela é graduada em Bacharelado Inglês, tem contato com AD há dois anos, participou de cursos sobre a área e, durante a graduação, teve disciplinas sobre tradução. Não possui experiência com ensino de AD nem participou de cursos sobre cinema. Assim como NV02, um mês antes de participar desta pesquisa, passou a receber uma bolsa para elaborar AD de material didático. A seguir, resumo as informações principais dos participantes profissionais no Quadro 4 e dos participantes novatos no Quadro 5.

Quadro 4 – Resumo do perfil dos participantes profissionais

(continua)

Identificação	PR01	PR02	PR03	PR04
Idade	30	29	41	36
Nível acadêmico	Mestre	Doutoranda	Doutorando	Doutora
Experiência com AD	Mais de 4 anos (5 anos)	Mais de 4 anos (8 anos)	Mais de 4 anos (8 anos)	Mais de 4 anos (8 anos)
Cursos de AD	Sim	Sim	Sim	Sim
Experiência com ensino de AD	Sim	Sim	Sim	Sim
Interesse na área de tradução	Acadêmico e profissional	Acadêmico e profissional	Acadêmico e profissional	Acadêmico e profissional
Cursou disciplinas de tradução	Na graduação e no mestrado	Na graduação e no mestrado	No mestrado e doutorado	No mestrado e doutorado
Trabalhos profissionais como audiodescritor	Sim. Filme e teatro.	Sim. Filme, teatro, eventos, imagens, monumentos.	Sim. Filmes, teatro, exposição de arte, desfile de moda, eventos e futebol.	Sim. Filme e teatro. A maioria voluntários.
Remuneração como audiodescritor	Sim	Sim	Sim	Não
Elabora ADs com que frequência	Sempre (não remunerados) Esporadicamente (remunerados)	Mensalmente	6 a 8 vezes por ano	Fazia 1 vez por mês entre 2012 e 2014, durante o doutorado
Usa o computador para	Trabalho e estudo	Trabalho, estudo e ver filmes	Trabalho e estudo	Trabalho, estudo e rede social
Usa frequentemente a internet	Sim	Sim	Sim	Sim
Acessa sites de	Netflix, <i>e-mail</i> , universidade, Google, sinônimos	Google, Hotmail, YouTube, <i>sites</i> para baixar arquivos, <i>sites</i> de pesquisas, acadêmicos, revistas, jornais, periódicos	Facebook, <i>e-mail</i> , <i>sites</i> relacionados ao trabalho e estudos	Sites de cursos, <i>e-mail</i> , Skype, Facebook

(conclusão)

Identificação	PR01	PR02	PR03	PR04
Assiste a filmes e seriados na TV	Sim. 1 vez por dia.	Sim. Final de semana.	Sim. 3 vezes por semana. Netflix.	Sim. 1 vez por semana.
Assiste a filmes no cinema, DVD ou computador	Computador uma vez por dia. Cinema uma vez por semana.	Computador e cinema. Final de semana.	Cinema 1 vez por mês, DVD 2 vezes por semana, computador nunca.	Cinema, 1 vez a cada 3 meses. No computador, 4 vezes por mês.
Hábitos mais frequentes: 1) Filmes dublados 2) Filmes legendados em português 3) Filmes sem legenda 4) Filmes legendados na língua original	Mais frequente (3) (2) (4) (1) Menos frequente	Mais frequente (2) (3) (4) (1) Menos frequente	Mais frequente (2) (1) (4) (3) Menos frequente	Mais frequente (3) (2) (1) (4) Menos frequente
Já participou de curso sobre cinema	Sim	Sim	Leu muito, mas não fez curso	Sim

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Resumo do perfil dos participantes novatos

(continua)

Identificação	NV01	NV02	NV03	NV04
Idade	22	20	22	27
Nível acadêmico	Graduada	Graduando	Graduando	Graduada
Experiência com AD	2 anos	1 ano e meio	2 anos	2 anos
Cursos de AD	Não	Sim	Sim	Sim
Experiência com ensino de AD	Não	Sim. Minicurso de 2 horas.	Não	Não
Interesse na área de tradução	Acadêmico	Acadêmico e Profissional	Acadêmico e Profissional	Acadêmico e Profissional
Cursou disciplinas de tradução	Sim. Na graduação.	Não	Sim. Na graduação.	Sim. Na graduação.
Trabalhos profissionais como audiodescritor	Não	Não. Só como bolsista.	Não	Não. Só como bolsista.
Remuneração como audiodescritor	Não	Sim. Como bolsista. Menos de 1 mês antes da coleta. Imagens estáticas.	Não.	Sim. Como bolsista. Menos de 1 mês antes da coleta. Imagens estáticas.
Elabora ADs com que frequência	Esporadicamente (não remunerado)	Sempre, por causa da bolsa.	Apenas duas para disciplinas da graduação.	Sempre, por causa da bolsa.

(conclusão)

Identificação	NV01	NV02	NV03	NV04
Usa o computador para	Trabalho e estudo	Trabalho e estudo	Assistir séries e estudar	Trabalho, estudo e redes sociais.
Usa frequentemente a internet	Sim	Sim	Sim	Sim
Acessa sites de	Netflix, Youtube, e-mail, jornais	Uece, Gmail, Google, Folha de São Paulo, Facebook, YouTube	Facebook, Twitter, Netflix, e-mail	Facebook, globo.com, Netflix, e-mail, sites de humor
Assiste a filmes e seriados na TV	Sim. Final de semana.	Não	Às vezes. 1 vez por mês.	Não
Assiste a filmes no cinema, DVD ou computador	Final de semana	Cinema 1 vez por mês. Computador 1 vez por dia.	Cinema 3 vezes por mês. DVD 3 vezes por mês. Computador todo dia.	Cinema 2 vezes por mês. DVD raro. Computador 3 vezes por semana.
Hábitos mais frequentes: 1) Filmes dublados 2) Filmes legendados em português 3) Filmes sem legenda 4) Filmes legendados na língua original	Mais frequente (4) (2) (3) (1) Menos frequente	Mais frequente (2) (3) (4) (1) Menos frequente	Mais frequente (2) (1) (4) (3) Menos frequente	Mais frequente (2) (1) (4) (3) Menos frequente
Já participou de curso sobre cinema	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser notado, a diferença no tempo de estudos na área entre os profissionais e novatos é de, no mínimo seis anos. Mesmo os profissionais que não atuam tanto no mercado estão sempre envolvidos com roteiros seja no ensino ou na pesquisa. Já os novatos, mesmo os que são bolsistas de iniciação científica, distribuem sua atenção entre outras pesquisas do grupo, como a legendagem e AD de imagens estáticas.

4.3.4 Variáveis

Como dito anteriormente, a variável independente, ou variável a ser manipulada, foi a experiência do audiodescritor, ou seja, se o participante tem um perfil de profissional ou de novato. Inicialmente os participantes foram alocados em cada grupo com relação ao tempo que estudam audiodescrição e se já elaboraram ou não audiodescrições profissionalmente.

Já as variáveis dependentes, ou variáveis estudadas de acordo com a manipulação das variáveis independentes, foram: o tempo utilizado pelos participantes para realizar toda a tarefa de tradução e o tempo utilizado para cada uma das três fases da tradução (orientação, redação e revisão); as fixações dos participantes nas fases e nas áreas de interesse: número e duração dessas fixações nas áreas de trabalho durante o processo de elaboração do roteiro; número de pesquisas na fase redação e tempo despendido nessas pesquisas; o número de inserções de descrições de cada participante; caracteres por segundo das inserções; a quantidade de palavras totais e distintas nos roteiros; a percentagem de elementos considerados importantes contemplados nos roteiros; a percentagem de tempo disponível no filme para inserir descrições e que foi aproveitado pelos participantes; e a quantidade de etiquetas presente nos roteiros após análise dos mesmos, conforme será visto na seção 4.3.5.4. Na seção 4.4.3, apresento as medidas dessas variáveis e a parametrização delas.

4.3.5 Procedimentos

As técnicas de coleta de dados utilizadas, baseadas na metodologia de Pagano, Alves e Araújo (2011), foram questionários pré e pós-coleta, *screen logging* da produção do roteiro de AD através do *Tobii Studio* e protocolos retrospectivos coletados após a finalização da elaboração da AD. Optei por não utilizar um *software* de *key logging*, pois, como será visto no capítulo 5, a maior parte do tempo da realização da tarefa é dedicada à visualização do filme e leitura das descrições elaboradas, havendo, por isso, muitas pausas longas sem atividade no teclado. Além disso, o próprio *Tobii Studio* permite acesso aos dados das teclas pressionadas. Os resultados foram comparados por grupos de perfis em busca de semelhanças e diferenças no desempenho entre os grupos e entre os participantes

de um mesmo grupo. Além disso, o filme foi analisado e os roteiros produzidos durante a tarefa foram analisados e comparados em busca de padrões textuais.

4.3.5.1 Procedimentos éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará, instituição à qual a pesquisa está vinculada, parecer número: 1.520.420 (Anexo C). Todos os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Apêndice A, registrado no Comitê de Ética.

4.3.5.2 Análise do filme

O filme foi assistido diversas vezes por esta pesquisadora e foi elaborada uma sinopse mais detalhada, tentando ressaltar elementos visuais que considere importantes para a narrativa e, por isso, deveriam estar presentes no roteiro de AD. Para isso, procurei pelos elementos apontados por Jiménez Hurtado (2007) e Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010) como sendo os mais recorrentes nos roteiros analisados nas referidas pesquisas. Além disso, levei em conta como esses elementos se relacionam com o enredo do filme, ações e falas dos personagens, conforme sinaliza Salway (2007).

O filme foi dividido em nove cenas. Retirei *frames* de cada cena para melhor analisar, fiz interpretações dos elementos dos *frames* com a história narrada no filme e elaborei a legendagem, Apêndice F, para ter também as falas do filme para comparar imagens e diálogos. Com base nessas análises, procurei indicar o que deveria ser priorizado no roteiro de AD e a duração de cada cena para que isso pudesse ser feito. No Apêndice E, apresento essa análise e resultados.

4.3.5.3 Coleta de dados

Individualmente, cada participante foi convidado a participar da pesquisa e foi-lhe explicado que deveria elaborar o roteiro de AD para um filme de cinco minutos. Tal roteiro deveria estar o mais próximo possível de uma versão final para ser gravada e disponibilizada ao público-alvo. Em seguida, assinou o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido e respondeu ao questionário pré-coleta oralmente. Antes do início do rastreamento, cada participante foi posicionado a uma distância de aproximadamente 64 cm do monitor. O próprio *Tobii Studio* mostra a distância entre o participante e o rastreador. A cadeira na qual o participante se sentou é do tipo fixa, que não permite que o participante gire durante o rastreamento.

Em seguida, foi realizada a calibragem, que é uma espécie de preparação do equipamento para produzir medidas de confiança. Como cada pessoa possui características próprias no olho, essa etapa é necessária para que o *software* elabore um mapeamento do olhar personalizado de cada participante da pesquisa, para que os dados sejam os mais precisos possíveis. Para isso, os participantes foram instruídos a olhar para um círculo vermelho com um ponto em seu centro, que é mostrado na tela do monitor, gerado pelo *Tobii Studio*. O círculo percorre a tela até se fixar na extremidade superior, à esquerda e à direita, na extremidade inferior, à esquerda e à direita, e no centro da tela. Essa movimentação dura pouco mais de 20 segundos, e o percurso é aleatório. Utilizou-se a calibração de cinco pontos por ser a opção das demais pesquisas elaboradas pelo grupo de pesquisa. O próprio *software* avalia se a calibragem foi bem-sucedida ou não.

Imaginava que a tarefa poderia durar mais de duas horas. Para diminuir o cansaço por parte do participante, este podia realizar pausas durante o processo e, quando decidisse, retornaria à realização da tarefa, passando por uma nova calibragem. Apenas um profissional e um novato realizaram pausas, e não analisei o processo desse novato porque a percentagem de dados válidos dele foi baixa. Também foi informado que os participantes poderiam utilizar qualquer programa do computador e realizar pesquisas *online* caso achassem necessário.

Os participantes então visualizaram um texto com instruções iniciais. As principais instruções passadas foram com relação a onde encontrar o vídeo que deveria ser audiodescrito e qual tecla pressionar para parar a coleta de dados, para fazer uma pausa ou após terminar a tarefa. Além disso, havia instruções informando que o participante deveria audiodescrever como de costume, lembrando-se de que, ao final da tarefa, o roteiro deveria estar pronto para ser gravado. Todos audiodescreveram o filme utilizando o *software* de legendagem *Subtitle Workshop*. Tudo o que o participante fez no computador foi registrado pelo *software Tobii Studio*, que, em conjunto com o rastreador ocular, Tobii TX300, também registra o movimento ocular. Isso foi possível com o estímulo *screen recording* do *software*.

Após o término da tarefa de audiodescrição, os participantes responderam a perguntas específicas feitas sobre seu processo e, em alguns casos, assistiram a trechos do próprio processo, por meio da opção de *replay* ou repetição do *Tobii Studio*, e comentaram livremente sobre a elaboração do roteiro, além de responderem a perguntas relativas ao mesmo, como explicado na seção 4.3.3.3 referente ao relato retrospectivo. Ao final, os participantes responderam ao questionário pós-coleta e foram instruídos a não comentar sobre a pesquisa com os colegas do grupo. Também foi perguntado, após a tarefa, se os participantes já haviam assistido ao filme utilizado antes, obtendo resposta negativa com todos os participantes.

4.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Nesta seção, são detalhados os procedimentos seguidos para analisar tanto o processo tradutório quanto o produto final, os roteiros de AD. A análise do processo foi feita através da descrição do fluxo de trabalho e da distribuição da atenção dos participantes. A análise do produto foi feita através da comparação entre os roteiros e o filme e da análise da etiquetagem.

4.4.1 Do processo

Primeiramente, analisei e comparei o tempo total para realização da tarefa, identifiquei as três fases do processo de tradução encontradas nos estudos de Jakobsen (2002) e de Pagano, Alves e Araújo (2011) e descrevi o fluxo de trabalho dos participantes em cada fase em busca de padrões e identificação de estratégias tradutórias. Em seguida, analisei a distribuição da atenção dos participantes pelas diversas subtarefas que compõem o processo de elaboração de um roteiro de AD, analisando as fixações dos participantes em cada área referente a cada subtarefa. Essas duas análises foram aplicadas às fases de redação e revisão do processo tradutório.

4.4.1.1 Fluxo de trabalho

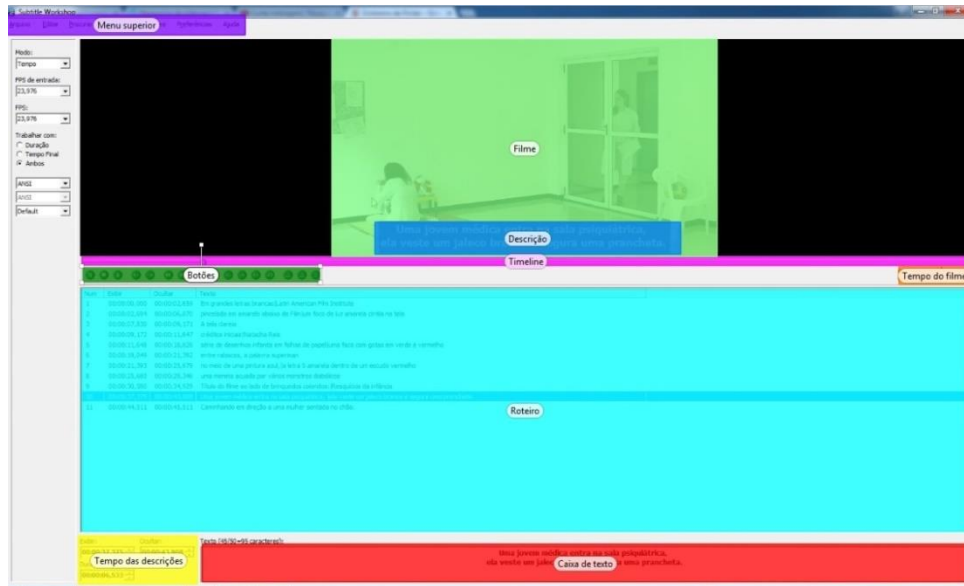
Para realizar essa análise, utilizei os dados do rastreador referentes à duração total da tarefa de cada participante e assisti, através da função *replay* do *Tobii Studio*, a todo o processo tradutório de cada participante, buscando identificar as fases de orientação, redação e revisão (JAKOBSEN, 2002; PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011). Após identificar as fases e a duração das mesmas, descrevi-as resumidamente e comparei os tempos dos participantes em busca de indícios de que a experiência dos profissionais se refletisse nesses tempos.

Em seguida, observei e descrevi com mais detalhes o comportamento dos participantes durante cada uma das fases identificadas, em busca de padrões e estratégias tradutórias. Observaram-se as pesquisas realizadas e os problemas tradutórios e técnicos enfrentados pelos participantes. Novamente, a análise foi baseada na função *replay* do *Tobii Studio*. Sempre que possível, incluí trechos dos relatos nas análises.

4.4.1.2 Distribuição da atenção

Nesta etapa, analisei a quantidade e duração das fixações dos participantes durante as fases de elaboração do roteiro. Para isso, criei cenas no *Tobii Studio* para separar cada fase e os momentos nos quais os participantes estavam realizando pesquisas ou elaborando textos que não fossem do roteiro de AD. Depois, criei áreas de interesse referentes às principais subtarefas do processo de elaboração de um roteiro de AD. A Figura 9 esboça essas áreas de interesse (Aoi).

Figura 9 – Áreas de interesse delimitadas no *Subtitle Workshop*



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.

De cima para baixo e da esquerda para a direita, as Aol são:

1. Menu superior – Contempla algumas opções que podem ser utilizadas durante a tarefa, como carregar o filme ou o arquivo com o roteiro e salvar esse arquivo.
2. Filme – Área onde o filme é visualizado.
3. Descrição – Espaço onde as descrições já elaboradas são visualizadas como se fossem legendas em cima do filme. Geralmente o audiodescritor lê essa descrição com o filme rodando para monitorar a possibilidade ou não de aquela descrição ser lida no tempo alocado para ela.
4. *Timeline* – Barra de tempo do filme onde é possível avançar ou retroceder o filme.
5. Botões – É onde estão os botões que dão *play*, param ou pausam o filme, que marcam o tempo de início e de término das descrições, entre outros.
6. Tempo do filme – Local onde é possível visualizar o tempo total e o tempo decorrido de filme.
7. Roteiro – Lista com todas as descrições já elaboradas e seus tempos de início e de término.

8. Tempo das descrições – Tempo de início, término e duração da descrição selecionada. Pode ser usado para adicionar ou reduzir a duração de uma descrição modificando-se o tempo de início e/ou término da mesma.
9. Caixa de texto – Local onde o texto de cada descrição é elaborado.

O próprio *Tobii Studio* fornece a quantidade e a duração das fixações em cada uma dessas Aol. A seguir, apresento a metodologia de análise do produto.

4.4.2 Do produto

A análise do produto, o roteiro elaborado pelos participantes, teve duas fases distintas. Na primeira, comparei as descrições elaboradas com a análise do filme. Na segunda, etiquetei os roteiros e analisei essas etiquetas. Nas próximas seções, cada fase será mais bem explicada.

4.4.2.1 Comparação dos roteiros e filme

Como dito anteriormente, foi realizada uma análise das cenas do filme para identificar os elementos mais importantes em cada cena e que se esperava encontrar nos roteiros de AD. Essa análise completa pode ser vista no Apêndice E. O filme foi dividido em nove cenas. Exportei *frames* das cenas a cada um segundo de filme e descrevi cada elemento do frame e como esses elementos ajudavam a compor a narrativa. O Quadro 6 mostra a lista com esses elementos.

Quadro 6 – Lista de elementos importantes de cada cena

(continua)

Cena	Elementos mais importantes
Cena 01: Logo da produtora	Nome do instituto responsável pelo filme.
	Características do logo do instituto.
	Transições.

(continuação)

Cena	Elementos mais importantes	
Cena 02: Créditos iniciais	Título do filme.	
	Nome dos atores.	
	Desenhos que remetem às cenas que virão.	Gotas verdes caindo sobre uma faca e gotas vermelhas caindo da faca. Desenho do símbolo do Superman. Lápis de cera.
	Desenhos que dão dicas sobre o filme.	Figura feminina de cabelo cor de rosa, vestindo uma roupa branca e o nome Maria acima dela.
	Desenhos que dão dicas sobre o desfecho.	Desenho de uma figura feminina, com cabelo cor de rosa, no centro, cercado por três monstros pretos com chifres. Desenho de uma figura feminina, com cabelo cor de rosa, no centro, cercada por pessoas rindo dela.
	O robô jogador de futebol americano.	
	Transição de cena.	
	Outros desenhos.	
	A mesa de plástico onde os brinquedos estão.	
	O quadro onde os desenhos estão pendurados.	
	Cena 03: Roberta	<p>Ação da Dra. Maria de entrar na sala. Dra. Maria veste jaleco. Dra. Maria segura uma prancheta. Dra. Maria caminha em direção a uma pessoa. Lê as informações que nos passa nos papéis em sua prancheta. Roberta brinca com uma boneca. Dra. Maria acaricia o cabelo e rosto de Roberta. Dra. Maria caminha em direção a outro paciente. Características físicas da Dra. Maria. Características físicas de Roberta. Descrição da sala. Transição entre as cenas.</p>
	Cena 04: Marcos	<p>Dra. Maria se abaixa para falar com outro paciente. Marcos está sob uma mesa. Posição corporal de Marcos. Dra. Maria tenta tranquilizar Marcos. Dra. Maria caminha em direção a outro paciente. Características físicas de Marcos. Vestimentas de Marcos.</p>
Cena 05: Augusto	<p>Vestimenta de Augusto. Augusto voa pela sala. Descrição do desenho que Augusto fez. Augusto desenha. Interação da médica com Augusto. Dra. Maria se dirige a outro paciente. Quadro na parede com desenhos. Brinquedos espalhados pela sala.</p>	

(conclusão)

Cena	Elementos mais importantes
Cena 06: Eduardo	Descrição de Eduardo. Localização de Eduardo na janela. Eduardo espanta alguém através da janela. Eduardo aponta para o lado de fora da janela. A médica aponta para o lado de fora. A médica lê o prontuário. Eduardo procurando/se protegendo de algo na janela. Descrição da roupa de Eduardo.
Cena 07: Desfecho	Médica se afasta de Eduardo. Médica olha os prontuários. Médica fica agitada. Efeitos que indicam confusão mental. Pacientes se aproximam dela. Médica fica encurralada. Médica se agacha. Médica derruba as coisas que segurava. Alguém se aproxima com uma faca. Médica está deitada no chão. Roberta aplica a injeção na médica. Tela branca. Médica não está mais de jaleco. Marcos e Augusto a ajudam a sentar. Localização dos personagens no final da cena. Roberta está de jaleco. Marcos está de jaleco. Augusto não usa mais capa nem máscara. Descrição das roupas de Eduardo. Roberta faz anotações em sua prancheta. Descrição deles olhando para o espectador.
Cena 08: Créditos finais	Primeiros créditos. Desenho que mostra a médica e seu nome, Maria. Desenhos que remetem a cenas do filme (Superman e o exército). Menção aos desenhos. O tabuleiro de xadrez. As peças de xadrez. Desenhos que fazem referência a outros filmes. Créditos do roteiro de AD.
Cena 09: Aviso	Resumir a informação contida no texto sobre as regras de utilização da obra. Logo do instituto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Entendo que descrever todos os elementos aqui apontados poderia ser uma tarefa impossível. Porém, essa análise visava identificar se algum dos perfis de participantes contemplaria um maior número desses elementos.

Foram criados três tipos de identificadores para saber se o elemento estava presente nas descrições ou não. Quando o elemento havia sido descrito, utilizou-se o símbolo **O**; **X** indicava que não havia menção ao elemento no roteiro; e **-** indicava que o elemento havia aparecido no roteiro, mas não na cena onde indiquei.

Além dos elementos visuais, a análise do filme forneceu informações com relação aos tempos disponíveis, em cada cena, onde poderiam ser inseridas descrições. Foi comparada também a percentagem desse tempo aproveitado pelos participantes.

4.4.2.2 Etiquetagem dos roteiros

Os roteiros elaborados durante o estudo desta tese foram etiquetados e analisados com o objetivo de observar regularidades técnicas e discursivas entre roteiros elaborados por audiodescritores profissionais e novatos. A etiquetagem consiste em inserir, manualmente, etiquetas no arquivo de texto do roteiro. Essas etiquetas são adaptadas das etiquetas utilizadas no Projeto CAD_TV da UECE, mencionado na seção 3.4. Os roteiros foram abertos no *Bloco de Notas*, copiados e colados em um arquivo do *Word*, onde cada descrição foi lida, analisada e etiquetada conforme as etiquetas que serão apresentadas a seguir.

4.4.2.2.1 Etiquetas técnicas

Para observar regularidades técnicas, os roteiros receberam as seguintes etiquetas:

Quadro 7 – Lista de etiquetas técnicas

Etiquetas técnicas	
Descrição	Etiqueta
Número da inserção da audiodescrição	<AD1>
Tempos inicial e final de cada inserção	<t>
Número de caracteres por segundo na inserção	<cps>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como exemplo da utilização dessas etiquetas e dos dados gerados, pode-se ter a seguinte inserção já etiquetada.

Figura 10 – Exemplo de etiqueta técnica

```
<AD19> 19
<t> 00:02:03,189 --> 00:02:05,249
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> volta a desenhar.
<cps> 12,13
```

Fonte: Captura de tela do bloco de notas.

A etiqueta <AD19> informa que esta é a inserção de descrição número 19, ou seja, antes dela já houve 18 inserções. Isso não quer dizer que houve 18 descrições, porque em uma inserção pode haver várias descrições, dependendo de como o audiodescritor elabore seu roteiro. Porém, ao final, a etiqueta informou quantas inserções foram feitas e foi possível comparar o número total de inserções feitas pelo audiodescritor.

A etiqueta <t> informa o tempo do filme no qual a descrição deve começar e terminar, ou seja, o tempo que o audiodescritor achou necessário para a sua descrição ser narrada. No caso do exemplo acima, o tempo foi de 2 segundos e 60 milissegundos.

A etiqueta <cps> informa o número de caracteres utilizados na descrição dividido pela duração da descrição, etiqueta <t>. Com esse dado, é possível comparar, por exemplo, se os audiodescritores novatos elaboram descrições mais rápidas, que precisam ser faladas com uma velocidade maior, do que os profissionais, ou seja, identificar se um dos perfis de audiodescritores aloca mais tempo para a narração do que outro. Por exemplo, a descrição acima, que dura 2 segundos e 240 milissegundos, possui 25 caracteres na frase “Augusto volta a desenhar.”. Essa quantidade de caracteres é mostrada no próprio *Subtitle Workshop* e considera, além das letras, os espaços e pontuações. Logo, 25 caracteres divididos por 2 segundos e 60 milissegundos dá uma velocidade de 12,13 caracteres por segundo. Entende-se que este é um cálculo utilizado para a legendagem, mas acho interessante medi-lo mesmo assim, pois seria impossível visualizar essa diferença entre os roteiros através de análises das gravação dos mesmos.

4.4.2.2 Etiqueta cinematográfica

A etiqueta <LC> identifica descrições que recriam verbalmente a linguagem cinematográfica. A Figura 11 apresenta exemplos dessa etiquetagem.

Figura 11 – Exemplo de etiqueta cinematográfica

<AD3> 3 <t> 00:00:07,830 --> 00:00:09,171 <LC> A tela clareia <cps> 10,44
<AD29> 29 <t> 00:03:13,154 --> 00:03:16,495 <LC> Em imagens duplicadas, <PERS_IDENT_PROF> a médica, <ACAO> chora, <ACAO> se contorce e <ACAO> se deita <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão. <cps> 20,95

Fonte: Captura de tela do bloco de notas.

Nos exemplos tem-se, respectivamente, a recriação de uma transição de cena, “A tela clareia”, e a descrição de um efeito de montagem, “Em imagens duplicadas, a médica, chora, se contorce e se deita no chão”. Com essa etiqueta, é possível perceber se algum dos perfis recria a linguagem de câmera mais do que o outro e como essa recriação é transmitida para o público.

4.4.2.2.3 Etiqueta gramatical

Verbos que expressam ações realizadas no filme foram identificados com a etiqueta <ACAO>. A Figura 12 mostra um exemplo desse tipo de descrição.

Figura 12 – Exemplo de etiqueta gramatical

<AD35> 35 <t> 00:03:50,129 --> 00:03:51,803 <PERS_IDENT_PRON> Eles se <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> afastam. <cps> 9,55

Fonte: Captura de tela do bloco de notas.

A análise da frequência com que essa etiqueta aparece pode mostrar se algum dos dois perfis de audiodescritores tende a elaborar uma AD mais focada nas ações ou nos detalhes.

4.4.2.2.4 Etiquetas narratológicas

A seguir são apresentadas as descrições e as etiquetas da categoria narratológica. Essas etiquetas identificam descrições de elementos visuais verbais,

quaisquer textos escritos que aparecem no filme, e elementos visuais não verbais, descrições referentes aos personagens e à ambientação.

Quadro 8 – Lista de etiquetas narratológicas

(continua)

Narratológica	
Elementos visuais verbais	
Descrição	Etiqueta
Créditos do filme	<CRED>
Inserções textuais	
❖ Letreiros/placas	<INS_LET>
❖ Legendas	<INS_LEG>
❖ Intertítulos	<INS_INT>
Elementos visuais não verbais	
Descrição	Etiqueta
Personagem	
❖ Identificação	<PERS_IDENT>
✓ Nome	<PERS_IDENT_NOME>
✓ Pronome	<PERS_IDENT_PRON>
✓ Gênero (homem, mulher)	<PERS_IDENT_GEN>
✓ Idade (criança, jovem, idoso etc.)	<PERS_IDENT_CF_ID>
✓ Profissão	<PERS_IDENT_PROF>
✓ Título (posição ou cargo social ou religioso, parentesco etc.)	<PERS_IDENT_TIT>
❖ Características físicas	
✓ Etnia (negro, branco, oriental etc.)	<PERS_CF_ET>
✓ Aspecto concreto permanente (olhos, cabelos, altura, pele etc.)	<PERS_CF_ASPC_PERM>
✓ Aspecto concreto momentâneo (com o rosto borrado de batom)	<PERS_CF_ASPC_MOM>
✓ Aspecto subjetivo (feio, bonito, elegante, maltrapilho, sujo etc.)	<PERS_CF_ASPTS>
❖ Figurino (roupas, calçados, acessórios etc.)	<PERS_FIG>
❖ Expressão facial	<PERS_EXPFAC>
❖ Linguagem corporal (gestos, advérbios que descrevam o modo como ação é realizada)	<PERS_LINCORP>
❖ Estado emocional (verbo, adjetivo ou locução adjetiva que descreva a emoção ou o sentimento do personagem em dada circunstância)	<PERS_EEMOC>
❖ Estado mental: pensativo, reflexivo, concentrado, atento etc.	<PERS_EMENT>

(conclusão)

Narratológica	
Ambientação	
❖ Cenário	
✓ Localização	
✦ Espacial	<AMB_CEN_LOC_ESP>
• Interior	<AMB_CEN_LOC_ESP_IN>
• Exterior	<AMB_CEN_LOC_ESP_EX>
✦ Temporal	<AMB_CEN_LOC_TEMP>
Descrição	Etiqueta
✓ Distribuição	
✦ Personagem	<AMB_CEN_DIST_PERS>
✦ Objeto cênico	<AMB_CEN_DIST_OBJ>
✓ Descrição	
❖ Interior	<AMB_CEN_DESC_IN>
❖ Exterior	<AMB_CEN_DESC_EX>
❖ Objeto cênico	<AMB_OBJ>
❖ Iluminação	<AMB_ILUM>
❖ Cor	<AMB_COR>

Fonte: Elaborado pela autora.

A presença dessas etiquetas pode, por exemplo, mostrar se algum dos perfis de audiodescritores tende a identificar os personagens pelo nome, pela profissão, pelo figurino ou por outras características. Também é possível notar se o ambiente é priorizado por um perfil e não pelo outro. A seguir, vê-se um exemplo de roteiro com algumas dessas etiquetas.

Figura 13 – Exemplo de etiquetas narratológicas

<AD1> 1 <t> 00:00:00,000 --> 00:00:02,659 <CRED> Em grandes letras brancas Latin American Film Institute <cps> 20,31
<AD4> 4 <t> 00:00:09,172 --> 00:00:11,647 <AMB_OBJ_DESC> Um pequeno e <AMB_OBJ_DESC> colorido <AMB_OBJ> jogador de futebol americano de brinquedo. <cps> 25,86

Fonte: Captura de tela do bloco de notas.

O primeiro exemplo mostra a descrição do logo da produtora do filme. O segundo, o jogador de futebol americano de brinquedo é identificado como sendo um objeto do cenário pela etiqueta <AMB_OBJ>. Já quanto às características dele, pequeno e colorido seriam descrições desse objeto, identificadas pela etiqueta

<AMB_OBJ_DESC>. Essa análise, por exemplo, pode mostrar se os profissionais tendem a dar detalhes dos objetos com mais frequência do que os novatos.

Após a etiquetagem uma pesquisadora do projeto CAD_TV fez a revisão dos roteiros etiquetados, sanando dúvidas ainda existentes. Uma vez etiquetados e revisados, os roteiros foram salvos em formato txt e analisados com o *WordSmith Tools 6.0*, com a ferramenta *Concord*. A Figura 14 mostra a busca pela etiqueta <LC> no roteiro etiquetado de PR01, ou seja, as descrições etiquetadas como sendo recriações da linguagem cinematográfica.

Figura 14 – Busca pela etiqueta <LC> no roteiro de PR01 no WordSmith Tools

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sem	Sem	Pare	Para	Hea	Hea	Sec	Sec	File	Date	%
1	3 00:00:07,830 --> 00:00:09,171 <LC> A tela clareia 10,44 4 00:00:			54	0	23	0	5%			0	5%	PR01 etiquet	2016/out/27	5%
2	29 00:03:13,154 --> 00:03:16,495 <LC> Em imagens duplicadas, a			672	16	33	0	64%			0	64%	PR01 etiquet	2016/out/27	64%
3	5 00:00:11,648 --> 00:00:18,826 <LC> série de desenhos infantis em			88	0	37	0	8%			0	8%	PR01 etiquet	2016/out/27	8%
4	33 00:03:34,369 --> 00:03:35,650 <LC> A tela fica branca. 14,83 34 00:			791	21	71	0	75%			0	75%	PR01 etiquet	2016/out/27	76%
5	:01:54,094 Augusto ergue os punhos e <LC> finge sobrevoar a sala 19,77 18			393	6	33	0	37%			0	37%	PR01 etiquet	2016/out/27	37%
6	--> 00:02:40,999 Eduardo irritado <LC> nos olha e se comprime contra			531	11	73	0	50%			0	50%	PR01 etiquet	2016/out/27	51%
7	04:18,255 Créditos finais selecionados <LC> sobrepostos nos desenhos			932	28	10	0	88%			0	88%	PR01 etiquet	2016/out/27	89%
8	:13,290 Marcos veste um jaleco. Todos <LC> nos olham atentos. 5,50 39 00:			914	27	44	0	87%			0	87%	PR01 etiquet	2016/out/27	87%

Fonte: Captura de tela do WordSmith Tools.

<LC>: Linguagem de câmera; PR01: participante profissional 01.

Esta tese foca apenas na análise quantitativa de ocorrências das etiquetas anteriormente mencionadas. Para isso, apresentam-se os valores absolutos da frequência dessas etiquetas, o percentual (%) de ocorrência e o Coeficiente de Frequência Simples (CFS) (SILVA, 2014)³⁸. Como cada roteiro possui uma quantidade diferente de palavras, foi necessário calcular o CFS com o qual essas etiquetas apareciam dividindo a quantidade de ocorrência de cada etiqueta pelo número total de palavras de cada roteiro e multiplicando esse valor por 100 para ter uma noção melhor da frequência de ocorrência considerando os *corpora* de tamanhos diferentes. Ou seja, foram comparados os dados dos participantes em função da quantidade de etiquetas a cada 100 palavras produzidas.

³⁸ Em Silva (2014), esse cálculo é chamado de Índice de Frequência Simples (IFS).

4.4.3 Análises estatísticas

Para verificar se os grupos de profissionais e novatos eram diferentes, tanto em termos de processo quanto de produto, foi necessário parametrizar vários dados, como o relatado acima com os resultados das ocorrências das etiquetas. O Quadro 9 apresenta uma síntese do tratamento das diversas variáveis analisadas, observadas tanto no processo quanto no produto, tais como o nome da variável, sua descrição e a medida utilizada nas análises estatísticas. Note-se que o nome da variável foi uma escolha minha, que simplifica mas não a descreve exatamente.

Quadro 9 – Parametrização das variáveis

(continua)

Natureza	Nome da variável	Descrição	Medida de estudo da variável
Processo	Tempo total	Tempo total de execução da tarefa	Valor absoluto
Processo	Tempo de instrução	Tempo de execução da tarefa durante a fase de instrução	Proporção: valor absoluto do tempo de instrução/tempo total observado
Processo	Tempo de orientação	Tempo de execução da tarefa durante a fase de orientação	Proporção: valor absoluto do tempo de orientação/tempo total observado
Processo	Tempo de redação	Tempo de execução da tarefa durante a fase de redação	Proporção: valor absoluto do tempo de redação/tempo total observado
Processo	Tempo de revisão	Tempo de execução da tarefa durante a fase de revisão	Proporção: valor absoluto do tempo de revisão/tempo total observado
Processo	Nº de fixações durante a redação	Número total de fixações durante a fase de redação	Razão: número absoluto de fixações durante a redação/tempo de redação em valores absolutos
Processo	Nº de fixações durante a revisão	Número total de fixações durante a fase de revisão	Razão: número absoluto de fixações durante a revisão/tempo de revisão em valores absolutos
Processo	Nº de fixações no filme , durante a redação	Número total de fixações na área de interesse filme , durante a fase de redação	Proporção: número absoluto de fixações no filme , durante a redação*100/número absoluto de fixações durante a redação
Processo	Nº de fixações no filme , durante a revisão	Número total de fixações na área de interesse filme , durante a fase de revisão	Proporção: número absoluto de fixações no filme , durante a revisão*100/número absoluto de fixações durante a revisão
Processo	Nº de fixações na caixa de texto , durante a redação	Número total de fixações na área de interesse caixa de texto , durante a fase de redação	Proporção: número absoluto de fixações na caixa de texto , durante a redação*100/número absoluto de fixações durante a redação

(continuação)

Natureza	Nome da variável	Descrição	Medida de estudo da variável
Processo	Nº de fixações na caixa de texto , durante a revisão	Número total de fixações na área de interesse caixa de texto , durante a fase de revisão	Proporção: número absoluto de fixações na caixa de texto , durante a revisão*100/número absoluto de fixações durante a revisão
Processo	Nº de fixações no roteiro , durante a redação	Número total de fixações na área de interesse roteiro , durante a fase de redação	Proporção: número absoluto de fixações no roteiro , durante a redação*100/número absoluto de fixações durante a redação
Processo	Nº de fixações no roteiro , durante a revisão	Número total de fixações na área de interesse roteiro , durante a fase de revisão	Proporção: número absoluto de fixações no roteiro , durante a revisão*100/número absoluto de fixações durante a revisão
Processo	Nº de fixações na descrição , durante a redação	Número total de fixações na área de interesse descrição , durante a fase de redação	Proporção: número absoluto de fixações na descrição , durante a redação*100/número absoluto de fixações durante a redação
Processo	Nº de fixações na descrição , durante a revisão	Número total de fixações na área de interesse descrição , durante a fase de revisão	Proporção: número absoluto de fixações na descrição , durante a revisão*100/número absoluto de fixações durante a revisão
Processo	Duração das fixações durante a redação	Duração média das fixações durante a fase de redação	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações durante a revisão	Duração média das fixações durante a fase de revisão	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações no filme , durante a redação	Duração média das fixações na área de interesse filme , durante a fase de redação	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações no filme , durante a revisão	Duração média das fixações na área de interesse filme , durante a fase de revisão	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações na caixa de texto , durante a redação	Duração média das fixações na área de interesse caixa de texto , durante a fase de redação	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações na caixa de texto , durante a revisão	Duração média das fixações na área de interesse caixa de texto , durante a fase de revisão	Valor absoluto

(continuação)

Natureza	Nome da variável	Descrição	Medida de estudo da variável
Processo	Duração das fixações no roteiro , durante a redação	Duração média das fixações na área de interesse roteiro , durante a fase de redação	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações no roteiro , durante a revisão	Duração média das fixações na área de interesse roteiro , durante a fase de revisão	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações na descrição , durante a redação	Duração média das fixações na área de interesse descrição , durante a fase de redação	Valor absoluto
Processo	Duração das fixações na descrição , durante a revisão	Duração média das fixações na área de interesse descrição , durante a fase de revisão	Valor absoluto
Processo	Nº de pesquisas durante a redação	Número de pesquisas realizadas durante a fase de redação	Razão: número de pesquisas na fase redação*100/tempo de redação em valores absolutos
Processo	Tempo total de pesquisa durante a redação	Tempo total dedicado às pesquisas durante a fase de redação	Proporção: tempo total de pesquisas durante a redação*100/tempo de redação em valores absolutos
Produto	Nº de inserções	Número de delimitações, estabelecidas pelo participante, de tempo das descrições	Valor absoluto
Produto	Nº de palavras	Número de palavras do roteiro final	Valor absoluto
Produto	Nº de palavras distintas	Número de palavras distintas do roteiro final	Valor absoluto
Produto	Média dos caracteres por segundo (Mcps)	Velocidade média para leitura das descrições do roteiro	Razão: Total de caracteres por segundo do roteiro/total de inserções do roteiro
Produto	Nº de etiquetas	Número total de etiquetas presentes no roteiro final em função do número total de palavras produzidas	Razão: número absoluto de etiquetas/número de palavras
Produto	Nº de etiquetas LC	Número de etiquetas de linguagem cinematográfica (LC) presentes no roteiro final	Proporção: número absoluto de etiquetas LC*100/número absoluto de etiquetas

(conclusão)

Natureza	Nome da variável	Descrição	Medida de estudo da variável
Produto	Nº de etiquetas AÇÃO	Número de etiquetas de verbos que expressam ações presentes no roteiro final	Proporção: número absoluto de etiquetas AÇÃO*100/número absoluto de etiquetas
Produto	Nº de etiquetas narratológicas	Número de etiquetas de elementos que descrevem aspectos narratológicos presentes no roteiro final	Proporção: número absoluto de etiquetas narratológicas*100/número absoluto de etiquetas
Produto	Nº de etiquetas de elementos visuais verbais	Número de etiquetas narratológicas da subcategoria elementos visuais verbais presentes no roteiro final	Proporção: número absoluto de etiquetas de elementos visuais verbais*100/número absoluto de etiquetas
Produto	Nº de etiquetas de personagens	Número de etiquetas narratológicas da subcategoria personagens presentes no roteiro final	Proporção: número absoluto de etiquetas de personagens*100/número absoluto de etiquetas
Produto	Nº de etiquetas de ambientação	Número de etiquetas narratológicas da subcategoria ambientação presentes no roteiro final	Proporção: número absoluto de etiquetas de ambientação*100/número absoluto de etiquetas
Produto	Elementos contemplados	Elementos fílmicos considerados relevantes para as descrições (Apêndice E)	Valores absolutos
Produto	Tempo de AD	Tempo total das inserções elaboradas	Valor absoluto
Produto	Aproveitamento de AD	Aproveitamento dos tempos disponíveis no filme para inserir AD	Razão: Tempo de AD/Tempo disponível no filme para inserir AD

Fonte: Elaborado pela autora.

Alves, Pagano e Silva (2009, p. 279) levantam o questionamento com relação à comparação do número de fixações entre participantes com diferentes tempos de tarefa e propõem que essa comparação seja feita com o número de fixações proporcional ao tempo de tarefa. Aplicou-se esse raciocínio para calcular a proporção de tempo que cada participante passa em cada fase e o número de fixações em cada fase e em cada área de interesse.

Utilizou-se o programa estatístico *R* 3.3.3 para checar a normalidade dos dados observados através do teste Shapiro-Wilk. Para os dados normalizados, aplicou-se o teste de hipótese t de *Student* em busca de diferenças entre os grupos de participantes. Esse teste avalia se há diferenças consideradas significativas entre as médias de dois grupos distintos. Foi adotado o grau de liberdade igual a 6, valor resultado da soma dos participantes, 4 profissionais e 4 novatos, subtraindo 2, e o nível de significância de 5%, valor usualmente utilizado. Ou seja, se os cálculos de uma variável de teste retornarem como resultado um p-valor menor ou igual a 5% ou 0,05, significa que há diferença significativa entre os grupos de profissionais e novatos com relação àquela variável testada. O programa utilizado para essas análises foi o *Stata 11.0*.

Note-se, no entanto, que tive hipóteses diferentes para cada variável, sendo H_0 sempre que o grupo de profissionais e o grupo de novatos não eram diferentes. H_1 , ao contrário, que retrata minhas hipóteses, variou: na maioria das vezes, meu interesse foi somente verificar se havia diferença entre os grupos, e, nesse caso, tratando-se de um teste bicaudal (pois a diferença podia ser para mais ou para menos), o p-valor deve ser menor ou igual a 0,025 para ser considerado estatisticamente significativo. Nas demais situações, quando se desejou verificar se uma certa variável era maior em um dos grupos ou menor, sendo aplicado para cada situação um teste monocaudal, o p-valor deve ser menor ou igual a 0,05. O capítulo a seguir traz os resultados das análises aqui propostas.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, é apresentada a análise do estudo realizado com os participantes descrito na seção 4.3. Inicialmente, é apresentada a análise do processo tradutório e, em seguida, do produto resultante desse processo.

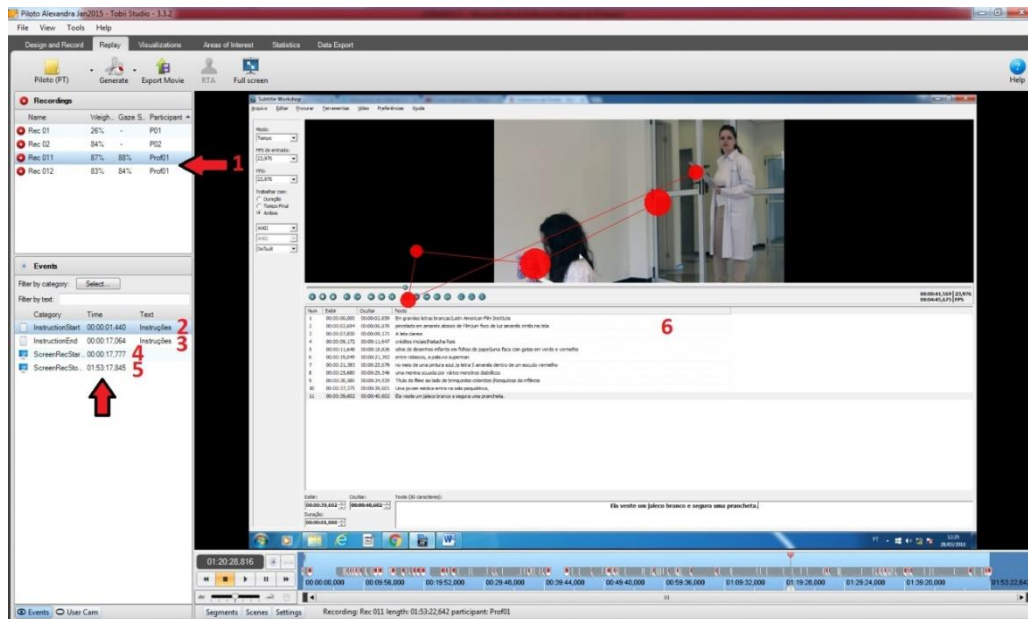
5.1 RESULTADOS DAS ANÁLISES DO PROCESSO

Nesta seção, serão descritos e analisados primeiramente os dados quantitativos referentes ao comportamento tradutório, como um todo, dos participantes. Em seguida, cada etapa do processo tradutório será analisada levando em consideração tanto os dados do rastreamento quanto as anotações da pesquisadora responsável sobre o comportamento dos participantes e as respostas dadas às perguntas feitas após o término da tarefa.

A Figura 15, que pode ser vista ampliada no Apêndice P, mostra a tela do *Tobii Studio* com os dados gravados da participante PR01 (profissional 01). A participante teve a tarefa dividida em duas partes, pois precisou de um intervalo. Como pode ser visto na figura, a validade dos dados chegou a 87% na primeira parte da tarefa e 83% na segunda parte da tarefa (marcação 1). Isso quer dizer que, mesmo olhando eventualmente para o teclado, o rastreador conseguiu registrar o olhar da participante durante mais de 80% do tempo total da realização da tarefa, que foi, na primeira parte, de 01:53:22³⁹ e, na segunda, de 01:17:41, totalizando 03:11:03. Houve um intervalo de aproximadamente 20 minutos entre as duas partes.

³⁹ Lê-se 01 hora, 53 minutos e 22 segundos.

Figura 15 – Visualização do processo de PR01



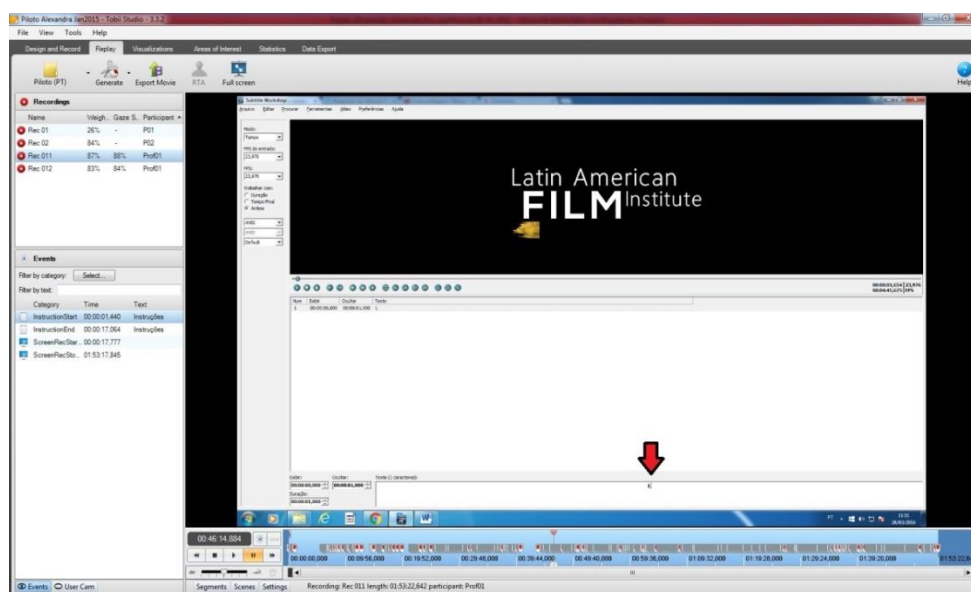
Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
PR01: participante profissional 01.

No início da tarefa, a participante leu as instruções já mencionadas na seção 4.3.5.3, e essa leitura durou quase 17 segundos. As marcações 2 e 3 são referentes, respectivamente, ao início da exibição da instrução e ao momento no qual a participante termina de lê-la e decide começar a tarefa apertando a barra de espaço do teclado. As marcações 4 e 5 são referentes ao começo e término do processo de tradução, neste caso, a elaboração de um roteiro de audiodescrição, que durou pouco mais de 1 hora e 53 minutos. A marcação 6 mostra a tela do computador da participante, que no momento estava utilizando o *Subtitle Workshop* (SW).

A fase de orientação teve início aos 17 segundos, quando a participante terminou de ler as instruções e abriu o vídeo, em um visualizador de vídeo, para assistir-lhe. Nessa fase, assim como acontece com a maioria dos participantes, a participante visualizou a área de trabalho do *Windows*, buscou a pasta onde o filme se encontrava, que foi informada nas instruções, assistiu ao filme até o final e, após assistir ao filme, a participante PR01 realizou diversas pesquisas na internet e elaborou um texto com dados sobre o filme em um arquivo do *Word*, como será visto da seção 5.1.2. Essa fase durou quase 46 minutos. Considerando que o filme possui apenas 5 minutos, boa parte dessa fase foi dedicada a essas outras atividades. Outras ações realizadas e que também são compartilhadas pelos outros

participantes foram abrir o SW, abrir o filme nele e criar um novo arquivo no SW no qual vai inserir suas descrições. A fase terminou no tempo 00:46:14, quando foi digitada a primeira tecla da primeira palavra da primeira descrição, que caracteriza o início da elaboração do roteiro⁴⁰. No caso desta participante, foi a tecla “L” para iniciar a primeira descrição, o nome da produtora do filme “*Latin American Film Institute*”, como mostra a Figura 16 (ampliada no Apêndice Q).

Figura 16 – Tela de visualização do *Tobii Studio*: Identificação do início da fase de redação



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.

A fase de redação durou do tempo 00:46:14 até o tempo 01:53:22, na primeira parte da tarefa (01:07:08) antes do intervalo, e mais 01:06:37 na segunda parte, após o intervalo, totalizando 02:13:45. Seu término, na segunda parte, foi marcado pelo retorno às primeiras descrições, quando a participante passou o *mouse* sobre algumas descrições e clicou em outras.

Depois dessa aparente pré-revisão, ela assistiu quase que ininterruptamente aos cinco minutos audiodescritos e realizou quatro modificações no roteiro, que serão descritas na seção 5.1.3. Esse comportamento caracteriza a fase de revisão, quando a audiodescritora checa se todas as inserções podem ser lidas, se há problemas de escrita ou se alguma descrição deve ser modificada. Nessa fase,

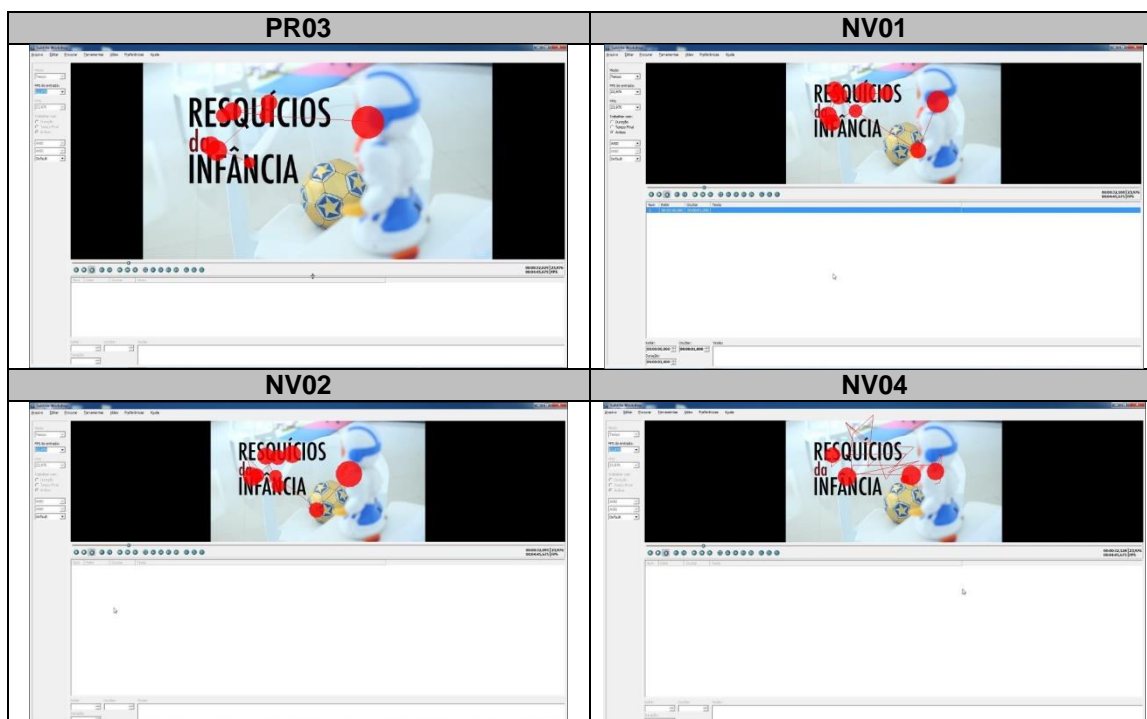
⁴⁰ Para esta tese, considera-se o início da fase de redação como sendo ou a primeira marcação realizada para definir começo ou término de uma descrição, ou o clique de qualquer letra no teclado que identifique que a primeira descrição está sendo escrita. Ambas as ações são visualizadas e identificadas ao assistir à gravação do *ScreenRecord* do *Tobii Studio*.

espera-se que a produção de texto seja bastante reduzida se comparada à fase de redação (JAKOBSEN, 2002, p. 193). A fase de revisão durou quase 11 minutos, terminando no tempo 01:17:41, quando a participante decidiu que o texto estava pronto para entregar e apertou a tecla ESC, após confirmar com a pesquisadora responsável que essa era a tecla a ser apertada, finalizando o rastreamento e a tarefa tradutória. No comportamento de PR01, a fase de maior duração foi a de redação, seguida pela fase de orientação e a de revisão.

A participante PR02 (profissional 2) teve uma percentagem de dados válidos de 82% e um tempo total de realização da tarefa de 02:09:36. Ela passou 28 segundos lendo as instruções, pouco mais de 30 minutos na fase de orientação, na qual também realizou pesquisas sobre o filme, principalmente em busca da sinopse do mesmo, e assistiu ao filme duas vezes, uma no início dessa fase e outra próximo ao final dessa fase. Essas duas ações ocorreram em um visualizador de vídeo, assim como PR01. Sua fase de redação durou 01:28:06, teve início com a marcação do tempo de início da primeira descrição e acabou quando a participante terminou de escrever a última descrição, revisou lendo em voz baixa, voltou ao início do filme e começou a assistir, quase sem fazer pausa, até o final do filme, o que caracteriza a fase de revisão. Fase esta que teve duração de quase 11 minutos. Essa participante, assim como PR01, teve a fase de redação como a mais longa, seguida pela fase de orientação, com a fase de revisão sendo a de menor duração.

O participante PR03 teve 88% de dados válidos, passou 26 segundos lendo as instruções, abriu o SW e começou a assistir a outro filme que não o da pesquisa até ser alertado pela pesquisadora responsável. Abriu o filme correto também no SW e assistiu até o fim. Foi o único participante profissional a assistir ao filme no SW; mesmo assim, a área de visualização dele foi maior que a dos participantes novatos que utilizaram a mesma estratégia, pois esse profissional aumentou essa área. O Quadro 10 mostra a diferença da área de visualização deste profissional e dos três novatos que também assistiram ao filme na fase de orientação no SW.

Quadro 10 – Área de visualização de PR03, NV01, NV02 e NV04



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.

PR03: participante profissional 03; NV01: participante novato 01; NV02: participante novato 02; NV04: participante novato 04.

Pode-se perceber que a área do filme vista pelos participantes novatos é do mesmo tamanho. Ao abrir um vídeo no SW, ele automaticamente define o tamanho dessa área para um tamanho padrão. E apenas o participante PR03 soube como ou achou necessário aumentar essa área.

Após assistir ao filme, o participante voltou ao início do mesmo e, assim como PR01, escreveu a primeira descrição, “*Latin American Film Institute*”, caracterizando o início da fase de redação, que teve duração de 01:33:19. A fase de revisão, que durou oito minutos, caracterizou-se por modificações tanto no texto como nos tempos de início e término de algumas descrições. Novamente, a fase que durou mais tempo foi a de redação, mas, diferentemente das participantes anteriores, a segunda fase mais longa foi a revisão, seguida pela orientação.

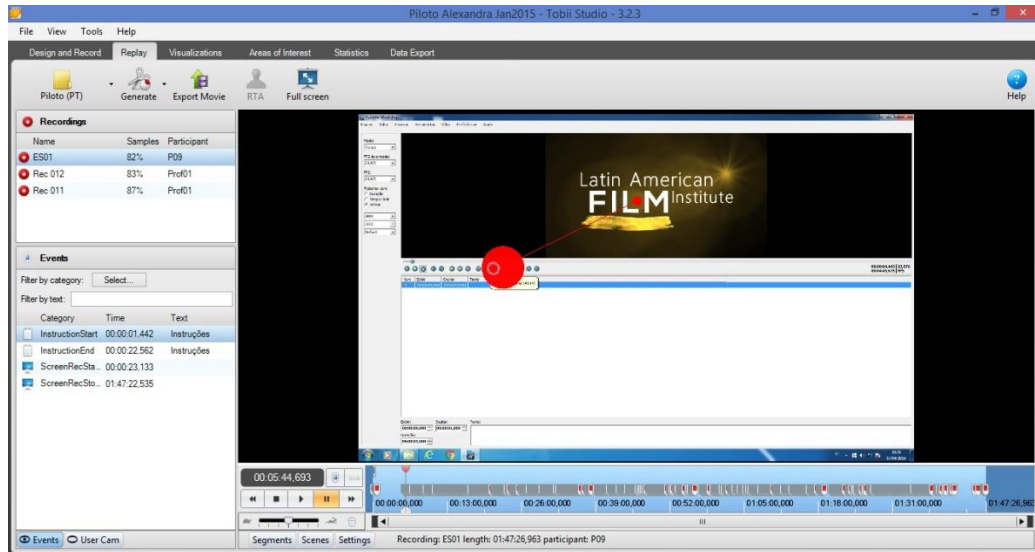
A participante PR04 teve 87% de dados válidos. Ela passou 29 segundos lendo as instruções, assistiu ao filme todo em um *player* de vídeo e, em seguida, abriu o filme no SW para iniciar o processo de redação. De forma parecida com PR02, sua primeira ação na fase de redação não foi a digitação da descrição, e sim a marcação de tempo. Porém, ao contrário de PR02, que marcou o tempo de início da primeira descrição, PR04 marcou o tempo de término da primeira descrição. A

fase de redação dessa participante teve duração de 01:57:43 e sua fase de revisão foi a maior de todos os participantes profissionais, com pouco mais de 29 minutos. Como será exposto na seção 5.1.3, essa participante realiza uma revisão mais demorada pois sente dificuldade em fazer uma revisão contínua, assistindo ao filme e lendo as descrições conforme vão aparecendo, como faz a maioria dos participantes nessa fase. De forma parecida com PR03, sua fase de revisão leva mais tempo do que a fase de orientação. Mas novamente a fase de redação é a mais demorada.

Com relação ao comportamento da participante NV01, a porcentagem de dados válidos foi de 82% e o tempo total para a realização da tarefa foi de 01:47:26. Ela passou 22 segundos lendo as instruções apresentadas. Na fase de orientação, a participante apenas assistiu ao filme e decidiu fazer isso utilizando o próprio SW, assim como PR03 e os outros novatos. Como pode ser visto na Figura 17, a imagem do vídeo que aparece nesse programa é muito reduzida. Isso pode ter impedido que a participante percebesse alguns detalhes do vídeo notados por PR01, PR02 e PR04, que assistiram ao filme em um *player* de vídeo. Assim como ocorreu com PR03, não considerei prudente pedir à participante que assistisse ao filme em algum visualizador de vídeo, pois isso seria interferir no processo dela. E como será visto na seção 5.1.1, os participantes acreditavam que, assistindo ao filme dessa forma, aceleravam a realização da tarefa, pois já pensavam nas marcações que fariam nessa fase ou diminuíam o número de *softwares* utilizados.

A fase de orientação durou 00:05:22, logo, ela abriu o filme no SW, assistiu aos 00:04:55 de filme, retornou ao início do filme e começou sua fase de redação sem ter feito nenhuma pesquisa com relação ao filme. Essa participante iniciou sua fase de redação marcando o final da primeira descrição, assim como PR04, como pode ser visto na Figura 17, ampliada no Apêndice R. O pequeno círculo branco, um clique do *mouse*, dentro do grande círculo vermelho, a fixação, mostra o momento de marcação do final dessa descrição. O tempo de início da descrição não foi marcado, pois, neste caso, era equivalente ao início do filme, ação parecida com a de PR04.

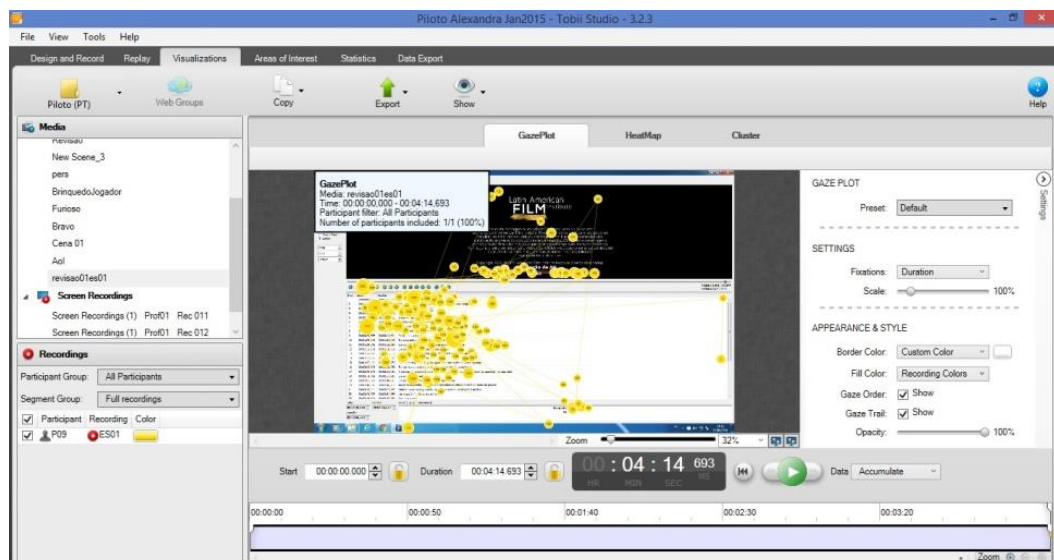
Figura 17 – Tela de visualização do Tobii Studio do processo de NV01



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
NV01: participante novato 01.

Ao final da fase de redação, que durou 01:32:09, após escrever a última descrição, a participante retornou para o início das descrições e pareceu ler uma a uma. A Figura 18, ampliada no Apêndice S, mostra a movimentação ocular da participante nesse momento.

Figura 18 – Gaze plot de NV01 durante o início da fase de revisão



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
NV01: participante novato 01.

Os círculos amarelos mostram onde houve fixação. Percebe-se que a concentração maior é em uma área onde é possível ler as descrições já elaboradas.

A participante tem um comportamento parecido com PR01 ao realizar essa primeira revisão e depois assistir quase que ininterruptamente ao filme. Identificou-se essa ação como sendo o começo da fase de revisão, que durou pouco mais de nove minutos. Assim como PR03 e PR04, sua fase de revisão durou mais tempo que a fase de orientação.

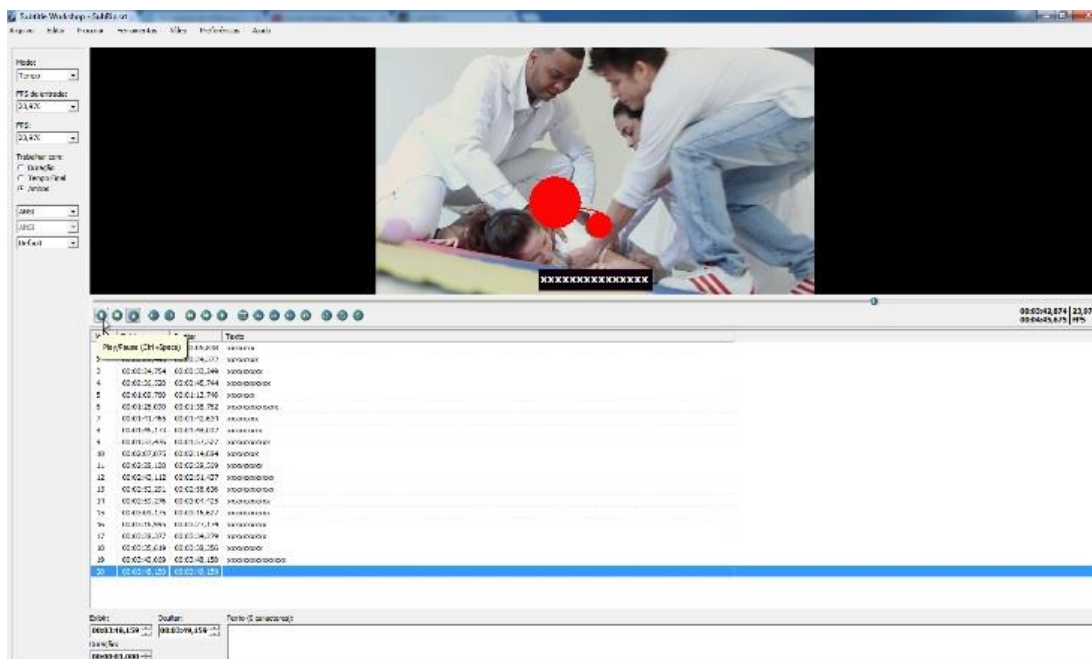
O participante NV02 teve 84% de dados válidos registrados pelo rastreador, e sua tarefa durou 01:50:22. A leitura das instruções levou 33 segundos, sua fase de orientação, que durou quase 6 minutos, consistiu basicamente em assistir ao filme no SW, assim como PR03 e NV01. A fase de redação teve início com a digitação da primeira letra da primeira descrição, assim como aconteceu com PR01 e PR03, o “L” do nome da produtora do filme. Essa fase durou 01:39:51 e terminou quando o participante, após escrever e revisar a última descrição, retornou ao início do filme e começou a assistir, inicialmente quase sem fazer pausas, característica da fase da revisão que, no caso deste participante, teve duração de pouco mais de 4 minutos. Diferentemente dos outros participantes, este não assistiu a todo o filme para revisar suas descrições e, basicamente, assistiu apenas onde havia descrições, pulando os momentos do filme onde não havia inserido descrições.

O participante NV03 foi o que apresentou o comportamento mais diferente dentre os participantes. Ele levou 17 segundos para ler as instruções e apenas 28 segundos na fase de orientação, na qual ele abriu o filme no SW, assistiu a alguns segundos de filme, pausou e digitou a primeira descrição, “Tela preta”. O tempo total de realização da tarefa foi de 01:38:57, sendo o menor tempo dentre os participantes, possivelmente porque sua fase de orientação foi quase que inexistente. Sua fase de redação durou 00:29:35, sendo também a mais breve dentre os participantes. Em contrapartida, sua fase de revisão foi a mais longa de todas, 01:08:27. Durante a fase de redação, o participante se preocupou principalmente com a elaboração do roteiro, deixando as marcações dos tempos de início e término de cada descrição para a fase de revisão. O total de dados válidos desse participante foi de 82%.

A participante NV04 passou 14 segundos lendo as instruções iniciais e teve 73% de dados válidos. Foi a única participante do grupo dos novatos a pesquisar sobre o filme durante sua fase de orientação, além de ter assistido ao filme todo. Essa fase durou quase nove minutos. Sua fase de redação teve início com a marcação do tempo de início da primeira descrição, assim como aconteceu com PR02, e durou 02:31:01, sendo a fase de redação mais longa dentre todos os

participantes. O comportamento dessa participante nessa fase também foi diferente, pois observaram-se dois momentos. No primeiro momento, a participante marca os espaços onde podem ser incluídas descrições, marcando tempo de início e de término, mas sem elaborar descrição alguma, apenas preenchendo esses espaços com a letra “x”, como pode ser visto na figura 19, ampliada no Apêndice T.

Figura 19 – Primeiro momento de NV04 na fase de redação



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
NV04: participante novato 04.

Ao definir os tempos do último espaço no qual pode ser inserida uma descrição, ela realizou pesquisas na internet e, em seguida, retornou para o primeiro espaço, no início do filme, e começou a elaborar as descrições. Esse primeiro momento da fase de redação durou pouco mais de 19 minutos. Esse processo pode explicar por que sua fase de redação foi a mais longa dentre todos os participantes. A fase de revisão durou pouco mais de seis minutos. Logo, essa participante, assim como PR01, PR02 e NV02, teve a fase de orientação mais duradoura do que a fase de revisão. Todo o seu processo levou 02:46:24. O Quadro 11 mostra a comparação entre o processo dos participantes e o tempo utilizado por eles em cada fase.

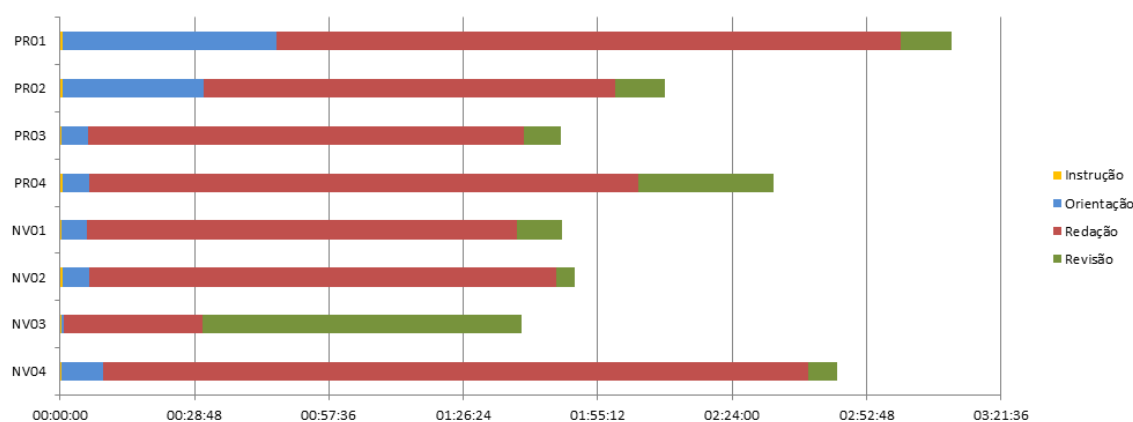
Quadro 11 – Comparação entre os participantes com relação ao tempo total da tarefa e o tempo em cada fase

Participante	Tempo total	Instrução	Orientação	Redação	Revisão
PR01	03:11:03	00:00:27 ⁴¹	00:45:57	02:13:45 ⁴²	00:10:54
PR02	02:09:36	00:00:28	00:30:22	01:28:06	00:10:40
PR03	01:47:25	00:00:26	00:05:40	01:33:19	00:08:00
PR04	02:32:59	00:00:29	00:05:43	01:57:43	00:29:04
NV01	01:47:26	00:00:22	00:05:22	01:32:09	00:09:33
NV02	01:50:22	00:00:33	00:05:48	01:39:51	00:04:10
NV03	01:38:57	00:00:17	00:00:38	00:29:35	01:08:27
NV04	02:46:24	00:00:14	00:08:56	02:31:01	00:06:13

Fonte: Elaborado pela autora.

O comportamento dos participantes foi semelhante no sentido de que a fase mais longa foi a de redação, exceto NV03, da mesma forma como aconteceu com os tradutores de textos escritos de Jakobsen (2002) e com legendistas novatos de Pagano, Alves e Araújo (2011). Os comportamentos dessa fase e da fase de revisão também foram parecidos, exceto NV02, que não chega a assistir a todo o filme na fase de revisão. Já a fase de orientação foi diferente entre os participantes, sem importar seu perfil. Tanto PR01 quanto PR02 e NV04, além de assistirem ao filme todo, realizaram pesquisas na internet nessa fase, o que será mostrado na seção a seguir, enquanto PR03, PR04, NV01 e NV02 basicamente assistiram ao filme e NV03 decidiu começar a elaborar suas descrições sem ter visto o filme. O Gráfico 1 mostra os dados do Quadro 12, o tempo total e os tempos de cada participante em cada fase.

Gráfico 1 – Tempo total da tarefa dos participantes por fase



Fonte: Elaborado pela autora.

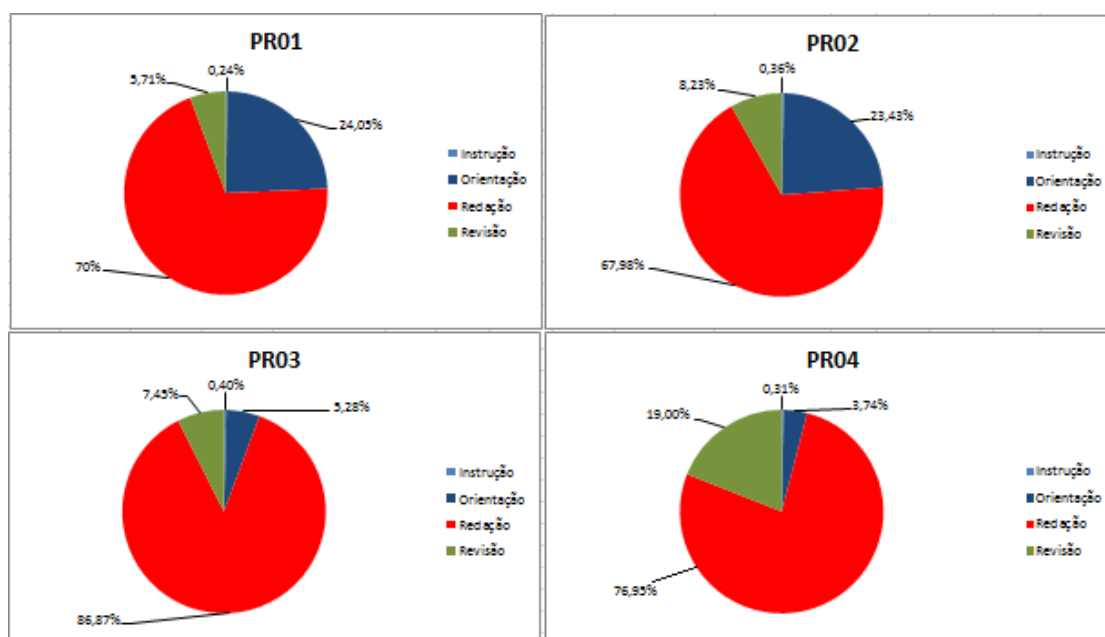
⁴¹ Somados os tempos das duas partes da tarefa dessa participante.

⁴² Somados os tempos das duas partes da tarefa dessa participante.

Percebe-se de forma mais clara que nenhum dos dois perfis leva mais ou menos tempo para completar a tarefa, sendo os maiores tempos os de PR01 e NV04 e os menores tempos os de NV03 e PR03. Porém, três dos quatro profissionais estão entre os que levaram mais tempo para realizar a tarefa, da mesma forma que três dos quatro novatos estão entre os que levaram menos tempo, o que pode indicar uma tendência dos profissionais de levarem mais tempo para elaborar seus roteiros do que os novatos. Somando os tempos dos participantes, tem-se que os profissionais levaram 09:41:03 para realizar a tarefa, enquanto que os novatos levaram 08:03:09. Estatisticamente, essa diferença, no entanto, não é significativa.

Esse dado vai contra os resultados de Pagano, Alves e Araújo (2011), que mostraram que legendistas profissionais têm um tempo total de tarefa menor que os novatos. Entende-se que isso pode ter ocorrido pela diferença da tarefa dada aos tradutores. Os legendistas tinham uma informação auditiva em inglês que tinha que ser compreendida e traduzida para o português, enquanto que, no caso dos audiodescritores, há diversas informações visuais que precisam ser compreendidas como sendo importantes ou não de serem audiodescritas, como essa audiodescrição vai ser feita, que palavras, verbos ou sequências serão usados, e só então a descrição é elaborada. É uma tarefa mais demorada, o que é corroborado pelo fato de que neste estudo, com um filme de quase 5 minutos, os profissionais levaram em média 2:25:15 e os novatos, 2:00:47, e no estudo de Pagano, Alves e Araújo (2011), com um trecho de filme de 15 minutos, três vezes maior que o utilizado aqui, o tempo médio dos profissionais foi menor que o desta tese, de 1:31:32, e o dos novatos foi comparável com o encontrado aqui, 2:01:52. Os gráficos 2 e 3 mostram a distribuição do tempo dos profissionais nas três fases.

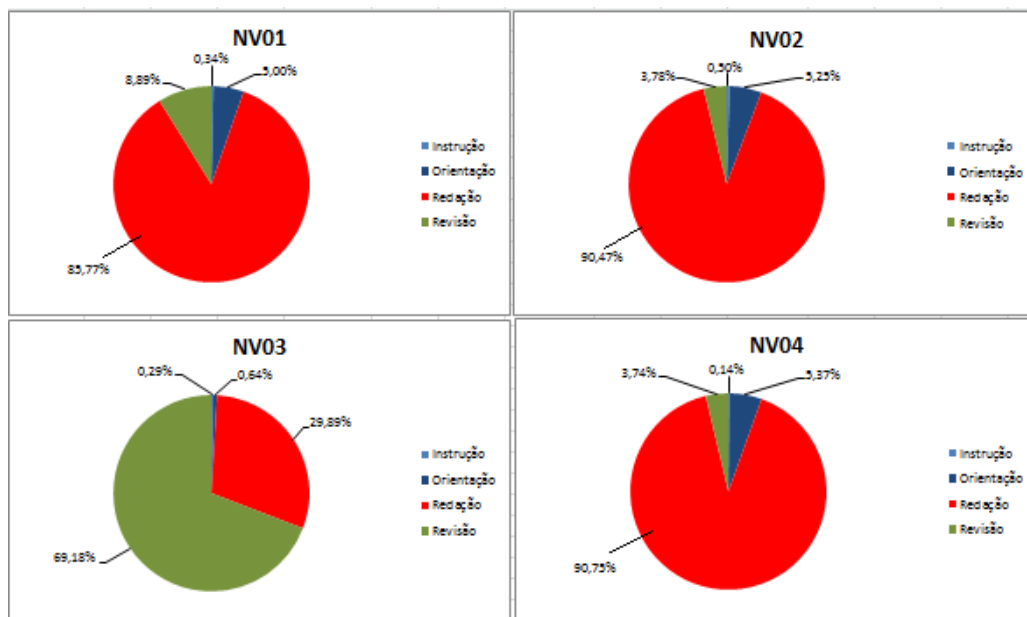
Gráfico 2 – Distribuição do tempo em percentual dos profissionais em cada fase



Fonte: Elaborado pela autora.

A fase de orientação levou entre 3,74% e 24,05% do tempo total, sendo que a média dos profissionais ficou em 14,12% (desvio padrão = 11,12). A percentagem de tempo alocada para a fase de redação está entre 67,98% e 86,87%, sendo que a média do grupo é de 75,45% (desvio padrão = 8,52) e na fase de revisão ficou entre 5,71% e 19%, com média de 10,09% (desvio padrão = 6,02). Dois profissionais, PR01 e PR02, dedicaram mais de 23% do tempo na fase de orientação, enquanto que PR04 é o que mais dedicou tempo à fase de revisão, 19%. Já PR03 dedicou quase a mesma percentagem de tempo para a orientação e revisão, comportamento parecido com a maioria dos novatos, como será visto a seguir.

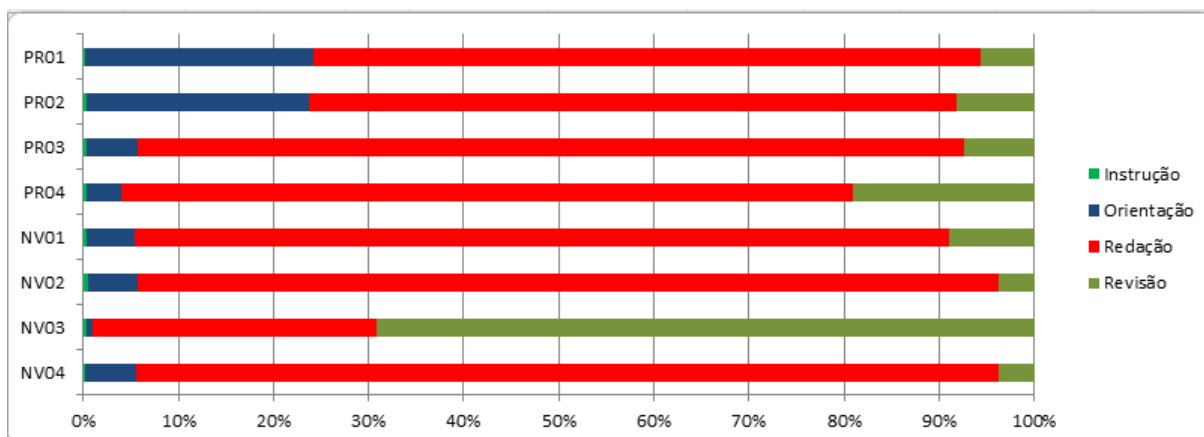
Gráfico 3 – Distribuição do tempo em percentual dos novatos em cada fase



Fonte: Elaborado pela autora.

A percentagem de tempo alocado para a fase de orientação entre os novatos está entre 0,64% e 5,37%, com média de 4,06% (desvio padrão = 2,28). Já a fase de redação está entre 29,89% e 90,75%, sendo que a média é de 74,22% (desvio padrão = 29,64). A fase de revisão, em média, ocupa 21,40% (desvio padrão = 31,94) do tempo total da tarefa, ficando entre 3,74% e 69,18%. Nota-se que, exceto por NV03, a orientação dos novatos e de PR03 representou entre 5% e 5,37% do tempo total da tarefa. O Gráfico 4 mostra uma comparação entre os percentuais de cada participante.

Gráfico 4 – Comparação do tempo de tarefa em percentual dos participantes por fase



Fonte: Elaborado pela autora.

De forma geral, a redação foi a fase mais longa, exceto para NV03. Para PR01, PR02, NV02 e NV04, a segunda fase mais longa foi a orientação, seguida pela revisão. Já para PR03, PR04, NV01 e NV03, a fase de revisão foi mais longa que a de orientação, sendo que para NV03 a revisão foi a fase mais longa dentre as três. Mas não foi possível observar diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($t = 1,0375$, $p = 0,3395$), considerando o tempo total de realização da tarefa. Os tempos despendidos em cada fase não passaram pelo teste de normalidade, logo não os analisei com o teste *t* de *Student*.

Percebeu-se que a fase de redação pode iniciar de duas formas distintas, ou o participante inicia fazendo uma marcação no tempo, de início ou término da primeira descrição, ou digitando a primeira descrição. Metade dos participantes de cada perfil começou sua fase de redação digitando a primeira descrição; foi o caso de PR01, PR03, NV02 e NV03. Já PR02 e NV04 iniciaram essa fase marcando o tempo inicial da primeira descrição e PR04 e NV01 marcaram o tempo final da primeira descrição. Não parece, portanto, haver um comportamento padrão para o início dessa fase.

A seguir, cada fase do processo tradutório dos oito participantes é descrita e analisada com base nos dados do rastreamento e das respostas dadas após esse rastreamento.

5.1.1 Orientação

Como dito anteriormente, essa fase tem início com o término da leitura das instruções e o início da gravação da função *Screen Recording* do *Tobii Studio* que neste caso se inicia com a visualização da área de trabalho do *Windows*. Essa fase, em comparação com a tradução de textos escritos descrita por Jakobsen (2002), é voltada principalmente para a compreensão do texto de partida, não podendo haver digitação do texto de chegada, o que caracteriza o início da fase de redação, que será abordada na próxima seção. Essa compreensão pode ser feita com a leitura do texto de partida, no caso com a visualização do filme, mas também pode englobar pesquisas que ajudem o tradutor a compreender melhor ou sanar dúvidas sobre o que leu ou assistiu.

A maioria dos participantes da presente pesquisa teve como principal comportamento assistir ao filme todo, sendo que PR02 assistiu duas vezes e NV03

iniciou a fase de redação sem ter assistido ao filme. Na fase de orientação, NV03 abriu o *Subtitle Workshop* (SW) e o filme em um *player* de vídeo, mas pausou em seguida, fixou no nome da produtora, foi ao SW e elaborou sua primeira descrição. Ao ser questionado se não havia sentido necessidade de ver o filme todo antes de começar a elaborar seu roteiro, o participante respondeu que não e que achava melhor descrever “primeiro o que estava vendo e depois ver se encaixava os tempos. Se teria que remover coisas ou não”.

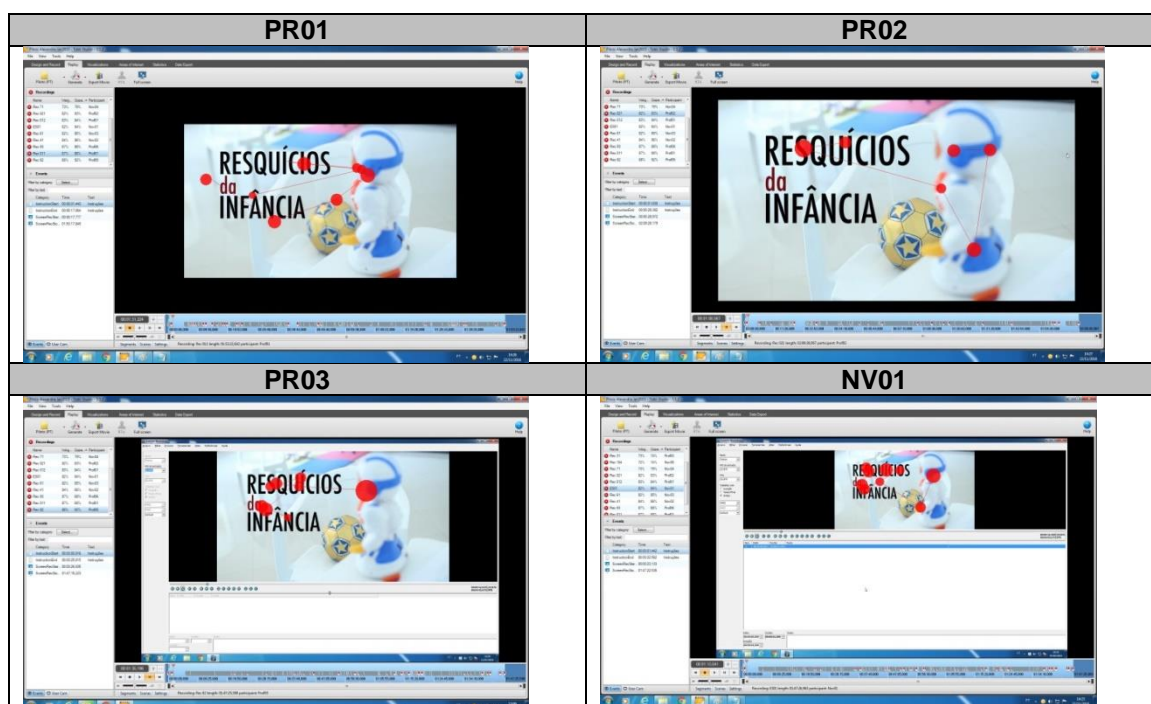
Não se pode concluir se o fato de sua fase de revisão ter sido a mais longa dentre todos os participantes está ligado à não existência de uma fase de orientação, já que, como será visto na seção 5.1.3, a maior parte da revisão realizada por esse participante foi com relação à marcação dos tempos das descrições ou modificações no texto da descrição que pareceram mais voltadas para encaixar a descrição no tempo marcado do que mudar alguma informação passada. Porém, juntamente com NV01, esses foram os participantes que contemplaram menos elementos considerados importantes para serem descritos, o que será mostrado na seção 5.2.1. NV03 contemplou 38,02% e NV01, 40,84% desses elementos. NV03 também foi o participante que menos aproveitou os tempos disponíveis para inserção de descrições, apenas 45,86%. A seguir, é feita uma análise com relação à visualização do filme por parte dos participantes.

5.1.1.1 Quanto à visualização do filme

As participantes PR01, PR02 e PR04 abriram o vídeo com um visualizador de vídeo. Foram também essas as participantes que mais contemplaram os elementos considerados importantes do filme: PR01 descreveu 76,05%, PR02, 70,42% e PR04, 66,19%, o que pode indicar que uma maior visualização dos elementos leva a uma melhor escolha dos mais importantes. Essas participantes também estão entre as quatro que melhor aproveitaram os tempos disponíveis para inserir descrições, com PR01 utilizando 88,36% do tempo disponível, PR02, 75,02% e PR04, 79,70%.

Já PR03, NV01, NV02 e NV04 preferiram assistir ao filme no próprio programa onde elaborariam a AD, o *Subtitle Workshop* (SW). O Quadro 10 mostrou as diferenças entre esses elementos visualizados. O quadro a seguir esboça essas diferenças relativas a PR01, PR02, PR03 e NV01.

Quadro 12 – Área de visualização de PR01, PR02, PR03 e NV01



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.

PR01: participante profissional 01; PR02: participante profissional 02; PR03: participante profissional 03; NV01: participante novato 01.

Foram escolhidos esses quatro participantes pois PR04 utilizou o mesmo programa que PR02 e NV02 e NV04 utilizaram o mesmo programa que NV01 com a mesma área de filme. Pode-se perceber que a área de filme visualizada por PR01 e PR03 é muito parecida. Já a de PR02 e PR04 foi a maior área; PR04 afirma inclusive que no caso de longas ela prefere assistir na televisão antes de elaborar o roteiro, para ter uma visão mais ampla. NV01, NV02 e NV04 tiveram a menor área de visualização do filme na fase de orientação.

Questionei os participantes sobre o porquê de assistirem ao filme utilizando o programa no qual elaborariam suas ADs. PR03 disse que era uma prática dele assistir ao filme no próprio SW e que antes ele começava a elaborar o roteiro antes de assistir ao filme, mas ele acabou percebendo que isso “dava mais trabalho”. Essa resposta pode indicar que ele percebeu que fazer o roteiro antes de assistir ao filme provocava mais revisões. Por isso ele passou a assistir ao filme todo, principalmente se tratando de curtas, antes de elaborar seu roteiro. NV01 respondeu que “era mais fácil usar um programa só do que usar vários programas” e que ela procura “usar o menor número de programas possível”. NV02 relatou que foi porque

assim era melhor, pois dava para “ver a marcação do tempo”. NV04 respondeu que era costume assistir no SW e que às vezes começava logo a fazer as marcações, o que não foi o caso dessa tarefa.

Decidi então observar, no caso dos participantes que assistiram ao filme no SW, se há fixações fora da área onde o participante visualiza o filme e analisar essas fixações, para verificar se realmente eles olhavam para áreas que mostram o tempo do filme ou de marcações de tempo das descrições. Mesmo não havendo marcações na fase de orientação, a preocupação com a marcação, como informado por alguns participantes, poderia levá-los a fixar nessa área. Para isso, utilizei as áreas de interesse apresentadas na seção 4.4.1.2.

Duas áreas estão diretamente relacionadas ao tempo do filme, Tempo do filme e *Timeline*, e poderiam auxiliar nas marcações de início e término das descrições, sendo que a *Timeline* daria apenas uma noção de começo, meio e fim do filme. Já a área Tempo das descrições, apesar de remeter ao tempo de início e término de cada descrição, mostra dados em branco na fase de orientação, visto que não há descrições elaboradas. O Quadro 13 mostra o número de fixações⁴³ nas Aol durante a fase de orientação, do momento em que o filme começa a passar até seu término, dos quatro participantes que optaram por assistir ao filme com o SW.

Quadro 13 – Número de fixações nas Áreas de Interesse durante orientação

Participante	PR03		NV01		NV02		NV04 ⁴⁴	
Total	332	100%	333	100%	360	100%	497	100%
Menu superior	-	-	-	-	-	-	-	-
Filme	317	95,48%	290	87,08%	325	90,27%	464	93,36%
Botões	1	0,30%	7	2,10%	3	0,83%	3	0,60%
<i>Timeline</i>	2	0,60%	10	3,00%	4	1,11%	8	1,60%
Tempo do filme	3	0,90%	5	1,50%	1	0,27%	-	-
Roteiro	3	0,90%	9	2,70%	4	1,11%	3	0,60%
Tempo das descrições	-	-	-	-	-	-	-	-
Caixa de texto	-	-	-	-	-	-	1	0,20%

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto, a área que recebe entre 87,08% e 95,48% das fixações é a Aol do filme. A área relacionada ao Tempo do filme recebe entre 0,27%

⁴³ Neste caso, como os dados das fixações são referentes apenas ao momento em que assistem ao filme, não é necessário parametrizar esses valores, pois todos os participantes passaram o mesmo tempo assistindo ao filme: a duração do filme.

⁴⁴ A participante NV04 também realiza pesquisas durante a fase de orientação, mas para essa análise separei esses dois momentos de sua fase.

e 1,50% das fixações, sendo que NV04 não fixa nessa área nenhuma vez. A área do Tempo das descrições também não recebe nenhuma fixação. Mesmo não havendo informações nessa área, seria esperado que, se algum participante pretendia fazer alguma marcação, houvesse alguma fixação. Com relação ao número de fixações, nota-se que NV04 realiza mais fixações, 497 contra a média dos outros três, que é de 341,66, porém a duração dessas fixações, tabela a seguir, em média, é de 340 milissegundos contra a média dos outros, que é de 810 milissegundos. Somado ao fato de que o percentual de dados válidos da participante foi o menor dentre todos os participantes, questionou-se se essa diferença foi causada por problemas nos dados coletados, que faziam o rastreador perder muito mais vezes o rastreamento do olhar dela, causando a quebra das fixações. Não realizei testes estatísticos para essas fixações, pois só havia uma amostra do grupo dos profissionais. O Quadro 14 mostra a duração média das fixações dos participantes em cada Aol.

Quadro 14 – Duração média das fixações, em milissegundos, nas Áreas de Interesse durante orientação

Participante	PR03	NV01	NV02	NV04
Total	840	820	770	340
Menu superior	-	-	-	-
Filme	860	860	810	350
Botões	200	360	250	180
<i>Timeline</i>	690	510	260	310
Tempo do filme	820	800	270	-
Roteiro	180	350	880	120
Tempo das descrições	-	-	-	-
Caixa de texto	-	-	-	200

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados referentes às áreas onde há informações sobre tempo do filme mostram que foram feitas pouquíssimas fixações, e, mesmo a média da duração das fixações de alguns participantes nessas áreas sendo altas, não se pode afirmar que a utilização do SW nessa fase realmente ajude os participantes a elaborarem seus roteiros. Porém, os dados do percentual de elementos considerados importantes para o filme contemplados nos roteiros indicam que a utilização de um *player* de vídeo seja o mais indicado, já que os participantes que o utilizaram contemplaram

mais elementos. O Quadro 15 mostra o número de fixações⁴⁵ realizadas no filme e a duração média delas de todos os oito participantes.

Quadro 15 – Número e duração das fixações dos participantes na Área de Interesse Filme durante a fase de orientação

Participante	Filme	
	Número de fixações (valor bruto)	Duração média das fixações (ms)
PR01	560	490
PR02	556	480
PR03	332	840
PR04	589	400
NV01	333	820
NV02	360	770
NV04	497	340

Fonte: Elaborado pela autora.

As participantes que assistiram ao filme no *player* tinham uma área maior de visualização, e isso pode ter feito com que tivessem mais fixações com durações menores. A média delas foi de 568,33 fixações (entre 556 e 589) com duração média de 456,66 ms (entre 400 ms e 490 ms), contra a média dos participantes que assistiram no SW, que foi de 349 fixações (entre 290 e 464) com duração média de 720 ms (entre 350 ms e 860 ms)⁴⁶. Pode-se supor que um número maior de fixações levou a um maior número de elementos contemplados nos roteiros, como será visto na seção 5.2.1. Porém, optei por não realizar um teste estatístico com esses dados pela diferença da área visualizada pelos participantes, pois utilizaram programas diferentes neste momento. Com relação ao tempo total de tarefa, apesar de quatro dos cinco participantes que utilizaram o SW terem sido os que tiveram tempo total de tarefa menores, o quinto participante teve o segundo maior tempo total de tarefa dentre todos os participantes. A seguir, são descritas as principais estratégias tradutórias de cada participante durante a fase de orientação.

⁴⁵ Aqui são apresentadas apenas as fixações durante o momento no qual os participantes assistem ao filme. Logo, os tempos aqui são iguais à duração do filme.

⁴⁶ Se forem calculados apenas os dados de PR03, NV01 e NV02, a média dos participantes que assistiram no SW foi de 310,66 fixações (entre 290 e 390) com duração média de 843,33 ms (entre 810 ms e 860 ms), tornando a diferença entre as médias das participantes que assistiram ao filme no *player* ainda maior.

5.1.1.2 Quanto às estratégias tradutórias

Como foi visto, a participante PR01 levou mais de 45 minutos na fase de orientação. Após assistir ao filme em um *player* de vídeo, ela realizou diversas pesquisas na internet e elaborou um esquema, que pode ser visto no Anexo B. Com relação a ele, ela afirmou em seu relato retrospectivo que o elaborou:

PR01: Por causa da análise mesmo da obra. Eu precisava antes entender melhor o filme. Porque o filme era meio doidinho. Pra eu não me perder mesmo. E eu tenho muito problema com guardar nome. Eu tinha que sistematizar pra...

Enquanto escrevia esse esquema, a participante revia as cenas de cada personagem, pausando e realizando fixações em diversos elementos, quase que assistindo ao filme todo novamente e parecendo já fazer uma lista dos desenhos que seriam audiodescritos em seu roteiro. Porém, durante sua fase de redação, ela só retornou para esse esquema no final, para escrever nele os nomes dos atores que apareciam nos créditos iniciais para reescrevê-los na descrição dos créditos finais. Com relação a isso, ela afirmou que as informações escritas no esquema ainda estavam frescas em sua memória e que por isso ela não sentiu necessidade de retornar a ele. Porém, se a tarefa fosse dividida em dias, talvez ela o fizesse.

Ela fez pesquisas com relação ao filme no Google. Ao pesquisar o título do filme, encontrou o canal do YouTube onde o filme está, leu a sinopse e procurou também informações com relação ao instituto onde o filme foi elaborado. Além disso, ela pesquisou sobre desenhos infantis, chegando ao ponto de ler o resumo de um artigo da área de psicologia que tratava do assunto. Sobre isso, ela comentou que pesquisou para ver:

PR01: Se tinha algum embasamento no filme. Porque às vezes eu acho interessante... porque na maioria dessas obras assim tem um embasamento pra ser criada. [...] Porque, como era médico, pensei que podia ter algum embasamento psicológico. Em relação com o desenho. [...] Bom, vou pesquisar sobre desenho infantil, a relação disso, pra ter vocabulário. Porque como é que eu digo rabisco ou palitinho, as cores... Eu ainda faria uma ótima revisão disso aí.

Após elaborar esse esquema e realizar suas pesquisas, a participante abriu o *Subtitle Workshop* (SW), abriu o filme nele, assistiu a quase dois segundos de filme e começou a escrever a primeira descrição, terminando assim sua fase de orientação.

A primeira ação da participante PR02 também foi abrir o filme em um *player* de vídeo e assisti-lo até o final. Em seguida, realizou pesquisas, também no Google, com o título do filme, nomes de atores, onde leu que a personagem principal se chamava Dra. Maria, e o nome do instituto. Abriu diversas páginas que apareceram nos resultados; em uma de suas pesquisas, ela inclusive escreveu o título do filme e a palavra “sinopse”, mostrando que seu objetivo era encontrar mais informações sobre o filme. Porém, ela sempre ignorava o resultado que a levaria ao canal do YouTube, único local onde existe, até hoje, uma sinopse do filme. Ao ser questionada, ela afirmou que não acreditava que acharia informações sobre o filme nesse canal e que encontraria apenas o próprio filme. Após quase 15 minutos de pesquisas ela assistiu ao filme novamente, realizou mais pesquisas e, através de um *link* em outro *site* que não o do Google, foi direcionada ao canal do YouTube, onde finalmente teve acesso à sinopse. Três minutos depois começou sua fase de redação, o que leva a crer que ou a leitura dessa sinopse supriu sua necessidade por informações externas ou a participante achou que já estava na hora de iniciar a elaboração de seu roteiro. Diferentemente de PR01, que inicia essa fase com a elaboração de uma descrição, PR02 inicia a fase com a marcação do tempo de início da primeira descrição.

Como dito anteriormente, os participantes PR03, PR04, NV01 e NV02, nesta fase, basicamente assistiram ao filme. Esses participantes não realizaram pesquisa alguma em suas fases de orientação, nem mesmo sobre o filme, começando a fase de redação pouco depois de terminar de assistir ao filme. PR03 e NV02 iniciaram suas fases de redação escrevendo sua primeira descrição, e PR04 e NV01, definindo o tempo de término da primeira descrição. NV03 foi o único participante que não assistiu ao filme na fase de orientação, e sua fase de redação se inicia ao digitar a primeira letra da primeira descrição.

Durante essa fase, NV04 assistiu ao filme e passou quase quatro minutos pesquisando sobre o filme também no Google. A participante, assim como PR01 e PR02, pesquisou o título do filme, leu informações no *site* do instituto e a sinopse no canal do YouTube. Essa fase terminou com a marcação do início da primeira descrição.

Resumindo, PR01 assistiu ao filme, pesquisou sobre o filme e sobre outros assuntos relacionados a ele, elaborou um esquema com informações que considerava importantes, abriu o SW e escreveu sua primeira descrição. PR02

assistiu ao filme, realizou pesquisas em busca de mais informações apenas sobre o filme, assistiu novamente ao filme todo e realizou mais pesquisas sobre o filme, parecendo satisfeita com a leitura da sinopse encontrada. Ambas as participantes encontraram e leram a sinopse do filme. PR03, PR04, NV01 e NV02, nesta fase, apenas assistiram ao filme, e NV04 assistiu ao filme e pesquisou brevemente sobre o mesmo. NV03 não apresentou uma fase de orientação.

Minha conclusão inicial a partir de análises preliminares com relação à fase de orientação, de que os profissionais estariam mais cientes de que uma análise mais profunda do filme nessa fase, buscando mais informações fora ou dentro do filme, poderia refletir em um roteiro mais bem elaborado, não foi comprovada, já que apenas metade dos profissionais realizaram essa análise e um dos novatos, mesmo que brevemente, também a fez. Com relação à percentagem de elementos apontados como importantes, seção 5.2.1, as participantes profissionais que realizaram pesquisas nessa fase foram sim as com maior percentagem de elementos presentes em suas descrições ($t = -5,6028$; $p = 0,001377$). Além disso, a novata que realizou as pesquisas foi a segunda, dentre os novatos, com maior percentagem de elementos descritos. A seguir, será analisado o comportamento dos participantes durante a fase de redação do roteiro de AD.

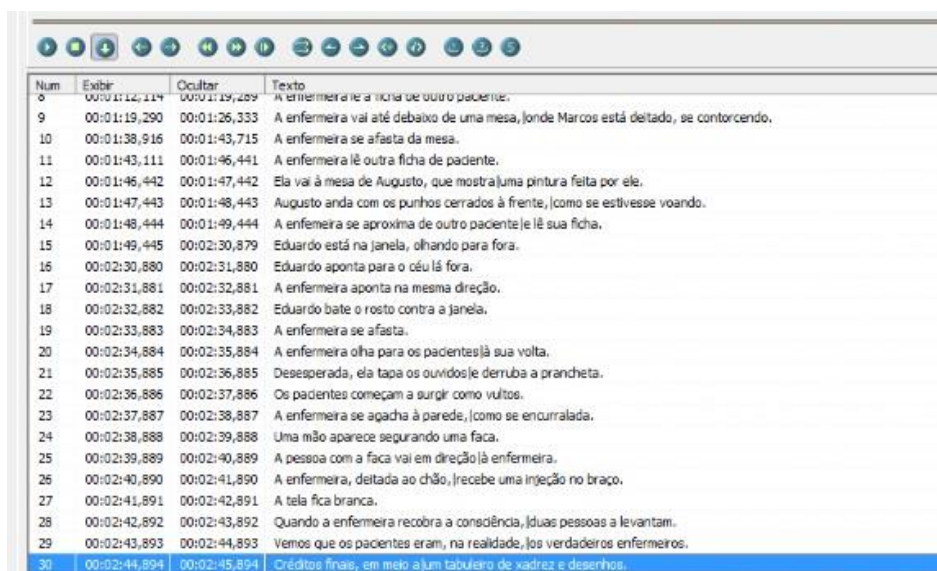
5.1.2 Redação

A principal característica dessa fase é a elaboração das descrições e a marcação dos tempos de início e término de cada descrição, conforme a disponibilidade de espaços no filme para isso. Algumas ações dessa fase foram recorrentes a todos os participantes, como voltar o filme e assistir ao trecho no qual inseriu uma descrição para verificar se essa descrição poderia ser lida ou não, mas a forma como essa leitura era feita variou. Outras ações, como realizar pesquisas na internet, pausar o filme clicando na área do filme e não no botão de *pause* ou realizar marcações de tempo sem pausar o filme, não estão presentes no processo de todos os participantes e pareceram estratégias pessoais. A seguir, serão analisadas as principais estratégias identificadas entre os participantes ao elaborarem seus roteiros. Também analisei as pesquisas realizadas pelos participantes e as fixações nas áreas de interesse durante a fase de redação.

5.1.2.1 Principais estratégias

Como já foi mencionado, os participantes NV03 e NV04 tiveram estratégias diferentes dos outros participantes nessa fase. Em dado momento de sua redação, a partir das descrições da cena 5, NV03 parou de marcar os tempos de início e término das descrições e passou a apenas elaborar as descrições, deixando-as com o tempo padrão do SW de um segundo de duração cada, como pode ser visto na Figura 20.

Figura 20 – Roteiro elaborado por NV03 na fase de redação



Num	Exibir	Ocultar	Texto
8	00:01:12,114	00:01:19,289	A enfermeira lê a ficha de outro paciente.
9	00:01:19,290	00:01:26,333	A enfermeira vai até debaixo de uma mesa, (onde Marcos está deitado, se contorcendo).
10	00:01:38,916	00:01:43,715	A enfermeira se afasta da mesa.
11	00:01:43,111	00:01:46,441	A enfermeira lê outra ficha de paciente.
12	00:01:46,442	00:01:47,442	Ela vai à mesa de Augusto, que mostra (uma pintura feita por ele).
13	00:01:47,443	00:01:48,443	Augusto anda com os punhos cerrados à frente, (como se estivesse voando).
14	00:01:48,444	00:01:49,444	A enfermeira se aproxima de outro paciente (e lê sua ficha).
15	00:01:49,445	00:02:30,879	Eduardo está na janela, olhando para fora.
16	00:02:30,880	00:02:31,880	Eduardo aponta para o céu lá fora.
17	00:02:31,881	00:02:32,881	A enfermeira aponta na mesma direção.
18	00:02:32,882	00:02:33,882	Eduardo bate o rosto contra a janela.
19	00:02:33,883	00:02:34,883	A enfermeira se afasta.
20	00:02:34,884	00:02:35,884	A enfermeira olha para os pacientes (à sua volta).
21	00:02:35,885	00:02:36,885	Desesperada, ela tapa os ouvidos (e derruba a prancheta).
22	00:02:36,886	00:02:37,886	Os pacientes começam a surgir como vultos.
23	00:02:37,887	00:02:38,887	A enfermeira se agacha à parede, (como se encurralada).
24	00:02:38,888	00:02:39,888	Uma mão aparece segurando uma faca.
25	00:02:39,889	00:02:40,889	A pessoa com a faca vai em direção (à enfermeira).
26	00:02:40,890	00:02:41,890	A enfermeira, deitada ao chão, (recebe uma injeção no braço).
27	00:02:41,891	00:02:42,891	A tela fica branca.
28	00:02:42,892	00:02:43,892	Quando a enfermeira recobra a consciência, (duas pessoas a levantam).
29	00:02:43,893	00:02:44,893	Vemos que os pacientes eram, na realidade, (os verdadeiros enfermeiros).
30	00:02:44,894	00:02:45,894	Créditos finais, em meio a um tabuleiro de xadrez e desenhos.

Fonte: Captura de tela do *Subtitle Workshop*.

NV03: participante novato 03.

Esse comportamento foi, provavelmente, a causa de sua fase de redação ter sido a mais curta dentre todos os participantes e de sua fase de revisão ter sido a mais longa de todas. Sua fase de redação durou quase 30 minutos, enquanto que a média da duração dessa fase dos outros participantes foi de 01:50:51, 01:54:20 somente entre os novatos. Já sua fase de revisão, que será vista na seção seguinte, durou 01:08:27, sendo que a média dos outros participantes foi de 00:11:13, 00:06:39 somente entre os novatos. Como exemplo, é possível citar a primeira descrição de NV03 para a cena 06, que, devido ao processo de não marcar os tempos das anteriores, fica com o tempo de início equivalente à cena de Augusto, cena 5. O participante continuou com essa estratégia de inserir descrições e não marcar os tempos delas, fazendo-as ficarem dessincronizadas em relação às

imagens as quais descrevem até o final do filme e corrigindo esses tempos na fase de revisão, seção 5.1.3. Em seu relato, ele disse:

NV04: Foi. Como eu tinha falado, eu estava deixando pra... eu estava primeiro só audiodescrevendo tudo aí depois ajeitando os tempos. Aí depois o tempo passou a ficar misturado. O problema foi realmente eu ter pulado essa parte de marcação de início e fim. Provavelmente. Que teve alguns que eu estava marcando, mas eu percebi que teve alguns que eu não marquei. Aí acabou sendo misturado.

Já NV04 teve sua fase de redação dividida em dois momentos. No primeiro, ela marcou os tempos de início e término dos momentos de silêncio do filme onde a participante acreditava poder incluir descrições. No segundo momento, ela elaborou as descrições para esses espaços delimitados. Segundo ela, foi uma estratégia aprendida em sala de aula. Para definir esses primeiros tempos, a participante usou como base principalmente transições de cenas e as falas dos personagens. Após essa primeira fase, que durou quase 20 minutos e na qual ela realizou 22 marcações de tempos, NV04 realizou algumas pesquisas na internet, parecendo complementar sua fase de orientação. Entrou na página do Facebook de dois dos atores e voltou a ler as informações do filme, sinopse e ficha técnica, no canal do YouTube do instituto. Após essas pesquisas, ela voltou ao SW e começou a elaborar os textos de suas descrições.

Alguns fatores podem ter contribuído para sua fase de redação ter sido a mais longa dentre todos os participantes, com duração de 02:31:01 contra a média dos outros participantes de 01:33:30 e 01:13:52 somente entre os novatos. A própria existência desse primeiro momento de marcações de tempo pode ter contribuído por diversos motivos. A participante assistiu ao filme completo duas vezes, uma vez para cada momento de sua fase de redação. Das 22 marcações realizadas no primeiro momento, apenas duas não foram modificadas durante o segundo momento da fase de redação e mais 12 marcações foram criadas. Em 8 casos, as marcações realizadas no primeiro momento foram divididas em duas e até em três marcações novas. Isso me leva a duvidar da eficácia dessa estratégia.

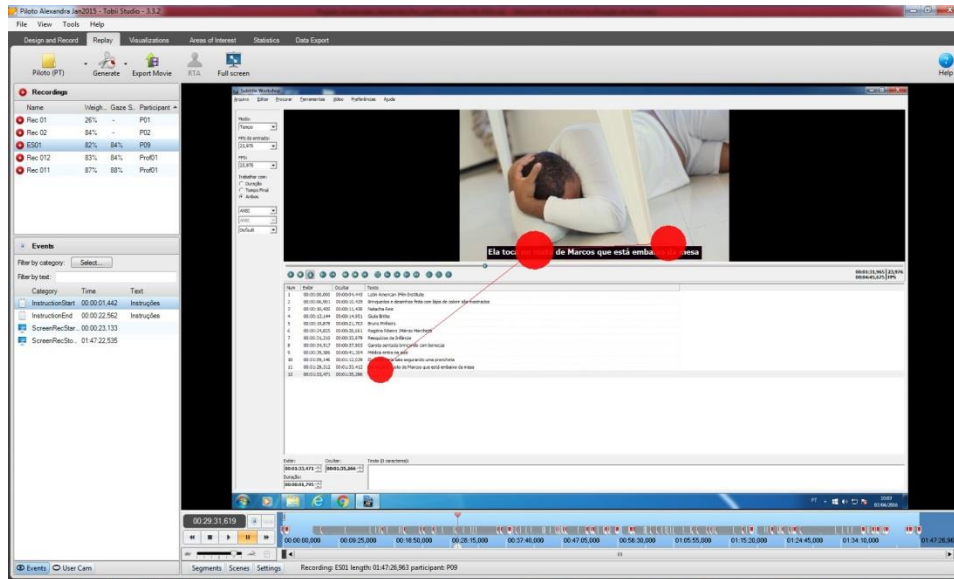
Sobre a elaboração de cada descrição, nenhum participante realiza essa ação da mesma forma em todas as descrições elaboradas, mas observamos a estratégia mais recorrente de alguns participantes. Por exemplo, PR01, PR02 e NV01 marcavam os tempos de início e término das descrições, elaboravam o texto, verificavam se a descrição podia ser lida nesse tempo delimitado lendo a descrição

em voz baixa com o filme passando e, se necessário, modificavam os tempos de início e/ou término ou o texto. Às vezes, PR02 agia como PR04, marcando o início da descrição, elaborando o texto e, após ler em voz baixa com o filme passando, fixando na descrição na caixa de texto, marcando o tempo de término da descrição. PR04 ainda voltava e conferia a possibilidade de leitura novamente. Já PR03 criava uma linha de descrição e elaborava o texto da descrição para só depois definir o tempo de início, ler em voz alta com o filme passando e, somente após essa leitura, definir o tempo de término da descrição.

Essa elaboração do texto também ocorria, com todos os participantes, de diferentes formas. Às vezes, de forma direta, na primeira tentativa, como se as fixações no vídeo fossem indícios de que os participantes já estavam elaborando a descrição e a ação de escrever era apenas uma transcrição daquilo que já haviam elaborado mentalmente. Outras vezes, observam-se tentativas, correções e fixações no filme, parecendo que os participantes estavam elaborando a descrição enquanto a escreviam.

Foi o caso da cena que pode ser vista na Figura 21, quando NV01 escreveu “Close em marcos com as mãos na cabeça”, apagou a descrição inteira, voltou e assistiu ao filme, e escreveu no lugar “Ele”. Parou de escrever, apagou e escreveu “Aflito”. Apagou, voltou o filme, assistiu novamente e escreveu “Ele está em”. Apagou, olhou novamente a cena estática, escreveu “Ele coloca as mãos na cabeça aflito”. Voltou o filme, assistiu novamente e reformulou a descrição para “Close em Marcos com as mãos na cabeça aflito”. Assistiu novamente, alterou a marcação de término da descrição e deletou a descrição. Voltou o filme mais algumas vezes, reassistindo à cena de Marcos embaixo da cadeira, e finalmente escreveu “Ele coloca as mãos na cabeça com aflição”, descrição que se manterá no roteiro final.

Figura 21 – NV01 deletando descrição



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
NV01: participante novato 01.

Desde o momento em que NV01 inseriu uma linha vazia para realizar a primeira tentativa de descrever essa cena até o momento em que finalizou a descrição, a participante levou oito minutos, sem realizar nenhuma pesquisa na internet nesse período. No relato, ela comenta: “E teve uma hora que eu apaguei sem querer uma legenda. E eu botei de novo. A dele debaixo da mesa. Eu apertei delete ao invés de insert.”. Ao elaborar a última descrição dessa cena, a participante escreveu “A médica faz sinal de negativo e continua a andar pela sala”, mas realçou as palavras “faz sinal de negativo” como se fosse apagar essas palavras, sem motivo aparente, pois há tempo disponível para ler esta descrição. Ela então olhou mais algumas vezes para a cena e deixou a descrição como estava.

Em uma das descrições, é possível observar o momento no qual NV01 decide qual palavra irá utilizar. Enquanto elaborava a descrição “No canto da parece⁴⁷, ela coloca as mãos no rosto.”. A participante pausou o filme para escrever e a imagem pausada a ajudou a reelaborar a descrição. A Figura 22, ampliada no Apêndice U, mostra o *Heat Map* do momento e a imagem que a participante observou durante esse momento, em que a participante terminou de escrever a palavra “rosto”, até o momento em que decide apagar as palavras “No canto da parece” para escrever “Imagens duplicadas”.

⁴⁷ Nos exemplos, as palavras foram mantidas da mesma maneira que estão no roteiro final entregue pelos participantes.

Figura 22 – Heat Map de NV01 elaborando a descrição sobre duplicidade



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
NV01: participante novato 01.

Pode-se inferir que, ao observar as imagens duplicadas da médica, essa descrição lhe pareceu melhor. Por isso, ao final, a descrição desse momento foi “Imagens duplicadas mostram ela colocando as mãos no rosto no canto da parede.”, o que se assemelhou muito com a descrição da profissional PR01 “Em **imagens duplicadas**, a médica, chora, se contorce e se deita no chão.”, PR02 “As **imagens se duplicam** e se sobrepõem.” e NV03 “Ela e os pacientes **aparecem duplicados**.”.

Ao elaborar a descrição “Com uma seringa sem agulha, aplicam uma injeção no braço dela.”, PR02 descreve que a seringa não possui agulha, apaga essa informação, mas depois volta a inserir essa informação. Em seu relato, ela apontou que achava essa informação importante para marcar que tudo o que aconteceu no filme não passou de uma alucinação da médica.

Tanto profissionais quanto novatos elaboravam descrições e as apagavam, às vezes apenas algumas palavras, às vezes a descrição inteira. Uma estratégia usada por PR01, por exemplo, era, após elaborar uma descrição, recortar esse texto, elaborar outra descrição no lugar dessa e, em um tempo delimitado antes ou depois desta, colar o texto que havia recortado.

Em uma das últimas descrições elaboradas por NV01, antes de descrever apenas os créditos finais, ela escreve “Eles colocam a médica sentada no chão”, olha diversas vezes para o filme, apaga a palavra “médica”, volta a olhar diversas vezes tanto para o filme como para a caixa de texto e finalmente escreve “Eles colocam a médica sentada no chão, mas agora ela está ventida com paciente”. Em seu relato, Apêndice G, ela disse que: “não poderia entregar logo o que aconteceu.

Porque seria muito óbvio. Mas também, teria que ter cuidado pra deixar entender que a médica não era a médica. Porém, eu acho que não fiz isso com destreza.”. Quando perguntada por quê, ela respondeu: “Na parte que ela aparece vestida como paciente... ela sempre foi paciente. Mas ela estava vestida diferente. É. Essa foi a solução que eu consegui.”. Todos os outros participantes também recorrem à mudança de vestuário para indicar que a médica era a paciente na descrição. Exceto NV04, que faz isso deixando de chamar a personagem de “doutora”, e chamando-a de “a mulher”, e os outros personagens de “paciente”.

Com relação ao monitoramento da possibilidade de leitura das descrições elaboradas, PR01 e PR02 liam em voz baixa as descrições para verificar se era possível lê-las nos tempos alocados. PR03, além de ler em um tom de voz mais alto, muitas vezes colocava entonações e pausas enquanto as lia. Às vezes, esse monitoramento não era feito descrição por descrição. PR03, por exemplo, elaborou as três descrições da primeira cena, definindo os tempos sem ler em voz alta, antes de voltar e ler as três descrições em voz alta. Após essas leituras, ele precisou redefinir os tempos das duas últimas descrições, mostrando que o monitoramento ideal deve ser de descrição por descrição.

PR04 e NV01, às vezes, pareciam ler de forma silenciosa para marcar o término de uma descrição, voltavam o filme e, lendo em voz baixa, verificavam se o tempo alocado era realmente suficiente. NV02 às vezes apenas fixava na duração de uma descrição para decidir se havia tempo para lê-la ou não, e não pareceu ler em voz baixa algumas descrições. Como dito anteriormente, por causa de sua estratégia de não marcar os tempos, NV03 muitas vezes não leu a descrição para verificar se o tempo alocado era suficiente. Isso foi feito na fase de revisão e, apesar de não parecer que o participante lia as descrições em voz baixa, em seu relato ele afirmou que controlava o tempo das descrições lendo apenas mexendo os lábios.

Assistindo ao caminho do olhar, vê-se claramente a diferença entre a fase de decisão do que deve ser descrito, maioria das fixações no filme, elaboração da descrição, maioria das fixações no filme e na caixa de texto, e monitoramento do tempo de leitura, maioria das fixações na descrição que aparece em cima do filme.

Alguns participantes pareceram dividir o filme em cenas, usando a interação da médica com cada paciente como um limite entre uma cena e outra, assim como fiz para analisar o filme. Transições também agiam como limites, e foi possível observar que alguns participantes assistiam ao filme até uma mudança de

personagem ou uma transição de cena, voltavam o filme e só então elaboravam as descrições. Muitas vezes assistindo ao trecho do filme várias vezes elaborando uma descrição por vez. PR04, na primeira cena, define o tempo de término da primeira descrição sincronizado ao término dessa cena, como se fosse elaborar apenas uma descrição, mas acaba elaborando três e tendo que redefinir esses tempos. De forma semelhante a NV03, em seu primeiro momento da fase de redação.

Ambos os perfis utilizavam a estratégia de recuperar informações do próprio roteiro para elaborar novas descrições. NV01, por exemplo, ao elaborar uma descrição que menciona a prancheta que a médica segura, fixa em uma descrição anterior que possui essa palavra. PR02 recupera a informação de como havia descrito o ambiente onde o filme se passa, “a sala”. Ao elaborar uma descrição sobre a movimentação da médica pela sala, PR02 fixa o olhar nas descrições que já elaborou buscando os verbos que já havia utilizado para descrever a ação de andar da médica, que foram “se aproxima”, “se afasta” e “se dirige”. Nessa nova descrição, ela inicialmente usa o verbo “caminha”, mas apaga e repete a construção “se aproxima”. Ao elaborar a descrição “Ela consulta os prontuários dos pacientes.”, PR03 muda o verbo “checar” de uma descrição para “consulta”. Nas descrições da cena do desfecho, PR04 utiliza “a mulher de jaleco” quatro vezes, sendo que no roteiro inteiro utiliza ao todo cinco.

PR03 fixa as descrições iniciais do filme, desde as descrições da cena dos créditos iniciais até as descrições da cena de Marcos, lendo algumas e fixando na imagem da cena que está descrevendo no momento. Em seguida, complementa a descrição para “Agora vê-se a jovem deitada. Marcos e Roberta a seguram.”. O participante pode ter feito essas leituras para recuperar o nome dos personagens. Após mais algumas fixações na imagem, reformula a descrição para “Agora vê-se Marcos segurando a jovem, enquanto Roberta aplica a injeção.”. Novamente volta a ler descrições anteriores antes de elaborar a próxima, “Augusto se aproxima e ajuda a levantar.”, aparentemente para recuperar o nome de outro personagem. Em seguida, modifica a descrição para “Roberta se levanta e se afasta. Augusto se aproxima e a ajuda a levantar.”. Após retornar e ler as descrições da cena de Eduardo, PR03 assiste à cena desse personagem e, em seguida, elabora a descrição “Atrás dela, está Eduardo, usando boné do exército e segurando uma vassoura.”. Como em seu roteiro não há o nome de Eduardo, o participante usou a

estratégia de ouvir as falas da médica para recuperar o nome do personagem que queria descrever.

NV02 fixa nas descrições já elaboradas, clica na segunda descrição da cena de Roberta, assiste à cena, pausa e elabora a próxima descrição “Com uma faca em punho, Roberta se aproxima a psiquiatra.”. Evidentemente suas fixações nas descrições anteriores são uma estratégia de recuperar o nome da personagem, mas como ele não fixou justamente na descrição onde havia o nome dela, ele teve que ouvir as falas da médica na cena de Roberta. Antes de elaborar a descrição “Eduardo está ao lado de Roberta segurando uma vassoura.”, fixa nas descrições já elaboradas, possivelmente para recuperar o nome do personagem. Mas como em seu roteiro ele não incluiu o nome desse personagem, precisa ouvir as falas da médica na cena de Eduardo.

NV04, ao descrever a cena em que Roberta caminha com a faca, fixou algumas das descrições do início do filme, assistiu ao filme a partir da primeira descrição da cena de Roberta, provavelmente tentando recuperar o nome da personagem, que não consta em seu roteiro. Modificou a última descrição elaborada “Aflita, ela leva as mãos ao rosto. **Enquanto isso, Roberta se aproxima com uma faca em punhos.**”. fixou na imagem que mostra Roberta e Eduardo, em algumas descrições já elaboradas, assistiu novamente a esse trecho, fixou em mais algumas descrições já elaboradas, assistiu à cena de Augusto e completou a descrição que estava elaborando “A câmera foca e vai percorrendo pelos rostos de cada um deles: **Augusto, Roberta**”. Fixou nas descrições já elaboradas novamente. Assistiu à cena de Marcos, assistiu ao trecho que estava descrevendo e completou a descrição “A câmera foca e vai percorrendo pelos rostos de cada um deles: Augusto, Roberta, **Eduardo e Marcos.**”. Sua estratégia de ler descrições anteriores e ouvir as cenas pode ter sido ocasionada pela necessidade de saber o nome dos personagens cujos rostos são focados nesse trecho.

Os participantes também se baseavam nas falas dos personagens para elaborar ou revisar suas descrições. PR03, após a fala da médica que diz que Roberta tem 22 anos, troca a palavra “criança” por “jovem” nas duas descrições sobre Roberta. Após escrever “A garota aparece segurando uma faca”, NV01 clica na primeira descrição da garota, que dizia “Garota sentada brincando com bonecas.” e assiste ao filme até depois da fala da médica na qual é mencionado o nome de Roberta. Substitui “Garota” por “Roberta” apenas na descrição de Roberta

segurando a faca. Isso pode demonstrar um comportamento no qual ela decide não adiantar o nome de Roberta na primeira descrição, pois a médica só fala o nome dela pouco depois que a descrição seria ouvida na audiodescrição da cena. Isso representa uma orientação de não adiantar informações. A descrição ainda ganhará a informação “e andado em direção à médica”. PR01, PR02, PR03, NV02 e NV03 também só chamam Roberta pelo nome depois que a médica o fala e PR04 e NV04 só fazem isso no final do filme, quando a personagem segura uma faca. Os participantes mostram uma preocupação tanto em não adiantar uma informação quanto em interagir com os diálogos do filme (SALWAY, 2007), deixando que a médica informe o nome da paciente e dando uma oportunidade aos audiodescritores de darem uma característica para Roberta, como sendo uma jovem ou uma garota. Os participantes podem também ter seguido uma regra que predominava no grupo de pesquisa no início, a de não antecipar informação.

Para pausar ou dar *play* no filme, apenas um participante não utilizava os botões de *pause* e *play* do SW. PR01 usava a estratégia de clicar em cima da imagem do filme para pausá-lo ou fazê-lo passar. O que pode ser uma prática interessante, já que não se faz necessário movimentar o olhar até os botões que serão clicados, talvez permitindo um melhor controle do *frame* do filme no qual se quer iniciar ou terminar uma descrição. No decorrer de seu processo, a participante utiliza esse recurso mais vezes do que a opção de clicar nos botões. Com relação a essas ações, também se nota que, exceto NV02, todos os participantes pausam o filme para definir os tempos de início e término das descrições. NV02 pressionava os botões que marcavam início e término das descrições com o filme passando, o que acabava fazendo suas marcações acontecerem em tempos não tão específicos e controlados quanto as marcações dos outros participantes, que pausavam o filme. Às vezes, isso o obrigava a refazer essas marcações.

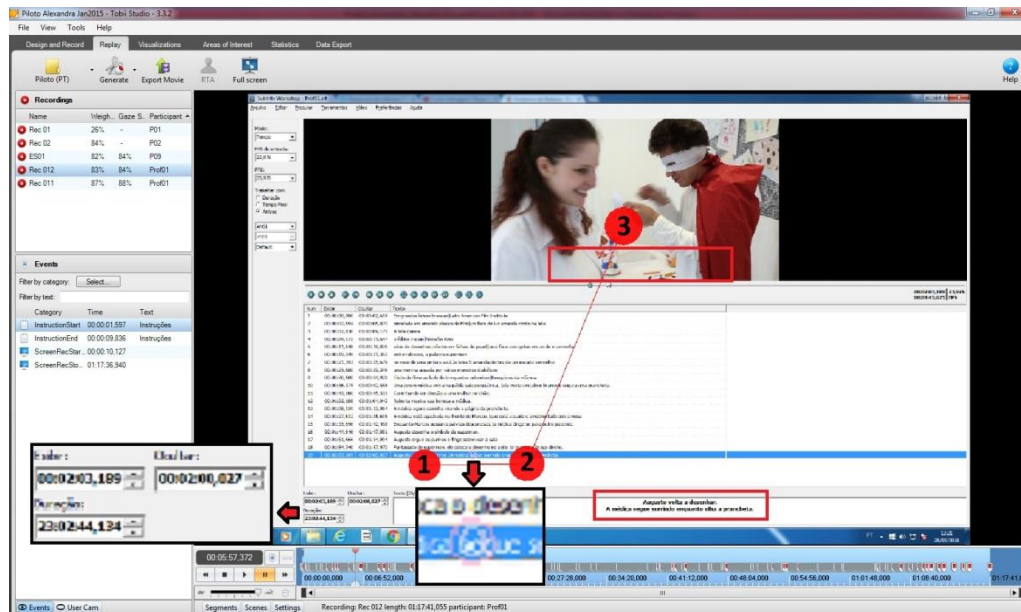
A maioria dos participantes modificava os tempos das descrições assistindo ao filme, pausando e clicando no botão do SW que define os tempos de início e término das descrições, exceto NV02, que, geralmente, acrescentava manualmente tempo à duração das descrições, inserindo milissegundos com os botões do SW que permitem isso. Esse participante fixava algumas vezes na área que mostra o tempo decorrido do filme, talvez para, manualmente, chegar próximo àquele tempo. Coisa que ele conseguiria com o filme pausado como estava e clicando no botão que marca o término da descrição. Além disso, por diversas vezes,

ele clicou no botão que para o filme, fazendo-o voltar ao seu início. Pode-se inferir que, apesar de ter sido o novato que mais contemplou os elementos que achei importantes em seu roteiro, como será visto na seção 5.2.1, e um dos novatos que aproveitou mais tempo disponível para inserir descrições, ele não era muito familiarizado com o SW. Apesar de acrescentar tempo às descrições manualmente, às vezes sem verificar a possibilidade de leitura de suas descrições, estas estão entre as mais lentas, perdendo em lentidão apenas para as descrições de NV01.

Ao modificar o tempo de término de uma descrição anterior, a participante PR02 de imediato recorta o texto da descrição seguinte, deleta a linha de descrição, cria uma nova com a tecla insert e cola o texto recortado. Isso evita um problema que aconteceu com vários participantes de sobreposição de descrições, que tinha que ser resolvido para que o processo continuasse. PR02 repete esse procedimento pelo menos mais duas vezes durante sua fase de redação. PR03, PR04, NV03 e NV02 têm problemas com isso.

Aproximadamente seis minutos após o intervalo, que foi de 27 minutos, PR01 insere a descrição “Augusto volta a desenhar e a médica segue para outro paciente.”. Voltando o filme e assistindo novamente à cena dessa descrição, a participante percebe na imagem do filme a médica sorrindo, como pode ser visto na Figura 24, e modifica a descrição para “Augusto volta a desenhar e a médica **sorrindo** segue para outro paciente.”. Ela volta novamente o filme clicando na descrição que acabou de ser elaborada, esse *click* do *mouse* é indicado na seta entre as fixações 1 e 2 da Figura 24. Nesse momento, as descrições, retângulo vermelho inferior da figura, não estão aparecendo na área onde está o filme, retângulo vermelho superior da figura, porque as marcações de início e final da descrição estão erradas, como pode ser visto na seta inferior da Figura 23, onde se vê que a duração dessa descrição é de 23 horas porque o tempo de saída está inferior ao tempo de entrada, mas a participante não percebe.

Figura 23 – PR01 tendo problemas com o software *Subtitle Workshop*



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
PR01: participante profissional 01

Ela volta três vezes tentando entender por que a descrição não está aparecendo. Pausa o filme, relê a descrição na caixa de texto algumas vezes e decide condensar as informações para “Augusto volta a desenhar e a médica caminha sorrindo”. Continua tentando entender por que as descrições não aparecem, reduz novamente a descrição para “Augusto volta a desenhar” e, após fazer isso, volta o filme clicando na descrição, faz o filme passar alguns segundos, mesmo sem a descrição aparecendo, e remarca o final da descrição. Nesse momento a descrição aparece sobre o filme.

Ao descrever textos escritos, como o nome da produtora do filme e os créditos, são notadas diversas fixações entre a imagem do filme onde está o texto e a descrição que está sendo elaborada. NV02, inclusive, pesquisa no Google para saber se o nome da produtora era “Latim American Film” ou “Latim Film American”. Isso pode indicar um constante monitoramento se o que está sendo escrito na descrição é uma transcrição fiel do que está aparecendo no filme, inclusive no aviso sobre direitos autorais ao final do filme. Porém, os participantes PR02 e PR03, que transcreveram esse último texto, ao perceberem que não havia tempo para ler, ou reduziu o texto inserindo informações das duas primeiras sentenças do aviso (PR02) ou apagou toda a descrição (PR03). PR01 transcreveu apenas a primeira sentença do aviso, enquanto que PR04, NV01, NV02 e NV03 não tentaram inserir esse texto

em seus roteiros. NV03 inclusive visualiza o filme em um *player* de vídeo para ler melhor o aviso e passa mais de três minutos, mas não elabora nenhuma descrição. Suas fixações onde aparece o tempo do filme parecem indicar que ele acreditava não haver tempo para descrever todo o texto e não pensou em reduzir o texto. NV04 descreve a transição entre cenas e o nome da produtora, mas nada sobre o aviso.

NV04 assiste a toda essa cena antes de começar a elaborar suas descrições. Assiste à cena até quase aparecer o título do filme e pausa. Repete esse processo mais duas vezes. Abre o Google Chrome e, na aba do canal do instituto no YouTube, fixa nos comentários, sinopse e ficha técnica. Vai na aba da última pesquisa realizada no Google e lê alguns resultados. Pesquisa no Google “Sobre o curta metragem resquícios da infância”, lê alguns resultados, volta ao SW e assiste novamente ao mesmo trecho. Pode-se perceber que a participante passa muito tempo com o filme pausado, fixando na imagem, na descrição que está elaborando ou no espaço onde escreverá a próxima descrição.

Outra estratégia para textos escritos foi a de PR01, que trouxe para a cena dos créditos finais os créditos com o nome dos atores que aparecem no início do filme. Possivelmente porque achava mais importante descrever os desenhos que aparecem no começo do filme do que os desenhos no final. A primeira descrição da cena dos créditos finais elaborada por PR03 inicialmente seria “Créditos finais. Roteiro Wellington Rilo”, mas após algumas fixações na imagem, mostrada na figura a seguir, ele recorta a informação sobre roteirista e coloca a informação sobre direção que aparece junto na imagem.

Figura 24 – Primeiros créditos finais



Fonte: Captura de tela do filme Resquícios da Infância.

Em seu relato, ao ser perguntado sobre isso, PR03 afirmou que:

PR03: Eu vi primeiro “Roteiro”. Mas, depois, eu vi o que tinha lá em cima e vi que era “Direção”. Aí eu dei preferência por “Direção” porque estava no alto, embora eu tenha visto primeiro “Roteiro”. E também dei preferência por “Direção” por uma questão de hierarquia dentro do trabalho fílmico, né? Geralmente o diretor é o cara mais importante. É o cabeça de tudo, né? O roteirista já é o cara que aparece antes do diretor. Ele recebe esse material do diretor. O diretor é que é a figura principal. Então, foi por essa questão aí.

Um dado curioso sobre isso é que, dos oitos participantes, três de cada perfil incluíram essas informações em seus roteiros. Os três profissionais, PR01, PR02 e PR03, descrevem direção antes de roteiro. Já dos três novatos, NV02 e NV04 colocaram roteiro antes de direção e NV01 fala apenas do roteirista. Isso pode indicar que os novatos priorizaram aquilo que eles leram primeiro, já que as duas informações surgem na tela ao mesmo tempo, mas como roteiro está à esquerda é mais provável de ser lido primeiro, sem processarem qual a carga de importância das informações, como explicitou PR03.

Ainda sobre a descrição dos créditos, os participantes descrevem os créditos finais na ordem que vão aparecendo, mesmo às vezes perdendo a sincronia com a imagem. Um ou outro crédito acaba não sendo transcrito nos roteiros e, neste caso, parece acontecer para sincronizar o próximo crédito com a imagem. A maioria inclui pelo menos “Direção” (PR01, PR02, PR03, NV02, NV04), “Roteiro” (PR01, PR02, PR03, NV01, NV02, NV04), “Direção de produção” (PR01, PR03, NV01, NV02, NV04), “Assistência de produção” (NV01, NV02, NV04), “Assistência de direção” (NV02, NV04), “Direção de fotografia” (PR01, PR02, PR03, NV01, NV02), “Iluminação” (PR02), “Operação de câmera e áudio” (NV01, NV02), “Direção de arte” (PR03, NV01), “Produção de elenco” (PR03) e “Produção de locação” (NV01). Dos 17 créditos finais, 11 são descritos e 5 aparecem em mais de dois roteiros.

PR04 e NV03 não descrevem nenhum crédito, nem inicial nem final, mesmo fixando neles e parecendo lê-los. PR04 prioriza os desenhos que aparecem. PR01, PR02, PR03 e NV01 incluem seus nomes como elaboradores do roteiro de AD. NV01 inclui inclusive um crédito para um possível locutor de seu roteiro.

Com os participantes NV02 e NV04, ocorreu um erro que fechou o SW quando eles clicavam em uma determinada área do programa. A primeira vez que o erro ocorreu foi com o participante NV02, o quarto a ter os dados coletados. O problema não ocorreu com nenhum outro participante antes dele e os três participantes seguintes foram avisados do problema, mas a oitava e última participante não foi e o erro ocorreu uma vez com ela também. NV02 perdeu dois

minutos e 22 segundos do momento do erro até retomar sua tarefa. Já NV04 perdeu sete minutos e 15 segundos. No teste realizado antes do começo do rastreamento, quando o único *software* rodando era o SW, NV02 clicou nessa área e não ocorreu nenhum erro. Acredito que o erro ocorreu por causa da execução do *Tobii Studio* juntamente com o SW, o que pode indicar que a utilização de um *software* de *key logging* não seria recomendada. NV02 elaborou novamente a descrição, mas dessa vez escreveu “Ela segura uma prancheta com **a ficha** dos pacientes.”, e a descrição permaneceu assim após a revisão.

NV04, durante a descrição da cena de Marcos, clica nessa área onde ocorre o erro e o SW fecha. Como não havia salvado o arquivo, as últimas quatro descrições elaboradas não foram salvas e ela precisa refazê-las, e uma das descrições já salvas ela havia modificado e precisa modificar novamente. O Quadro 16 mostra as descrições elaboradas antes do erro e depois.

Quadro 16 – Descrições de NV04 antes e depois de o *Subtitle Workshop* fechar

Antes do erro	Após o erro
00:01:28,090 → 00:01:31,034 Assustado, ele conversa algo com a doutora.	00:01:28,090 → 00:01:32,511 Assustado, ele fala algo para a doutora.
00:01:31,708 → 00:01:35,134 A imagem o mostra encolhido debaixo da mesa.	00:01:32,512 → 00:01:36,105 A imagem o mostra encolhido, ainda , debaixo da mesa.
00:01:39,770 → 00:01:42,634 Ela sai e se aproxima de outro rapaz.	00:01:37,029 → 00:01:40,213 Ela levanta e sai em direção à um outro rapaz.

Fonte: Elaborado pela autora.
NV04: participante novato 04.

Vê-se no antes e depois acima que o texto das descrições foi quase que completamente recuperado. O que mais variou foram os tempos de início e término das descrições, e a versão após o erro contém um pouco mais de informações do que a versão antes do erro.

Identificam-se em diversos momentos ações de revisão tanto dos tempos quanto do texto das descrições, por parte de ambos os perfis. A maior revisão dentro da fase de redação foi a de PR03, que, assim que terminou de elaborar as descrições da cena do desfecho, voltou ao início do filme e começou a assistir lendo em voz alta com entonação cada descrição já elaborada. Poderia ser considerado este o momento em que inicia sua fase de revisão, se não faltasse a elaboração de descrições de duas cenas que ele faria em seguida. Considerarei esse

comportamento como parte das revisões dentro da fase de redação. As revisões feitas nesse momento podem ser visualizadas no Quadro 17 a seguir.

Quadro 17 – Revisões de PR03 durante a fase de redação

Participante	Antes da revisão	Depois da revisão
PR03	2 00:00:03,614 → 00:00:05,439 Um traço amarelo destaca a palavra Film.	2 00:00:03,358 → 00:00:05,113 Traço amarelo sob a palavra Film.
	3 00:00:05,594 → 00:00:07,178 Um fecho de luz amarela ilumina o logotipo.	3 00:00:05,629 → 00:00:07,178 Fecho de luz amarela ilumina o logotipo.
	13 00:00:43,660 → 00:00:45,264 Aproxima-se da criança.	13 00:00:44,169 → 00:00:45,681 Close na prancheta.
	24 00:02:11,701 → 00:02:12,120 A jovem consulta os prontuários.	24 00:02:11,701 → 00:02:13,420 A jovem lê os prontuários.
	28 00:02:49,701 → 00:02:52,493 Eles consulta os prontuários dos pacientes.	28 00:02:49,701 → 00:02:52,493 Ela consulta os prontuários dos pacientes.
	43 00:04:00,619 → 00:04:04,438 Ao fundo, vemos Roberta, também de jaleco e segurando uma prancheta.	43 00:04:00,619 → 00:04:04,438 Ao fundo, vê-se Roberta, também de jaleco e segurando uma prancheta.
	44 00:04:05,184 → 00:04:09,798 Atrás dela, está Eduardo, usando boné do exército e segurando uma vassoura.	44 00:04:05,437 → 00:04:09,798 Atrás dela, está Eduardo, usando boné do exército e segurando uma vassoura.
45 00:04:09,799 → 00:04:13,040 Os quatro observam a jovem ainda no chão.	45 00:04:11,072 → 00:04:13,251 Os quatro observam a jovem ainda no chão.	

Fonte: Elaborado pela autora.

PR03: participante profissional 03.

Dentre as revisões realizadas, tem-se a completa reformulação da descrição 13, na qual PR03 ainda chamava Roberta de criança. Após ler essa descrição em voz alta, o participante pausou o filme e leu as outras descrições dessa cena para então reformular a descrição 13 para “Consulta a sua prancheta.”, depois para “Consulta a prancheta.” e finalmente “Close na prancheta.”. A seguir, é feita uma comparação entre os participantes com relação às pesquisas realizadas e o tempo despendido nessas pesquisas.

5.1.2.2 Pesquisas realizadas

A maioria das pesquisas realizadas nessa fase foi com relação a palavras, ou que os participantes tinham alguma dúvida com relação ao significado ou escrita ou estavam buscando sinônimos. Apesar de o computador possuir também o navegador Internet Explorer, todos os participantes utilizaram o Google Chrome para realizar suas pesquisas e utilizaram principalmente o próprio *site* do Google ou o *site* www.sinonimos.com.br. Apenas os participantes PR03 e NV03 não realizaram pesquisa alguma durante todo o processo de elaboração de seus roteiros. Sobre isso PR03 comentou:

PR03: Depois que eu assisti eu não achei necessário. Justamente, foi o que eu disse, é um filme que trata de aspectos do cotidiano. Não tinha por que pesquisar que tipo de distúrbio era esse. Se vê que é um distúrbio psicológico, da mente dela. Ao final do filme a gente percebe que ela projetou, naquelas figuras, os traumas de infância e aí eu não achei... Não me senti assim... instigado... eu não tive necessidade de buscar informações sobre o filme que eu achei que estava bem tranquilo pra mim. A percepção daquela situação de uma casa que cuida de distúrbio mental, psiquiátrico, hospício. Por isso que eu não fui buscar nenhum... Nada do que eles utilizaram ali... por exemplo, eles não utilizaram um estetoscópio. Seria uma coisa que eu já poderia ir pesquisar. O que é um estetoscópio, como é que eu descrevo, o que é aquilo lá, são os sensores, não sei o que. Mão, eles usaram assim...

Com relação à busca por mais informações sobre o filme nessa fase, NV02 pesquisou as palavras “Resquícios da infância”. Abriu em outra aba o resultado que o levava ao canal do YouTube do instituto e leu a sinopse selecionando com o cursor do *mouse* o texto que informa o nome da médica. Após essa ação ele voltou ao SW e substituiu em seu roteiro as palavras “a psiquiatra”, termo pelo qual vinha identificando a personagem da médica, por “Doutora Maria”, colando esse texto copiado da sinopse, porém sem verificar se a mudança no texto necessitaria de mudança nos tempos dessas descrições. A partir da cena de Roberta com a faca, ele substituiu “a psiquiatra” por “Maria”, provavelmente para marcar a mudança da personagem. O participante passou quase três minutos nessa revisão, lendo quase todas as descrições a partir da cena de Roberta. PR01, PR02 e NV04 fizeram essa pesquisa pela sinopse na fase de orientação, mas nenhuma optou por colocar o nome da médica em seus roteiros. PR03, PR04, NV01 e NV03 não procuraram pela sinopse do filme.

Sobre as pesquisas por sinônimos no *site* www.sinonimos.com.br, NV04, antes de iniciar a elaboração de suas descrições, já deixou uma aba aberta no Google Chrome nesse *site*. Os outros participantes que utilizaram esse recurso, PR01, PR02, NV01 e NV02, só abriram esse *site* no momento em que foram buscar algum sinônimo. PR04 utilizou o *site* www.dicio.com.br, pois, ao pesquisar uma palavra no Google, foi direcionada para esse *site* e continuou utilizando-o nas pesquisas seguintes.

A estratégia principal dos participantes foi pesquisar uma palavra, geralmente uma que acabaram de escrever em seus roteiros, ler os sinônimos mostrados pelo *site*, escolher um dos resultados mostrados e escrever a palavra no roteiro ou clicar em um dos sinônimos e repetir o processo de leitura de novos sinônimos.

Mesmo não pesquisando sinônimos na internet, PR03 modifica palavras em seu roteiro parecendo testar sinônimos. Em uma das descrições, ele escreve “Ela **porta** uma prancheta.”, mas em seguida substitui para “Ela **segura** uma prancheta.”. Sobre uma das mudanças de palavras, no caso o verbo checar por consultar, o participante comentou:

PR03: É. Eu achei que “consulta” era a palavra melhor. Mais comum. “Checar”, além de ser comum, checar é diferente de consultar o prontuário. “Deixa eu ver quantos anos ele tem, e tal”. “Checar” é “deixa eu ver se ele tomou o remédio hoje...”. Né? Não era isso o que ela estava fazendo. Ela estava lendo e revelando as características de cada personagem. Aí eu troquei por isso. Questão de semântica mesmo. Depois eu troquei “consulta” por “lê”. Porque estava muito extenso o texto, pro espaço que tinha. [...] Aquilo que ela está fazendo é uma leitura mental. Que a gente está ouvindo a voz dela. Aliás, ela não está falando, mesmo a gente ouvindo a voz, mas através da leitura mental que ela está fazendo.

Mesmo os participantes que pesquisaram sinônimos, às vezes, trocaram palavras sem realizar pesquisas. Como exemplo, tem-se NV04, que escreve o verbo “levanta”, mas, em seguida, troca por “sai”. A Tabela 1, a seguir, mostra o total de pesquisas realizadas pelos participantes durante a elaboração das descrições de cada cena. Os dados não passaram pelo teste de normalidade, por isso, neste momento, não se pode afirmar se os grupos são diferentes neste quesito.

Tabela 1 – Número de pesquisas por participante por cena descrita

Participante Cena	Profissionais					Novatos				
	PR01	PR02	PR03	PR04	TOTAL	NV01	NV02	NV03	NV04	TOTAL
01	2	0	0	0	2	0	1	0	1	2
02	1	1	0	1	3	0	0	0	2	2
03	2	1	0	2	5	1	1	0	0	2
04	4	0	0	1	5	0	0	0	0	0
05	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0
06	3	1	0	1	5	0	0	0	0	0
07	5	5	0	2	12	4	7	0	3	14
08	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	19	8	0	7	34	5	9	0	6	20
Média		8,5				5				
Desvio		7,85				3,74				

Fonte: Elaborada pela autora.

As descrições das cenas nas quais mais ocorreram pesquisas foram as das cenas do Desfecho, cena 7, com 26 pesquisas, 12 por parte dos profissionais e 14 pelos novatos, e a cena de Roberta, cena 3, com 7 pesquisas, 5 dos profissionais e 2 dos novatos. As cenas com menos pesquisas foram as cenas de Augusto, cena 5, com duas pesquisas por parte de PR01, e da logo da produtora, cena 1, com quatro pesquisas. Não houve nenhuma pesquisa enquanto os participantes descreveram as cenas dos créditos finais, cena 8, e do aviso no final do filme, cena 9.

Houve quatro pesquisas durante a elaboração da Cena 01, Logo da produtora. PR01 pesquisou sinônimos para a palavra “perpassar”, que resultou na palavra “atravessa” em seu roteiro, e a palavra “brilhar”, que no roteiro virou “cintila”. A pesquisa de NV02, pelas palavras “Latin American Film”, foi no próprio Google e pareceu ser com o intuito de verificar a ordem correta do nome do instituto, pois na imagem da logo podia dar a entender que o nome era “Latin Film American”. Já NV04 utilizou os resultados da pesquisa realizada na fase de orientação, das palavras “Roteiro Resquícios da infância”, abriu um *link* do Facebook para a página do ator que interpreta Marcos, e, em outra aba, abriu um resultado que a levou ao Google Books do livro “Semiologia em psiquiatria da infância” e, em outra aba, a página da atriz que interpreta a médica. Por fim, voltou à aba do canal do instituto no YouTube e pareceu ler informações técnicas do filme, a sinopse e os comentários, ação já realizada na fase de orientação.

Para elaborar as descrições da Cena 02, Créditos iniciais, os participantes realizaram cinco pesquisas. PR01 pesquisou sinônimos da palavra “acuada”, leu alguns, mas acabou utilizando essa palavra em seu roteiro. PR02 pesquisou no

Google as palavras “emblema do superman” e leu como resultados “símbolo do superman” e “logotipo do superman”, mas, como a maioria dos resultados retornava “símbolo do superman”, ela opta por essa construção em seu roteiro. PR04 pesquisou no Google, inicialmente, como se escrevia a palavra Playmobil e, em seguida, imagens dessa palavra, aparentemente para se certificar de que podia chamar assim os brinquedos do início da cena. A participante NV04 realiza duas pesquisas; na primeira, no Google, ela pesquisa “sob a” e “sobre a”, aparentemente buscando a diferença entre as expressões. Em sua pesquisa seguinte, visualiza o canal do YouTube e relê ficha técnica e comentários.

A cena 03, Roberta, gerou sete pesquisas. PR01 procurou sinônimo para “portar”, utilizando “segura” em seu roteiro, e, para descrever a interação entre a médica e Roberta, pesquisou sinônimos para “tocar”, “mexer” e “carinho”, mas em seu roteiro final ela decidiu retirar essa descrição. PR02 e PR04 pesquisaram no Google imagens da palavra “prancheta”, PR04 ainda pesquisou sinônimos para essa palavra. NV01 pesquisou imagens das palavras “prancheta médica”. NV02 pesquisou no Google a palavra “psiquiatra” e leu partes da página da Wikipédia sobre “psiquiatria”.

Houve cinco pesquisas durante a elaboração da cena 04, Marcos, quatro delas realizadas apenas por PR01. Esta participante pesquisou a palavra “sob” no *site* de sinônimos e leu alguns resultados antes de elaborar a descrição “A médica está agachada na frente de Marcos, que está acuado e amedrontado sob a mesa”. Não podemos dizer ao certo se, neste caso, a participante estava em dúvida entre “sob” e “sobre” ou se ela procurou sinônimos para localizar o personagem embaixo da mesa. Pesquisou também a palavra “amedrontado” após elaborar essa descrição, mas não a modificou e leu descrições anteriores, pesquisou a palavra “branca”, leu os resultados e inseriu a palavra “pálida” na descrição da cena anterior: “Uma jovem médica entra na pálida sala psiquiátrica,”. Pesquisou também o verbo “seguir”, e a descrição “a médica segue” virou “a médica dirige-se para outro paciente.”. PR04, ao escrever a palavra “agachada”, pesquisou no Google essa palavra, fixou em alguns resultados e imagens e continuou a escrever a palavra. Aparentemente a intenção não foi buscar sinônimos.

A cena 05, a de Augusto, motivou apenas duas pesquisas por parte de PR01, ambas relacionadas à vestimenta do personagem. No Google ela pesquisou “superman fantasia”, fixou alguns resultados e imagens e, em seguida, procurou um

sinônimo para “bandana”. Sua descrição inicialmente era “Vestido de...”, mas acabou ficando “Fantasiado de superman...”. Em seu relato guiado, ela comenta que, numa revisão, voltaria a escrever “Vestido de”, já que todos os outros foram descritos como vestindo algo. Já que a médica, Roberta e Marcos vestem jaleco.

Ao elaborar as descrições para a cena 06, a de Eduardo, os participantes realizaram cinco pesquisas, sendo que PR01 realizou três delas. Esta participante pesquisou sinônimos para as palavras “espelhado” (após elaborar a descrição com essa palavra) “mostrar” e “comprimir” (antes de elaborar as descrições com essas palavras), mas nos três casos ela manteve exatamente essas palavras. PR02 pesquisou a palavra “semblante” no Google, após elaborar uma descrição com essa palavra, visualizou algumas imagens e não modificou sua descrição. PR04 escreveu o verbo “comprimir”, pesquisou sinônimos no *site* www.dicio.com.br e modificou para o verbo “pressiona”.

A cena 07, a do Desfecho, causou 26 pesquisas. Dentre os profissionais, PR01 realizou cinco pesquisas, duas em busca de sinônimos para as palavras “prancheta” e “caneta”, mas não encontrou esses sinônimos e utilizou apenas “prancheta” no roteiro. Pesquisou também sinônimos para “pressão” e “pressionado”, após elaborar a descrição “A médica se contorce agora contra o chão enquanto aplicam uma dolorosa injeção no seu braço.”, mas não modificou a descrição após a pesquisa. Pesquisou também a palavra “agora”, antes de elaborar a descrição “A médica, agora sem jaleco, é segurada no chão por Roberta e Marcos.”. Inicialmente a descrição era “A médica é segurada no chão por Roberta e Marcos.”, mas após algumas fixações na imagem a participante resolveu descrever o vestuário da personagem, que mudou.

PR02 realizou cinco pesquisas. Após elaborar a descrição “As imagens da médica e dos pacientes se aproximando se sobrepõem.”, pesquisou no Google a palavra “sobrepõem”, leu um resultado sobre a conjugação verbal desse verbo e corrigiu a conjugação utilizada. Ao descrever que a médica “se ajoelha”, pesquisou no Google o verbo “acocorar”, leu o verbo “agachar” em um dos resultados e escreveu a descrição “Ela se agacha”. Reformulou uma descrição para “Com um olhar penoso”, pesquisou no Google imagens de “olhar penoso”, “olhar triste” e “olhar triste e indagador” e escreveu “Com um olhar triste e intrigante”. Por último, pesquisou a palavra “intrigante”, mas não modificou a descrição.

PR04 realizou duas pesquisas ao elaborar as descrições dessa cena, ambas, aparentemente, para checar a forma de escrita das palavras. Após elaborar a descrição “Ela passa pelos rapazes e se aproxima da mulher de jaleco que está agachada, acoada contra a parede.”, ela foi ao Google Chrome e, na aba do *site* www.dicio.com.br, pesquisou a palavra “acoada”, leu os resultados, pesquisou a palavra “acuada” e leu a definição dessa palavra. Voltou ao SW e trocou “acoada” por “acuada” em sua descrição. Antes de elaborar a descrição “Uma seringa é injetada no braço da mulher.”, pesquisou no *site* www.dicio.com.br as palavras “siringa”, “ciringa” e “seringa”.

Já entre os novatos houve treze pesquisas. NV01 realizou quatro pesquisas. Após elaborar a primeira descrição dessa cena, “A médica continua olhando a prancheta enquanto vultos dos pacientes aparecem ao seu redor”, a participante foi ao Google e pesquisou a palavra “pacientes”. Fixou alguns resultados, parecendo ler apenas um, e algumas imagens. Retornou ao SW, fixou na descrição por quase 20 segundos, mas não a modificou. Pareceu incomodada em chamar os personagens de pacientes. Ao elaborar a descrição “Ela solta a prancheta e os vultos se aproximam”, a participante foi ao Google após escrever “Ela solta a prancheta”, pesquisou as palavras “sinônimo enquanto”, abriu o resultado que a levou ao *site* www.sinonimos.com.br e leu os sinônimos da palavra “enquanto”. É evidente que a participante buscou uma conjunção para unir as duas ações descritas nessa inserção e decidiu utilizar “e” ao invés de “enquanto”. Antes de elaborar a descrição “Uma injeção é aplicada na médica”, NV01 pesquisou no Google a palavra “injeção”, pareceu ler alguns resultados, fixou em algumas imagens e selecionou com o *mouse* a palavra “seringa”, que apareceu em um dos resultados. Mas a participante escreveu a descrição com a palavra “injeção”. Para sua próxima pesquisa, fixou no final da descrição “Roberta aparece segurando uma faca e andado em direção à médica”, foi ao Google, pesquisou “em direção a” e corrigiu a descrição, pois faltava uma crase nela.

NV02 pesquisou no Google a palavra “escorar”, leu o resultado que o levaria ao *site* www.dicio.com.br, voltou ao SW e colocou em sua descrição as palavras “se encosta”. Em seu relato, ele foi perguntado sobre essa pesquisa:

PQ: Teve uma hora que tu pesquisou “se escora” aí viu os sinônimos e colocou “se encosta na parede” para deslizar. Por que tu tirou o “escora”? Não gostou do “escora”?

NV02: Não, ela não estava escorada. Porque acho que escorado seria ficar se apoiando. Ela se encostou na parede e deslizou. Eu estava procurando uma palavra, só que não vinha. Sinônimos.

Ao elaborar a próxima descrição, pesquisou no Google a palavra “alucinação”, leu alguns resultados, pesquisou “alucinação sinônimo”, abriu o resultado que levava ao *site* sinonimos.com.br, leu os sinônimos, um dos resultados, em cima do qual o participante até passa o cursor do *mouse*, sendo “desordem” e elaborou a descrição “A imagem alterna em desordem.”. Voltou ao Google Chrome, ainda no *site* sinonimos.com.br, voltou a ler os resultados dos sinônimos de “alucinação”, clicou na palavra “frenesi”, leu mais algumas palavras, voltou para os resultados de “alucinação” e completou a descrição para “A imagem alterna em desordem mostrando a perturbação.”. Voltou a pesquisar no Google a palavra “perturbação” e, em seguida, “perturbação sinônimo” e foi direcionado de volta ao *site* sinonimos.com.br, leu alguns resultados e modificou a descrição para “A imagem alterna em desordem mostrando **a inquietação da psiquiatra.**”.

Após elaborar a descrição “Deitada ao chão, a psiquiatra recebe uma injeção.”, NV02 abriu o Google Chrome, pesquisou no Google a palavra “injeção”, leu alguns resultados e não modificou essa palavra, mas no Google pesquisou “Resquícios da infância”. Abriu em outra aba o resultado que o levou ao canal do YouTube do instituto e leu a sinopse selecionando com o cursor do *mouse* o texto que informa o nome da médica. Voltou ao SW e substituiu em seu roteiro as palavras “a psiquiatra” por “Doutora Maria”, colando esse texto copiado da sinopse, sem verificar se a mudança no texto necessitaria de mudança nos tempos dessas descrições. A partir da cena de Roberta com a faca, ele substituiu “a psiquiatra” por “Maria”, provavelmente para marcar a mudança da personagem. O participante passa quase três minutos nessa revisão, lendo quase que todas as descrições a partir da cena de Roberta.

NV04, ao elaborar as descrições dessa cena, foi ao Chrome e, na página do *site* sinonimos.com.br, pesquisou a palavra “desespero”. Leu alguns resultados, entre eles “aflição”, e modificou a última descrição elaborada para “**Aflita**, ela leva as mãos ao rosto.”. Ao escrever a descrição “A doutora se contor”, abriu o Google Chrome e pesquisou no *site* sinonimos.com.br a palavra “contorcer”. Leu alguns resultados e escreveu “A doutora se contorce e Roberta aplica uma injeção”. Ao final, abriu o Google Chrome na aba do canal do instituto no YouTube e leu a sinopse.

É possível classificar os tipos de pesquisas realizadas em quatro tipos: Busca por sinônimos, Busca por imagens, Busca por palavra e Busca por informações externas ao filme.

A Busca por sinônimos geralmente foi realizada em *sites* de sinônimos, como o www.sinonimos.com.br e o www.dicio.com.br. Mas também houve casos em que os participantes realizaram a pesquisa no próprio Google, escrevendo a palavra seguida da palavra “sinônimo”. Na Busca por imagens, o participante pareceu querer se certificar de que aquela palavra identificava aquele objeto que ele viu no filme. Foi o caso das palavras “prancheta” e “superman fantasia”.

Na Busca por palavra, o participante pareceu querer descobrir como escrever a palavra, ou seu real significado, mais do que obter seus sinônimos. Como exemplos, há a busca por “Latin Film American”, quando o participante pareceu querer se certificar da sequência correta dessas palavras, e “sob a” e “sobre a”, quando o participante pareceu em dúvida do significado de cada uma dessas palavras. Também houve o caso de uma participante que, no *site* www.dicio.com.br digitou as palavras “siringa”, “ciringa” e “seringa”, evidentemente verificando a escrita correta. Já na Busca por informações externas ao filme, houve principalmente a pesquisa pelo título do filme, que levou os participantes à sinopse do mesmo. Também houve uma pesquisa que resultou na leitura de uma página sobre psiquiatria da Wikipédia. A Tabela 2 mostra o total de pesquisas, dividido pelo tipo, realizadas pelos participantes.

Tabela 2 – Quantidade de pesquisas e tipos de pesquisas realizadas pelos participantes

Participante	Sinônimos	Imagens	Palavra	Informações externas	TOTAL
PR01	18	1	0	0	19
PR02	1	4	3	0	8
PR03	0	0	0	0	0
PR04	2	3	2	0	7
Média	5,25	2	1,25	0	
Desvio	8,54	1,82	1,5	0	
NV01	3	1	1	0	5
NV02	4	0	3	2	9
NV03	0	0	0	0	0
NV04	2	0	1	3	6
Média	2,25	0,25	1,25	1,25	
Desvio	1,70	0,5	1,26	1,5	
TOTAL	30	9	10	5	

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela mostra que a maioria das pesquisas é por sinônimos, depois por palavras, para sanar dúvidas de como escrevê-las, e por imagens. Há poucas pesquisas por informações externas, e a maioria foi com relação à sinopse do filme. Com relação às imagens, três participantes, PR02, PR04 e NV01 procuraram imagens de pranchetas. Dois participantes, PR01 e NV04, pareceram em dúvida entre “sob” e “sobre”. Tanto PR01 quanto PR04 procuraram por sinônimos de “comprimir” para descrever Eduardo pressionando o rosto contra o vidro da janela, mas apenas PR01 pôs esse verbo em seu roteiro. Essas mesmas participantes também procuraram sinônimos para “acuada”. Utilizaram essa palavra em seus roteiros, assim como também o fez PR03. PR01 utilizou essa palavra três vezes, parecendo querer marcar esse comportamento das personagens. A Tabela 3, a seguir, mostra o tempo total e a percentagem de tempo despendido com pesquisas.

Tabela 3 – Tempo utilizado para pesquisa e percentagem com relação ao tempo total da tarefa

Participante	Tempo Total (segundos)	Percentagem do tempo
PR01	533	4,65%
PR02	261	3,35%
PR03	0	0%
PR04	284	3,09%
Média	269,5	2,77%
Desvio	217,82	1,97%
NV01	101	1,56%
NV02	320	4,83%
NV03	0	0%
NV04	428	4,28%
Média	212,25	2,67%
Desvio	196,28	2,28%

Fonte: Elaborada pela autora.

Percebe-se que o tempo médio despendido com elas é similar ao dos novatos. Isso pode indicar que os profissionais passam menos tempo em suas pesquisas. Isso é corroborado pelos dados de NV04, que realizou seis pesquisas, gastando 428 segundos nelas, enquanto que PR04 realizou sete pesquisas, gastando 284 segundos, quase o mesmo número de pesquisas, mas quase a metade do tempo da novata. Estatisticamente, os dados não mostram diferença entre os grupos ($t = -0,4919$; $p = 0,6403$).

5.1.2.3 Fixações nas áreas de interesse

Com as áreas de interesse descritas na seção 4.4.1.2, foram analisados o número e a duração das fixações dos participantes durante essa fase apenas nos momentos em que o SW era visualizado. As Tabelas 4 e 5, a seguir, mostram o número de fixações nessas áreas, primeiramente dos profissionais e, em seguida, dos novatos.

Tabela 4 – Fixações dos profissionais durante a fase de redação

Participante	PR01		PR02		PR03		PR04		Média	
	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms
Menu superior	2	235	1	410	3	793	10	220	4	414,5
Filme	3286	610	1853	554	2310	472	2596	450	2511,25	521,5
Descrição	1461	392	357	750	723	600	824	619	841,25	590,25
Botões	363	669	326	860	740	752	508	728	484,25	752,25
Timeline	181	355	193	636	60	328	164	437	149,5	439
Tempo do filme	1	1190	19	772	11	638	3	573	8,5	793,25
Roteiro	1959	399	1023	456	1337	470	1881	526	1550	462,75
Tempo das descrições	24	494	49	408	39	841	61	544	43,25	571,75
Caixa de texto	1960	645	1441	736	1697	862	2067	895	1791,25	784,5

Fonte: Elaborada pela autora.

As áreas onde os profissionais mais fixaram durante a fase de redação foram as áreas do filme, a caixa de texto onde o roteiro era elaborado, a área do roteiro já elaborado e a descrição que aparece sobre o filme, como se fosse uma legenda. Entre essas, as maiores médias de fixação estão na caixa de texto, na descrição, no filme e no roteiro. A seguir, são apresentados os dados dos novatos com relação ao total e a média das fixações nas áreas de interesse.

Tabela 5 – Fixações dos novatos durante a fase de redação

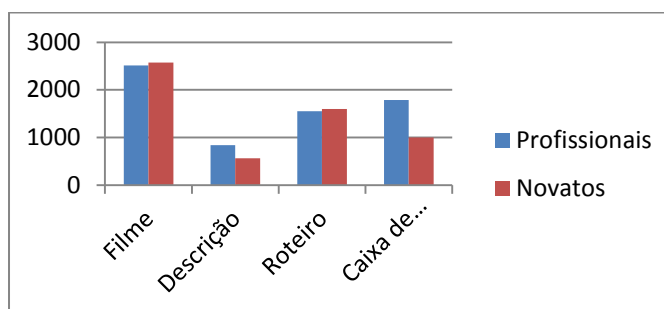
Participante	NV01		NV02		NV03		NV04		Média	
	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	Ms	Nº	ms
Menu superior	1	140	6	462	0	0	3	160	2,5	190,5
Filme	1808	711	2497	449	978	478	5019	406	2575,5	511
Descrição	796	873	886	357	173	352	395	277	562,5	464,75
Botões	553	693	186	480	104	678	425	303	317	538,5
Timeline	200	492	80	244	22	402	215	326	129,25	366
Tempo do filme	36	907	7	320	1	350	3	430	11,75	501,75
Roteiro	844	617	1882	390	500	501	3185	307	1602,75	453,75
Tempo das descrições	4	373	447	810	4	493	103	330	139,5	501,5
Caixa de texto	755	819	1450	602	116	394	1694	260	1003,75	518,75

Fonte: Elaborada pela autora.

Os novatos fixaram principalmente nas áreas do filme, do roteiro já elaborado, da caixa de texto e descrição, trocando a ordem apenas das áreas do

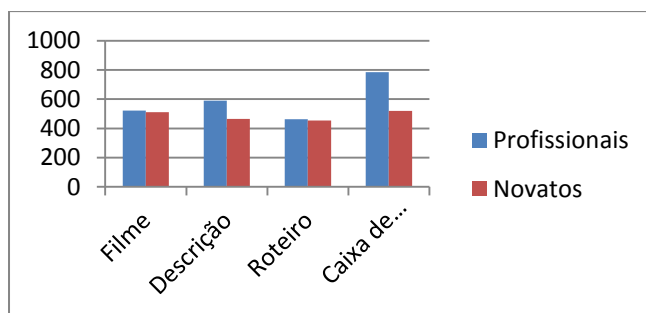
filme e descrição já elaborada em relação aos profissionais. Caixa de texto, filme, descrição e roteiro foram as áreas com maiores médias de fixações, contra caixa de texto, descrição, filme e roteiro dos profissionais. Nota-se que o maior número de fixações em ambos os perfis ocorre no filme e que as fixações mais longas ocorrem na caixa de texto, mostrando que essas duas áreas seriam as que mais demandam esforço cognitivo por parte dos participantes durante a fase de redação. Excluindo os dados de NV03, cuja redação foi a menor entre todos os participantes, as áreas com mais fixações e cujas fixações são mais longas continuam as mesmas. O gráfico a seguir mostra as quantidade de fixações nas Aol mais fixadas por ambos os perfis.

Gráfico 5 – Número de fixações por grupo na fase de redação



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que, mesmo na fase de redação, o filme, ou seja, o texto de partida, é o elemento que mais recebe fixações por ambos os perfis. Em seguida, os profissionais fixam mais na área onde elaboram o texto de chegada e, depois, no texto de chegada propriamente dito, o roteiro. Essa ordem é a inversa à dos novatos, que fixam mais no roteiro já elaborado e depois na área onde o elaboram. Por último, ambos os perfis fixam na área onde as descrições aparecem em cima do filme. O gráfico a seguir mostra a duração média das fixações, em milissegundos, nessas quatro áreas.

Gráfico 6 – Duração média das fixações por grupo na fase de redação

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de a área do filme ser a que mais recebe fixações, é na área onde o texto das descrições é elaborado que a duração média das fixações de ambos os perfis é maior. Isso pode indicar que o processamento dessa área é o mais complexo e exige mais dos participantes, cognitivamente falando. Os profissionais, em seguida, têm fixações mais longas na área onde leem as descrições que aparecem em cima do filme e, depois, no próprio filme. O inverso ocorre com os novatos. Ambos os perfis têm menor duração média das fixações na área do roteiro já elaborado. O Quadro 18 mostra os valores parametrizados dos números de fixações nessas quatro Aol.

Quadro 18 – Fixações parametrizadas nas Áreas de Interesse na fase de redação

Participante	Profissionais				Novatos			
	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Aol	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Total de fixações na fase de redação	10692	5680	7856	8781	5522	8476	2350	9897
Filme	30,733	32,623	29,404	29,564	32,742	29,460	41,617	50,712
Descrição	13,664	6,285	9,203	9,384	14,415	10,453	7,362	3,991
Roteiro	18,322	18,011	17,019	21,421	15,284	22,204	21,277	32,181
Caixa de texto	18,331	25,370	21,601	23,539	13,673	17,107	4,936	17,116

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise estatística dos dados não mostrou diferenças entre o número de fixações ($t = -0,2258$; $p = 0,8289$) nem entre a duração das fixações (dados não parametrizados) entre os grupos com relação ao total de fixações nessa fase. Também não foram encontradas diferenças no número das fixações nas Aol: Filme (dados não parametrizados), Descrição ($t = -0,2147$; $p = 0,8371$), Roteiro ($t = 1,114$; $p = 0,3079$) e Caixa de texto ($t = -2,7743$; $p = 0,03224$). Nem com relação à duração dessas fixações: Filme ($t = -0,1382$; $p = 0,8946$), Descrição (dados não

parametrizados), Roteiro ($t = -0,037$; $p = 0,9717$) e Caixa de texto ($t = -1,9675$; $p = 0,09669$). A seguir, analisa-se a fase de revisão.

5.1.3 Revisão

A fase de revisão dos participantes variou bastante com relação ao tempo de duração, mas o comportamento foi bastante similar. A revisão mais longa foi a de NV03, que durou 01:08:27, seguida pela de PR04, que durou quase 30 minutos. A revisão mais curta foi a de NV02, com duração de pouco mais de quatro minutos. Os outros participantes passaram entre seis e onze minutos nessa fase.

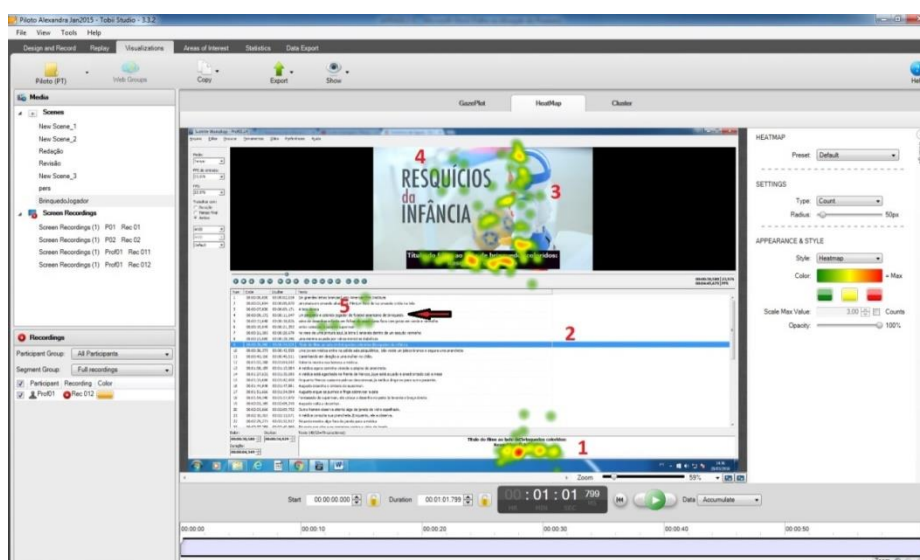
A fase de revisão de PR01 começa com ela voltando às descrições iniciais e parecendo ler uma a uma. Logo no começo, quando ela percebe que não havia apagado a descrição dos créditos com o nome da primeira atriz, que já havia realocado para o final do filme, ela a apaga e escreve “Um pequeno e colorido jogador de futebol americano de brinquedo.”. E parece continuar lendo as descrições seguintes com o filme pausado. Ação semelhante à realizada por NV01. Esse comportamento parece indicar uma busca por revisões mais evidentes, como palavras escritas de forma errada ou descrições que deveriam ter sido apagadas. Mas não houve alteração em outras descrições nesse momento. A participante então retorna ao início do filme e parece assistir, lendo em voz baixa, a cada descrição nos espaços de tempo alocados, conforme vão aparecendo em cima do filme, pausando o filme apenas quando encontra algum problema ou no texto da descrição ou no tempo para ler a descrição. A fase de revisão parece simular a etapa de gravação do roteiro de AD.

Uma das revisões realizadas por PR01 foi a substituição da descrição 9 “Título do filme ao lado de brinquedos coloridos: Resquícios da infância” por “Título do filme ao lado do jogador de brinquedo: Resquícios da infância”. O jogador é um elemento que aparece tanto no início como no final da “Cena 02: Créditos iniciais”. A participante pareceu perceber a presença do jogador ao lado do título, cuja descrição acabou de elaborar. Ao perceber que o jogador estava sendo chamado de brinquedo, ela preferiu retomar a descrição que já havia feito dele.

Na Figura 25, é possível notar as áreas mais fixadas pela participante PR01 enquanto elaborava a revisão dessa descrição. Pode-se notar que as áreas que mais receberam fixações foram: as áreas onde a participante

escreveu/modificou a descrição (que também aparece destacada por uma linha azul no programa *Subtitle Workshop*), que estão marcadas respectivamente por 1 e 2, a área do vídeo onde se encontra o brinquedo descrito, marcação 3, a área do vídeo onde está o título do filme, marcação 4, e uma área onde há descrições que, nesse momento, já passaram sobre o filme, marcação 5. Vale ressaltar que uma das descrições que já apareceu foi justamente a que descrevia o jogador, na qual a participante escreveu “Um pequeno e colorido jogador de futebol americano de brinquedo.”. Essa descrição está marcada por uma seta na figura a seguir.

Figura 25 – Heat Map da revisão de uma descrição por parte de PR01



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
PR01: participante profissional 01.

Esse retorno a uma descrição já elaborada pode caracterizar uma estratégia do audiodescritor para manter uma coesão em seu texto ou apenas para marcar a presença repetida de certos elementos e também foi utilizado durante a fase de redação por alguns participantes. Mesmo ela reduzindo “Um pequeno e colorido jogador de futebol americano de brinquedo.” para “Título do filme ao lado do jogador de brinquedo”, a utilização da preposição “do” leva a entender que o elemento já foi descrito anteriormente e cabe ao espectador fazer a referência com o jogador já descrito. Se a descrição da participante fosse “Título do filme ao lado de um jogador de brinquedo”, essa referência poderia não ser feita.

Outra revisão realizada pela participante foi na descrição 23, na qual, após uma busca na internet por sinônimos que pode ser vista na Figura 26, ampliada no Apêndice V, ela resolve incluir a palavra “irritado” na descrição:

“Eduardo irritado nos olha e se comprime contra o vidro da janela.” Primeiro ela procura pela palavra “furioso”, seta à esquerda, e entre os sinônimos lidos ela procura pela palavra “bravo”, círculo à esquerda. Dentre os sinônimos da palavra “bravo”, ela decide utilizar em seu roteiro a palavra “irritado”, círculo mais à direita.

Figura 26 – Heat Map da participante PR01 lendo sinônimos



Fonte: Captura de tela do Tobii Studio.
PR01: participante profissional 01.

No relato retrospectivo, a participante comentou que utiliza bastante o *site* *sinônimos.com.br*, pois às vezes é difícil encontrar a palavra certa para transmitir o que ela quer. Ela inclusive faz pesquisas com sinônimos do inglês. Com relação ao motivo de ter feito a substituição de “bravo” por “irritado”, ela disse: “Foi. É porque eu achei que não segurava ali a atuação. É... ele não estava muito... ele estava meio *out*. Uma raiva meio louca. Porque furioso a pessoa está vermelha.”. A última revisão é com relação ao tempo de término da descrição 45, na qual a participante se identificou como autora do roteiro de AD, fazendo com que a descrição terminasse 400 milissegundos antes.

A participante PR02 já começou sua fase de revisão assistindo ao filme e lendo em voz baixa as descrições conforme elas iam aparecendo em cima do filme. Nesse momento inicial da revisão, a participante inseriu apenas uma palavra, “alguns”, na terceira descrição. Ao chegar ao final do filme, a participante voltou o filme para o início e pareceu refazer o processo, assistindo ao filme a partir da segunda descrição. Ela juntou as descrições 2 e 3 em uma mesma descrição,

acrescentou a palavra “vemos” na terceira descrição e “O título do filme surge sobre as imagens.” na quarta descrição, além de modificar o tempo de início dessa descrição, acrescentando quase dois segundos a ela. Ao chegar na sexta descrição, a participante fechou o SW, abriu o *Word*, abriu em *Bloco de Notas* o roteiro elaborado, copiou o texto do *Bloco de Notas* para o *Word* e foi procurando marcações do *Word* em vermelho e em verde que indicavam problemas no texto. A única palavra que o *Word* indicou como errada foi a palavra “superman”, que a participante não modificou, assim como não modificou outras sentenças que o *Word* marcou em verde, mesmo após ter lido as sugestões de modificações do *Word*. Ao ser questionada por que utilizou o *Word*, a participante respondeu:

PR02: Pra ver se eu tinha deixado algum errinho. Já que a proposta era finalizar, eu não podia mandar um roteiro com erro de ortografia. É uma coisa influenciada pela legendagem também. A gente, sempre com medo de deixar passar alguma coisa, coloca no *Word*.

Assim como PR02, PR03 também já iniciou essa fase voltando o filme até o início, assistindo e lendo em voz alta cada descrição. Além de ler num tom de voz bem mais elevado, assim como na fase de redação, ele dava entonações para suas descrições conforme a cena do filme. Como revisão textual, substituiu um “:” por um “.” em uma descrição, reformulou outra descrição e modificou os tempos de início e término de uma descrição, aumentando o tempo dela em mais de 500 milissegundos.

PR04 é a participante profissional com o maior tempo na fase de revisão. Como dito anteriormente em seu relato, ela sente dificuldade de fazer uma revisão parecida com a dos participantes anteriores, assistindo ao filme, lendo as descrições que aparecem em cima do filme como se fossem legendas e pausando apenas onde há problemas a serem corrigidos. Sua revisão mesclou os dois tipos de revisão encontrados no processo de PR01. Ela começou sua revisão lendo as descrições já elaboradas e passando o cursor do *mouse* por cima das palavras enquanto as lia, ação parecida com o início da fase de revisão de PR01, porém fez isso apenas nas três primeiras descrições. Já na segunda descrição, ela corrigiu o texto e começou outro tipo de processo que se mostrou mais recorrente. Diferentemente dos outros participantes, ela pausou o filme diversas vezes, não apenas quando encontrava possíveis problemas a serem corrigidos. Ela releu as mesmas descrições, voltando o filme e relendo cada descrição pelo menos duas vezes. Em muitas ocasiões, não alterou nada. Ao chegar ao final do filme, nessa primeira parte da revisão, a

participante havia modificado o texto de seis descrições e o tempo de seis e realizado uma pesquisa no *site* www.dicio.com.br, a única pesquisa que resultou em modificação no texto de uma descrição. Após essa primeira revisão, ela retornou ao início do filme e começou uma segunda revisão que resultou em mais seis descrições com texto modificado, uma remarcação de tempo e cinco pesquisas que não resultaram em modificações no texto das descrições que as motivaram. Nessa segunda fase, ela iniciou assistindo ao filme e lendo em voz baixa as primeiras 27 descrições. Em seguida, ela não assistiu mais ao filme e apenas leu cada descrição, clicando sobre elas para que aparecessem em cima do filme e na caixa de texto e passando o cursor do *mouse* sobre as palavras, às vezes em mais de um local onde a descrição aparecia.

A participante NV01 teve dois momentos distintos de revisão, assim como PR01 e PR04. No primeiro, pode-se ver a participante passando o cursor do *mouse* embaixo de algumas descrições. Ela pesquisou a palavra “aflição” no Google e acabou indo para o mesmo *site* de sinônimos que PR01 utilizou. Porém, não modificou descrição nenhuma após essa pesquisa. Em seguida, ela inseriu a palavra “um” na descrição “Augusto mostra um desenho”. Na descrição seguinte, “Punhos fechados de Augusto aparecem como se ele estivesse voando”, ela acrescentou o “o” na palavra “como”. Essa primeira revisão acontece até o cursor do *mouse* ser passado sobre a descrição 27, quando começam os créditos finais.

No segundo momento de revisão, NV01 voltou ao início do filme e assistiu ao filme lendo suas descrições. Como visto no Quadro 16, ela acrescentou um “os” em uma palavra na inserção 2 e, em alguns momentos, ela pausou o filme e retornou para uma descrição anterior, sem modificá-la. Fez uma longa pausa na inserção “Eles colocam a médica sentada no chão, mas agora ela está ventida com paciente”, mas não fez modificação na descrição.

O participante NV02 teve a revisão mais curta dentre todos os participantes, com menos de quatro minutos; ele não chegou a assistir a todo o filme nessa fase. Sua revisão também começou retornando para as primeiras descrições no início do filme e assistindo, fixando nas descrições que aparecem em cima do filme. Não pareceu ler em voz baixa as descrições, apenas a primeira descrição, de duas, que ele modifica nessa fase. Quando havia outras descrições logo em seguida, ele assistia ao filme como os outros participantes nessa fase; quando as descrições

seguintes demoravam, ele clicava nelas fazendo o filme avançar até o início dessas descrições.

O participante NV03 foi o que apresentou a mais longa fase de revisão dentre todos os participantes. Assim como outros participantes, essa fase começou com o retorno ao início do filme. No início, assistiu ao filme fixando principalmente nas descrições que iam aparecendo em cima do filme, mas não pareceu ler em voz baixa nenhuma delas. Em suas primeiras revisões, ele corrigiu e excluiu palavras, além de dividir duas descrições em quatro, e tentou elaborar uma nova descrição, mas problemas nas marcações dos tempos o fizeram deletá-la. Mas a maior parte das modificações realizadas nessa fase por esse participante foi com relação aos tempos de início e término de quase todas as descrições. Muitas vezes, uma mesma descrição teve seus tempos modificados mais de uma vez.

O principal motivo dessas modificações foi a forma como ele, na fase de redação, não se preocupava em verificar a sincronia das descrições com os tempos do filme, inserindo descrições uma seguida da outra, preocupado apenas com o texto delas. Por isso, suas descrições estavam quase todas fora de sincronia com o filme. Por exemplo, sua última descrição, “Créditos finais, em meio a um tabuleiro de xadrez e desenhos.”, na fase de redação durava entre os tempos 00:02:44,894 e 00:02:45,895, que no filme representa o começo da cena do desfecho, quase no meio do filme. Uma vez que a maioria das descrições estava bem adiantada em relação às cenas que descreviam, a modificação do tempo de uma acarretava problemas nos tempos das seguintes, que acabavam sobrepondo umas às outras. Como consequência, algumas descrições não apareciam em cima do filme, e por isso o participante fixava nos tempos e nas descrições para entender o porquê disso, fazendo-o perder tempo. Talvez, se o participante tivesse feito as marcações na fase de redação de forma mais cuidadosa, o tempo de seu processo tivesse sido menor. No quadro 44, mais adiante, são mostradas apenas duas versões das descrições modificadas por esse participante. A versão do final da fase de redação e a versão do final da fase de revisão.

Outra revisão de NV03 foi com relação ao início de algumas descrições, todas as quais, na fase de redação, começavam com as palavras “a enfermeira”, forma que adotou para identificar a Dra. Maria, e alguma ação realizada pela personagem. Ao todo, 12 descrições começavam assim. Após sua fase de revisão, ele substituiu a profissão pelo pronome “ela” em quatro descrições. Em todas as

vezes, essa substituição pareceu ser provocada por questões de tempo, e não pela percepção da repetição dessa palavra. Apesar de que, entre as descrições 06 e 10, quatro, na fase de redação, começavam com as palavras “a enfermeira”, o que poderia ser considerado repetitivo.

Após pouco mais de 50 minutos, ele voltou ao início do filme e recomeçou o processo de revisão, remarcando tempos de início e/ou término de sete descrições e reformulando completamente outra, e desfez uma modificação que havia realizado no início da fase de revisão, quando trocou a palavra “Assustada” por “Desesperada”, deixando em seu roteiro final a primeira palavra. Diferentemente dos outros participantes, ele pareceu retornar para rever descrições sem alterá-las mais vezes do que os outros participantes.

Após quase 11 minutos, ele voltou ao início do filme e recomeçou o processo de revisão, dessa vez assistindo quase que ininterruptamente ao filme, fixando nas descrições que apareceram em cima do filme e na lista de descrições, processo semelhante ao dos demais participantes. Nessa terceira fase de revisão, cujo tempo de quase 7 minutos é comparável com a fase de revisão dos outros participantes, ele remarca o tempo de término de quatro descrições. Ao final da fase de redação, o roteiro apresentava, em duas ocasiões, o verbo “mexer” escrito de forma errada. Sem realizar qualquer pesquisa, o participante corrigiu essas palavras. Nessa fase, ele excluiu duas descrições e elaborou duas novas: “Ela e os pacientes aparecem duplicados.” e “Os enfermeiros a olham.”.

A participante NV04 assistiu ao vídeo quase que sem parar, mas não pareceu fixar sempre nas descrições que apareciam em cima do filme e não leu nenhuma em voz baixa. Ela voltou o filme para modificar três descrições, sendo que em uma ela apenas apagou um ponto de interrogação que havia escrito na descrição, como que para marcar que a descrição deveria ser revisada, e em outra modificou apenas o tempo de término diminuindo cerca de 500 milissegundos na duração dessa descrição. Assistiu ao filme até o início dos créditos finais e terminou sua fase de revisão sem ter assistido ao filme todo. O quadro a seguir mostra as revisões no texto das descrições realizadas pelos participantes nessa fase.

Quadro 19 – Lista de descrições modificadas na fase de revisão por participante

(continua)

Participante	Antes da revisão	Depois da revisão
PR01	4 00:00:09,172 → 00:00:11,647 Créditos iniciais Natacha Reis	4 00:00:09,172 → 00:00:11,647 Um pequeno e colorido jogador de futebol americano de brinquedo.
	5 00:00:11,648 → 00:00:18,826 série de desenhos infantis em folhas de papel uma faca com gotas em verde e vermelho	5 00:00:11,648 → 00:00:18,826 série de desenhos infantis em folhas de papel: uma faca com gotas em verde e vermelho
	9 00:00:30,580 → 00:00:34,929 Título do filme ao lado de brinquedos coloridos : Resquícios da infância	9 00:00:30,580 → 00:00:34,929 Título do filme ao lado do jogador de brinquedo : Resquícios da infância
	11 00:00:43,160 → 00:00:45,511 Caminhando em direção a uma mulher no chão.	11 00:00:43,160 → 00:00:45,511 Ela caminha em direção a uma mulher no chão.
	23 00:02:37,258 → 00:02:40,999 Eduardo nos olha e se comprime contra o vidro da janela.	23 00:02:37,258 → 00:02:40,999 Eduardo irritado nos olha e se comprime contra o vidro da janela.
PR02	2 00:00:08,016 → 00:00:11,885 Os créditos iniciais com o nome do elenco intercalam-se às imagens.	2 00:00:08,016 → 00:00:13,515 Os créditos iniciais com o nome do elenco intercalam-se às imagens de giz de cera, brinquedos e desenhos.
	3 00:00:12,093 → 00:00:16,192 Giz de cera, brinquedos e desenhos estão espalhados sobre um mesa.	
	4 00:00:16,432 → 00:00:23,735 Um robô colorido, desenhos feitos à mão de bonecas, de bichos, do símbolo do superman e de monstros.	3 00:00:16,432 → 00:00:23,735 Vemos um robô colorido, alguns desenhos feitos à mão de bonecas, de bichos, do símbolo do superman e de monstros.
5 00:00:30,434 → 00:00:33,517 Resquícios da Infância.	4 00:00:28,934 → 00:00:33,517 O título do filme surge sobre as imagens. Resquícios da Infância.	
PR03	4 00:00:08,447 → 00:00:12,276 Imagem de um robô de brinquedo. Créditos iniciais: Natacha Reis.	4 00:00:08,447 → 00:00:12,276 Imagem de um robô de brinquedo. Créditos iniciais. Natacha Reis.
	12 00:00:40,046 → 00:00:43,357 Outra jovem de janeco entra segurando uma prancheta.	12 00:00:40,046 → 00:00:43,357 Outra jovem entra. Ela usa jaleco branco e segura uma prancheta.
	39 00:03:34,681 → 00:03:35,761 Tela branca.	39 00:03:38,063 → 00:03:39,541 Tela branca.

(continuação)

Participante	Antes da revisão	Depois da revisão
PR04	2 00:00:03,790 → 00:00:08,801 Surge uma faixa dourada sob a palavra film e uma luz se desloca atrás das palavras Latin American .	2 00:00:03,790 → 00:00:07,705 Surge uma faixa dourada sob a marca e uma luz se desloca atrás.
	3 00:00:08,802 → 00:00:10,149 Tela escurece.	3 00:00:08,060 → 00:00:09,637 Tela escurece.
	5 00:00:12,437 → 00:00:21,824 Em movimento lento, a câmera foca desenhos de vários motivos feitos a mão: uma girafa, um garoto espantado cercado por bichos, uma faca com gotas vermelhas.	5 00:00:12,437 → 00:00:21,824 Em movimento lento, a câmera foca desenhos de vários motivos feitos a mão: uma girafa, um garoto boquiaberto cercado por bichos e uma faca com gotas vermelhas.
	6 00:00:21,825 → 00:00:25,994 Uma imagem desenhada do símbolo do superman se sobrepõe aos outros desenhos.	6 00:00:21,825 → 00:00:25,994 A imagem do símbolo do superman desenhada se sobrepõe aos outros desenhos.
	7 00:00:25,995 → 00:00:28,752 Agora, desenho de uma garotinha rodeada por monstros.	7 00:00:25,995 → 00:00:28,752 Agora, o desenho de uma garotinha rodeada por monstros.
	8 00:00:30,302 → 00:00:33,826 Ao lado do playmobil, surge o título: Resquícios da infância.	8 00:00:30,302 → 00:00:33,868 Ao lado do playmobil, surge o título: Resquícios da infância.
	9 00:00:34,746 → 00:00:38,935 Fusão do título com a imagem de uma sala branca com grande porta de vidro .	9 00:00:34,746 → 00:00:38,935 Fusão do título com a imagem de uma sala branca com grande porta de vidro .
	11 00:00:42,762 → 00:00:45,827 Uma mulher de jaleco, segurando uma prancheta, entra devagar .	11 00:00:42,762 → 00:00:45,827 Uma mulher de jaleco, segurando uma prancheta, entra.
	14 00:01:11,793 → 00:01:13,861 Imagem turva das folhas na prancheta.	14 00:01:11,793 → 00:01:13,861 Imagem turva de folhas na prancheta.
	19 00:01:39,562 → 00:01:41,113 A mulher se levanta devagar .	19 00:01:39,562 → 00:01:40,683 A mulher se levanta.
	20 00:01:41,114 → 00:01:42,441 Foco na prancheta.	20 00:01:41,091 → 00:01:42,441 Foco na prancheta.
	26 00:02:07,358 → 00:02:11,447 Um rapaz de barba com o olhar atento através de uma janela de vidro.	26 00:02:07,358 → 00:02:10,267 Um rapaz de barba olha atento através de uma janela de vidro.
	27 00:02:11,869 → 00:02:14,217 A mulher lê uns formulários na prancheta.	27 00:02:10,692 → 00:02:13,104 A mulher lê uns formulários na prancheta.
	30 00:02:48,547 → 00:02:51,557 Imagem desfocada da garota, Roberta, brincando ao fundo .	30 00:02:48,547 → 00:02:51,557 Ao fundo , imagem desfocada da garota, Roberta, brincando.
35 00:03:08,664 → 00:03:13,899 Imagens difusas de Marcos, Augusto e Eduardo se fundem ao sembrante atordoado da mulher de jaleco.	35 00:03:08,664 → 00:03:14,701 Imagens difusas de Marcos, Augusto e Eduardo se fundem ao sembrante atordoado da mulher de jaleco.	
53 00:04:31,498 → 00:04:34,731 a garotinha de cabelo rosa diante de uma câmera,	53 00:04:31,498 → 00:04:34,731 a garotinha de cabelo rosa diante de uma câmera...	

(continuação)

Participante	Antes da revisão	Depois da revisão
PR04	55 00:04:40,348 → 00:04:41,369 Tela escurece.	55 00:04:40,348 → 00:04:41,369 A tela escurece.
NV01	2 00:00:06,901 → 00:00:10,429 Brinquedos e desenhos feita com lápis de colorir são mostrados	2 00:00:06,901 → 00:00:10,429 Brinquedos e desenhos feitos com lápis de colorir são mostrados
	14 00:01:45,012 → 00:01:46,215 Augusto mostra desenho	14 00:01:45,012 → 00:01:46,215 Augusto mostra um desenho
	15 00:01:52,414 → 00:01:56,787 Punhos fechados de Augusto aparecem com se ele estivesse voando	15 00:01:52,414 → 00:01:56,787 Punhos fechados de Augusto aparecem com se ele estivesse voando
NV02	5 00:00:14,426 → 00:00:18,826 Folhas desenhadas espalhadas sobre a mesa.	5 00:00:14,426 → 00:00:18,826 Folhas desenhadas espalhadas sobre uma mesa.
	10 00:00:34,031 → 00:00:36,931 Uma paciente sentada no chão brincando de boneca.	10 00:00:34,031 → 00:00:36,931 Uma paciente está sentada no chão brincando de boneca.
NV03	2 00:00:07,908 → 00:00:30,104 Bonecos aparecem assim como desenhos no que parece ser um quarto de criança.	2 00:00:07,908 → 00:00:12,682 Bonecos e desenhos aparecem no que parece ser um quarto de criança.
	3 00:00:30,105 → 00:00:34,919 O título do filme, Resquícios da Infância, aparece ao lado do bonceco e bola de futebol.	3 00:00:30,105 → 00:00:34,759 O título do filme, Resquícios da Infância, aparece ao lado do boneco e bola de futebol.
	4 00:00:34,920 → 00:00:44,945 Em um quarto de hospital, uma garota está brincando com uma boneca. Uma enfermeira entra.	4 00:00:35,774 → 00:00:38,999 Em um quarto de hospital, uma garota brinca com uma boneca.
	5 00:00:44,946 → 00:00:45,946 A enfermeira lê a ficha da paciente.	5 00:00:39,296 → 00:00:41,079 Uma enfermeira entra.
	6 00:00:45,947 → 00:01:03,200 A enfermeira meche nos cabelos da garota.	6 00:00:42,033 → 00:00:44,394 A enfermeira lê a ficha da paciente.
	7 00:01:03,201 → 00:01:04,201 A garota mostra a boneca para a enfermeira, dizendo que é ela.	7 00:00:58,124 → 00:01:00,461 A enfermeira mexe nos cabelos da garota.
	8 00:01:12,114 → 00:01:19,289 A enfermeira lê a ficha de outro paciente.	8 00:01:03,201 → 00:01:05,952 Roberta diz à enfermeira que a boneca é ela.
	9 00:01:19,290 → 00:01:26,333 A enfermeira vai até debaixo de uma mesa, onde Marcos está deitado, se contorcendo.	9 00:01:08,760 → 00:01:11,765 A enfermeira lê a ficha de outro paciente.
		10 00:01:11,824 → 00:01:13,902 Ela olha debaixo de uma mesa.
	11 00:01:27,692 → 00:01:29,846 Marcos está encondido sob a mesa.	

(continuação)

Participante	Antes da revisão	Depois da revisão
NV03	10 00:01:38,916 → 00:01:43,715 A enfermeira se afasta da mesa.	12 00:01:36,370 → 00:01:38,871 A enfermeira se afasta da mesa.
	11 00:01:43,111 → 00:01:46,441 A enfermeira lê outra ficha de paciente.	13 00:01:39,962 → 00:01:42,654 Ela lê outra ficha de paciente.
	12 00:01:46,442 → 00:01:47,442 Ela vai à mesa de Augusto, que mostra uma pintura feita por ele.	14 00:01:44,391 → 00:01:47,327 Ela vai à mesa de Augusto, que mostra uma pintura feita por ele.
	13 00:01:47,443 → 00:01:48,443 Augusto anda com os punhos cerrados à frente, como se estivesse voando.	15 00:01:51,877 → 00:01:55,562 Augusto anda com os punhos cerrados à frente, como se estivesse voando.
	14 00:01:48,444 → 00:01:49,444 A enfemeira se aproxima de outro paciente e lê sua ficha.	16 00:02:03,958 → 00:02:07,546 A enfemeira se aproxima de outro paciente e lê sua ficha.
	15 00:01:49,445 → 00:02:30,879 Eduardo está na janela, olhando para fora.	17 00:02:08,106 → 00:02:10,733 Eduardo está na janela, olhando para fora.
	16 00:02:30,880 → 00:02:31,880 Eduardo aponta para o céu lá fora.	18 00:02:27,086 → 00:02:29,106 Eduardo aponta para o céu lá fora.
	17 00:02:31,881 → 00:02:32,881 A enfermeira aponta na mesma direção.	<descrição deletada>
	18 00:02:32,882 → 00:02:33,882 Eduardo bate o rosto contra a janela.	19 00:02:38,499 → 00:02:41,842 Eduardo bate o rosto contra a janela.
	19 00:02:33,883 → 00:02:34,883 A enfermeira se afasta.	20 00:02:42,838 → 00:02:45,231 A enfermeira se afasta.
	20 00:02:34,884 → 00:02:35,884 A enfermeira olha para os pacientes à sua volta.	<descrição deletada>
	21 00:02:35,885 → 00:02:36,885 Desesperada , ela tapa os ouvidos e derruba a prancheta.	22 00:03:05,629 → 00:03:08,753 Assustada , ela tapa os ouvidos e derruba a prancheta.
	22 00:02:36,886 → 00:02:37,886 Os pacientes começam a surgir como vultos.	21 00:02:51,660 → 00:02:55,041 Os pacientes surgem como vultos, e ela olha ao redor.
	<descrição elaborada na fase de revisão>	23 00:03:08,951 → 00:03:13,426 Ela e os pacientes aparecem duplicados.
	23 00:02:37,887 → 00:02:38,887 A enfermeira se agacha à parede, como se encurralada.	24 00:03:15,069 → 00:03:17,703 A enfermeira se agacha à parede, encurralada.
	24 00:02:38,888 → 00:02:39,888 Uma mão aparece segurando uma faca.	25 00:03:21,217 → 00:03:23,258 Uma mão aparece segurando uma faca.
	25 00:02:39,889 → 00:02:40,889 A pessoa com a faca vai em direção à enfermeira.	26 00:03:23,258 → 00:03:26,885 A pessoa com a faca vai em direção à enfermeira.

(conclusão)

Participante	Antes da revisão	Depois da revisão
	26 00:02:40,890 → 00:02:41,890 A enfermeira, deitada ao chão, recebe uma injeção no braço.	27 00:03:29,794 → 00:03:34,370 A enfermeira, deitada ao chão, recebe uma injeção no braço.
	27 00:02:41,891 → 00:02:42,891 A tela fica branca.	28 00:03:34,370 → 00:03:36,237 A tela fica branca.
	28 00:02:42,892 → 00:02:43,892 Quando a enfermeira recobra a consciência, duas pessoas a levantam.	29 00:03:40,703 → 00:03:43,513 Quando a enfermeira recobra a consciência, duas pessoas a levantam.
NV03	29 00:02:43,893 → 00:02:44,893 Vemos que os pacientes eram, na realidade, os verdadeiros enfermeiros.	30 00:03:50,772 → 00:03:54,625 Enquanto ela usa roupas desleixadas, os pacientes estão agora em roupas de enfermeiros.
	<descrição elaborada na fase de revisão>	31 00:04:01,507 → 00:04:04,355 Os enfermeiros a olham.
	30 00:02:44,894 → 00:02:45,895 Créditos finais, em meio a um tabuleiro de xadrez e desenhos.	32 00:04:14,782 → 00:04:17,870 Créditos finais, em meio a um tabuleiro de xadrez e desenhos.
NV04	23 00:03:08,643 → 00:03:10,138 A visão dela fica turva.	23 00:03:08,643 → 00:03:10,138 A visão dela vai ficando turva.
	26 00:03:28,377 → 00:03:33,618 A doutora se contorce e Roberta aplica uma injeção de calmante na doutora. (?)	26 00:03:28,377 → 00:03:33,618 A doutora se contorce e Roberta aplica uma injeção de calmante na doutora.
	32 00:04:06,913 → 00:04:12,616 Eles continuam olhando-a atentamente, enquanto Roberta anota algo em sua prancheta.	32 00:04:06,913 → 00:04:12,113 Eles continuam olhando-a atentamente, enquanto Roberta anota algo em sua prancheta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Resumindo, PR01 elaborou uma descrição, modificou o texto de quatro descrições e o tempo de uma e realizou uma pesquisa pelos sinônimos das palavras “furioso” e “bravo”. PR02 modificou o texto de duas descrições, o tempo de uma descrição e juntou duas descrições em uma, além de ter utilizado o *Word* para verificar possíveis erros de digitação. PR03 modificou duas descrições e o tempo inicial e final de outra. Ao todo, PR04 modificou o texto de 12 descrições e a marcação dos tempos em oito ocasiões e realizou seis pesquisas por palavras no *site* www.dicio.com.br. NV01 realizou uma pesquisa no *site* sinonimos.com.br, mas não modificou a descrição que possui a palavra pesquisada, e modificou três descrições acrescentando, em cada uma, poucas letras. O participante NV02 só modificou duas descrições nessa fase, acrescentando ou substituindo uma palavra. NV03 excluiu e elaborou duas descrições, além de modificar algumas, nessa fase, mas suas principais correções foram com relação ao tempo de início e término de

quase todas as descrições elaboradas na fase de redação. NV04 modificou o texto de uma descrição e o tempo de término de outra e apagou uma marcação em uma terceira.

Para a maioria dos participantes, essa fase parece ser dedicada às correções finais com relação à escrita das palavras e se as descrições elaboradas podem ser lidas nos tempos alocados para as mesmas. A elaboração de uma descrição não parece ser um hábito dessa fase. A tabela a seguir mostra as principais ações nessa fase e quantas vezes cada participante as realizou.

Tabela 6 – Revisões realizadas pelos participantes na fase de revisão

Participante	Elaborou descrição	Modificou texto	Modificou tempo	Juntou / Separou descrições	Excluiu descrição	Total
PR01	1	4	0	0	0	5
PR02	0	3	1	1	0	5
PR03	0	2	1	0	0	3
PR04	0	12	8	0	0	20
Média	0,25	5,25	2,5	0,25	0	
DP	0,5	4,573474	3,696846	0,5	0	
NV01	0	3	0	0	0	3
NV02	0	2	0	0	0	2
NV03	2	11	26	2	2	43
NV04	0	2	1	0	0	3
Média	0,5	4,5	6,75	0,5	0,5	
DP	1	4,358899	12,84199	1	1	

Fonte: Elaborada pela autora.

Pode-se notar que todos os participantes modificam, em algum momento dessa fase, o texto de alguma descrição. A maioria também modifica o tempo, inserindo ou retirando milissegundos da duração de alguma descrição. Raramente uma descrição é elaborada, excluída, transformada em duas ou duas são unidas para formar uma. Os dados não indicam se um perfil realiza mais modificações nem quais as modificações mais realizadas por determinado perfil de audiodescritor. Mas é possível notar que NV03, que não realizou as marcações das descrições atentamente e que não assistiu ao filme antes de iniciar a elaboração de seu roteiro, foi quem mais realizou modificações nessa fase e que a maioria delas foi justamente com relação ao tempo das descrições.

Mesmo após essa revisão, alguns erros de digitação passaram. PR01 teria que fazer mais duas revisões: “Enquanto Marcos sussurra **palvras** desconexas” e “Um pouco **assutada**, a médica olha ao seu redor.”. PR03 teve em seu roteiro apenas uma palavra escrita de forma errada, o nome de “Augusto”, que ficou

“Agusto”. Mesmo com a segunda maior revisão, PR04 deixou passar em seu roteiro um “pretro” ao invés de “preto”, um “plático” no lugar de “plástico”, “sembrante”, “sobrpostas” e “tabém”. NV01 teria que rever a descrição: “agora ela está **ventida com** paciente”, e NV03, as palavras “America” ao invés de “American”, “encondido” e “enfemeira”. NV04 precisaria corrigir as descrições “A imagem vai ficando embassada até surgir uma tela branca.” e “Tela escurece. Surge o nome da produtora: Latin American Filme Institute.”. Boa parte desses problemas poderia ter sido evitada se todos os participantes usassem o mesmo recurso que PR02 utilizou, a revisão do roteiro pelo corretor do *Word*.

Com as mesmas áreas de interesse descritas na seção 4.4.1.2, analisei o número e a duração das fixações dos participantes nessa fase, separando os momentos em que o SW era visualizado e eventuais momentos em que outras ferramentas do computador foram utilizadas. As tabelas 7 e 8, a seguir, mostram o número de fixações em cada uma dessas áreas, primeiro dos profissionais e em seguida dos novatos.

Tabela 7 – Número de fixações dos profissionais durante a fase de revisão

Participante	PR01		PR02		PR03		PR04		Média	
	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms
Total	899	530	568	839	387	887	1763	836	904,25	766
Menu superior	0	0	0	0	1	170	3	253	1	233
Filme	347	502	152	619	181	652	213	462	223,25	543
Descrição	199	528	171	1321	88	1348	617	1029	268,75	1009
Botões	6	598	14	642	15	843	110	566	36,25	604
<i>Timeline</i>	25	238	19	575	0	0	32	578	19	466
Tempo do filme	0	0	1	790	0	0	0	0	0,25	790
Roteiro	144	589	113	649	42	1009	512	872	202,75	798
Tempo das descrições	0	0	1	160	1	270	10	643	3	572
Caixa de texto	82	843	62	717	46	909	146	943	84	872

Fonte: Elaborada pela autora.

As áreas que mais receberam fixações dos profissionais foram as áreas nas quais a descrição aparece em cima do filme, a área do filme, a do roteiro já elaborado e a caixa de texto. Dentre essas, as áreas com maiores médias de duração das fixações foram a área onde as descrições aparecem em cima do filme, a caixa de texto onde as descrições eram corrigidas ou modificadas, a área do roteiro e a área do filme. Tanto o número de fixações quanto a duração são maiores na Aol das descrições que aparecem em cima do filme, indicando que, na fase de revisão, essa é a área priorizada pelos profissionais. Excluindo os dados de PR04, cuja revisão foi a mais longa, os únicos dados que não se mantêm são as áreas com

mais fixações, pois o filme recebe mais fixações do que as descrições. Porém, a duração média das fixações nessa Aol continua sendo a mais alta. A Tabela 8 mostra as fixações dos novatos durante essa fase.

Tabela 8 – Número de fixações dos novatos durante a fase de revisão

Participante	NV01		NV02		NV03		NV04		Média	
	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms	Nº	ms
Total	387	900	420	250	5959	520	601	300	1841,75	506
Menu superior	1	170	0	0	1	2900	0	0	0,5	1535
Filme	155	809	125	277	2363	547	465	293	777	511
Descrição	91	1502	227	222	1316	458	17	186	412,75	480
Botões	5	796	1	180	347	507	1	140	88,5	510
Timeline	6	670	2	120	77	325	3	130	22	337
Tempo do filme	1	200	0	0	1	2290	1	550	0,75	1013
Roteiro	51	586	37	309	1283	545	18	274	347,5	537
Tempo das descrições	1	790	0	0	22	990	0	0	5,75	982
Caixa de texto	59	683	6	632	77	390	27	454	42,25	511

Fonte: Elaborada pela autora.

Os novatos tiveram maior número de fixações nas áreas do filme, das descrições, do roteiro e botões. As áreas com maiores médias de duração das fixações, dentre as Aols mais fixadas, foram a área das descrições, filme, roteiro e botões. A alta incidência de fixações na área dos botões se deu principalmente por causa de NV03, que, como já foi explicado, deixou para fazer as marcações dos tempos das descrições nessa fase. Porém, excluindo os dados de NV03, o maior número de fixações ocorre no filme, na descrição em cima do filme, no roteiro e na caixa de texto. Trocando apenas a ordem das duas primeiras, se comparada com os resultados dos profissionais. Já as fixações mais longas estão nas descrições, caixa de texto, no roteiro e no filme, as mesmas dos profissionais e na mesma ordem. Apesar de os novatos fixarem bastante no filme, a média mais longa das fixações na Aol das descrições em cima do filme aponta que esta também é a prioridade dos novatos, assim como ocorreu com os profissionais. O Quadro 20 mostra as fixações parametrizadas nessas quatro principais Aols.

Quadro 20 – Fixações parametrizadas nas Áreas de Interesse na fase de revisão

Participante	Profissionais				Novatos			
	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Aoi	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Total de fixações na fase de revisão	899	568	387	1763	387	420	5959	601
Filme	38,598	26,761	46,770	12,082	40,052	29,762	39,654	77,371
Descrição	22,136	30,106	22,739	34,997	23,514	54,048	22,084	2,829
Roteiro	16,018	19,894	10,853	29,041	13,178	8,810	21,530	2,995
Caixa de texto	9,121	10,915	11,886	8,281	15,245	1,429	1,292	4,493

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise estatística não mostrou diferenças entre os perfis com relação ao número total de fixações ($t = 1,2693$; $p = 0,2513$) nem com relação à duração total das fixações (dado não parametrizado) durante essa fase. O teste t também não mostrou diferenças com relação ao número de fixações nas áreas de interesse: Filme ($t = 1,2117$; $p = 0,2712$), Descrição ($t = -0,1026$; $p = 0,9216$), Roteiro ($t = -1,3374$; $p = 0,2296$) e Caixa de texto ($t = -1,3066$; $p = 0,2392$). Também não foram encontradas diferenças na duração das fixações nas áreas Filme ($t = -0,5787$; $p = 0,5838$) e Descrição ($t = -1,279$; $p = 0,2481$), mas encontrei diferenças na duração nas áreas Roteiro ($t = -2,7836$; $p = 0,03185$) e Caixa de Texto ($t = -3,6447$; $p = 0,01077$). A seção seguinte traz as respostas dos participantes ao questionário pós-coleta apresentado na seção 4.3.2.4.

5.1.4 Análise do questionário pós-coleta

O questionário pós-coleta tinha como objetivo mostrar a sequência do que os participantes consideravam mais importante durante a elaboração de um roteiro de AD. A Tabela 9 mostra a sequência de prioridade dada pelos participantes com relação a quais problemas eram mais importantes de serem resolvidos primeiro. A numeração vai de 1, mais importante, a 5, menos importante.

Tabela 9 – Respostas ao questionário pós-coleta com relação ao aspecto 1

Prioridade	Profissionais					Novatos				
	PR01	PR02	PR03	PR04	SOMA	NV01	NV02	NV03	NV04	SOMA
Problemas de tempo	4	2	3	2	11	3	1	1	4	9
Problemas de redundância de informação	5	4	4	3	16	4	2	4	3	13
Problemas de linguagem	3	3	1	5	12	5	3	3	1	12
Decisão com relação ao que audiodescrever	2	1	2	1	6	1	4	2	2	9
Como audiodescrever a linguagem de câmera	1	5	5	4	15	2	5	5	5	17

Fonte: Elaborada pela autora.

Não parece haver um consenso dentro dos grupos sobre o que seria priorizado. Entre os profissionais, a sequência parece indicar a decisão sobre o que audiodescrever como a mais importante. Em seguida, seria resolver problemas de tempo, de linguagem, como audiodescrever a linguagem de câmera e, por último, problemas de redundância de informação. Já os novatos parecem dar a mesma atenção à resolução de problemas com relação ao tempo e à decisão sobre o que audiodescrever. Em seguida, priorizam os problemas de linguagem, de redundância de informação e, por último, como descrever a linguagem de câmera. O Quadro 21 mostra as respostas dos participantes quando questionados se a prioridade deveria ser o significado do texto do filme ou a recepção do público-alvo.

Quadro 21 – Respostas ao questionário pós-coleta com relação ao aspecto 2

Prioridade	Profissionais				Novatos			
	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Dar atenção aos significados do texto de partida	2	2	2	1	1	2	1	2
Dar atenção à recepção do filme pela audiência-alvo	1	1	1	2	2	1	2	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse aspecto, observam-se diferenças entre os grupos. A respeito do aspecto 2, dentre os profissionais, apenas PR04 dá prioridade aos significados do filme em detrimento à recepção do público. Já entre os novatos, metade prioriza o

filme e metade, o público-alvo. Com relação ao aspecto 3, os participantes responderam como mostrado no Quadro 22.

Quadro 22 – Respostas ao questionário pós-coleta com relação ao aspecto 3

Prioridade	Profissionais				Novatos			
	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Resolver dúvidas com base nos seus conhecimentos anteriores	2	2	2	2	2	2	1	2
Resolver dúvidas através de buscas na internet	1	1	1	1	1	1	2	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se reparar que todos os participantes afirmaram que preferem resolver dúvidas através de buscas na internet, exceto NV03. De fato, este e PR03 não realizaram nenhuma pesquisa durante a tarefa. É possível imaginar que, nesta tarefa específica, PR03 não encontrou dúvidas que o levassem a pesquisar.

Em resumo, o questionário pós-coleta indica que os profissionais consideram mais importante decidir o que audiodescrever, em seguida se há tempo para essa descrição, que palavras usar, como descrever a linguagem de câmera e se há redundância de informações no roteiro ou entre roteiro e filme. Além disso, a maioria dos profissionais afirmou priorizar a recepção do público, e não passar significados do filme, o que pode indicar que eles sejam mais explícitos em suas descrições. E todos os profissionais afirmaram que preferem resolver dúvidas com base em pesquisas na internet do que com base em conhecimentos prévios.

Os novatos, por sua vez, afirmaram dar a mesma atenção a problemas de tempo e ao que audiodescrever, para depois resolver problemas de linguagem, de redundância de informação e de como descrever a linguagem de câmera. Metade dos novatos afirmou priorizar os significados do filme e a outra metade priorizou a recepção do público, e a maioria, exceto NV03, prefere usar a internet para solucionar problemas, assim como os profissionais.

Na próxima seção, é feita uma comparação entre as ADs elaboradas pelos participantes e relacionam-se as informações das descrições com os elementos que na análise do filme se mostraram mais pertinentes.

5.2 RESULTADOS DAS ANÁLISES DO PRODUTO

Nesta seção, serão apresentados os resultados das análises realizadas nos roteiros dos participantes da pesquisa. Primeiramente, apresentam-se os resultados encontrados ao comparar as descrições com os elementos considerados os mais importantes durante minha análise do filme. Em seguida, analisam-se as etiquetas, conforme apresentado na seção 4.4.2.2.

5.2.1 Comparação dos roteiros e filme

Após a análise das cenas do filme, identifiquei 82 elementos que deveriam ser contemplados pelos roteiros elaborados pelos participantes. Desses, 11 não estavam presentes em nenhum dos roteiros e 13, em todos os roteiros.

Os elementos não descritos por nenhum participante foram: figura feminina de cabelo cor-de-rosa, com roupa branca e o nome Maria, figura feminina, com cabelo cor-de-rosa, no centro, cercada por pessoas rindo dela, o quadro onde os desenhos estão pendurados, características físicas de Roberta, vestimentas de Marcos, quadro na parede com desenhos, brinquedos espalhados pela sala, a médica aponta para o lado de fora, descrição da roupa de Eduardo, desenho que mostra a médica e seu nome, Maria, e desenhos que fazem referência a outros filmes.

Os elementos descritos por todos os participantes foram: nome do instituto responsável pelo filme, título do filme, ação da Dra. Maria de entrar na sala, Dra. Maria caminha em direção a outro paciente, Marcos está sob uma mesa de plástico, localização de Eduardo na janela, médica fica agitada, efeitos que indicam confusão mental, médica fica encurralada, médica derruba as coisas que segurava, alguém se aproxima com uma faca, Roberta aplica a injeção na médica e tela branca. Para as análises a seguir, serão considerados apenas os elementos que foram descritos por pelo menos um participante.

O quadro a seguir mostra os elementos contemplados pelos participantes. A marcação **O** indica que o elemento está presente no roteiro daquele participante, **X** indica ausência desse elemento no roteiro e **-** indica que o elemento foi contemplado no roteiro, porém em outra cena posterior ou anterior à qual indicara que ele possa aparecer.

Quadro 23 – Elementos contemplados pelos participantes em todas as cenas do filme

(continua)

Elementos mais importantes da cena 01	Participantes							
	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Nome do instituto responsável pelo filme.	○	○	○	○	○	○	○	○
Características do logo do instituto.	○	×	○	○	×	×	○	○
Transições.	○	×	×	○	×	×	×	○
Elementos mais importantes da cena 02	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Título do filme.	○	○	○	○	○	○	○	○
Nome dos atores.	–	×	○	×	○	○	×	×
Desenho da faca.	○	×	×	○	×	×	×	×
Símbolo do Superman.	○	○	○	○	×	×	×	○
Lápis de cera.	×	○	×	×	○	×	×	○
Figura feminina de cabelo cor-de-rosa, com roupa branca e o nome Maria.	×	×	×	×	×	×	×	×
Figura feminina, com cabelo rosa, no centro, cercada por monstros.	○	×	×	○	×	×	×	×
Elementos mais importantes da cena 02	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Figura feminina, com cabelo rosa, cercada por pessoas rindo dela.	×	×	×	×	×	×	×	×
O robô jogador de futebol americano.	○	○	○	○	×	○	○	×
Transição de cena.	×	×	×	○	×	×	×	×
Outros desenhos.	○	○	×	○	×	×	×	×
A mesa de plástico onde os brinquedos estão.	×	×	×	×	×	○	×	○
O quadro onde os desenhos estão pendurados.	×	×	×	×	×	×	×	×
Elementos mais importantes da cena 03	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Ação da Dra. Maria de entrar na sala.	○	○	○	○	○	○	○	○
Dra. Maria veste jaleco.	○	○	○	○	×	×	×	×
Dra. Maria segura uma prancheta.	○	○	○	○	○	○	×	○
Dra. Maria caminha em direção a uma pessoa.	○	○	×	×	×	×	×	○
Lê as informações que nos passa nos papéis em sua prancheta.	○	○	○	○	×	○	○	×
Roberta brinca com uma boneca.	○	○	○	×	○	○	○	×
Dra. Maria acaricia o cabelo e rosto de Roberta.	×	×	×	×	×	×	○	×
Dra. Maria caminha em direção a outro paciente.	○	○	○	○	○	○	○	○
Características físicas da Dra. Maria.	×	○	–	×	×	×	×	×
Características físicas de Roberta.	×	×	×	×	×	×	×	×
Descrição da sala.	○	–	○	○	×	×	○	×
Transição entre as cenas.	×	×	×	○	×	×	×	×

(conclusão)

Elementos mais importantes da cena 07	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Médica está deitada no chão.	○	○	○	✗	✗	○	○	✗
Roberta aplica a injeção na médica.	○	○	○	○	○	○	○	○
Tela branca.	○	○	○	○	○	○	○	○
Médica não está mais de jaleco.	○	○	✗	○	○	○	○	✗
Marcos e Augusto a ajudam a sentar.	○	○	○	○	✗	○	✗	✗
Localização dos personagens no final da cena.	○	✗	○	○	✗	○	✗	○
Roberta está de jaleco.	○	○	○	✗	✗	○	✗	✗
Marcos está de jaleco.	○	○	○	✗	✗	○	✗	✗
Augusto não usa mais capa nem máscara.	○	○	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Descrição de Eduardo.	○	○	○	✗	✗	○	✗	✗
Roberta faz anotações em sua prancheta.	✗	✗	✗	○	✗	○	✗	○
Descrição deles olhando para o espectador.	○	○	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Elementos mais importantes da cena 08	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Primeiros créditos.	○	○	○	✗	○	○	✗	○
Desenho que mostra a médica e seu nome, Maria.	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Desenhos que remetem a cenas do filme (Superman e o exército).	✗	✗	✗	○	✗	✗	✗	✗
Menção aos desenhos.	○	○	✗	○	✗	✗	○	✗
O tabuleiro de xadrez.	✗	○	✗	○	✗	○	✗	✗
As peças de xadrez.	✗	○	✗	○	✗	✗	✗	✗
Elementos mais importantes da cena 08	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Desenhos que fazem referência a outros filmes.	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Créditos do roteiro de AD.	○	○	○	✗	○	✗	✗	✗
Elementos mais importantes da cena 09	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Resumir a informação contida no texto sobre as regras de utilização da obra.	○	○	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Logo do instituto.	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗	○

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 71 elementos descritos pelo menos uma vez, PR01 descreveu 54 (76,05%), PR02 descreveu 50 (70,42%), PR03 descreveu 43 (60,56%), PR04 descreveu 47 (66,19%), NV01 descreveu 27 (38,02%), NV02 descreveu 36 (50,70%), NV03 descreveu 29 (40,84%) e NV04 descreveu 33 (46,47%). Nota-se que a percentagem de elementos descritos pelos profissionais variou entre 76,05% e 60,56% enquanto que a percentagem dos novatos variou entre 50,70% e 38,02%. O teste t mostrou que há diferença significativa ($t = -5,6028$; $p = 0,001377$) entre os grupos com relação a esses elementos. Os quadros a seguir mostram o total de

elementos considerados importantes de cada cena e o número de elementos contemplados pelos participantes em cada uma.

Quadro 24 – Percentual de elementos contemplados pelos profissionais

Cena	Total de elementos	PR01	PR02	PR03	PR04	Percentagem do grupo
Logo da produtora	3	3 (100%)	1 (33,33%)	2 (66,66%)	3 (100%)	75%
Créditos Iniciais	10	7 (70%)	5 (50%)	4 (40%)	7 (70%)	57,5%
Roberta	11	8 (72,72%)	9 (81,81%)	8 (72,72%)	7 (63,63%)	72,72%
Marcos	6	4 (66,66%)	4 (66,66%)	4 (66,66%)	4 (66,66%)	66,66%
Augusto	6	4 (66,66%)	3 (50%)	3 (50%)	5 (50%)	62,5%
Eduardo	6	5 (83,33%)	3 (50%)	3 (50%)	4 (50%)	62,5%
Desfecho	21	19 (90,47%)	19 (90,47%)	17 (80,95%)	13 (80,95%)	80,95%
Créditos Finais	6	3 (50%)	5 (83,33%)	2 (33,33%)	4 (33,33%)	58,33%
Aviso	2	1 (50%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	25%
TOTAL	71	54	50	43	47	

Fonte: Elaborado pela autora.

As maiores percentagens dos profissionais foram nas cenas Desfecho (80,95%, 84 segundos, 21), Logo (75%, 7 segundos, 3), Roberta (72,72%, 19 segundos, 11), Marcos (66,66%, 12 segundos, 6). As menores percentagens dos profissionais foram nas cenas de Aviso (25%, 5 segundos, 2), Créditos iniciais (57,5%, 28 segundos, 10), Créditos Finais (58,33%, 27 segundos, 6), Eduardo (62,5%, 19 segundos, 6) e Augusto (62,5%, 16 segundos, 6). O Quadro 25 traz os percentuais dos elementos contemplados pelos novatos em cada cena.

Quadro 25 – Percentual de elementos contemplados pelos novatos

Cena	Total de elementos	NV01	NV02	NV03	NV04	Percentagem do grupo
Logo da produtora	3	1 (33,33%)	1 (33,33%)	2 (66,66%)	3 (100%)	58,33%
Créditos Iniciais	10	3 (30%)	4 (40%)	2 (20%)	4 (40%)	32,5%
Roberta	11	4 (36,36%)	5 (45,45%)	6 (54,54%)	4 (36,36%)	43,18%
Marcos	6	4 (66,66%)	2 (33,33%)	2 (33,33%)	3 (50%)	45,83%
Augusto	6	1 (16,66%)	1 (16,66%)	2 (33,33%)	3 (50%)	29,16%
Eduardo	6	2 (33,33%)	3 (50%)	3 (50%)	2 (33,33%)	41,66%
Desfecho	21	10 (47,61%)	18 (85,71%)	11 (52,38%)	12 (57,14%)	60,71%
Créditos Finais	6	2 (33,33%)	2 (33,33%)	1 (16,66%)	1 (16,66%)	25%
Aviso	2	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	12,5%
TOTAL	71	27	36	29	33	

Fonte: Elaborado pela autora.

Já com os novatos, as maiores percentagens foram nas cenas Desfecho (60,71%, 84 segundos, 21), Logo (58,33%, 7 segundos, 3), Marcos (45,83%, 12 segundos, 6) e Roberta (43,18%, 19 segundos, 11). Já as menores percentagens foram nas cenas Aviso (12,5%, 5 segundos, 2), Créditos finais (25%, 27 segundos, 6), Augusto (29,16%, 16 segundos, 6), Créditos iniciais (32,5%, 28 segundos, 10) e Eduardo (41,66%, 19 segundos, 6). Tanto os profissionais quanto os novatos tiveram a maior percentagem nas cenas Desfecho, Logo, Roberta e Marcos, nas últimas duas cenas os novatos apenas invertem a ordem. Da mesma forma, a menor percentagem dos dois grupos foi na cena do Aviso.

Percebe-se que alguns participantes descreveram elementos que não considerei como os mais relevantes para aquela cena, naquele momento do filme. PR04 e NV04 descreveram o movimento que a câmera faz percorrendo os diversos desenhos. NV04 também descreve que os desenhos estão dispostos na parede e diz que os desenhos parecem indicar os sentimentos de quem os desenhou. NV03, além de descrever a bola que aparece próxima ao robô de brinquedo, descreve que o local da cena é um quarto de criança. Essa descrição pode ter ocorrido pelo fato de ele não ter visto o filme antes de iniciar a elaboração de seu roteiro. E mesmo tendo visto o filme todo no final de sua fase de redação do roteiro, em sua fase de revisão, ele não refaz essa descrição.

PR03 e PR04 descreveram o tapete onde Roberta está sentada, e NV04 descreveu que a médica observa a sala, elemento e ação que não considerei como relevantes.

PR01 descreveu que Marcos sussurra palavras desconexas e NV04 diz que ele fala algo para a médica, fato que pode ser ouvido. PR03 e PR04 descrevem a ação da médica de se levantar após a interação com Marcos, o que não considerei relevante. O mais importante é que no roteiro seja dito que ela caminha ou se dirige a outro paciente, pois o fato de ela se levantar estaria implícito, e isso não ocorre em nenhum desses dois roteiros. NV04 também diz que ela se levanta e complementa dizendo que ela sai em direção a outro paciente. PR04 descreve a médica como sendo atenciosa, informação subjetiva.

Dos elementos não considerados relevantes e que foram descritos pelos participantes tem-se o fato de Augusto, no final da cena, voltar a desenhar, que foi descrito por PR01. PR02 diz que os pacientes estão espalhados pela sala. NV01, NV03 e NV04 dizem que Augusto mostra um desenho, e considerei mais importante a descrição do desenho ou de que ele estava desenhando, o que não é encontrado em nenhum desses três roteiros. NV04 descreve que Augusto se levanta, o que faz sentido em seu roteiro pois havia mencionado que ele estava sentado em uma cadeira. Mas também não considerei essa uma das ações mais importantes da cena.

Entre os elementos não presentes na lista dos mais importantes nessa cena, tem-se que PR01 descreve Eduardo observando a médica e a ação de Eduardo pressionando o rosto contra o vidro, descrita por PR03, PR04, NV03 e NV04. Mais importante do que a ação dele, neste momento, era passar a informação de que ele olhava com raiva para nós.

PR02 faz uma descrição interpretativa quando descreve que os pacientes parecem distantes de seus medos. PR04 descreve que no começo dessa cena Roberta está ao fundo brincando. Elementos que não considerei como os mais importantes para a cena.

O filme todo tem pouco mais de três minutos nos quais não há falas, aproximadamente 217 segundos. Na maior parte desse tempo, há músicas ou outros barulhos de fundo. O Quadro 26 mostra o tempo total de filme, em segundos, utilizado pelos participantes para inserir suas descrições e o percentual do tempo disponível utilizado.

Quadro 26 – Tempo total e percentual de tempo definido pelos participantes para a leitura das descrições

Participante	Tempo de AD (segundos)	Percentagem de tempo disponível aproveitado
PR01	191,744	88,36%
PR02	162,804	75,02%
PR03	158,848	73,20%
PR04	172,964	79,70%
Percentagem do grupo	79,07%	
NV01	117,943	54,35%
NV02	153,9	70,92%
NV03	99,535	45,86%
NV04	167,149	77,02%
Percentagem do grupo	62,04%	

Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se notar que os participantes profissionais utilizam mais de 73% do tempo disponível para descrever algum elemento, enquanto que os novatos variam entre 45% e 77%. Corroborando o resultado que mostrou que os profissionais contemplaram mais elementos em seus roteiros, tem-se que os profissionais utilizaram melhor os tempos disponíveis no filme. Com relação ao tempo total de descrições e o tempo utilizado para descrever, o teste t mostrou que não há diferença entre os perfis ($t = -2,1378$; $p = 0,0738$) e ($t = -2,1378$; $p = 0,07638$), respectivamente. Na seção a seguir, os roteiros dos participantes são analisados, levando em consideração os elementos narratológicos e cinematográficos preconizados por Jiménez Hurtado (2007) e Jiménez Hurtado, Rodríguez e Seibel (2010).

5.2.2. Etiqueta dos roteiros

Nesta seção, são mostrados os resultados das análises dos roteiros etiquetados. Esses roteiros podem ser consultados nos Apêndices G a N.

5.2.2.1 Etiquetas técnicas

A primeira etiqueta técnica analisada foi a que identifica quantas inserções foram elaboradas. A Tabela 10 mostra essa comparação. É mostrada também a descrição, elaborada pelos participantes, mais lenta, que pode ser lida de forma mais lenta, e a mais rápida, que tem que ser lida de forma mais rápida para terminar no tempo disponibilizado.

Tabela 10 – Comparação entre os roteiros elaborados com relação à etiqueta técnica por participante

Participante	Quantidade de inserções de AD	Número de palavras no roteiro (palavras distintas)	Média cps
PR01	46	446 (227)	14,55
PR02	37	471 (226)	16,46
PR03	53	419 (212)	14,99
PR04	55	500 (220)	16,74
Média	47,75	459 (221,25)	15,68
Desvio	8,14	34,61 (6,90)	1,08
NV01	35	237 (149)	11,74
NV02	42	307 (158)	13,83
NV03	32	269 (140)	15,03
NV04	36	402 (199)	14,14
Média	36,25	303,75 (161,5)	13,68
Desvio	4,19	71,48 (26,06)	1,39

Fonte: Elaborada pela autora.

O número de inserções de AD variou entre os perfis, sendo que os quatro participantes com maior número de inserções foram PR04 (55), PR03 (53), PR01 (46) e NV02 (42) e os quatro participantes com menor número de inserções foram PR02 (37), NV04 (36), NV01 (35) e NV03 (32). Estatisticamente, os profissionais fizeram mais inserções do que os novatos ($t = -2,512$; $p = 0,04578$).

A respeito do número de palavras totais e de palavras distintas em cada roteiro, os participantes profissionais usaram mais palavras em suas descrições: PR04 (500, 220 distintas), PR02 (471, 226 distintas), PR01 (446, 227 distintas) e PR03 (419, 212 distintas). Já os participantes novatos utilizaram menos palavras: NV04 (402, 199 distintas), NV02 (307, 158 distintas), NV03 (269, 140 distintas) e NV01 (237, 149 distintas). O teste t mostrou que há diferença entre os grupos com relação ao número de palavras ($t = -3,9098$; $p = 0,007894$) e palavras distintas ($t = -4,4333$; $p = 0,004408$) utilizadas nos roteiros.

Com relação à velocidade em caracteres por segundo de cada participante, a análise da média da velocidade dessas descrições mostra que os roteiros com maior número de descrições rápidas são os roteiros de PR04 (16,74 cps), PR02 (16,46 cps), NV03 (15,03 cps), PR03 (14,99 cps), PR01 (14,55 cps), NV04 (14,14 cps), NV02 (13,83) e NV01 (11,74). Ou seja, dois participantes profissionais, PR04 e PR02, tiveram as maiores médias com relação à velocidade das descrições, enquanto que dois novatos, NV02 e NV01, tiveram as menores médias. NV01, que apresentou a menor velocidade média e o menor número de palavras, em seu relato apontava uma constante preocupação com a

narração de suas descrições, o que pode ter contribuído para a elaboração de descrições mais lentas e mais fáceis de serem lidas. Porém, não se pôde observar diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($t = 2,2712$, $p = 0,0636$).

Os resultados dessa análise indicam que os participantes profissionais estão entre os que elaboram mais descrições (PR04, PR03 e PR01), utilizam mais palavras em suas descrições (PR04, PR02, PR01 e PR03), inclusive mais palavras distintas (PR01, PR02, PR04 e PR03), e a velocidade de suas descrições é mais rápida (PR04, PR02 e PR03).

A seguir, analisa-se a ocorrência de cada etiqueta nos roteiros. Para o cálculo da Frequência Relativa, dividi a ocorrência de cada etiqueta pelo número total de etiquetas encontradas em cada roteiro etiquetado. Para as etiquetas técnicas, isso não é necessário, pois suas ocorrências sempre corresponderão ao número de descrições de cada roteiro. Logo, elas também não estarão nesses cálculos. A tabela a seguir traz a ocorrência total de cada etiqueta em cada roteiro, a porcentagem que cada etiqueta representa no roteiro de cada participante e o total que será utilizado nos cálculos do percentual das seções a seguir.

Tabela 11 – Ocorrência total e percentual das etiquetas por participante

Participante	<LC>		<ACAO>		Etiquetas narratológicas		Total
PR01	8	3,40%	43	18,30%	184	78,30%	235
PR02	11	5,37%	36	17,56%	158	77,07%	205
PR03	13	6,67%	32	16,41%	150	76,92%	195
PR04	24	9,80%	32	13,06%	189	77,14%	245
Média	14	6,31%	35,75	16,33%	170,25	77,36%	220
Desvio	6,98		5,19		19,16		23,80
NV01	6	5,22%	23	20,00%	86	74,78%	115
NV02	3	1,99%	30	19,87%	118	78,15%	151
NV03	8	5,71%	29	20,71%	103	73,57%	140
NV04	15	8,62%	31	17,82%	128	73,56%	174
Média	8	5,38%	28,25	19,60%	108,75	75,02%	145
Desvio	5,10		3,59		18,32		24,51

Fonte: Elaborada pela autora.

Pode-se notar que ambos os perfis apresentam mais descrições referentes à narratológica, seguida pelos verbos de ação e a linguagem de câmera, sendo que os novatos apresentam mais descrições de ações, proporcionalmente ao tamanho de seus roteiros, do que os profissionais, que apresentam mais descrições da linguagem cinematográfica do que os novatos. Mesmo o profissional que não fez cursos sobre cinema, mas tinha leituras sobre o assunto, descreveu bastante esse

elemento do filme. Com relação ao total de etiquetas nos roteiros, foi observada diferença significativa entre os perfis ($t = -4,3903$; $p = 0,004617$), porém, ao analisar cada etiqueta separadamente, não se encontrou diferença estatística: Etiqueta LC ($t = -0,4835$; $p = 0,6458$), Etiqueta ACAO ($t = 2,351$; $p = 0,05698$) e Etiqueta Narratológica ($t = -2,0788$; $p = 0,08287$).

5.2.2.2 Etiqueta cinematográfica

Com relação à etiqueta que aponta uma descrição que recria uma linguagem de câmera, a Tabela 12 mostra a ocorrência dessa etiqueta no roteiro de cada participante.

Tabela 12 – Comparação entre os roteiros elaborados com relação à etiqueta cinematográfica por participante

Participante	Ocorrências da etiqueta <LC>	CFS ⁴⁸ (ocorrência da etiqueta*100 / número de palavras)	FR (ocorrência da etiqueta / total de etiquetas)
PR01	8	1,794	3,40%
PR02	11	2,335	5,37%
PR03	13	3,103	6,67%
PR04	24	4,8	9,80%
Média	14	3,008	6,31%
Desvio	6,97	1,310	2,69
NV01	6	2,532	5,22%
NV02	3	0,977	1,99%
NV03	8	2,974	5,71%
NV04	15	3,731	8,62%
Média	8	2,554	5,38%
Desvio	5,10	1,162	2,72

Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação às descrições desse tipo, NV01, ao ser questionada se teve dificuldades com a linguagem da câmera, respondeu que:

NV01: Com relação a linguagem da câmera. Só um close. Mas... eu tento fazer menos interferências possíveis. E falar só o necessário, eu acho. Teve uma hora que eu fiquei em dúvida se eu falava. Na hora que o menino está voando. Eu pensei em colocar como se fosse a visão da câmera. Mas achei que seria muita informação. Seria desnecessário. Então coloquei só aquilo mesmo.

PQ: Mas aquele das imagens duplicadas também é linguagem da câmera.

NV01: Isso. Daria a impressão da alucinação, né? Que eu não sabia como colocar. Aí coloquei imagens duplicadas.

⁴⁸ Coeficiente de Frequência Simples.

Sobre a mesma cena, NV02 comentou:

NV02: Ah sim, eu tive que explicitar o sentimento dela de perturbação. Eu ainda mudei, porque eu não queria colocar isso. Porque é muito explícito. Procurei uma coisa mais... O que foi que eu coloquei? Não lembro mais.

PQ: “A imagem alterna em desordem mostrando a inquietação da Dra. Maria.”.

NV02: Inquietação.

PQ: Aí tu explicitou, né? Porque essa inquietação é mostrada por um jogo de câmera.

NV02: Pois é. Porque não dá pra audiodescrever totalmente todos os jogos de câmera. Aí eu preferi colocar inquietação. Porque senão ficaria muito corrida a narração.

Nesse sentido, NV01 preferiu descrever a linguagem de câmera e NV02 preferiu descrever o sentimento que aquela linguagem de câmera passou para ele. Mesmo os novatos não possuindo cursos específicos sobre cinema, esse é um tópico bastante abordado nas disciplinas de tradução da UECE que ensinam sobre audiodescrição.

5.2.2.3 Etiqueta gramatical

A tabela a seguir mostra a quantidade de ocorrências e a frequência da etiqueta que indica verbos.

Tabela 13 – Comparação entre os roteiros elaborados com relação à etiqueta gramatical por participante

Participante	Ocorrências da etiqueta <ACAO>	CFS (ocorrência da etiqueta*100 / número de palavras)	FR (ocorrência da etiqueta / total de etiquetas)
PR01	43	9,641	18,30%
PR02	36	7,643	17,56%
PR03	32	7,637	16,41%
PR04	32	6,400	13,06%
Média	35,75	7,830	16,33%
Desvio	5,19	1,341	2,32
NV01	23	9,705	20%
NV02	30	9,772	19,87%
NV03	29	10,781	20,71%
NV04	31	7,711	17,82%
Média	28,25	9,492	19,60%
Desvio	3,59	1,285	1,24

Fonte: Elaborada pela autora.

Pode-se notar que dos cinco participantes com a maior frequência de ocorrências de verbos, apenas um é profissional (PR01). Apesar de a média dos profissionais ser maior, indicando que em valor absoluto seus roteiros possuem mais

verbos de ação, o CFS e o FR são menores que os dos novatos. Isso indica que, dentro dos roteiros dos profissionais, os verbos competem com outras informações, o que pode indicar que os roteiros dos profissionais poderiam ser considerados mais detalhados e os dos novatos, mais voltados para ações. Considerando a utilização de verbos que expressam ações realizadas no filme (ACAO), não se pôde observar diferenças estatísticas significativas entre os grupos.

5.2.2.4 Etiquetas narratológicas

Das 31 etiquetas narratológicas listadas na seção 4.4.2.2.4, encontraram-se 29 nos roteiros analisados. As tabelas a seguir mostram a frequência com que se encontra cada etiqueta em cada roteiro. Primeiro nos roteiros dos participantes profissionais e, em seguida, no roteiro dos participantes novatos.

Tabela 14 – Ocorrência das etiquetas narratológicas nos roteiros dos profissionais

Etiqueta	PR01	PR02	PR03	PR04	Total	Média	Desvio
Elementos visuais verbais							
<CRED>	13	8	15	2	38	9,5	5,80
<INS_LET>	2	-	-	-	2	0,5	1
<INS_LEG>	-	-	-	-	-	-	-
Elementos visuais não verbais – Personagem							
<PERS_IDENT>	5	8	3	1	17	4,25	2,99
<PERS_IDENT_NOME>	18	15	15	20	68	17	2,45
<PERS_IDENT_PRON>	13	20	18	12	63	15,75	3,86
<PERS_IDENT_PROF>	16	14	-	-	30	7,5	8,70
<PERS_IDENT_GEN>	2	-	-	16	18	4,5	7,72
<PERS_IDENT_CF_ID>	1	1	11	5	18	4,5	4,73
<PERS_CF_ASPTS>	-	-	-	-	-	-	-
<PERS_CF_ASPC_PERM>	-	3	3	1	7	1,75	1,50
<PERS_FIG>	7	11	13	9	40	10	2,58
<PERS_LINCORP>	10	11	12	13	46	11,5	1,29
<PERS_EEMOC>	9	7	5	9	30	7,5	1,91
<PERS_EMENT>	2	-	-	7	9	2,25	3,30
Elementos visuais não verbais – Ambientação							
<AMB_CEN_LOC_TEMP>	7	3	3	6	19	4,75	2,06
<AMB_CEN_DESC_IN>	1	1	1	1	4	1	0
<AMB_CEN_DESC_EX>	-	-	-	-	-	-	-
<AMB_CEN_DIST_PERS>	19	21	16	18	74	18,5	2,08
<AMB_CEN_DIST_OBJ>	9	2	3	10	24	6	4,08
<AMB_OBJ>	26	24	22	32	104	26	4,32
<AMB_OBJ_DESC>	15	8	6	20	49	12,25	6,45
<AMB_COR>	8	1	3	7	19	4,75	3,30
<AMB_ILUM>	1	-	1	-	2	0,5	0,58

Fonte: Elaborada pela autora.

Nos roteiros dos profissionais, não foi identificado nenhum juízo de valor em descrições referentes a características físicas subjetivas, como bonito ou feio.

Também não foi encontrada descrição de ambientes externos, o que era esperado já que toda a narrativa ocorre dentro de uma sala.

O elemento verbal mais presente são os créditos, e o ambiente é descrito principalmente através dos objetos, da localização dos personagens no cenário e da descrição desses objetos. A forma de identificação do personagem que está praticando alguma ação se dá principalmente através de nome ou de pronome, sendo que PR01 e PR02 também utilizam a profissão para identificar o personagem em questão. PR04 preferiu identificar a médica pela vestimenta. Sobre isso, foi perguntado:

PQ: Por que tu preferiu chamar ela de “mulher de jaleco” o tempo todo? Não definiu como enfermeira ou como médica. Por causa da reviravolta no final?

PR04: Não. Como eu vi o filme todo, eu sabia da questão. Eu acho que eu quis brincar mais com essa ideia dela estar com o jaleco e depois os outros estarem com os jalecos e ela não estar. Eu acho que foi por aí. Mas foi meio inconsciente. Isso aí eu não pensei muito não, realmente. Eu pensei na brincadeira da troca no final.

Outros elementos relativos aos personagens bastante descritos foram a linguagem corporal, o figurino e os estados emocionais. A tabela a seguir mostra o CFS de cada etiqueta nos roteiros dos profissionais.

Tabela 15 – CFS das etiquetas narratológicas nos roteiros dos profissionais

Etiqueta	PR01	PR02	PR03	PR04	Média	Desvio
Elementos visuais verbais						
<CRED>	2,915	1,699	3,580	0,4	2,148	1,402
<INS_LET>	0,448	-	-	-	0,112	0,224
<INS_LEG>	-	-	-	-	-	-
Elementos visuais não verbais – Personagem						
<PERS_IDENT>	1,121	1,699	0,716	0,2	0,934	0,634
<PERS_IDENT_NOME>	4,036	3,185	3,580	4,00	3,700	0,401
<PERS_IDENT_PRON>	2,915	4,246	4,296	2,400	3,464	0,955
<PERS_IDENT_PROF>	3,587	2,972	-	-	1,640	1,910
<PERS_IDENT_GEN>	0,448	-	-	3,200	0,912	1,540
<PERS_IDENT_CF_ID>	0,224	0,212	2,625	1,000	1,015	1,135
<PERS_CF_ASPTS>	-	-	-	-	-	-
<PERS_CF_ASPC_PERM>	-	0,637	0,716	0,200	0,388	0,344
<PERS_FIG>	1,570	2,335	3,103	1,800	2,202	0,681
<PERS_LINCORP>	2,242	2,335	2,864	2,600	2,510	0,280
<PERS_EEMOC>	2,018	1,486	1,193	1,800	1,624	0,361
<PERS_EMENT>	0,448	-	-	1,400	0,462	0,660
Elementos visuais não verbais – Ambientação						
<AMB_CEN_LOC_TEMP>	1,570	0,637	0,716	1,200	1,031	0,437
<AMB_CEN_DESC_IN>	0,224	0,212	0,239	0,200	0,219	0,017
<AMB_CEN_DESC_EX>	-	-	-	-	-	-
<AMB_CEN_DIST_PERS>	4,260	4,459	3,819	3,600	4,034	0,394
<AMB_CEN_DIST_OBJ>	2,018	0,425	0,716	2,000	1,290	0,839
<AMB_OBJ>	5,830	5,096	5,251	6,400	5,644	0,595
<AMB_OBJ_DESC>	3,363	1,699	1,432	4,000	2,623	1,254
<AMB_COR>	1,794	0,212	0,716	1,400	1,031	0,704
<AMB_ILUM>	0,224	-	0,239	-	0,116	0,134

Fonte: Elaborada pela autora.

CFS: coeficiente de frequência simples.

O CFS corrobora os dados anteriores com relação aos elementos mais descritos em cada categoria. Dos elementos visuais verbais tem-se os créditos, dos elementos visuais não verbais tem-se nome e pronomes referentes aos personagens, linguagem corporal, figurino, estados emocionais e profissão. E o ambiente é novamente descrito através dos objetos, da localização dos personagens e da descrição dos objetos.

Tabela 16 – FR das etiquetas narratológicas nos roteiros dos profissionais

Etiqueta	PR01	PR02	PR03	PR04	Média	Desvio
Elementos visuais verbais						
<CRED>	5,53%	3,90%	7,69%	0,82%	4,49%	2,89
<INS_LET>	0,85%	-	-	-	0,21%	0,43
<INS_LEG>	-	-	-	-	-	-
Elementos visuais não verbais – Personagem						
<PERS_IDENT>	2,13%	3,90%	1,54%	0,41%	1,99%	1,46
<PERS_IDENT_NOME>	7,66%	7,32%	7,69%	8,16%	7,71%	0,35
<PERS_IDENT_PRON>	5,53%	9,76%	9,23%	4,90%	7,35%	2,49
<PERS_IDENT_PROF>	6,81%	6,83%	-	-	3,41%	3,94
<PERS_IDENT_GEN>	0,85%	-	-	6,53%	1,85%	3,15
<PERS_IDENT_CF_ID>	0,43%	0,49%	5,64%	2,04%	2,15%	2,44
<PERS_CF_ASPTS>	-	-	-	-	-	-
<PERS_CF_ASPC_PERM>	-	1,46%	1,54%	0,41%	0,85%	0,77
<PERS_FIG>	2,98%	5,37%	6,67%	3,67%	4,67%	1,67
<PERS_LINCORP>	4,26%	5,37%	6,15%	5,31%	5,27%	0,78
<PERS_EEMOC>	3,83%	3,41%	2,56%	3,67%	3,37%	0,57
<PERS_EMENT>	0,85%	-	-	2,86%	0,93%	1,35
Elementos visuais não verbais – Ambientação						
<AMB_CEN_LOC_TEMP>	2,98%	1,46%	1,54%	2,45%	2,11%	0,73
<AMB_CEN_DESC_IN>	0,43%	0,49%	0,51%	0,41%	0,46%	0,05
<AMB_CEN_DESC_EX>	-	-	-	-	-	-
<AMB_CEN_DIST_PERS>	8,09%	10,24%	8,21%	7,35%	8,47%	1,24
<AMB_CEN_DIST_OBJ>	3,83%	0,98%	1,54%	4,08%	2,61%	1,58
<AMB_OBJ>	11,06%	11,71%	11,28%	13,06%	11,78%	0,90
<AMB_OBJ_DESC>	6,38%	3,90%	3,08%	8,16%	5,38%	2,32
<AMB_COR>	3,40%	0,49%	1,54%	2,86%	2,07%	1,31
<AMB_ILUM>	0,43%	-	0,51%	-	0,23%	0,27

Fonte: Elaborada pela autora.

FR: Frequência relativa.

A FR também corrobora os dados anteriores com os elementos sendo priorizados nas mesmas ordens já apresentadas. Pode-se notar também que, para descrever os personagens, a estratégia menos utilizada pelos profissionais é a descrição de aspectos físicos subjetivos, aspectos físicos permanentes, descrição de estados mentais e descrição do gênero dos personagens. Já para o ambiente não houve muitas descrições referentes a ambientes externos, iluminação, ambiente interno (ex. “com poucos móveis”), cor e localização temporal. A tabela 17, a seguir, mostra a ocorrência das etiquetas nos roteiros dos participantes novatos.

Tabela 17 – Ocorrência das etiquetas narratológicas nos roteiros dos novatos

Etiqueta	NV01	NV02	NV03	NV04	Total	Média	Desvio
Elementos visuais verbais							
<CRED>	16	15	2	8	41	10,25	6,55
<INS_LET>	-	-	-	-	-	-	-
<INS_LEG>	-	-	-	-	-	-	-
Elementos visuais não verbais – Personagem							
<PERS_IDENT>	4	3	7	4	18	4,5	1,73
<PERS_IDENT_NOME>	4	26	7	9	46	11,5	9,88
<PERS_IDENT_PRON>	13	11	12	18	54	13,5	3,11
<PERS_IDENT_PROF>	8	7	13	7	35	8,75	2,87
<PERS_IDENT_GEN>	1	1	-	2	4	1	0,82
<PERS_IDENT_CF_ID>	1	-	2	4	7	1,75	1,71
<PERS_CF_ASPTS>	-	-	-	-	-	-	-
Etiqueta	NV01	NV02	NV03	NV04	Total	Média	Desvio
Elementos visuais não verbais – Personagem							
<PERS_CF_ASPC_PERM>	-	-	-	-	-	-	-
<PERS_FIG>	2	4	2	1	9	2,25	1,26
<PERS_LINCORP>	7	7	7	11	32	8	2
<PERS_EEMOC>	3	1	2	5	11	2,25	1,71
<PERS_EMENT>	-	-	-	2	2	0,5	1
Elementos visuais não verbais – Ambientação							
<AMB_CEN_LOC_TEMP>	3	1	3	4	11	2,75	1,26
<AMB_CEN_DESC_IN>	-	-	2	-	2	0,5	1
<AMB_CEN_DESC_EX>	-	-	1	-	1	0,25	0,5
<AMB_CEN_DIST_PERS>	10	16	10	18	54	13,5	4,12
<AMB_CEN_DIST_OBJ>	1	3	4	6	14	3,5	2,08
<AMB_OBJ>	12	21	24	22	79	19,75	5,32
<AMB_OBJ_DESC>	1	2	4	6	13	3,25	2,22
<AMB_COR>	-	-	1	1	2	0,5	0,58
<AMB_ILUM>	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim como nos roteiros dos profissionais, os roteiros dos novatos não apresentam nenhuma descrição referente a características físicas subjetivas, mas também não há referência a características permanentes, como cor dos olhos, pele ou cabelo, tipo de descrição encontrada em $\frac{3}{4}$ dos roteiros dos profissionais. A única descrição de ambientes externos menciona o céu, que de fato não pode ser visualizado no filme.

Novamente o elemento verbal mais presente são os créditos, e o ambiente é descrito através dos objetos que estão nele e da distribuição dos personagens dentro dele. Mas, ao contrário dos profissionais, que preferiam descrever com detalhes os objetos, nos roteiros dos novatos encontram-se mais informações sobre como esses objetos estão distribuídos no ambiente. Os personagens também são prioritariamente identificados através de pronome ou do nome, ao contrário dos profissionais, que preferiram utilizar os nomes, e também pela profissão. NV02, inclusive, utiliza-se da profissão para marcar a passagem da médica para paciente, quando deixa de chamá-la de doutora Maria. Outros elementos relativos aos personagens bastante descritos foram a linguagem corporal,

(conclusão)

Etiqueta	NV01	NV02	NV03	NV04	Média	Desvio
Elementos visuais não verbais – Personagem						
<PERS_FIG>	1,74%	2,65%	1,43%	0,57%	1,60%	0,86
<PERS_LINCORP>	6,09%	4,64%	5,00%	6,32%	5,51%	0,82
<PERS_EEMOC>	2,61%	0,66%	1,43%	2,87%	1,89%	1,03
<PERS_EMENT>	0,00%	0,00%	0,00%	1,15%	0,29%	0,58
Elementos visuais não verbais – Ambientação						
<AMB_CEN_LOC_TEMP>	2,61%	0,66%	2,14%	2,30%	1,93%	0,87
<AMB_CEN_DESC_IN>	0,00%	0,00%	1,43%	0,00%	0,36%	0,72
<AMB_CEN_DESC_EX>	0,00%	0,00%	0,71%	0,00%	0,18%	0,36
<AMB_CEN_DIST_PERS>	8,70%	10,60%	7,14%	10,34%	9,19%	1,61
<AMB_CEN_DIST_OBJ>	0,87%	1,99%	2,86%	3,45%	2,29%	1,12
Etiqueta	NV01	NV02	NV03	NV04	Média	Desvio
Elementos visuais não verbais – Ambientação						
<AMB_OBJ>	10,43%	13,91%	17,14%	12,64%	13,53%	2,80
<AMB_OBJ_DESC>	0,87%	1,32%	2,86%	3,45%	2,12%	1,23
<AMB_COR>	0,00%	0,00%	0,71%	0,57%	0,32%	0,37
<AMB_ILUM>	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0

Fonte: Elaborada pela autora.

FR: frequência relativa.

A tabela a seguir mostra as médias das ocorrências das etiquetas, do CFS e da FR comparando esses três dados entre os dois perfis.

Tabela 20 – Comparação entre as médias dos valores absolutos, CFS e FR entre profissionais e novatos

Etiqueta	Profissionais			Novatos		
	Média	CFS	FR	Média	CFS	FR
Elementos visuais verbais						
<CRED>	9,5	2,148	4,49%	10,25	3,593	7,47%
<INS_LET>	0,5	0,112	0,21%	0	0	0
<INS_LEG>	0	0	0	0	0	0
Elementos visuais não verbais – Personagem						
<PERS_IDENT>	4,25	0,934	1,99%	4,5	1,566	3,19%
<PERS_IDENT_NOME>	17	3,700	7,71%	11,5	3,749	7,72%
<PERS_IDENT_PRON>	15,75	3,464	7,35%	13,5	4,502	9,38%
<PERS_IDENT_PROF>	7,5	1,640	3,41%	8,75	3,057	6,23%
<PERS_IDENT_GEN>	4,5	0,912	1,85%	1	0,311	0,67%
<PERS_IDENT_CF_ID>	4,5	1,015	2,15%	1,75	0,540	1,15%
<PERS_CF_ASPS>	0	0	0	0	0	0
<PERS_CF_ASPC_PERM>	1,75	0,388	0,85%	0	0	0
<PERS_FIG>	10	2,202	4,67%	2,25	0,785	1,60%
<PERS_LINCORP>	11,5	2,510	5,27%	8	2,643	5,51%
<PERS_EEMOC>	7,5	1,624	3,37%	2,75	0,895	1,89%
<PERS_EMENT>	2,25	0,462	0,93%	0,5	0,124	0,29%
Elementos visuais não verbais – Ambientação						
<AMB_CEN_LOC_TEMP>	4,75	1,031	2,11%	2,75	0,925	1,93%
<AMB_CEN_DESC_IN>	1	0,219	0,46%	0,5	0,186	0,36%
<AMB_CEN_DESC_EX>	0	0	0	0,25	0,093	0,18%
<AMB_CEN_DIST_PERS>	18,5	4,034	8,47%	13,5	4,407	9,19%
<AMB_CEN_DIST_OBJ>	6	1,290	2,61%	3,5	1,095	2,29%
<AMB_OBJ>	26	5,644	11,78%	19,75	6,575	13,53%
<AMB_OBJ_DESC>	12,25	2,623	5,38%	3,25	1,013	2,12%
<AMB_COR>	4,75	1,031	2,07%	0,5	0,155	0,32%
<AMB_ILUM>	0,5	0,116	0,23%	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora.

CFR: coeficiente de frequência simples; FR: frequência relativa.

Com relação aos elementos visuais verbais, ambos os perfis apresentam principalmente descrições dos créditos, sendo que há a presença de descrição de palavras que aparecem no filme no roteiro dos profissionais. Além disso, em valores absolutos e proporcionalmente ao tamanho dos roteiros, os novatos apresentam mais ocorrências de descrições dos créditos. Considerando somente a quantidade de vezes em que descrevem elementos visuais verbais, não se pôde observar diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($t = 0,8766$; $p = 0,4144$).

Dos elementos visuais não verbais, os profissionais utilizaram, para identificar os personagens, principalmente nomes, pronomes, linguagem corporal e figurino. Já os novatos preferiram utilizar pronome, nome, profissão e linguagem corporal. Nenhum dos perfis utilizou aspectos físicos subjetivos para descrever os personagens e apenas os profissionais descreveram aspectos físicos permanentes.

Considerando a quantidade de vezes em que os participantes descreveram personagens e ambientação, ($t = -0,9632$; $p = 0,3726$) e ($t = -0,882$; $p = 0,4117$), respectivamente, não foi observada diferença entre os perfis.

Na seção a seguir, será feito um resumo dos resultados aqui obtidos e serão discutidos os resultados comparando com alguns dos trabalhos apresentados na fundamentação teórica.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são discutidos os resultados encontrados nas análises e comparados com resultados encontrados em outras pesquisas. Inicialmente, discute-se sobre o processo tradutório e, em seguida, sobre o produto deste processo. Por último, discutem-se alguns pontos que acredito terem sido problemáticos para a presente pesquisa.

6.1 SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO

A seguir discutem-se os resultados com relação ao fluxo de trabalho dos participantes e à distribuição de atenção dos mesmos nas Aols. É feito um resumo dos resultados das análises feitas, comparando-os com estudos apresentados na fundamentação teórica.

6.1.1 Fluxo de trabalho

Com relação ao tempo total de tarefa, Jakobsen (2002), Jakobsen e Jensen (2008) e Carl, Jakobsen e Jensen (2008), com texto escrito, e Pagano, Alves e Araújo (2011) e Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016), com legendagem, indicavam que os profissionais realizam a tarefa de tradução em menos tempo se comparados com estudantes de tradução. Ao contrário desses estudos, não encontrei diferença entre os tempos de execução dos participantes. Apesar de Pagano, Alves e Araújo (2011, p. 141) afirmarem que um dos indicadores de competência poderia ser o tempo despendido na realização da tarefa, quanto menor mais competente o participante, e Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016) afirmarem que o tempo dos profissionais é menor, pois possuem um domínio melhor da tecnologia empregada durante a legendagem, no caso da audiodescrição isso não se confirmou.

Jakobsen (2002) e Pagano, Alves e Araújo (2011) indicavam que, pela média dos tempos, os profissionais passavam mais tempo na fase de orientação do que os estudantes, sendo que alguns estudantes nem apresentavam a fase de orientação. No caso desta tese, estatisticamente, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois perfis.

Em conformidade com Jakobsen (2002) e Pagano, Alves e Araújo (2011), a fase mais longa é a da redação, para ambos os perfis. Alves, Pagano e Silva (2009) utilizaram apenas um perfil e também obtiveram esse resultado. Nos estudos de Jakobsen (2002) e Pagano, Alves e Araújo (2011), os profissionais, em comparação com os estudantes, passaram menos tempo na fase de redação. A produção do texto de chegada era mais rápida e se demonstrou mais durável, sofrendo menos modificações na fase de revisão, do que o texto de chegada dos estudantes. Com os participantes desta pesquisa, uma análise estatística dos tempos nessa fase não mostrou diferenças significativas entre os perfis.

Em Jakobsen (2002), os profissionais passaram mais tempo do que os estudantes na fase de revisão. Jakobsen (2002) sinaliza que, apesar de passar mais tempo nesta fase do que os estudantes, os profissionais apenas monitoram e otimizam seu texto de chegada, enquanto que os estudantes ainda estão tentando resolver problemas de tradução. Alves, Pagano e Silva (2009), com apenas um perfil de participantes, profissionais, obtiveram a revisão como segunda fase mais longa do processo. Em média, em Pagano, Alves e Araújo (2011), os novatos foram os que passaram mais tempo na fase de revisão. Nos dados obtidos nesta tese, mesmo os dois profissionais que passaram mais tempo nessa fase basicamente ajustaram os tempos de entrada e saída das descrições, enquanto que os estudantes ainda lidavam com a tradução em si. Porém, não foram observadas diferenças entre os tempos despendidos para essa fase.

Sobre as estratégias adotadas em cada fase pelos participantes, não se observam padrões seguidos pelos profissionais ou pelos novatos. O que observei foram algumas estratégias mais ocorrentes em um perfil do que no outro, ou em uma fase do que em outra, e estratégias particulares de apenas um indivíduo.

Na fase de orientação, voltada ao entendimento do texto de partida, uma estratégia de quase todos os participantes, exceto NV03, foi assistir ao filme que seria audiodescrito. Três dos quatro profissionais fez isso utilizando um programa de computador reprodutor de vídeo, o que permitia uma maior área de visualização do filme. Já um dos profissionais e três novatos assistiram ao filme utilizando o programa no qual elaborariam suas descrições, o *Subtitle Workshop (SW)*, o que os deixava com uma área de visualização do filme menor.

Resultado ou não dessa estratégia, tem-se que os três profissionais que optaram pelo reprodutor de vídeo foram os que mais contemplaram elementos que

considerarei como os mais relevantes a serem audiodescritos. E uma análise nas áreas de interesse dos participantes que utilizaram o SW mostrou que mais de 87% das fixações foram no filme, o que me leva a questionar a razão apontada pelos participantes pela qual decidiram utilizar esse programa, que era já realizar ou pensar nas marcações de tempo das descrições que iriam elaborar.

Além de assistir ao filme, durante essa fase, duas profissionais (PR01 e PR02) e uma novata (NV04) realizaram pesquisas sobre o filme e alguns de seus temas, estratégia empregada por outros participantes na fase de redação. Além disso, PR01 elaborou um esquema com os temas, nomes de personagens e descrição de alguns dos desenhos do filme mostrando ser a participante mais ciente da fase de orientação como fase de conhecimento do texto de partida. PR02 também demonstrou isso ao, após realizar as pesquisas, assistir ao filme todo uma segunda vez. Sendo essas duas participantes as que mais incluíram em seus roteiros os elementos considerados mais relevantes. Não se pode afirmar se o fato de NV03 não ter tido uma fase de orientação foi a causa de este participante ter sido o que menos contemplou esses elementos em seu roteiro. Porém, acredito que o fato de o audiodescritor assistir ao filme na íntegra nessa fase auxilia sim uma elaboração mais eficiente das descrições, uma vez que durante a fase de redação ele olhará para os elementos em cena já fazendo ligação dos mesmos com o restante do filme que ele assistiu. E acredito que essa fase de orientação seja sim importante para o processo de tradução.

A fase seguinte, de redação, tem como objetivo a elaboração das descrições e a marcação dos tempos nos quais essas descrições devem ser inseridas no filme. As ações foram quase as mesmas: assistir a trechos do filme, alocar tempo para a descrição, descrever, voltar o filme, checar se dava para ler a descrição e assistir a mais um pedaço do filme.

As marcações dos tempos disponíveis para inserir descrições tiveram estratégias mais diferenciadas, principalmente entre os novatos. NV02 não pausava o filme para marcar os tempos de início e término das descrições, e isso se refletiu na quantidade de cliques na área onde ele ajustava esses tempos manualmente. NV03, em dado momento da fase de redação, utilizou a estratégia de não marcar os tempos de início e término das descrições. Ou por não ter noção exata dos tempos disponíveis, ou pela falta da fase de orientação, acabou elaborando poucas descrições. Foi o participante que elaborou menos descrições, que utilizou menos

palavras distintas em seu roteiro, o segundo com menor número total de palavras no roteiro e o participante que menos aproveitou os tempos disponíveis no filme, apenas 45,86%.

A estratégia de NV04, de dividir a fase de redação em dois momentos, um apenas para as marcações desses tempos disponíveis e outro para a elaboração das descrições, também não pareceu ser algo aconselhável. Apesar de ser a novata com o maior número de palavras, e palavras distintas, em seu roteiro, a segunda entre os novatos tanto com o maior número de descrições como a maior percentagem de elementos descritos e a novata que melhor aproveitou os tempos disponíveis no filme, com aproveitamento superior ao de dois profissionais, a duração, apenas de sua fase de redação, foi de mais de duas horas e meia, sendo a maior entre todos os participantes. Mais de 90% dessas marcações iniciais foram modificadas quando a participante elaborou o texto das descrições, o que leva a questionar a eficácia da estratégia. Porém, o alto aproveitamento dos tempos disponíveis no filme e a alta percentagem de elementos contemplados no roteiro podem ter sido causados pelo fato de ela ter assistido ao filme todo duas vezes durante essa fase de redação. A marcação de tempo das descrições parece ser algo tão complexo quanto a própria elaboração do texto do roteiro. NV03, que não faz boa parte das marcações de tempo, tem a menor fase de redação, e NV04, que faz as marcações duas vezes, tem a maior fase de redação.

Não foi percebido um padrão para a realização dessas marcações, sendo que, às vezes, o participante marca inicialmente os tempos de início e término para depois elaborar o texto da descrição e, às vezes, essa estratégia dava certo, mas em outras era necessário remarcar o tempo de término, pois o tempo alocado não era suficiente para ler a descrição elaborada. Quando não havia como aumentar o tempo de duração, os participantes modificavam a descrição ou tentavam mudar o tempo de início da descrição. Já em outros casos, os participantes marcavam o início e elaboravam o texto para só após a leitura marcar o tempo de término, mas às vezes o texto também tinha que ser modificado para caber no espaço disponível do filme. Ambas as estratégias parecem tomar o mesmo tempo e ter resultados parecidos.

Esse monitoramento da possibilidade ou não de leitura da descrição no tempo alocado ocorria de diferentes formas. PR01, PR02, PR04 e NV04 liam as descrições em voz baixa. PR03 lia em voz alta, usando inclusive entonações. NV01,

NV02 e NV03 pareciam ler, na maioria das vezes, de forma silenciosa, quase que apenas mentalmente. Os profissionais pareciam mais conscientes de que esse monitoramento deveria ser, pelo menos, com leitura em voz baixa, quase simulando a gravação dessas descrições.

Em algumas ocasiões, o participante parecia elaborar previamente, em sua mente, a descrição, antes de começar a digitar o texto. Outras vezes, parecia elaborar enquanto digitava, demorando para terminar uma palavra ou modificando palavras já escritas. Não se percebeu se algum dos perfis prioriza uma ou outra estratégia.

Apenas dois participantes, PR03 e NV03, não realizaram nenhum tipo de pesquisa durante o processo inteiro. Enquanto PR01, PR02 e NV04 realizaram pesquisas sobre o filme na fase de orientação, PR04, NV01 e NV02 sentiram necessidade dessa pesquisa na fase de redação. É com NV02 que se percebe mais claramente a importância dessa pesquisa, pois, após a mesma, ele troca a forma como identificava a médica em seu roteiro incluindo o nome dela, que só foi aprendido após essa pesquisa. Apesar de o nome da médica aparecer em dois momentos do filme e outros participantes terem lido a sinopse que contém esse nome, esse foi o único participante que decidiu utilizá-lo em seu roteiro.

Os tipos de pesquisa mais comuns nessa fase foram com relação ao significado das palavras, geralmente através do Google Imagens, como escrever as palavras, no próprio Google, e sinônimos para palavras, sendo o *site* www.sinonimos.com.br o mais utilizado e sendo buscas por sinônimos a pesquisa mais frequente em ambos os perfis. Estatisticamente, não foram observadas diferenças entre a quantidade de pesquisa nem entre os tempos alocados para essas pesquisas desses profissionais.

Percebeu-se que alguns participantes utilizavam as falas ou transições de cena para dividir o filme em blocos para serem audiodescritos, assistindo a uma cena completa para decidir quais elementos da cena deveriam ser descritos. Outra estratégia foi a recuperação de informações já descritas, como o nome do objeto que a médica segura, prancheta, a denominação dada para o ambiente no qual ocorrem as ações, sala ou quarto, ou mesmo a repetição de verbos já utilizados, parecendo querer reforçar ideias ou manter paralelismo.

A última fase do processo de tradução, a revisão, parece mais voltada à verificação da possibilidade de leitura das descrições nos espaços de tempo

alocados, parecendo uma simulação do processo de gravação do roteiro de AD. Essa verificação é feita, basicamente, deixando o filme passar e, conforme as descrições aparecem no SW como se fossem legendas em cima do filme, os participantes as vão lendo. O comportamento dos participantes foi bastante semelhante nessa fase, havendo algumas estratégias diferenciadas. Por exemplo, um novato, NV02, não assistiu ao filme todo, pois foi clicando nas descrições, assistindo apenas aos trechos nos quais estas estavam presentes. Apesar de a elaboração de uma nova descrição não ser comum nessa fase, essa estratégia pode não permitir ao audiodescritor notar trechos do filme onde podem ser inseridas descrições e que não foram notados na fase de redação. Em oposição, a profissional PR04 assiste ao filme todo lendo as descrições duas vezes.

PR01 e NV01, antes de assistir ao filme nessa fase, fixam na Aol do roteiro, parecendo ler cada descrição em busca de palavras com erros de digitação. A percepção de erros de digitação com a leitura das descrições passando em cima do filme talvez fosse mais difícil, mas essa estratégia não evitou que ambas as participantes tivessem palavras com erros em seus roteiros finais. Uma estratégia melhor foi a adotada por PR02, que, ao final da fase de revisão, copiou seu roteiro, colou em um arquivo do *Word* e usou o corretor deste programa para verificar seu texto.

Os tipos de revisão mais realizados pelos profissionais foram de modificação no texto e no tempo das descrições. Já com os novatos foi o contrário, principalmente por conta de NV03. Tirando os dados deste participante, a sequência de revisão fica a mesma que a dos profissionais. Jakobsen e Jensen (2008, p. 119) afirmam que evidências apontam para uma maior preocupação por parte dos profissionais com essa fase, se comparados com estudantes de tradução. Pagano, Alves e Araújo (2011) notaram que os profissionais passaram bastante tempo nessa fase, mas as principais revisões realizadas foram com relação ao tempo de entrada e saída das legendas. A tradução das falas se mostrou durável. No caso desta tese, não observei diferença estatística entre os tempos passados nessa fase por ambos os perfis. A seção a seguir trata da distribuição da atenção dos participantes durante a tarefa através das fixações nas áreas de interesse.

6.1.2 Distribuição da atenção

Em Jakobsen e Jensen (2008), durante a tarefa de tradução escrita, o texto de partida foi mais fixado pelos estudantes (texto de chegada 729 vs 869 texto de partida) enquanto que o texto de chegada foi mais fixado pelos profissionais (com mais de 50% mais fixações no texto de chegada – 958 vs 627 texto de partida). A duração média das fixações também foi maior na área do texto de partida no caso dos estudantes (255 ms vs 223 ms no texto de chegada) e na área do texto de chegada no caso dos profissionais (288 ms vs 145 ms no texto de partida) (JAKOBSEN; JENSEN, 2008, p. 112).

Em Alves, Pagano e Silva (2009, p. 279), dez profissionais, durante a fase de redação, fixaram no texto de partida na tradução direta, e o mesmo foi observado na tradução inversa com oito desses dez participantes. Já na fase de revisão, o texto de chegada foi o que mais recebeu fixações.

Em Hvelplund (2015), a média das fixações no texto de chegada foi de 290 ms, e no texto de partida, 208 ms. A análise inferencial mostrou haver diferenças significativas com relação à duração dessas fixações nessas duas áreas de interesse ($t = 17,20$, $p < 0,0001$). Segundo o autor, isso aponta para uma maior carga cognitiva exigida do tradutor para processar o texto de chegada, no caso da dublagem. O processamento do filme, com duração média de 285 ms, seria menos complexo do que o processamento do texto de chegada, mas não significativamente diferente ($t = 2,03$, $p = 0,0425$). E o processamento da área do dicionário seria mais complexo do que o processamento da área do texto de partida, com duração média de 224 ms, significativamente falando ($t = -1,32$, $p < 0,0001$).

Hvelplund (2015) chama de texto de partida o *script* com as falas dos personagens que devem ser traduzidas na dublagem e de texto de chegada esse *script* traduzido ou a área na qual essa tradução é elaborada. No caso desta tese, chamei de texto de partida o filme, mas o texto de chegada pode ser acessado nas Aols: Descrição, Roteiro e Caixa de texto. Considerando essas três áreas como o texto de chegada, tanto os audiodescritores profissionais quanto os novatos, neste estudo, fixaram mais e a duração das fixações foi maior no texto de chegada do que no de partida. Porém, considerando como o texto de chegada apenas a Caixa de texto, onde o mesmo é elaborado, tem-se que tanto profissionais quanto novatos

fixam mais no texto de partida, o filme, do que no de chegada. Porém, as fixações de ambos os perfis são mais longas no texto de chegada do que no filme.

6.2 SOBRE O PRODUTO RESULTANTE DO PROCESSO TRADUTÓRIO

A discussão a seguir terá enfoque nos roteiros produzidos pelos participantes. São mostrados os resultados das análises feitas de forma resumida e, quando possível, comparando com estudos expostos no capítulo teórico.

6.2.1 Comparação dos roteiros e filme

Ao buscar nos roteiros os elementos identificados pela minha análise como os mais importantes em cada cena, obteve-se como resultado que a percentagem desses elementos descritos pelos profissionais variou entre 76,05% e 60,56%, enquanto que a percentagem dos novatos variou entre 50,70% e 38,02%. Com relação aos tempos disponíveis no filme onde poderiam ser inseridas descrições, nota-se que os profissionais utilizaram entre 88,36% e 73,70% desse tempo, enquanto os novatos utilizaram entre 45,86% e 77,02%. Essa diferença também foi observada estatisticamente.

Da mesma forma como ocorreu com o audiodescritor amador no estudo de Franco *et al.* (2011), os novatos descreveram menos, deixando mais tempos de silêncio sem descrições. Considero que esse é o principal diferencial entre os dois perfis deste estudo e acredito que, mais do que diferenças no processo, diferenças estas as quais as variáveis analisadas nesta pesquisa não foram alcançadas, o comportamento ou a experiência dos audiodescritores profissionais se reflete no roteiro elaborado. Ou seja, cognitivamente, há diferença entre os perfis. A seguir, os resultados das análises das etiquetas.

6.2.2 Etiquetas técnicas

As análises das etiquetas técnicas mostraram que, em média, os profissionais fizeram mais inserções de descrições, 47,77 inserções contra a média de 36,25 inserções dos novatos ($t = -2,512$, $df = 6$, $p\text{-value} = 0,04578$). Os participantes de Pagano, Alves e Araújo (2011) produziram aproximadamente o

mesmo número de legendas. Esse resultado confirma mais uma diferença entre essas duas modalidades de tradução. Enquanto na legendagem ambos os perfis tendem a apresentar a mesma quantidade de legendas, na audiodescrição isso parece depender da experiência do audiodescritor. As legendas devem traduzir textos que já se encontram no filme, as falas, e estar sincronizadas com essas falas que já possuem tempos predefinidos no filme, podendo diferenciar apenas se uma fala será traduzida para uma ou mais legendas. Já a audiodescrição depende da identificação de momentos nos quais as descrições possam ser inseridas, quais elementos devem ser descritos e como isso é feito, que palavras usar e a construção da descrição.

Os profissionais também utilizaram, em média e com significância estatística, mais palavras e mais palavras distintas em seus roteiros, 459 palavras e 221,25 palavras, respectivamente, contra a média dos novatos de 303,75 palavras e 161,5 palavras distintas. A velocidade de leitura para essas descrições não se mostrou diferente entre os participantes.

6.2.3 Etiqueta cinematográfica

Todos os participantes se preocuparam com a recriação da linguagem de câmera em suas descrições. Em média, mas sem significância estatística, os profissionais recriaram esse elemento 14 vezes contra a média dos novatos de 8 vezes. A linguagem da câmera é um assunto recorrente tanto nas disciplinas que abordam a audiodescrição quanto nos artigos lidos pelos participantes do grupo de pesquisa. Provavelmente por isso não houve uma diferença estatística entre os perfis nesse quesito.

6.2.4 Etiqueta gramatical

Os roteiros dos profissionais apresentavam mais verbos de ação, porém, quando analisada a ocorrência dessa etiqueta baseada no número de palavras e no número total de etiquetas de cada roteiro, observou-se uma maior ocorrência delas nos roteiros dos novatos. Isso pode indicar que o roteiro dos novatos é mais voltado para as ações do que o dos profissionais, que é mais voltado para as outras

categorias narratológicas (descrição de personagens e ambientes). Porém, a análise estatística não mostrou diferença significativa entre os dois perfis.

6.2.5 Etiquetas narratológicas

Os profissionais utilizaram principalmente nomes, pronomes, linguagem corporal e figurino para identificar os personagens. Já os novatos utilizaram mais pronomes, nome, profissão e linguagem corporal. Aspectos físicos permanentes estão presentes apenas nos roteiros dos profissionais, e nenhum perfil utilizou aspectos físicos subjetivos para descrever os personagens, por exemplo, para caracterizar um personagem como bonito ou feio. Seoane (2015) também encontrou que aspectos físicos subjetivos raramente foram utilizados nos seis roteiros analisados. Os profissionais também estavam mais preocupados em passar os estados mentais e emocionais dos personagens. Sobre isso, PR03 comentou:

PR03: ... Esses arranhões de som que aparece, dá a ideia de que está se passando uma situação muito preocupante ali na cena. Aí eu me propus a descrevê-la. “Ela parece assustada”, depois “Ela parece amedrontada”. Isso vai dando a ideia de que aquelas imagens sobrepostas e desfocadas é o devaneio dela. A piração dela ali.

PQ: Foi fazendo uma evolução do sentimento dela.

PR03: Foi. Tentei. A minha expectativa era essa. Tentar mostrar que ela começou a ficar atordoada em determinado momento. Eu usei essa palavra, “atordoada”. Depois ela já estava amedrontada. E aí, quando ela projeta a imagem que a menina está vindo com uma faca. A Roberta, que na verdade ela está indo com uma injeção pra acalmar, então ali é o ápice do desespero dela. É medo mesmo. Ela vai sofrer alguma violência. Talvez lembrando de mais uma violência que ela sofreu na infância. E ela projeta aqui lá tudo. Então é o ápice do desespero dela. E eu uso essa palavra “atordoada”, “amedrontada” e aí no final eu uso “ela sofre, deitada de bruços”. Que ela realmente está sofrendo ali. Com aquele distúrbio psicológico. Até que a injeção vem e acalma.

A seguir, são apresentados alguns problemas enfrentados durante a análise dos dados desta tese.

6.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

No decorrer da presente pesquisa, deparei-me com problemas com relação aos participantes da pesquisa, à quantidade desses participantes, aos dados, resultados e metodologias não padronizados utilizados pelos estudos lidos para a fundamentação teórica e à falta de dados estatísticos que comprovassem os

resultados apresentados em tais estudos. A seguir, será abordado cada um desses problemas.

Nas pesquisas utilizadas como base teórica, o total de participantes variou entre três (CARL; JAKOBSEN; JENSEN, 2008) e 18 (ORREGO-CARMONA; DUTKA; SZARKOWSKA, 2016), sendo que a maioria utiliza entre 6 e 10 participantes (JAKOBSEN, 2002; JAKOBSEN; JENSEN, 2008; PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011; HVELPLUND, 2015). Isso me levou a acreditar que com oito participantes seria possível obter resultados significativos, o que, estatisticamente, não ocorreu na maioria das análises.

Além de me basear nesses estudos com relação à quantidade de participantes, a diferenciação entre os grupos se mostrou um problema. Por exemplo, enquanto os profissionais de Jakobsen (2002) tinham no mínimo dois anos de experiência e os estudantes estavam no último ano do curso de inglês, os profissionais desta tese tinham no mínimo cinco anos de experiência e os novatos, apesar de quase graduados, tinham contato com a área há no máximo dois anos. Mesmo o tempo de processo tradutório e a divisão das fases não mostraram diferenças entre os grupos.

Acredito que a falta de diferenças estatísticas significativas entre os dois perfis de participantes, com relação ao tempo despendido na tarefa, deveu-se ao fato de os novatos serem participantes do grupo de pesquisa e estarem sempre em contato tanto com os profissionais como com pesquisas na área. Por isso, suas estratégias também foram semelhantes às dos profissionais em diversos aspectos. O maior tempo de estudos na área e a experiência profissional influenciaram mais na questão do roteiro, do texto de chegada, do que no processo de elaboração deste.

Outro problema encontrado foi com relação a resultados afirmados em alguns estudos sem análise estatística para corroborá-los. Por exemplo, Jakobsen (2002), baseado na análise de médias, afirmou que os estudantes passaram em média 1,7% do tempo total da tarefa na fase de orientação, sendo que os dados individuais ficam entre 1% e 3% do tempo total de cada participante (JAKOBSEN, 2002, p. 193), enquanto que os profissionais passaram em média 2,5% do tempo total nessa fase, com dados individuais entre 0,4% e 10,2% (JAKOBSEN, 2002, p. 194). Apesar de afirmar que os profissionais passam mais tempo na fase de orientação se comparados com os estudantes (JAKOBSEN, 2002, p. 196), a análise estatística com os dados fornecidos pelo autor não mostra diferença significativa entre os dois grupos ($t = 0,2629$, $p = 0,8014$). E isso se repete

nos dados das outras fases, mostrando que, estatisticamente, não houve diferenças entre os dois grupos daquela pesquisa.

Carl, Jakobsen e Jensen (2008) não apresentam dados estatísticos, apenas percentagem. Como o objetivo era a introdução de uma metodologia que aliava rastreador e *key logging*, os autores mostram somente os dados de três participantes e a diferença nos tempos de tradução, tempos de fixação na tela, quantidade de fixações e duração das fixações, comparando esses dados em dois segmentos de textos diferentes.

Jakobsen e Jensen (2008) também utilizam médias quando afirmam que os profissionais, durante a quarta tarefa, que consistia na tradução escrita de um texto, terminaram a tarefa em menos tempo que os estudantes. O tempo médio dos profissionais foi de 771 segundos (variando entre 589 e 982 segundos) e o dos estudantes foi de 945 segundos (variando entre 683 e 1161 segundos). Há análises estatísticas com o *t test* sobre a quantidade e duração das fixações, mostrando que há diferença significativa na quantidade, mas não na duração, durante as diversas tarefas realizadas pelos participantes. Entre os grupos, durante a realização das quatro tarefas, foi encontrada diferença significativa que mostrou que o número médio de fixações dos estudantes foi maior que o dos profissionais ($p < 0,01$, $F_{1,10} = 12,735$). Apesar de a média da duração das fixações dos profissionais ter sido maior que a dos estudantes, estatisticamente essa diferença não foi significativa. Também não houve diferença estatística entre os grupos com relação à duração das fixações no texto fonte e alvo durante a tarefa de tradução escrita.

Alves, Pagano e Silva (2009), com dados de dez participantes traduzindo dois textos, um do inglês para o português e o outro do português para o inglês, encontraram diferença significativa, aplicando o *t test*, apenas entre a direcionalidade, direta ou reversa, da tradução com os tempos da fase de revisão.

Pagano, Alves e Araújo (2011), ao falar do número de legendas produzidas pelos participantes, menciona apenas a média entre todos os participantes e mostra um gráfico com o qual se pode ter uma ideia do número de legendas, mas não saber exatamente quantas legendas cada participante produziu. Minha análise estatística dos dados apresentados pelos autores com relação ao tempo de execução da tarefa mostra que não houve diferença significativa entre os perfis com relação ao tempo total de realização da tarefa ($t = 1,5186$, $p = 0,2035$) nem com relação ao tempo em cada fase da tradução: orientação ($t = 1,6815$,

$p = 0,1680$), redação ($t = 1,9696$, $p = 0,1202$) e revisão ($t = -2,3128$, $p = 0,0818$). Mesmo assim, ao final, os autores afirmam que, comparados com os novatos, os profissionais realizaram a tarefa em menos tempo e passaram mais tempo na revisão (PAGANO; ALVES; ARAÚJO, 2011, p. 153).

Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016) informam a média do tempo total que cada perfil levou para realizar ambas as tarefas e o desvio padrão. Com relação à duração média das fixações, informam apenas os dados de dois profissionais e dois estagiários, sendo que o experimento foi realizado com 12 profissionais e seis estagiários. As quantidades de cliques e de teclas pressionadas informadas parecem indicar o total de cada perfil em cada tarefa e calculam a percentagem de cliques considerando a soma desses dois totais, mas informando números arredondados para menos. Por exemplo, os profissionais, ao elaborarem a legenda para surdos e ensurdecidos, realizaram 201 cliques com o *mouse* e pressionaram 2.086 teclas.

Como visto, além de poucos trabalhos na área, alguns fazem afirmações que não são corroboradas estatisticamente, e outros não fornecem informações completas sobre os dados. A metodologia, os dados e os resultados apresentados, na maioria dos artigos, mostram apenas uma parte das análises e, por isso, ao tentar confrontar meus resultados com os apresentados nas pesquisas sobre outras modalidades de tradução, encontrei dificuldades. Por exemplo, alguns estudos não utilizaram o rastreador, logo não foi possível comparar as fixações, outros não dividiram o processo em fases, outros ainda trabalharam com apenas um perfil de participante e apenas os dois que tratam de legendagem analisam alguns aspectos do produto da tradução.

Alves (2005), Alves, Pagano e Da Silva (2009) e O'Brien (2009) levantam a questão da necessidade de padronização dos parâmetros utilizados no rastreador ocular, como o tempo e a distância mínimos para se identificar uma fixação, uma sacada ou várias fixações. Alves, Pagano e Da Silva (2009, p. 288-289) advertem para a necessidade de padronização tanto com a forma de se tratar os dados provenientes do rastreador como na forma como esses dados serão analisados, sob pena de se obterem diferentes resultados. A utilização do rastreador nos estudos do processo tradutório é algo novo. Utilizado para analisar o processo tradutório de material audiovisual, só encontrei dois trabalhos, um na legendagem e outro na dublagem, o que tornou a comparação com os resultados difícil.

7 CONCLUSÕES

É possível perceber que o processo tradutório do audiodescritor também pode ser dividido nas três fases propostas por Jakobsen (2002), orientação, redação e revisão, e a identificação de cada uma delas pôde ser feita com a observação das ações dos participantes gravadas por meio da opção *screen logging* do *Tobii Studio*.

Com relação aos objetivos, acredito que a metodologia serviu ao seu propósito de reforçar a ideia de que audiodescrição é uma modalidade de tradução ao conseguir identificar e descrever nela as três fases da tradução. As metodologias, técnicas e algumas variáveis métricas aplicadas à análise do processo de tradução de textos escritos e de legendagem podem ser utilizadas no processo de elaboração de audiodescrição.

Observaram-se diferenças e semelhanças no comportamento tradutório tanto entre os grupos como individualmente. Essas diferenças foram mais perceptíveis nas estratégias adotadas pelos participantes e no roteiro elaborado. Com relação ao tempo de tarefa e tempo despendido em cada fase, os perfis não apresentaram diferenças estatísticas entre os grupos. As principais diferenças entre os grupos se apresentou nas análises dos roteiros.

Os resultados indicam que a alocação de recursos cognitivos dos dois perfis é diferente, já que o tempo dos perfis não se mostrou diferente, mas o roteiro, o produto final, sim. Os novatos parecem ocupar o tempo resolvendo questões técnicas, enquanto que os profissionais alocam esse mesmo tempo para alcançar um texto com mais qualidade e durável ao final da fase de redação.

Dos 71 elementos considerados importantes no filme, os profissionais contemplaram mais, entre 60,56% e 76,05%, enquanto os novatos contemplaram entre 38,02% e 50,70% desses elementos. Os profissionais também utilizaram mais os espaços do filme disponíveis para inserção de descrições. Dos 217 segundos sem falas, os profissionais utilizaram mais de 73% desse tempo para suas descrições, enquanto que os novatos variaram entre 45% e 77% desse tempo, com os profissionais utilizando maior número de palavras e mais palavras distintas em seus roteiros. Embora não exista uma diferença estatisticamente significativa entre o tempo total de descrições e o tempo utilizado para descrever, os resultados de que os profissionais contemplaram mais elementos em seus roteiros implicam que estes utilizaram melhor os tempos disponíveis do filme.

Foram encontradas mais evidências de competência no produto final do que no processo tradutório. Estou ciente de que uma análise detalhada do filme não pôde ser feita pelos participantes, porém pode-se observar que os participantes mais experientes notaram mais elementos do filme e isso se refletiu em seu roteiro, que mais se aproximou das sugestões do que deveria ser priorizado a partir da proposta de análise do filme.

A análise do processo tradutório indicou alguns padrões de comportamento e estratégias que podem ser ensinadas a audiodescritores novatos. Durante a fase de orientação, recomenda-se assistir ao filme todo, quantas vezes for necessário, em um reproduzidor de vídeo, e evitar o uso do *Subtitle Workshop* nessa fase. Os dados mostraram que os participantes que assistiram ao filme com a imagem maior, em um reproduzidor de vídeo, foram os que também mais contemplaram elementos que a análise do filme indicou como os mais importantes. Logo, é possível pressupor que uma melhor visualização do filme reflète na qualidade do roteiro. O audiodescritor deve realizar pesquisas e, se necessário, elaborar um esquema tanto para facilitar o entendimento dos elementos que compõem o filme como para servir de base no caso de a tarefa de tradução ser realizada em vários dias.

Na fase de redação, aconselha-se sempre pausar o filme para realizar as marcações de tempo das descrições, para ter uma melhor noção do momento no qual a descrição tem início e término. Essa pausa pode ser feita clicando em cima do filme, o que evita ter que olhar para o botão de pausa ou clicar em outros botões por engano. O ideal é que as marcações sejam feitas enquanto se elabora os textos de cada descrição, e não ao final nem antes disso. Deve-se pesquisar informações sobre o filme ou seus temas para perceber informações que podem ter passado despercebidas enquanto se assiste ao filme. É preferível ler em voz baixa as descrições, pois às vezes certas palavras dificultam a leitura e podem exigir mais tempo disponível. Percebeu-se que alguns participantes utilizavam as falas ou transições de cena para dividir o filme em blocos para serem audiodescritos, assistindo a uma cena completa para decidir quais elementos da cena deveriam ser descritos, adiantando ou adiando informações.

Outra estratégia foi a recuperação de informações já descritas, como o nome do objeto que a médica segura, “uma prancheta”, a denominação dada para o ambiente no qual ocorrem as ações, “sala ou quarto”, ou mesmo a repetição de

verbos já utilizados. Ao modificar o tempo de término de uma descrição anterior, a participante PR02 imediatamente recorta o texto da descrição seguinte, deleta a linha de descrição, cria uma nova com a tecla INSERT e cola o texto recortado. Isso evita um problema que aconteceu com vários participantes de sobreposição de descrições, que tinha que ser resolvido para que o processo continuasse. PR02 repete esse procedimento pelo menos mais duas vezes durante sua fase de redação. PR03, PR04, NV03 e NV02 têm problemas com isso. Os tipos de pesquisa mais comuns nessa fase foram com relação ao significado das palavras, geralmente através do Google Imagens, como escrever as palavras, no próprio Google, e sinônimos para palavras, sendo o *site* www.sinonimos.com.br o mais utilizado.

Na fase de revisão, por se tratar de uma simulação da gravação, deve-se ler as descrições em voz alta, assistindo ao filme todo. Ao final, é indicado passar o roteiro em um corretor de um editor de texto em busca de palavras com erros de digitação. Caso necessário, também se deve incluir deixas ou rubricas que irão auxiliar na fase de gravação do roteiro.

As principais estratégias identificadas, que podem ser ensinadas em cursos de formação de audiodescritores, podem ser resumidas na seguinte lista:

- a) Assistir ao filme todo antes de começar a fase de redação.
- b) Utilizar um *player* de vídeo na fase de orientação para assistir ao filme.
- c) Realizar pesquisas sobre o filme antes ou durante a fase de redação, podendo ou não elaborar um esquema caso o roteiro do filme seja feito em mais de um dia. Podem ser pesquisados a sinopse do filme, críticas, informações sobre diretor e atores, sinônimos de palavras para o roteiro, dicionários, imagens etc.
- d) As marcações de tempo podem ser realizadas antes ou depois da elaboração de cada descrição.
- e) Monitorar a possibilidade de leitura das descrições no momento em que as elabora, assistindo ao trecho do filme e lendo a descrição, quantas vezes forem necessárias.
- f) À medida que o roteiro é elaborado, pode-se retornar a descrições anteriores e revisá-las, modificando ou apagando palavras, por exemplo.
- g) Na fase de redação, o filme pode ser pausado tanto clicando na área do filme como no botão de *pause*.

- h) Para realizar as marcações dos tempos, recomenda-se que o filme seja pausado antes de se clicar nos botões de marcação, para ter maior controle do momento do filme em que a marcação foi realizada.
- i) Alguns participantes pareceram dividir o filme em cenas, o que pareceu ser uma estratégia interessante.
- j) Recuperação de informações já inseridas em descrições anteriores.
- k) Utilizar as falas dos personagens para elaborar ou revisar descrições, como trocar a descrição “criança” por “jovem” após ouvir que Roberta tem 22 anos.
- l) Evitar antecipar informações.
- m) Manter coesão nas descrições, não descrever a mesma coisa de duas formas diferentes.
- n) Adiar informações para priorizar outras. No caso dos créditos iniciais, uma das participantes decidiu priorizar os desenhos e falar os créditos iniciais ao final do filme.
- o) Após a elaboração do roteiro, utilizar um corretor de texto para corrigir erros de grafia.
- p) Descrever os créditos na sequência em que eles aparecem.
- q) Inserir o nome do roteirista e do narrador nos créditos.
- r) Salvar constantemente o roteiro enquanto este é elaborado.
- s) Na fase de revisão, deve-se assistir ao filme todo relendo em voz alta cada descrição.

De forma semelhante a Orrego-Carmona, Dutka e Szarkowska (2016), que afirmam que:

Mostrar aos estudantes gravações com o fluxo de trabalho de uma tarefa de legendagem pode torná-los conscientes dos processos de tomada de decisão envolvidos na legendagem. Isso dá a eles informações reais sobre as ações do legendista para resolver problemas de diversas formas e o tempo que eles levam para chegar a uma solução⁴⁹.

⁴⁹ Minha tradução para: “Showing students screen recordings of the subtitling workflow has the potential to make them conscious of the decision-making process involved in subtitling. This gives them real-life information about how subtitlers solve problems in various ways and how long it took them to decide on a solution”.

Acredito que os vídeos desta tese, com o fluxo de trabalho dos audiodescritores, também podem ser uma boa ferramenta para cursos de formação de audiodescritores.

Entre as limitações desta pesquisa está a não análise do ritmo cognitivo dos participantes, ou seja, as variações entre momentos de produção de texto e pausa do processo. Além disso, o pequeno número de participantes foi provavelmente responsável pelo alto índice de dados inconclusivos, estatisticamente falando, não mostrando diferenças significativas entre os dois grupos nem com relação ao tempo total de realização da tarefa, nem com relação ao tempo despendido em cada fase da tarefa. Uma pesquisa com maior número de participantes, ou com participantes com perfil mais diferenciado, talvez venha a discriminar melhor os dois grupos também em termos de processo.

Outras pesquisas interessantes e complementares a esta seriam: a análise dos roteiros e das etiquetas em busca de parâmetros gramaticais e discursivos que pudessem auxiliar o audiodescritor na elaboração de novos roteiros; uma pesquisa de recepção com os roteiros elaborados, para ter um retorno do público-alvo com relação aos roteiros de cada perfil; a elaboração de um dicionário com descrições para a linguagem de câmera. Quanto a este último item, um dos novatos descreveu um efeito de câmera como “A tela embranquece.”, que em seguida substituiu por “A tela fica branca.”, descrição idêntica à de três outros participantes para o mesmo efeito. Com uma lista de formas de descrever dado efeito, a produção de roteiros poderia ser facilitada e haveria um padrão nas descrições, assim como há nos efeitos.

Espera-se que esta pesquisa contribua para os Estudos da Tradução, principalmente para as áreas do processo tradutório, tradução audiovisual acessível, audiodescrição e formação de novos audiodescritores.

REFERÊNCIAS

- ABUD, J. V. T. **A construção dos sentimentos das personagens no drama familiar *Um amigo inesperado***: Um estudo baseado em *corpus*. 2016. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- ADERALDO, M. F. **Proposta de parâmetros descritivos para audiodescrição à luz da interface revisitada entre tradução audiovisual acessível e semiótica social – multimodalidade**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- AENOR (Asociación Española de Normalización). UNE **153020**. Audio descripción para personas con discapacidad visual: requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías. Madrid: AENOR, 2005.
- ÁGUAS de Romanza. Direção: Gláucia Soares e Patrícia Baía. Ceará: 2002. 1 DVD (15 min), color.
- ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. p. 69-92.
- _____. A tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **D.E.L.T.A**, v. 19, p. 71-108, 2003.
- _____. Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 109-172.
- ALVES, F.; GONÇALVES, J. L.; SZPAK, K. S. Some thoughts about the conceptual / procedural distinction in translation: A key-logging and eye-tracking study of processing effort. **MONTI: Monografías de traducción e interpretación**, p. 151-175, 2014.
- ALVES, F.; PAGANO, A.; DA SILVA, I. A. L. A new window on translators' cognitive activity: methodological issues in the combined use of eye tracking, key logging and retrospective protocols. In: MEES, I. M.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (Ed.). **Methodology, technology and innovation in translation process research: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. p. 267-292.
- _____. Towards an investigation of reading modalities in/for translation: an exploratory study using eye tracking data. In: O'BRIEN, S. (Ed.). **Cognitive explorations of translation**. Londres: Continuum, 2011. p. 175-192.

ARAÚJO, J. C. **Os chats: uma constelação de gêneros na internet**. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BARBOSA, E. M. **A recriação do ambiente sertanejo cearense na audiodescrição do curta *Águas de Romanza***. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

BENECKE, B. **What audio description may do on accessibility to visual impaired people for TV, cinema or internet**. Language Department: Bayerishcer Rundfunk. Voice Project: European Commission. 2003.

_____. Audio Description. **Meta**, v. 49, n. 1, p. 78-80, 2004.

BENVENUTO, S. M. A. **Adaptação fílmica e audiodescrição: uma proposta de produção cinematográfica acessível para pessoas com deficiência visual**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

BEZERRA de Menezes: **O Diário de um Espírito**. Direção: Glauber Filho e Joe Pimentel. Brasil: Triofilmes, 2008. (75 min), color.

BRAGA, K. B. **Cinema acessível para pessoas com deficiência visual: A audiodescrição de *O grão* de Petrus Cariry**. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

BRASIL. **Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006**. Aprova a Norma nº 001/2006 – Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. Brasília: Hélio Costa, 2006a.

_____. **Decreto nº 5820 de 29 de junho de 2006**. Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências. Brasília, 2006b.

_____. **Portaria nº 403, de 27 de junho de 2008**. Suspensão da obrigatoriedade de veiculação na programação. Brasília: Hélio Costa, 2008a.

_____. **Portaria nº 466, de 30 de julho de 2008**. Concede o prazo de noventa dias, para que as exploradoras de serviço de radiodifusão de sons e imagens e de serviço de retransmissão de televisão (RTV) passem a veicular, recurso de acessibilidade. Brasília: Hélio Costa, 2008b.

_____. **Portaria nº 661, de 14 de Outubro de 2008**. Brasília, 2008c.

_____. **Portaria nº 188, de 24 de março de 2010**. Brasília, 2010.

CARL, M.; JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K. T. H. Studying human translation behavior with user-activity data. **Natural Language and Cognitive Science workshop at ICEIS**, Barcelona: 2008. p.114-123.

CHICO Xavier. Direção: Daniel Filho. Brasil: Sony Pictures, 2010. 1 DVD (125 min), região 4, NTSC, color.

CORISCO e Dadá. Direção: Rosemberg Cariry. Brasil: Riofilme, 1996. 1 DVD (110 min), região 4, NTSC, color.

COSTA, L. M. **Audiodescrição em filmes**: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção. 2014. 397 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

D'YDEWALLE, G.; VAN RENSBERGEN, J.; POLLET, J. Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling. In: O'REGAN, J. K.; LÉVY-SCHOEN, A. **Eye movements**: from physiology to cognition. Amsterdã: Elsevier Science, 1987. p. 313-321.

DANTAS, J. F. L. **A priorização de informação na audiodescrição do desfile de escola de samba**: uma proposta metodológica com o uso do rastreador ocular. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

DE BRUYCKER, W.; D'YDEWALLE, G. Reading native and foreign language television subtitles in children and adults. In: HYONA, J.; RADACH, R.; DEUBEL, H. **The mind's eyes**: cognitive and applied aspects of eye movements. Oxford, UK: Elsevier Science, 2003. p. 671-684.

DE LINDE, Z.; KAY, N. **The semiotics of subtitling**. Manchester: St Jerome, 1999.

DÍAZ CINTAS, J. Audio Visual Translation Today. Question of Accessibility for All. **Translating Today**, v. 4, p. 3-5, 2005.

_____. Traducción audiovisual y accesibilidad. In: Jiménez Hurtado, C. (Ed.). **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos**: nuevas modalidades de traducción audiovisual. Frankfurt: Peter Lang, 2007. p. 9-23.

DÍAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual translation**: subtitling. Manchester, UK; Kinderhook, NY, UK: St. Jerome Publishing, 2007.

DOHERTY, S.; O'BRIEN, S. Can MT output be evaluated through eye tracking? In: **MT Summit**. Ottawa, Canada: 2009. p. 214-221.

DUCHOWSKI, A. **Eye tracking methodology**: theory and practice. 2. ed. Londres: Springer, 2007.

FRANCO, E.; ARAÚJO, V. S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual. **Tradução em Revista**, n. 11, p. 1-23, 2011/2.

FRANCO, E. P. C. *et al.* Confronting amateur and academic audiodescription: a Brazilian case study. **Tradução em Revista**, número especial n. 11, p. 1-16, 2011.

GAMBIER, Y. Screen transadaption: perception and reception. **The Translator**, Manchester: St. Jerome, Special Edition on Screen Translation, v. 9, n. 2, p. 171-189, 2003.

GEORGAKOPOULOU, P. **Reduction levels in subtitling dvd subtitling: a compromise of trends**. 2003. 381 f. Tese (Doutorado) – University of Surrey, 2003.

HOLLAND, A. Audio description in the theatre and the visual arts: images into words. In: DÍAZ CINTAS, J.; ANDERMAN, G. (Org.). **Audiovisual translation: language transfer on screen**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. p. 170-185.

HOLMES, J. The name and nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. (Ed.). **The translation studies reader**. Londres, Nova York: Routledge, 2000. p. 172-185.

HVELPLUND, K. T. Eye tracking and the translation process: analysing and interpreting eye tracking data. **MonTI: Monografías de traducción e interpretación**, Special Issue on Cognitivism and Translation, 2014.

_____. Eye tracking and the process of dubbing translation. In: DÍAZ CINTAS, J.; NIKOLI, K. (Ed.). **New pursuits in audiovisual translation**. Londres: Multilingual Matters, 2015. p. 1-13.

IRMÃOS de fé. Direção: Moacyr Góes. Brasil: Sony Pictures, 2004. 1 DVD (105 min), região 4, NTSC, color.

INDEPENDENT Television Commission. **ITC Guidance on Standards for Audio Description**. 2000. Disponível em: <http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/uploads/ITC_Guidance_On_Standards_for_Audio_Description.doc>. Acesso em: 05 maio 2012.

JAKOBSEN, A. L. Translation drafting by professional translators and by translation students. In: HANSEN, G. (Ed.). **Empirical translation studies: process and product**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204.

_____. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 69-95.

JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K. T. H. Eye movement behaviour across four different types of reading task. In: GÖPFERICH, S.; JAKOBSEN, A. L.; MEES, I. M. **Looking at eyes: eye-tracking studies of reading and translation processing**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2008. p. 103-124.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. Tradução de Izidoro Blikstein. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 63-86.

JICK, T. D. Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. **Administrative Science Quarterly**, n. 24, p. 602-611, 1979.

JIMÉNEZ HURTADO, C. Uma gramática local del gui3n audiodescrit3r: desde la semântica a la pragmática de um nuevo tipo de traducci3n. In: _____. **Traducci3n y accesibilidad: subtitulaci3n para sordos y audiodescripci3n para ciegos: nuevas modalidades de traducci3n audiovisual**. Frankfurt: Peter Lang, 2007. p. 55-80.

JIMÉNEZ HURTADO, C.; RODRÍGUEZ, A.; SEIBEL, C. **Un corpus del cine: Teoria y practica de la audiodescripci3n**. Granada: Tragacanto, 2010.

JUST, M. A.; CARPENTER, P. A. A theory of reading: from eye fixations to comprehension. **Psychological Review**, v. 87. p. 329-354, 1980.

LUNA Caliente. Direç3o: Jorge Furtado. Roteiro: Jorge Furtado, Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase. Produç3o: Central Globo de Produç3o. Elenco: Paulo Betti; Ana Paula Tabalipa; Chico Diaz; Paulo José; Fernanda Torres. Brasil: Rede Globo, 1999. 1 DVD (150 min), color.

MAGALHÃES, C.; ALVES, F. Investigando o papel do monitoramento cognitivo-discursivo e da meta-reflex3o na formaç3o de tradutores. **Cadernos de traduç3o**, Florian3polis, n. 17, p. 71-127, 2006.

MANUAL do usuário: Tobii. 2014. Disponível em: <<http://www.tobii.com/siteassets/tobii-pro/user-manuals/tobii-pro-tx300-eye-tracker-user-manual.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

MASCARENHAS, R. O. **A audiodescriç3o da minissérie policial Luna Caliente: uma proposta de traduç3o à luz da narratologia**. 2012. 258 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduaç3o em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (Org.). **Audiodescriç3o: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiênci3a, 2010.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAUJO, V. L. S. (Org.). **Guia para produç3es audiovisuais acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura, 2016. 85p. Disponível em: <<https://matavunesp.files.wordpress.com/2016/10/guiaparaproducoesaudiovisuaisacessiveis2016.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

NÓBREGA, J. B. **Comparaç3o entre dois tipos de roteiro de audiodescriç3o: um estudo descritivo-explorat3rio**. 2014. 178 f. Dissertaç3o (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduaç3o em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

NÓBREGA, A. C. P. **A construção dos ambientes nos roteiros de audiodescrição dos filmes de animação *Up – Altas aventuras e Megamente***: um estudo baseado em *corpus*. 2015. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

O'BRIEN, S. Eye tracking in translation process research: methodological challenges and solutions. In: MEES, I. M.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (Ed.). **Methodology, technology and innovation in translation process research**: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. p. 251-266.

O FANTASMA da ópera. Direção: Joel Schumacher. Hollywood: Warner Bros. Pictures, 2004. 1 DVD (148 min.), color.

O SIGNO da cidade. Direção: Carlos Alberto Riccelli. Brasil: Europa Filmes, 2008. 1 DVD (95min), região 4, NTSC, color.

ORERO, P.; VILARÓ, A. Eye tracking analysis of minor details in films for audio description. In: AGOST, R.; DI GIOVANNI, E.; ORERO, P. **Multidisciplinarity in audiovisual translation**, Special issue MonTi, 4, 2012.

ORREGO-CARMONA, D.; DUTKA, Ł.; SZARKOWSKA, A. Subtitling process research: eye tracking and the process of subtitling. In: **Simpósium TRA&CO**, Johannes Gutenberg, Universidade de Mainz, 2016, Gernersheim, Alemanha.

PACKER, J. Video description in North America. In: BURGER, D. (Ed.) **New technologies in the education of the visually handicapped**. Paris: John Libbey Eurotext, 1996. p. 103-107.

PAGANO, A.; ALVES, F.; ARAÚJO, V. L. S. Approaching expertise in subtitling: a pilot experiment. In: SERBAN, A.; MATAMALA, A.; LAVAU, J. M. (Ed.). **Audiovisual translation in closeup**: practical and theoretical approaches. Oxford: Peter Lang, 2011. p. 133-160.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 1-25, 2003.

PEREGO, E. *et al.* The cognitive effectiveness of subtitle processing. In: _____. **Media Psychology**. Philadelphia, PA: Routledge, 2010. p. 243-272. Disponível em: <<http://www2.units.it/delmisfa/papers/SubtitlesProcessing2010.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PIETY, P. J. **Audio description, as visual assistive discourse**: an investigation into language used to provide the visually disabled access to information in electronic texts. 2003. 117 f. Tese (Master of Arts in Communication, Culture and Technology) – Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University, Washington, 2003.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RANGO. Direção: Gore Verbinski. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2011. (107 min), color.

RAYNER, K. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. **Psychological Bulletin**, v. 124. p. 372-422, 1998.

RESQUÍCIOS da Infância. Direção: Arthur Stefan e Jorge Arbage. Brasil: 2015. (5 min), color.

SALES, W. B. **A construção do referente Bezerra de Menezes na audiodescrição do filme *Bezerra de Menezes: O diário de um espírito***. 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SALWAY, A. A *corpus*-based analysis of audio description. In: DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (Ed.). **Media for All**: subtitling for the deaf, audio description and sign language. Amsterdã e Nova York: Rodopi, 2007. p. 151-174.

SEOANE, A. F. **Elaboração e análise da audiodescrição do filme *Corisco e Dadá***. 2011. 50 f. Monografia (Especialização em Formação de Tradutores) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. **A priorização de informação em roteiros de audiodescrição: o que o rastreamento ocular nos tem a dizer?** 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

_____. **A descrição das características físicas dos personagens nos filmes audiodescritos exibidos pela Rede Globo: um estudo baseado em *corpus***. 2015. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

SHARMIN, S. *et al.* Effects of time pressure and text complexity on translators' fixations. In: EYE TRACKING RESEARCH AND APPLICATIONS SYMPOSIUM. **Anais...**Savannah, Georgia: 2008. p. 123-126.

SHREVE, G. The deliberate practice: translation and expertise. **Journal of Translation Studies**, v. 9, p. 27-42, 2006.

SILVA, C. F. **A (in)existência do parâmetro de neutralidade: um estudo de caso descritivo de audiodescrições fílmicas francesas via teoria da avaliatividade**. 2014. 300 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

SILVA, K. M. A. **Audiodescrição de animação japonesa: uma proposta de roteiro de AD para o animê *Death Note***. 2014. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

SILVA, O. M. M. **A audiodescrição dos personagens de filmes**: um estudo baseado em *corpus*. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

TAVARES, M. C. **O Fantasma da Ópera para pessoas com deficiência visual**: uma proposta de audiodescrição de musicais. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, 2014.

THE HANDMAID'S Tale (O Conto da Aia). Direção: Volker Schlöndorff. Estados Unidos e Alemanha: Bioskop Film, 1990. (109 min), color.

TOURY, G. Translation as facts of a 'target' culture: an assumption and its methodological implications. In: _____. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdã, Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 23-39.

USER Manual: Tobii Studio. 2014. Disponível em: <<http://www.acuity-ets.com/downloads/Tobii%20Studio%203.3%20User%20Guide.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

VERCAUTEREN, G. Towards a European Guideline for Audio Description. In: DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (Ed.). **Media for All**: accessibility in audiovisual translation. Amsterdã: Rodopi, 2007. p. 139-150.

VILARÓ, A. *et al.* How sound is the Pear Tree Story? Testing the effect of varying audio stimuli on visual attention distribution. **Perspectives**: Studies in Translatology, n. 20, v. 1, p. 55-65, 2012.

VILARÓ, A.; ORERO, P. The audio description of leitmotifs. BRUTI, S., DI GIOVANNI, E., ORERO, P. (Ed.). **Audio visual translation across Europe**: an ever-changing landscape. Berlim: Peter Lang, 2013.

YARBUS, A. L. **Eye movements and vision**. Nova York: Plenum Press, 1967.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The map**: a beginner's guide to doing research. Manchester: St. Jerome, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **Conhecimento experto em audiodescrição: Análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos**. A pesquisa tem como objetivo analisar experimentalmente o comportamento tradutório de audiodescritores profissionais e novatos, a fim de orientar futuros audiodescritores na prática da audiodescrição (AD). Os benefícios em participar da pesquisa consistem na oportunidade de pensar criteriosamente sobre o processo do qual está participando, exercitando a reflexão e a criticidade, bem como de poder contribuir diretamente com a melhoria da pesquisa e da prática em AD. Por isso, solicitamos a sua contribuição como audiodescritor(a), que audiodescreverá a produção audiovisual que lhe será apresentada, tendo o seu movimento ocular rastreado pelo *Eye Tracker*. Além disso, será necessário responder às perguntas da pesquisadora sobre o seu processo tradutório e os questionários fornecidos, o de pré-coleta, cujo objetivo é obter o seu perfil sociocultural, e o de pós coleta, com perguntas específicas sobre a tradução que você realizará. O experimento começa com a assinatura deste Termo. Em seguida você deverá responder o questionário pré-coleta, elaborar o roteiro de AD do filme fornecido, responder questões pontuais da pesquisadora e responder ao questionário pós-coleta. Todo o experimento terá uma duração de no máximo 2 horas e será gravado, no intuito de garantir a integridade das informações prestadas em relação ao objeto investigado, mas em momento algum essas imagens serão divulgadas. Os possíveis desconfortos de sua participação podem ser gerados pela possibilidade do não entendimento de algumas das perguntas dos questionários. A qualquer momento você pode tirar suas dúvidas com a pesquisadora responsável. O não entendimento de algo relacionado ao filme também não deve ser visto como um problema, pois a elaboração de um roteiro de AD é uma atividade subjetiva, onde não há escolhas certas ou erradas. Se em qualquer momento você se sentir cansado e precisar parar o experimento isso será possível, contando que todo o experimento seja realizado no mesmo dia no qual começou. Buscaremos de todas as formas minimizar esses desconfortos explicando melhor o conteúdo e o objetivo da pergunta. Esclarecemos que a utilização do *Eye Tracker* não lhe causará qualquer prejuízo físico e que a pesquisa não lhe trará nenhum ônus e que você tem a liberdade para participar ou não da mesma e, ainda, de se recusar a responder às perguntas, bem como de retirar o seu consentimento a qualquer momento. Declaramos que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer reembolso ou gratificação devido à participação neste estudo e terá o direito a uma via deste Termo. Se necessário, você poderá entrar em contato com a profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, a doutoranda Alexandra Frazão Seoane que pode ser encontrada pelo(s) telefone(s) (85) 8663. 9021, 9242.0950 e e-mail: seoane.af@hotmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UECE, telefone: (85) 3101 – 9890 ou e-mail: cep@uece.br, endereço: Universidade Estadual do Ceará - UECE - Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE CEP: 60.714.903 .

Assinatura da Responsável pela Pesquisa

De posse das informações sobre a pesquisa **Conhecimento experto em audiodescrição: Análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos**, concordo voluntariamente em participar da mesma, de forma livre e esclarecida.

Nome: _____

Assinatura: _____

Fortaleza (CE), _____ de _____ de _____

APÊNDICE B – Questionário pré-coleta

Identificação:

Sexo:

Idade:

1. Em qual curso universitário (graduação e/ou pós-graduação) você está atualmente matriculado e/ou é formado? Em qual período você está e/ou se formou? Em qual universidade?

Curso: _____

Período: _____

Universidade: _____

2. Qual é a sua experiência (estudo, elaboração de roteiros, etc.), em anos, com a audiodescrição?

() 1 ano () 2 anos () 3 anos () 4 anos () Mais de 4 anos

3. Você já recebeu algum tipo de instrução ou participou de cursos sobre audiodescrição?

() Sim () Não

Onde? _____

Quanto tempo duraram? _____

4. Você tem experiência com ensino de audiodescrição?

() Sim () Não

Se a resposta à questão 4 for afirmativa, por quanto tempo, onde e em que nível?

5. O seu interesse pela área de tradução é acadêmico (trata-se de uma disciplina no seu currículo de curso) e/ou profissional (você trabalha ou gostaria de trabalhar como tradutor profissional no futuro)?

() Acadêmico () Profissional () Acadêmico e Profissional

6. Você já cursou disciplina(s) de tradução?

() Sim () Não

Se a resposta for afirmativa, quais?

7. Você já fez trabalhos profissionalmente como audiodescritor? De que tipo (filme, teatro, imagens, etc)?

() Sim () Não

Tipo: _____

8. Você depende de alguma remuneração, mesmo que casualmente, proveniente de trabalhos de audiodescrição?

() Sim () Não

9. Com que frequência você faz trabalhos de audiodescrição, remunerados ou não, por mês?

() Sempre () Raramente () Esporadicamente () Nunca

10. Com que propósito você costuma usar o computador?

() Trabalho () Estudos () Frequentar bate-papos

() _____

12. Você faz uso frequente da Internet?

() Sim () Não

Em caso afirmativo, quais sites você acessa com mais frequência?

13. Você assiste com frequência a filmes e seriados estrangeiros na televisão?

() Sim () Não

Qual frequência? _____

14. Você assiste com frequência a filmes no cinema, em DVD ou no computador?

() Sim () Não Qual frequência? _____

Caso afirmativo, indique a ordem dos seus hábitos mais frequentes. (1) mais frequente, (2) e (3) meio termo e (4) menos frequente.

Filmes dublados ()

Filmes legendados para o português ()

Filmes na própria língua do filme sem legenda ()

Filmes legendados na própria língua do filme ()

15. Você já fez curso sobre cinema? Onde? Qual foi a duração?

() Sim () Não

APÊNDICE C – Roteiro para protocolo verbal

1. Comentário sobre clareza das instruções recebidas.
2. Perguntas sobre quais recursos de apoio externo foram utilizados.
3. Perguntas sobre dificuldades encontradas quanto à decisão de quais elementos fílmicos audiodescrever e como.
4. Perguntas sobre dificuldades de linguagem.
5. Perguntas sobre necessidade de omissão e explicitação.
6. Perguntas sobre dificuldades com a linguagem de câmera.
7. O que você priorizou durante a resolução da tarefa e por quê?

APÊNDICE D – Questionário pós-coleta

1. O que você considera que deva ser priorizado ao se fazer a audiodescrição de um filme?

Numere os itens em cada aspecto descrito a seguir do que você considera mais importante durante a elaboração de um roteiro de AD (sendo 1 mais importante e 5 menos importante):

Aspecto 1

- Resolver problemas de tempo (se há tempo para a leitura da descrição)
- Resolver problemas de redundância de informação (perceber se os sons e falas dos personagens já passam a informação que você iria audiodescrever)
- Resolver problemas de linguagem (como audiodescrever, que palavras usar, palavras técnicas ou específicas)
- Resolver problemas de decisão com relação ao que audiodescrever (escolher um dentre vários elementos na cena)
- Resolver problemas de definição sobre como audiodescrever a linguagem de câmera

Aspecto 2

- Dar atenção aos significados do texto de partida
- Dar atenção à recepção do filme pela audiência alvo

Aspecto 3

- Resolver dúvidas com base nos seus conhecimentos anteriores
- Resolver dúvidas através de buscas na internet

APÊNDICE E – Análise do filme *Resquícios da infância* e das descrições elaboradas

Neste apêndice, o filme utilizado para o estudo é descrito através de uma leitura dos *frames* do mesmo. O filme foi dividido em nove cenas e a descrição de cada cena está acompanhada de uma lista de elementos visuais que consideramos importantes e que devem ser descritos, por um quadro com as descrições dos participantes para a referida cena e uma análise dessas descrições baseada na lista de elementos que elaboramos. Os dados desta análise nos ajudaram a perceber as diferenças entre os roteiros dos participantes entre e dentro de um mesmo grupo de audiodescritores.

O filme *Resquícios da Infância* (2015) começa mostrando os créditos iniciais, que são os nomes dos atores, sobrepostos a desenhos infantis. Após a apresentação do título é mostrada uma interação médico-paciente no que parece ser uma sala de estar onde, inicialmente, achamos que a médica está avaliando seus quatro pacientes, mas que ao final nos é mostrado que a única paciente é ela mesma. Cada um dos quatro “pacientes” apresenta um comportamento que pode ser considerado infantil: Roberta brinca com bonecas; Marcos se esconde embaixo de uma mesa com medo de ETs; Augusto usa uma fantasia de super-herói e “voa” pela sala; e Eduardo encara uma janela com medo e ao mesmo tempo com raiva dos inimigos que ele acha que estão do lado de fora da sala.

Durante essas primeiras cenas, o filme mostra um ambiente calmo, acompanhado por uma música suave. Após a médica interagir com os quatro pacientes, demonstrando carinho por eles, as cenas do filme, personagens e música de fundo se agitam. A médica cai no chão, se contorce e é socorrida por quatro pessoas que a amparam e depois a observam. São seus “pacientes”. Roberta, que passa a vestir jaleco e segura uma prancheta, Marcos, também de jaleco, Augusto, com roupas normais e não com a fantasia, e Eduardo, segurando o que parece ser o cabo de uma vassoura ou rodo. Os créditos finais aparecem também sobrepostos a desenhos infantis.

O filme foi dividido em nove cenas. A saber: Logo do instituto (00:00:00 até 00:07:12), Créditos iniciais (00:07:13 – 00:35:06), cada um dos pacientes: (Roberta (00:35:07– 01:11:10), Marcos (01:11:11 – 01:39:00), Augusto (01:39:01 – 02:05:10) e Eduardo (02:05:11 – 02:42:04)), Desfecho (02:42:05 – 04:13:17), Créditos finais (04:13:18 – 04:40:14) e Aviso (04:40:15 – 04:45:09). Foram retiradas

imagens dos *frames* de cada cena a cada 1 segundo de filme (o filme está no formato 23 FPS, o que significa que há 23 *frames* a cada segundo de filme). Quando os *frames* retirados eram idênticos ou muito parecidos, eles não foram incluídos nas imagens que são mostradas a seguir.

Começamos pela primeira cena que mostra uma animação da logo do Latin American Film Institute⁵⁰, instituto que ministra cursos cinematográficos.

CENA 01: LOGO DA PRODUTORA

A cena começa com a tela totalmente preta. Aos poucos vai aparecendo, em letras brancas, o nome *Latin American Film Institute*. Abaixo da palavra *Film* surge uma faixa não contínua dourada, parecendo uma pincelada. Por trás do nome do instituto surge uma luz também dourada que passa da esquerda para a direita e some. A tela volta a ficar preta.

Figura 27 – Frames da Cena 01 – Logo da produtora



⁵⁰ Para mais informações: <lafilm.com.br>. Acesso em: 08 nov. 2016.



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

A cena dura pouco mais de sete segundos (00:00:00 até 00:07:12). As transições iniciais e finais, tela preta, são importantes para marcar o início e o fim da cena. Porém, o mais importante da cena é o nome do instituto responsável pelo filme. Depois consideramos as animações importantes, pois caracterizam a logo do instituto. Por último, se houver tempo para descrever as transições, isso deve ser feito. Uma música acompanha toda essa cena e silencia assim que a cena termina. O quadro 27 resume os elementos que consideramos mais importantes nessa cena.

Quadro 27 – Elementos importantes da cena da logo da produtora.

Cena	Elementos mais importantes
Cena 01: Logo da produtora	Nome do instituto responsável pelo filme.
	Características do logo do instituto.
	Transições.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 28 mostra a descrição elaborada para essa cena pelos participantes. Cada inserção de descrição está separada por linhas. É possível ver a diferença entre, por exemplo, PR01, PR03 e PR04 que elaboram três descrições para a cena enquanto PR02, NV01, NV02 e NV03 elaboraram apenas uma.

Quadro 28 – Descrições dos participantes para a cena da logo da produtora

Participante	Descrição da cena
PR01	Em grandes letras brancas Latin American Film Institute
	pincelada em amarelo abaixo de Film um foco de luz amarela cintila na tela
	A tela clareia
PR02	Latin American Film Institute.
PR03	Logotipo Latin American Film Institute
	Traço amarelo sob a palavra Film.
	Facho de luz amarela ilumina o logotipo.
PR04	Sobre um fundo preto ⁵¹ , em letras brancas: Latin American Film Institute.
	Surge uma faixa dourada sob a marca e uma luz se desloca atrás.

⁵¹ Optamos por mostrar as descrições como estão no roteiro final, mesmo contendo erros de digitação.

	Tela escurece.
NV01	Latin American Film Institute
NV02	Latin American film institute.
NV03	Tela preta com luz amarela ao fundo. Latin America Film Institute.
NV04	Em letras brancas surge o nome da produtora: Latin American Film Institute
	Tela preta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os participantes falam o nome do instituto responsável pela produção do filme, porém NV03 escreve “America” ao invés de “American”.

Com relação à descrição da logo da produtora dois participantes, PR01, PR04 mencionam a cor na qual o nome do instituto está escrito além das animações desse logo. PR03 descreve a animação e explicita o fato daquele elemento ser um logotipo. NV03 descreve a animação. NV04 não descreve a animação, mas descreve a cor das letras que formam o nome da produtora e o fato de se tratar do nome da produtora do filme.

Apenas PR04 e NV04 descrevem a transição de tela da logo para a tela totalmente preta. PR01 descreve o final dessa transição, quando a tela preta clareia no início da cena 02. Vamos considerar como sendo a transição entre as cenas. O Quadro 29 mostra quais participantes contemplaram os elementos que, durante nossa análise, foram considerados mais importantes.

Quadro 29 – Elementos contemplados pelos participantes na cena da logo da produtora

Elementos mais importantes da Cena 01	Participantes							
	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Nome do instituto responsável pelo filme.	○	○	○	○	○	○	○	○
Características do logo do instituto.	○	×	○	○	×	×	○	○
Transições.	○	×	×	○	×	×	×	○

Fonte: Elaborado pela autora.

CENA 02: CRÉDITOS INICIAIS

A cena seguinte mostra os créditos iniciais do filme, com o nome dos atores sobrepondo imagens de objetos e desenhos infantis que retratam, entre outras coisas, traumas. Ao longo do filme percebemos que esses desenhos estão diretamente ligados a certos personagens e ao desfecho do filme. A tela que estava

preta volta a clarear. Como efeito sonoro há apenas uma música suave ao fundo que permanece até quase o final do filme. A primeira imagem que vemos é, em primeiro plano, do que parece ser um brinquedo de um robô jogador de futebol americano, que identificamos pela bola na mão dele. Em segundo plano, aparece outro brinquedo que parece ser um carrinho. Ambos estão sobre uma superfície lisa e branca que, no decorrer do filme, descobrimos se tratar de uma mesa de plástico, e o nome “Natacha Reis” aparece no canto inferior direito da tela.

Figura 28 – Frames da Cena 02a – Créditos iniciais



Fonte: Frames do filme Resquícios da Infância.

Os elementos deste trecho da cena que consideramos mais importantes para serem contemplados pelo roteiro de AD são o nome da atriz, o robô de brinquedo, pois ele surge durante o filme algumas vezes, e a mesa de plástico que também surgirá outras vezes no decorrer do filme.

A seguir, são mostrados seis desenhos espalhados sobre uma superfície com espirais desenhadas. No decorrer do filme vemos que se trata de um quadro pendurado em uma das paredes da sala onde se passa o filme. Na ordem, os desenhos mostram: Uma figura feminina de cabelo cor de rosa, vestindo uma roupa branca e o nome Maria acima dela; gotas verdes caindo sobre uma faca e gotas vermelhas caindo da faca; uma figura feminina em pé com algo na boca (poderia ser uma porquinha), parecendo triste e com um desenho parecendo um buraco em sua barriga; um quadrúpede amarelo com manchas marrons ao lado de uma árvore com copa verde e tronco marrom; uma figura feminina azul, possivelmente a mãe, segurando a mão de uma figura masculina menor e também azul, possivelmente o filho, e um ponto de interrogação vermelho ao lado deles que pode indicar que o pai

ou é desconhecido ou seu paradeiro é desconhecido; e a cabeça de uma pessoa, com a boca aberta, cercada de bichinhos pretos; o nome Giulia Britto no canto inferior direito.

Em um dos desenhos, temos uma figura feminina, com roupa branca e cabelo cor de rosa e o nome Maria escrito. Nos créditos finais, essa imagem é vista melhor e percebemos que a roupa branca é na verdade um jaleco. E como no filme todo o nome da médica não é mencionado, inferimos que o nome dela é Maria, informação corroborada pela sinopse do canal do YouTube⁵² do instituto de onde o filme foi tirado, que diz:

Sinopse: Roberta e suas bonecas. Marcos e as perseguições. Augusto, o super-herói. Eduardo e os militares. Todos têm algo em comum no passado. Eles viveram vidas das quais não conseguem se desvencilhar. E a Doutora Maria, sem saber, procura respostas para suas próprias dúvidas em cada um deles.

Além disso, a atriz tem cabelo quase ruivo e o desenho tem cabelo cor de rosa. Logo depois aparece o nome Giulia Britto, que interpreta Roberta, uma paciente que brinca com bonecas e que na infância foi abusada pelo padrasto. Os desenhos da faca, da figura feminina com um buraco na barriga e da cabeça parecendo gritar com bichinhos pretos ao redor, podem representar esses abusos.

Figura 29 – Frames da Cena 02b – Créditos iniciais



Fonte: Frames do filme *Resquícios da Infância*.

⁵² Para mais informações: <<https://www.youtube.com/watch?v=8eUVvdyQPI4>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

Assim, consideramos mais importantes os desenhos: da figura feminina de cabelo cor de rosa, vestindo uma roupa branca e o nome Maria acima dela, que se trata da médica e é um dos únicos dois momentos no filme todo em que o nome da personagem aparece; de gotas verdes caindo sobre uma faca e gotas vermelhas caindo da faca, que remetem à cena em que um dos personagens, Roberta, se aproxima da médica segurando uma faca que em seguida percebemos se tratar na verdade de uma seringa com medicamento para acalmar a médica. O nome da atriz também deve estar no roteiro de AD. O fato dos desenhos estarem em um quadro pendurado na parede da sala onde ocorrem as ações do filme também é uma informação interessante, mas que pode ser mencionada em outras cenas do filme.

No trecho seguinte, sobre uma superfície branca, aparece uma folha com fundo azul com um escudo vermelho e a letra “S” amarela no centro dele. Ao redor, há alguns lápis de cera. Nessa folha e em outra acima dela lê-se *Superman*. O nome Bruno Pinheiro aparece no canto inferior esquerdo.

Figura 30 – Frames da Cena 02c – Créditos iniciais



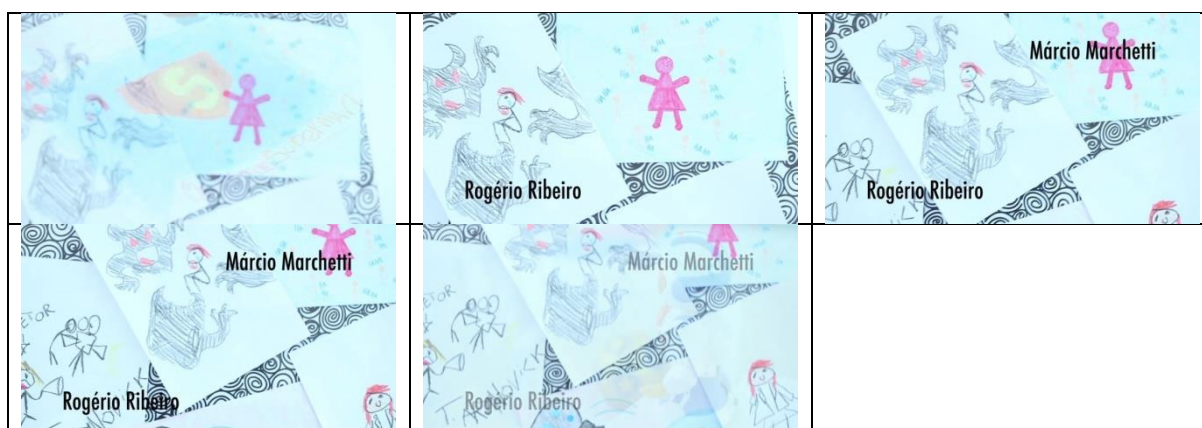
Fonte: Frames do filme *Resquícios da Infância*.

Tanto este desenho como os lápis de cera, por serem elementos recorrentes e que estão diretamente ligados a um personagem, devem ser priorizados juntamente com o nome do ator. No decorrer do filme vemos o personagem, Augusto, usando lápis de cera para fazer esse desenho. Ele também usa uma fantasia de super-herói com máscara, uma capa vermelha e “voa” pela sala.

Em seguida, novamente sobre um fundo com espirais, outro quadro pendurado na parede. À direita, há uma folha com o desenho de uma figura feminina cor de rosa e ao redor dela há várias figuras masculinas com a expressão “HAHA” ao lado. Sobre esse desenho, no canto superior direito, aparece o nome Márcio Marchetti. À esquerda há uma folha com o desenho de uma figura humana, com cabelo cor de rosa, no centro cercado por três monstros pretos com chifres. Novamente podemos imaginar que se trata da médica, pois anteriormente ela foi

retratada nos desenhos como tendo cabelo cor de rosa e, no final do filme, ela é cercada pelos “pacientes” que para ela parecem que são monstros que lhe farão mal. Sobre esse desenho há o nome Rogério Ribeiro. Com o passar da cena, o nome some já em cima de outro desenho onde há duas figuras masculinas. A da esquerda segura um megafone e há uma seta apontando pra ele, e acima dela está escrito “diretor”. A figura da direita parece operar uma câmera sobre um tripé. Abaixo dos dois há o nome Taranovick. Por último, à direita desse desenho há outro desenho da figura feminina de cabelo cor de rosa e vestindo uma roupa branca.

Figura 31 – Frames da Cena 02d – Créditos iniciais



Fonte: Frames do filme Resquílios da Infância.

O terceiro personagem que aparece no filme, mas o quarto nome que aparece nos créditos iniciais, é o de Rogério Ribeiro que interpreta Marcos. Quando o nome dele aparece nos créditos está sobrepondo imagens de uma figura feminina cor de rosa cercada de figuras masculinas com a expressão “HAHA” ao lado. De fato, seu personagem tem medo de ser abduzido, novamente, por ETs. Logo é possível fazer uma comparação das figuras no desenho que riem dele com as pessoas que interagem com o personagem e riem dele por causa do medo de ETs. Porém, aqui, talvez já tenhamos uma pista da verdadeira paciente da história, já que é uma figura feminina que está cercada de pessoas rindo dela.

Os desenhos principais deste trecho seriam o desenho de uma figura humana, com cabelo cor de rosa, no centro cercado por três monstros pretos com chifres, o desenho da figura feminina de cabelo cor de rosa e vestindo uma roupa branca, e o desenho da figura feminina cercada por pessoas rindo dela, pois todos

remetem à personagem principal. Além deles, os nomes dos atores precisam estar no roteiro de AD.

No último trecho desta cena, o foco volta a ser o robô jogador de futebol americano que está à direita, mas agora ele está de lado, voltado para a esquerda. Na frente dele há uma bola redonda, que na verdade está sobre uma cadeira ao lado da mesa na qual o robô está, e à esquerda da imagem aparece o título do filme “Resquícios da Infância”. Há uma transição para a próxima cena.

Figura 32 – Frames da Cena 02e – Créditos iniciais



Fonte: *Frames do filme Resquícios da Infância.*

Aqui consideramos mais importante a descrição do título do filme e do robô sobre a mesa que apareceu novamente. A transição entre as cenas também é importante para marcar o fim de uma cena e o início de outra. Nesta cena vemos diversos elementos que ocorrerão novamente no decorrer do filme. Os brinquedos iniciais aparecem espalhados na sala onde haverá a interação da médica e seus pacientes.

Com essa análise foi possível perceber que há dicas importantíssimas sobre o filme nos desenhos que aparecem. Inclusive sobre o desfecho. A cena toda é acompanhada por uma música suave e dura aproximadamente 28 segundos (00:07:13 até 00:35:06).

Dos elementos encontrados, os brinquedos parecem ser os menos importantes para a narrativa. Uma vez que, mesmo havendo outros brinquedos no filme, como as bonecas de Roberta, os desenhos e o título já fazem referência à infância. Os desenhos, principalmente aqueles que remetem às cenas que virão, e o nome dos atores, que não aparecerão nos créditos finais, deveriam ser a prioridade do roteiro de AD. O quadro a seguir mostra os elementos que consideramos mais importantes nesta cena a partir de nossa análise, na ordem de importância. Apesar de apontarmos todos, sabemos que é impossível a descrição de todos eles devido ao tempo de duração da cena. Porém, tencionamos ver quais participantes contemplam a maioria dos elementos listados.

Quadro 30 – Elementos importantes da cena dos créditos iniciais

Cena	Elementos mais importantes		
Cena 02: Créditos iniciais	Título do filme.		
	Nome dos atores.		
	Desenhos que remetem às cenas que virão.	Gotas verdes caindo sobre uma faca e gotas vermelhas caindo da faca	
		Desenho do símbolo do superman	
		Lápis de cera	
	Desenhos que dão dicas sobre o filme.	Figura feminina de cabelo cor de rosa, vestindo uma roupa branca e o nome Maria acima dela	
	Desenhos que dão dicas sobre o desfecho.	Desenho de uma figura feminina, com cabelo cor de rosa, no centro, cercado por três monstros pretos com chifres.	
		Desenho de uma figura feminina, com cabelo cor de rosa, no centro, cercada por pessoas rindo dela.	
	O robô jogador de futebol americano.		
	Transição de cena.		
	Outros desenhos.		
A mesa de plástico onde os brinquedos estão.			
O quadro onde os desenhos estão pendurados.			

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, temos as descrições de cada participante para esta cena.

Quadro 31 – Descrições dos participantes para a cena dos créditos iniciais

Participante	Descrição da cena
PR01	Um pequeno e colorido jogador de futebol americano de brinquedo.
	série de desenhos infantis em folhas de papel: uma faca com gotas em verde e vermelho
	entre rabiscos, a palavra superman
	no meio de uma pintura azul, a letra S amarela dentro de um escudo vermelho
	uma menina acuada por vários monstros diabólicos
	Título do filme ao lado do jogador de brinquedo: Resquícios da infância
PR02	Os créditos iniciais com o nome do elenco intercalam-se às imagens de giz de cera, brinquedos e desenhos.
	Vemos um robô colorido, alguns desenhos feitos à mão de bonecas, de bichos, do símbolo do superman e de monstros.
	O título do filme surge sobre as imagens. Resquícios da Infância.
PR03	Imagem de um robô de brinquedo. Créditos iniciais. Natacha Reis.
	Giulia Britto.
	Sob os créditos, veem-se vários desenhos feitos por crianças.
	Bruno Pinheiro.
	Desenho do símbolo do Superman.
	Rogério Ribeiro. Márcio Marchetti.
Título do filme: Resquícios da Infância.	
PR04	Foco num playmobil de futebol americano.
	Em movimento lento, a câmera foca desenhos de vários motivos feitos a mão: uma girafa, um garoto boquiaberto cercado por bichos e uma faca com gotas

	vermelhas.
	A imagem do símbolo do superman desenhada se sobrepõe aos outros desenhos.
	Agora, o desenho de uma garotinha rodeada por monstros.
	Ao lado do playmobil, surge o título: Resquícios da infância.
	Fusão do título com a imagem de uma sala branca com grande porta de vidro.
NV01	Brinquedos e desenhos feitos com lápis de colorir são mostrados
	Natacha Reis
	Giulia Britto
	Bruno Pinheiro
	Rogério Ribeiro Márcio Marchetti
	Resquícios da Infância
NV02	Imagem de um robô.
	Natacha Reis.
	Giulia Britto.
	Folhas desenhadas espalhadas sobre uma mesa.
	Bruno Pinheiro.
	Rogério Ribeiro.
	Márcio Marchetti.
	Título do filme: Resquícios da infância.
NV03	Bonecos e desenhos aparecem no que parece ser um quarto de criança.
	O título do filme, Resquícios da Infância, aparece ao lado do boneco e bola de futebol.
NV04	Lentamente, a imagem da câmera mostra uma mesa, onde estão alguns brinquedos coloridos e lápis de cores.
	Vários papéis com desenhos estão dispostos na parede.
	A imagem retorna para a mesa e mostra rabiscos e um desenho do brasão do Superman.
	Outros desenhos surgem na tela. Eles parecem indicar sentimentos de quem os fez.
	Surge o título do filme: Resquícios da infância.

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os participantes inserem em seus roteiros o título do filme. Todos, exceto NV01, explicitam que este é o título. PR02 descreve como “giz de cera” os “lápis de cera” e apenas menciona que o nome do elenco aparece nesta cena. PR03, além de conter o nome dos cinco atores, explicita que essa lista são os créditos iniciais. PR04 chama de Playmobil o robô de jogador americano. NV01 fala de “lápis de colorir” e apenas menciona a presença de brinquedos e desenhos. NV02 não descreve nenhum desenho, apenas menciona a presença de folhas desenhadas. NV03 não descreve nenhum desenho nem os nomes do elenco e chama o robô jogador de futebol de “boneco”. NV04 chama os “lápis de cera” de “lápis de cor” e, apesar de não falar do quadro onde os desenhos estão pendurados, menciona que os desenhos estão “dispostos na parede”. O quadro a seguir mostra quais elementos que consideramos importantes foram contemplados nos roteiros de cada participante.

Quadro 32 – Elementos contemplados pelos participantes na cena dos créditos iniciais

Elementos mais importantes da Cena 02	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Título do filme.	○	○	○	○	○	○	○	○
Nome dos atores.	–	×	○	×	○	○	×	×
Desenho da faca.	○	×	×	○	×	×	×	×
Símbolo do superman.	○	○	○	○	×	×	×	○
Lápis de cera.	×	○	×	×	○	×	×	○
Figura feminina de cabelo cor de rosa, com roupa branca e o nome Maria.	×	×	×	×	×	×	×	×
Figura feminina, com cabelo cor de rosa, no centro, cercada por monstros.	○	×	×	○	×	×	×	×
Figura feminina, com cabelo cor de rosa, no centro, cercada por pessoas rindo dela.	×	×	×	×	×	×	×	×
O robô jogador de futebol americano.	○	○	○	○	×	○	○	×
Transição de cena.	×	×	×	○	×	×	×	×
Outros desenhos.	○	○	×	○	×	×	×	×
A mesa de plástico onde os brinquedos estão.	×	×	×	×	×	○	×	○
O quadro onde os desenhos estão pendurados.	×	×	×	×	×	×	×	×

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível notar que alguns elementos que consideramos importantes não foram descritos por nenhum participante. Foram os casos dos desenhos da figura feminina de cabelo cor de rosa, com roupa branca com o nome Maria e cercada por pessoas rindo. Nenhum participante, exceto NV02, sequer menciona o nome da personagem durante todo o roteiro, apesar da maioria ter lido a sinopse e visto o nome dela lá. O quadro na parede onde os desenhos estão pendurados também não foi descrito por nenhum participante, apesar de NV04 ter descrito que os desenhos estavam pendurados na parede, sendo a única participante a mencionar isso.

Com relação ao nome dos atores, metade dos participantes não os insere sem seus roteiros. Sobre isso, PR04 comentou:

PR04: Por exemplo, o fato dos... os desenhos não são simplesmente desenhos. Eles têm a ver com a narrativa. Por isso que eu optei por, por exemplo, nem ficar descrevendo lista de nomes nos créditos. Eu foquei mais

mesmo na questão dos desenhos. [...] então assim, eu tentei selecionar os desenhos mais significativos pra botar na narrativa e optei por não citar créditos e só no final “créditos finais” porque eu achava que ia ser mais importante do que... pro sentido, né.

Somente a participante PR04 descreve a transição ao final desta cena. PR04, PR02 e NV04 descrevem outros desenhos que não fazem ligação explícita com as cenas do filme. Apenas dois participantes, PR01 e PR04, descrevem o desenho da faca e o desenho da figura feminina cercada por monstros. E apenas dois participantes novatos, NV02 e NV04, descrevem a mesa onde os brinquedos estão.

Os lápis de cera da cena são descritos como “giz de cera” por PR02, “lápiz de colorir” por NV01 e “lápiz de cor” por NV04. Metade dos participantes profissionais e novatos descreve o nome de todo o elenco, apesar de PR01 ter optado por fazer isso durante a cena dos créditos finais por ter priorizado descrever os desenhos dos créditos iniciais.

Todos os participantes profissionais e NV04 descrevem o desenho do símbolo do superman. E todos os profissionais e NV02 falam do robô jogador de futebol. PR01 o descreve como sendo pequeno e colorido jogador de futebol americano de brinquedo, PR02 fala que é um robô colorido, PR03 um robô de brinquedo, PR04 um playmobil de futebol americano e NV02 chama apenas de robô.

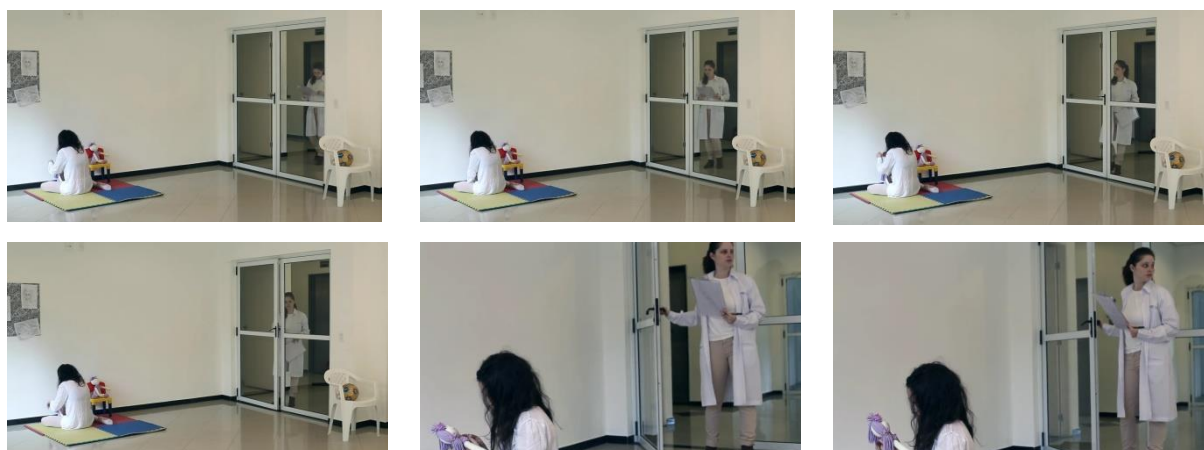
Percebemos que alguns participantes descreveram elementos que não consideramos relevantes. PR04 e NV04 descreveram o movimento que a câmera faz percorrendo os diversos desenhos. NV04 também descreve que os desenhos estão dispostos na parede e diz que os desenhos parecem indicar os sentimentos de quem os desenhou. NV03, além de descrever a bola que aparece próxima ao robô de brinquedo, descreve que o local da cena é um quarto de criança. Essa descrição pode ter ocorrido pelo fato dele não ter visto o filme antes de iniciar a elaboração de seu roteiro. E mesmo tendo visto o filme todo no final de sua fase de redação do roteiro, em sua fase de revisão ele não refaz essa descrição.

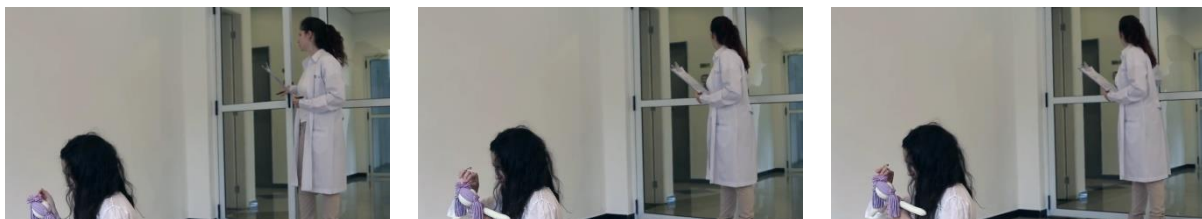
CENA 03: ROBERTA

Após a transição da imagem com os brinquedos e o título do filme, temos a cena inicial no que parece ser uma sala de estar clara com paredes brancas e chão bege. Vemos a Dra. Maria, do lado direito da imagem, abrindo uma porta de vidro e entrando na sala onde o filme todo acontece. Ela está vestindo um jaleco branco, blusa branca, calças beges, botas marrons e segura uma prancheta. As roupas que ela veste e a prancheta em sua mão, bem como suas ações futuras, nos fazem identifica-la como sendo alguém da área médica, uma enfermeira, médica, psicóloga etc. Como a sinopse a identifica como Dra. Maria, também utilizaremos essa nomenclatura ao nos referirmos a ela.

Também vemos uma pessoa, no lado inferior esquerdo, sentada em um tapete colorido, de frente para uma parede, de costas para o espectador e de lado para a porta por onde a médica entra. Essa pessoa possui cabelo de tamanho médio preto e veste roupas completamente brancas. Aos poucos a imagem revela mais detalhes que nos permitem perceber que a roupa trata-se de um vestido de mangas compridas e calça lycra e que essa pessoa é uma mulher jovem ou uma menina. Junto a ela no tapete colorido, entre a jovem e a porta por onde entra a Dra. Maria, há uma cadeira de brinquedo e uma boneca sentada nela. Nas mãos da jovem, há uma boneca parecida com a que está sentada na cadeira de brinquedo. Na parede para a qual a jovem está virada há um quadro com desenhos anexados. Apesar do fundo desse quadro apresentar espirais desenhadas como aparece na cena dos créditos iniciais, nenhum dos desenhos nesse quadro apareceu na cena anterior.

Figura 33 – Frames da Cena 03a – Roberta





Fonte: *Frames do filme Resquícios da Infância.*

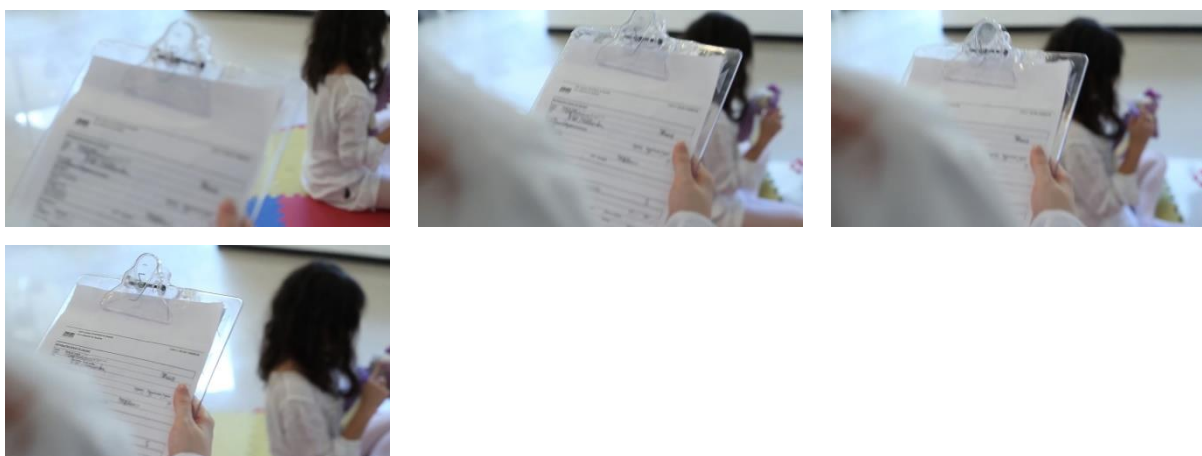
Neste trecho consideramos importante a ação da personagem principal de entrar na sala, pois é o que de fato dá início ao enredo do filme, o fato de ela estar vestindo um jaleco branco e segurando uma prancheta, que ajudam a construir o personagem como sendo alguém da área da saúde e uma caracterização breve da primeira paciente à qual Dra. Maria vai nos apresentar em seguida.

Após a médica entrar na sala e fechar a porta, a câmera dá um *close* nos papéis que estão presos em sua prancheta. Vemos esses papéis como se estivéssemos atrás da médica, por sobre seu ombro direito. Enquanto se aproxima da jovem no chão, a médica nos informa, como se ouvíssemos o que ela está pensando:

- Roberta. 22 anos.

Temos a sensação de que ela está lendo as informações do papel em sua prancheta, os quais podemos identificar assim como sendo prontuários médicos.

Figura 34 – Frames da Cena 03b – Roberta



Fonte: *Frames do filme Resquícios da Infância.*

Apenas visualmente sabemos que as informações ditas pela médica vêm dos papéis que estão em sua prancheta. Isso reforça a ideia de que ela é da área da

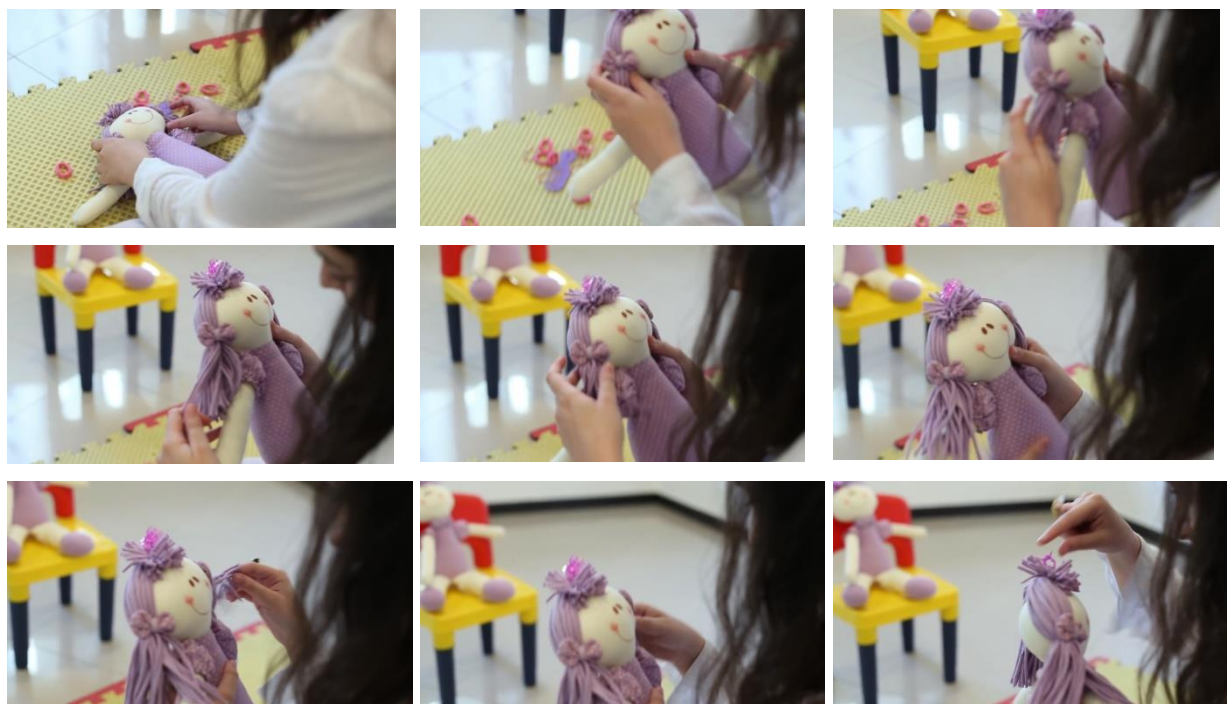
saúde e que esses papéis seriam prontuários de cada paciente do qual ela se aproxima. Por isso, achamos importante mencionar no roteiro de AD que ela lê esses papéis.

Enquanto a médica continua nos contando, através do pensamento, sobre Roberta com as falas:

- Ela fica o dia inteiro nessa cadeira brincando com suas bonecas.
- Quando criança, o padrasto abusava dela enquanto ela brincava.

O *close* da câmera agora é na boneca com a qual Roberta está brincando. Vemos a boneca como se estivéssemos agachados ao lado de Roberta. Na continuação da cena descobrimos que a Dra. Maria está nessa posição, porém do outro lado. Por isso não achamos que o diretor quis nos colocar no lugar da médica neste momento, e sim dar um *close* na boneca e nas ações de Roberta com relação à boneca.

Figura 35 – Frames da Cena 03c – Roberta



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Consideramos importante, neste trecho, o fato de Roberta estar brincando com a boneca, já que é uma imagem que tanto remete à informação oral dada pela médica como, a seguir na cena, Roberta aponta para a boneca para dizer que a

boneca é a médica, ou seja, Roberta cuida da médica, que é uma revelação que se dará ao final do filme.

Vemos em seguida, como se estivéssemos novamente atrás da médica, que ela está agachada ao lado de Roberta, fazendo carinho nos cabelos e rosto de Roberta enquanto diz, em pensamento:

- Hum! Ela nunca mais se recuperou.

Roberta para de olhar para a boneca e olha para a médica. Os gestos da médica e a troca de olhares entre as personagens indicam que uma cuida da outra.

Figura 36– Frames da Cena 03d – Roberta



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

O ângulo da câmera muda e vemos a médica, ainda agachada, de frente. Roberta aponta para a boneca e para a médica e diz:

- Você é essa.

A médica responde para ela:

- Ah! Eu sou essa? Que boneca mais linda!

Há um efeito de transição de vídeo enquanto a médica se levanta e vai em direção ao próximo paciente. Enquanto caminha, ela e Roberta se entreolham e sorriem uma para a outra. Neste momento, toca ao fundo a mesma música suave dos créditos iniciais. O close da câmera passa a ser nos prontuários, vistos por cima do ombro direito da médica. Ela passa para o próximo prontuário, indicando o término da cena de Roberta.

Figura 37 – Frames da Cena 03e – Roberta



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Achamos importante que seja dito no roteiro que Roberta aponta para a boneca quando diz “Você é essa”. Porém, a fala seguinte da médica “Ah! Eu sou essa? Que boneca mais linda!”, pode levar o público a fazer a inferência que Roberta estava falando da boneca, contanto que em algum momento do roteiro haja uma menção ao fato de Roberta estar brincando com uma boneca. Por último é necessário descrever que a médica deixa Roberta e vai em direção a outro paciente lendo outro prontuário em sua prancheta.

Alguns elementos visuais dessa cena são imprescindíveis para o entendimento da narrativa. Como dito anteriormente, apenas nos desenhos dos créditos iniciais e finais, ou lendo a sinopse do filme, descobrimos o nome da personagem principal, Dra. Maria. Logo, o jaleco que ela veste e a prancheta com os prontuários que ela carrega nos fazem perceber que ela exerce alguma função da área médica. Outros detalhes como a roupa completa dela e suas características físicas, como sua pele branca e seu cabelo ruivo, que faz ligação também com os desenhos dos créditos iniciais e finais, seriam interessantes de serem descritos.

Com relação à personagem Roberta, seria interessante falar de sua roupa e de suas características físicas, mas não são elementos tão importantes para a narrativa. Ao contrário das bonecas com as quais ela brinca, já que em um momento da cena ela aponta para uma das bonecas e diz que a médica é uma delas. Isso também pode revelar algo do desfecho do filme, pois Roberta cuida das bonecas, e diz que a médica é uma delas, e ao final do filme descobrimos que a médica é uma paciente e que Roberta é uma das pessoas que cuidam dela.

A claridade da sala e suas paredes brancas parecem passar a sensação de um lugar limpo e calmo, como uma sala de hospital ou de clínica psiquiátrica. O quadro com desenhos pendurados parece ser o elemento menos relevante da cena, já que esses desenhos sequer aparecem nos créditos.

A cena dura pouco mais de 36 segundos (00:35:07 até 01:11:10) e possui aproximadamente 17 segundos de falas. Ou seja, 19 segundos para descrições. O Quadro 33 mostra um resumo dos elementos que consideramos importantes na cena.

Quadro 33 – Elementos importantes da cena de Roberta

Cena	Elementos mais importantes
Cena 03: Roberta	<p>Ação da Dra. Maria de entrar na sala. Dra. Maria veste jaleco. Dra. Maria segura uma prancheta. Dra. Maria caminha em direção a uma pessoa. Lê as informações que nos passa nos papéis em sua prancheta. Roberta brinca com uma boneca. Dra. Maria acaricia o cabelo e rosto de Roberta. Dra. Maria caminha em direção a outro paciente. Características físicas da Dra. Maria. Características físicas de Roberta. Descrição da sala. Transição entre as cenas.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresentamos as descrições de cada participante para a cena de Roberta.

Quadro 34 – Descrições dos participantes para a cena de Roberta

Participante	Descrição da cena
PR01	Uma jovem médica entra na pálida sala psiquiátrica, ela veste um jaleco branco e segura uma prancheta.
	Ela caminha em direção a uma mulher no chão.
	Roberta mostra sua boneca a médica.

	A médica agora caminha virando a página da prancheta.
PR02	Uma médica de pele branca, cabelos ruivos e olhos claros entra em uma sala.
	Ela usa jaleco e segura uma prancheta com prontuários, se aproxima de uma jovem que segura uma boneca.
	A médica se afasta de Roberta e se aproxima de outro paciente.
PR03	Uma jovem brinca com bonecas em uma sala com poucos móveis.
	Outra jovem entra. Ela usa jaleco branco e segura uma prancheta.
	Close na prancheta.
	A jovem de jaleco se afasta de Roberta, que sorri sentada sobre um tapete colorido.
PR04	Fusão do título com a imagem de uma sala branca com grande porta de vidro.
	Uma garota, sentada num tatame colorido, brinca virada para a parede.
	Uma mulher de jaleco, segurando uma prancheta, entra.
	Foco numa boneca de pano.
	Agora, a mulher caminha pela sala.
	Imagem turva de folhas na prancheta.
NV01	Garota sentada brincando com bonecas
	Médica entra na sala
	Ela anda pela sala segurando uma prancheta
NV02	Uma paciente está sentada no chão brincando de boneca.
	Doutora Maria abre a porta e entra na sala.
	Ela segura uma prancheta com a ficha dos pacientes.
	Doutora Maria se afasta da Roberta e muda a ficha da sua prancheta.
NV03	Em um quarto de hospital, uma garota brinca com uma boneca.
	Uma enfermeira entra.
	A enfermeira lê a ficha da paciente.
	A enfermeira mexe nos cabelos da garota.
	Roberta diz à enfermeira que a boneca é ela.
	A enfermeira lê a ficha de outro paciente.
NV04	Uma doutora com uma prancheta na mão entra em uma sala.
	Ela observa o local e começa a caminhar, lentamente, em direção à uma menina.
	Ela sai e vai em direção à um garoto que está deitado debaixo de uma mesa.

Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*. Elaborado pela autora.

PR01 apresenta a personagem como “Uma jovem médica” e continua chamando ela de médica. PR02 descreve a personagem como uma médica de pele branca, cabelos ruivos e olhos claros. PR03 fala que é uma jovem de jaleco, mas no decorrer do roteiro vai caracterizá-la também como tendo cabelos ruivos e olhos azuis. PR04 apresenta Dra. Maria como uma mulher de jaleco. NV01 descreve Dra. Maria como uma médica. NV02 é o único participante que chama a médica de Dra. Maria. NV03 a chama de enfermeira enquanto NV04 chama ela de doutora.

PR01 e PR03 falam do jaleco branco e da prancheta. PR02 fala do jaleco e da prancheta com prontuários. PR04 fala do jaleco e da prancheta com folhas. NV01 fala apenas da prancheta enquanto que NV02 fala da prancheta com fichas dos pacientes. NV03 não fala nem do jaleco nem da prancheta, mas ele fala das

fichas dos pacientes e na cena do desfecho ele descreve que a personagem derruba a prancheta. NV04 não fala do jaleco, mas fala da prancheta.

PR01 apresenta Roberta como uma mulher no chão que em dado momento mostra sua boneca para a médica. PR02 apresenta Roberta como uma jovem que segura uma boneca. PR03 apresenta Roberta como uma jovem que brinca com bonecas sentada sobre um tapete colorido. PR04 diz que Roberta é uma garota sentada num tatame colorido e, apesar de falar da boneca de pano, não menciona que Roberta está brincando com ela. NV01 chama Roberta de garota. NV02 chama Roberta de paciente sentada brincando com bonecas. NV03 chama Roberta de garota que brinca com uma boneca. NV04 descreve Roberta apenas como sendo uma menina.

PR01 descreve a sala como sendo uma pálida sala psiquiátrica. PR02 fala apenas de uma sala, mas nas descrições a seguir a descreve como ampla. PR03 descreve o ambiente como uma sala com poucos móveis. PR04 descreve a sala como sendo uma sala branca com grande porta de vidro, descrição feita juntamente com a transição da cena anterior para esta. NV01, NV02 e NV04 falam apenas de uma sala. NV03 chama a sala de quarto de hospital.

Todos os participantes descrevem apenas que Dra. Maria entra na sala, exceto NV02 que a descreve abrindo uma porta para entrar na sala.

PR04 é a única participante a falar das transições nesta cena.

NV03 é o único a descrever a ação da médica de acariciar Roberta e também é o único a explicitar que Roberta diz que a médica é a boneca.

Quadro 35 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Roberta

Elementos mais importantes da Cena 03	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Ação da Dra. Maria de entrar na sala.	○	○	○	○	○	○	○	○
Dra. Maria veste jaleco.	○	○	○	○	×	×	×	×
Dra. Maria segura uma prancheta.	○	○	○	○	○	○	×	○
Dra. Maria caminha em direção a uma pessoa.	○	○	×	×	×	×	×	○
Lê as informações que nos passa nos papéis em sua prancheta.	○	○	○	○	×	○	○	×
Roberta brinca com uma boneca.	○	○	○	×	○	○	○	×
Dra. Maria acaricia o cabelo e rosto de Roberta.	×	×	×	×	×	×	○	×
Dra. Maria caminha em direção a outro paciente.	○	○	○	○	○	○	○	○
Características físicas da Dra.	×	○	–	×	×	×	×	×

Características físicas de Roberta.	X	X	X	X	X	X	X	X
Descrição da sala.	O	-	O	O	X	X	O	X
Transição entre as cenas.	X	X	X	O	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os participantes descrevem a ação de Dra. Maria de entrar no ambiente no qual as ações vão acontecer, cada um chamando o lugar de sala ou quarto e descrevendo ou não algum detalhe do lugar. Da mesma forma, todos descrevem que a personagem caminha de Roberta em direção a outro personagem.

Apenas os participantes profissionais dizem que Dra. Maria veste jaleco. Dentre os novatos, essa vestimenta aparece apenas no roteiro de NV02, ao final, quando vai caracterizar Roberta.

Todos os participantes profissionais e NV02 informam, nessa cena, que há papeis, fichas ou prontuários que estão na prancheta da médica. Achamos que isso torna a inferência de que as informações passadas pela médica vêm desses materiais. NV03 fala das fichas dos pacientes, mas só fala da prancheta no final do filme quando a médica a derruba. NV01 descreve em dois momentos próximos ao fim do filme que a médica verifica e checa a prancheta, mas não menciona os papeis nela. NV04 cita os papeis na prancheta apenas no final, depois que a médica passa por todos os pacientes. Isso pode comprometer o entendimento dos expectadores de que as informações dadas pela médica sobre os pacientes vieram desses papeis em sua prancheta.

Todos os participantes, exceto NV03, falam da prancheta que a personagem carrega, e ainda comentam sobre as fichas dos pacientes que a personagem vai lendo. Porém, esse também é o único participante que descreve Dra. Maria acariciando Roberta.

Exceto PR04 e NV04 descrevem que Roberta está brincando com bonecas. Apesar de a fala da médica dizer que Roberta passa o dia brincando com bonecas, não estamos certos que apenas essa fala leve o expectador a perceber que Roberta está mostrando uma boneca para a médica quando diz “Você é essa” e a médica responde “Eu sou essa? Que boneca mais linda.”

Metade dos participantes, PR01, PR03, PR04 e NV03, faz algum tipo de descrição da sala. PR01 a descreve como sendo uma pálida sala psiquiátrica, PR03

poucos móveis e PR04 sala branca com uma grande porta de vidro. NV03 chama a sala de quarto de hospital.

Apenas PR01, PR02 e NV04 falam da ação da médica se dirigindo até Roberta. Através das falas das personagens isso pode ficar implícito.

Apenas dois participantes profissionais descrevem características físicas da Dra. Maria, PR02 a descreve como sendo de pele branca, cabelos ruivos e olhos claros e PR03 a descreve com cabelos ruivos e olhos azuis, porém não nesta cena. Apenas um participante profissional descreve a transição de cena entre a cena dos créditos iniciais e a cena de Roberta.

Nenhum participante descreve qualquer característica de Roberta, sendo que a maioria a chama de garota ou jovem, exceto PR01 que a descreve como uma mulher e NV02 que a chama de paciente. NV04 diz que Roberta é uma menina, o que pode causar estranheza no final do filme, já que é Roberta quem acaba dando uma injeção para tranquilizar a Dra. Maria e quem termina o filme vestindo jaleco e fazendo anotações em uma prancheta.

PR03 e PR04 descreveram o tapete onde Roberta está sentada e NV04 descreve que a médica observa a sala. Elemento e ação que nós não consideramos como relevante.

CENA 04: MARCOS

Ao passar para o próximo prontuário, a médica nos dá informações sobre o próximo paciente enquanto caminha na direção dele. Ela nos fala, novamente através do pensamento:

- Marcos. 29 anos.

Na imagem vemos alguém de joelhos no chão em frente à médica, este é Eduardo, que veste calça com estampa militar. À direita dele está a mesa de plástico onde Marcos se esconde.

Figura 38 – Frames da Cena 04a – Marcos



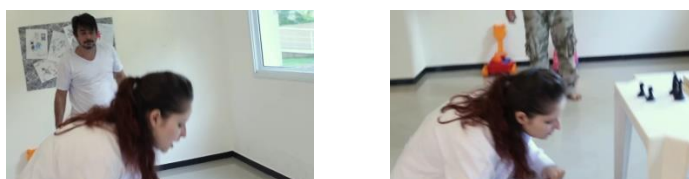
Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Neste momento, o mais importante seria informar que a médica está se dirigindo para outro paciente enquanto lê os dados dele nos prontuários em sua prancheta. Como é um momento intermediário entre a cena de dois personagens, e como visto na seção anterior, todos os participantes descrevem que a médica se afastou de um personagem e se aproximou de outro.

Quando o ângulo da câmera muda, vemos Eduardo à esquerda da médica. Isso mostra um pequeno erro de continuidade, mas que não achamos que interfira no entendimento do filme. Neste ângulo, a médica começa a se abaixar para interagir com o segundo paciente, Marcos, que está sob uma mesa de plástico. Sobre essa mesa, vemos o tabuleiro de xadrez que aparece na cena dos créditos finais. A médica continua nos contando sobre o paciente:

- Ele passou parte da infância trancafiado em um quarto.

Figura 39 – Frames da Cena 04b – Marcos



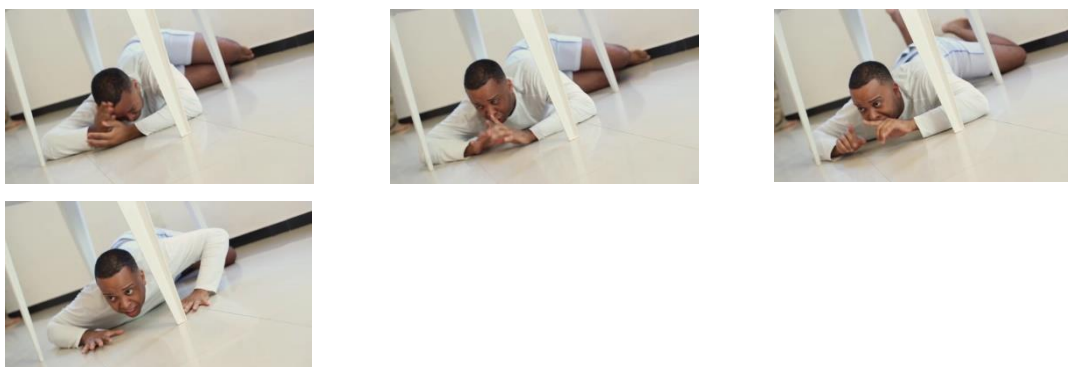
Fonte: Frames do filme Resquícios da Infância.

Neste momento, seria importante descrever a ação da médica de se abaixar para falar com o personagem escondido embaixo da mesa. Há um corte na cena e a imagem passa a mostrar Marcos sob a mesa, deitado de bruços no chão. Posição que lembra a mesma que a médica ficará ao final do filme quando Marcos a segura no chão para que Roberta aplique uma injeção nela. Ele é negro, de cabelo raspado e veste blusa e short brancos. A médica continua lendo o prontuário para nós:

- Ele acha que foi abduzido por ETs e que um dia eles voltarão para pegá-lo.

Marcos, nesse momento, se contorce, escondendo a cabeça sob as mãos e depois fazendo sinal de silêncio com a mão esquerda.

Figura 40 – Frames da Cena 04c – Marcos



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Nesse trecho, podem ser descritas as características físicas do personagem, a sua posição corporal e as roupas. Mas o principal seria o fato de ele estar tentando se esconder ou se proteger de alguém embaixo de uma mesa de plástico. A imagem passa a mostrar Dra. Maria agachada, com a mão esquerda acariciando o rosto de Marcos. Ela fala com o pensamento:

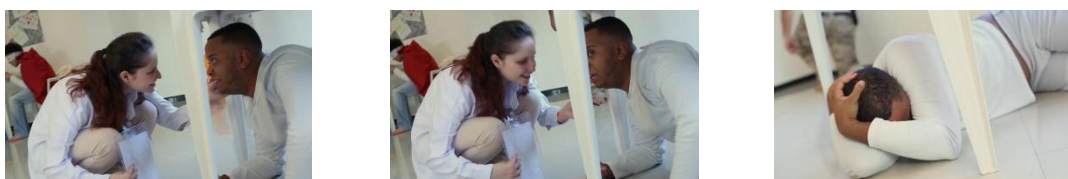
- Vive sempre se escondendo.

E ele sussurra para ela:

- Cuidado, é perigoso. É perigoso.

A médica, sorrindo para Marcos, vira o rosto como se procurasse algo ao seu redor sem encontrar. Mostrando para o paciente que não há nada a temer ali.

Figura 41 – Frames da Cena 04d – Marcos



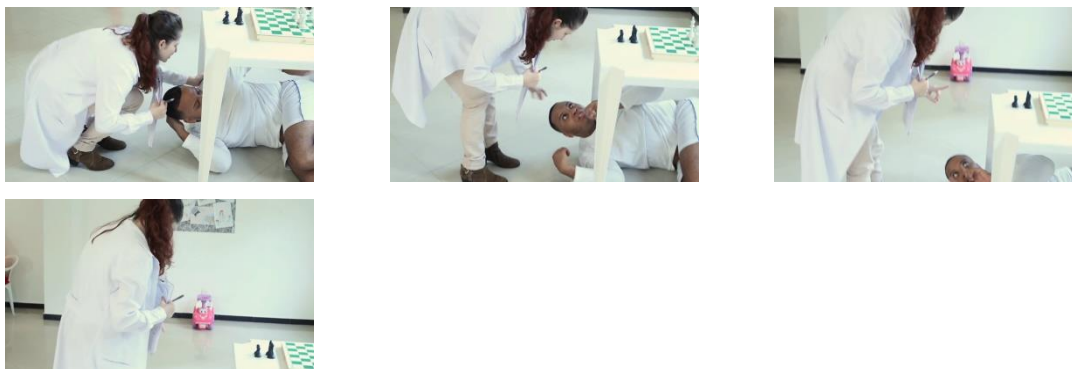
Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Nesse momento, seria importante descrever que a médica está tentando tranquilizar Marcos. Ele então se encolhe mais, se escondendo sob os braços e mãos. Neste momento da cena ouvimos mais claramente a música suave que toca ao fundo no filme. A médica então se levanta enquanto ele sussurra:

- Fora! Fora! Shhh.

Ele olha para ela, e ela quase de pé faz um sinal negativo com a mão esquerda. Como se pedisse para ele se acalmar. Definimos que a cena de Marcos acaba quando a médica se levanta e começa a caminhar para o próximo paciente.

Figura 42 – Frames da Cena 04e – Marcos



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Nesta cena, achamos importante mencionar que a médica continua lendo as informações dos pacientes a partir de seus prontuários. Além disso, o fato de Marcos estar sob a mesa, com medo, tentando se esconder sob seus braços é uma informação importante, pois através da fala da médica sabemos que ele vive se escondendo, e através da imagem sabemos como ele tenta se esconder. O carinho da médica com ele, agachando-se para falar com ele e tentando acalmá-lo, também devem estar no roteiro de AD, se possível. A cor da pele dele seria uma informação interessante, por ser o único negro do filme. Mencionar a cor da pele dele pode fazer os espectadores cegos inferirem que os outros personagens são brancos. Mas não é possível afirmar que todos farão essa inferência.

A cena tem duração de 28 segundos (01:11:11 até 01:39:00) e possui 16 segundos de falas, aproximadamente. 12 segundos para descrições. O quadro a seguir mostra um resumo dos elementos que achamos que sejam mais importantes a serem descritos.

Quadro 36 – Elementos importantes da cena de Marcos

Cena	Elementos mais importantes
Cena 04: Marcos	Dra. Maria se abaixa para falar com outro paciente. Marcos está sob uma mesa. Posição corporal de Marcos. Dra. Maria tenta tranquilizar Marcos. Dra. Maria caminha em direção a outro paciente.

	Características físicas de Marcos. Vestimentas de Marcos.
--	--

Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*. Elaborado pela autora.

O quadro a seguir mostra a descrição de cada participante para esta cena.

Quadro 37 – Descrições dos participantes para a cena de Marcos

Participante	Descrição da cena
PR01	A médica está agachada na frente de Marcos, que está acuado e amedrontado sob a mesa
	Enquanto Marcos sussurra <u>palavras</u> desconexas, a médica dirige-se para outro paciente.
PR02	A médica acaricia o rosto de Marcos, enquanto ele, apreensivo, se esconde embaixo de uma mesa de plástico.
	Marcos permanece escondido e a médica se dirige a outro paciente.
PR03	Marcos é negro e está deitado no chão embaixo de uma mesa plástica.
	Ele cobre a cabeça com os braços.
	A jovem de jaleco se levanta.
	Ela faz sinal com as mãos para que Marcos fique calmo.
PR04	Marcos agitado embaixo de uma mesa branca de <u>plástico</u> .
	Atenciosa, a mulher conversa com ele agachada.
	Detalhe de Marcos encolhido embaixo da mesa.
	Ele faz gestos como se falasse com alguém.
	A mulher se levanta.
NV01	Ela toca no rosto de Marcos que está embaixo da mesa
	Ele coloca as mãos na cabeça com aflição
	A médica faz sinal de negativo e continua a andar pela sala
NV02	Marcos está debaixo da mesa.
	Doutora Maria se afasta de Marcos e muda a ficha novamente.
NV03	Ela olha debaixo de uma mesa.
	Marcos está <u>encondido</u> sob a mesa.
	A enfermeira se afasta da mesa.
	Ela lê outra ficha de paciente.
NV04	Assustado, ele fala algo para a doutora.
	A imagem o mostra encolhido, ainda, debaixo da mesa.
	Ela levanta e sai em direção <u>à</u> um outro rapaz que está sentado em uma cadeira.

Fonte: Elaborado pela autora.

PR01 e NV02 descrevem que Marcos está sob uma mesa, mas não diz que tipo de mesa. PR02 descreve que Marcos se esconde embaixo de uma mesa de plástico e, apesar de não dizer que a médica se agacha para falar com ele, descreve que a médica acaricia o rosto dele. PR03 descreve que Marcos está deitado no chão embaixo da mesa de plástico e, mesmo não dizendo que a médica se agacha para interagir com Marcos, descreve que a médica se levanta. PR04 diz que Marcos está embaixo da mesa de plástico e que a médica conversa agachada com ele e que é atenciosa. NV01 diz que Marcos está embaixo da mesa, e que a médica toca em seu rosto, mas não fala em momento algum que ela se abaixa para interagir com ele

nem que se levanta. Da mesma forma NV03 diz que a médica olha debaixo da mesa e que Marcos está sob a mesa.

A linguagem corporal de Marcos é descrita como acuado e amedrontado por PR01, apreensivo e se escondendo por PR02, cobre a cabeça com os braços por PR03, agitado, encolhido e fazendo gestos como se falasse com alguém por PR04, que está com as mãos na cabeça, aflito por NV01 e NV04 diz que ele está deitado debaixo da mesa e assustado. NV03 diz apenas que ele está escondido.

PR03 descreve que a médica faz sinal com as mãos para acalmar Marcos. NV01 descreve que a médica toca no rosto de Marcos e que faz sinal de negativo. No filme esse sinal é indicando que Marcos não precisa ter medo, mas não estamos certos que a descrição dessa participante dessa forma passe essa informação.

NV02 não descreve que a médica caminha na direção de outro paciente, mas descreve que ela se afasta de Marcos e que muda a ficha em sua prancheta. NV03 explicita com três descrições que a médica vai até outro paciente: “A enfermeira se afasta da mesa.”, “Ela lê outra ficha de paciente.” e durante a cena seguinte “Ela vai à mesa de Augusto”.

Quadro 38 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Marcos

Elementos mais importantes da Cena 04	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Dra. Maria se abaixa para falar com outro paciente.	○	×	×	○	×	×	×	×
Marcos está sob uma mesa.	○	○	○	○	○	○	○	○
Posição corporal de Marcos.	○	○	○	○	○	×	×	○
Dra. Maria tenta tranquilizar Marcos.	×	○	○	○	○	×	×	×
Dra. Maria caminha em direção a outro paciente.	○	○	×	×	○	○	○	○
Características físicas de Marcos.	×	×	○	×	×	×	×	×
Vestimentas de Marcos.	×	×	×	×	×	×	×	×

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os participantes descreveram que Marcos estava embaixo de uma mesa, alguns especificando que era uma mesa de plástico. PR02, PR03, PR04 e NV01 descrevem de alguma forma que a médica tenta tranquilizar Marcos. Somente PR01 e PR04 explicitam que a médica se abaixa para falar com Marcos nessa cena. PR03 e PR04 são os únicos que não fazem alusão ao fato da médica se afastar de

Marcos e ir em direção a outro paciente. E somente NV02 e NV04 não descrevem de alguma forma a posição como Marcos está escondido embaixo da mesa.

Apenas PR03 descreve Marcos como sendo negro e em seu relato ele disse:

PR03: Os outros mal dá pra gente descrever. Descrevi o Marcos que é negro né. Porque era o único negro daquele grupo. Então eu descrevi pra marcar a presença. Foi uma questão de pensamento da afirmação. Ele é negro, tem uma situação que ele foi mantido em cárcere, não é isso? Em casa e tal. Então achei, não, eu vou... esse aqui eu vou encontrar um tempo pra descrever pelo menos que ele é negro... Então eu quis meio que marcar mesmo. Esse cara é o mais diferente do grupo.

PQ: E aí se só ele foi definido como negro, provavelmente vão perceber que os outros eram brancos...

PR03: A tentativa era essa. Pode ser que... (risos) Mas a tentativa era essa.

Nenhum participante descreveu as roupas de Marcos.

PR01 descreveu que Marcos sussurra palavras desconexas e NV04 diz que ele fala algo para a médica, fato que pode ser ouvido. PR03 e PR04 descrevem a ação da médica de se levantar após a interação com Marcos. Não achamos isso relevante, contanto que no roteiro seja dito que ela caminha ou se dirige a outro paciente, pois isso estaria implícito. E isso não ocorre em nenhum desses dois roteiros. NV04 também diz que ela se levanta e complementa dizendo que ela sai em direção a outro paciente. PR04 descreve a médica como sendo atenciosa, característica que não consideramos importante.

CENA 05: AUGUSTO

A médica, lentamente, vai para o próximo paciente, Augusto. Vemos a médica de costas enquanto ela caminha. A esquerda dela está Augusto, usando uma capa vermelha e uma máscara branca nos olhos. Ele está sentado em uma cadeira branca de plástico. A sua frente há uma mesa, também branca e de plástico, na qual ele desenha algo. Na parede na qual essa mesa está encostada há dois quadros de aviso com desenhos pendurados neles. Um está próximo de Augusto e o outro está mais à direita da imagem. Nestes quadros há alguns desenhos que aparecem nos créditos iniciais e finais do filme, como a faca ensanguentada e a menina ruiva cercada por monstros. Embaixo e em cima da mesa onde Augusto desenha e embaixo do quadro à direita há alguns brinquedos coloridos. Neste momento ouvimos novamente a música suave ao fundo. A médica continua olhando os prontuários em sua prancheta e diz, pensando:

- Augusto, 28 anos.

Figura 43 – Frames da Cena 05a – Augusto

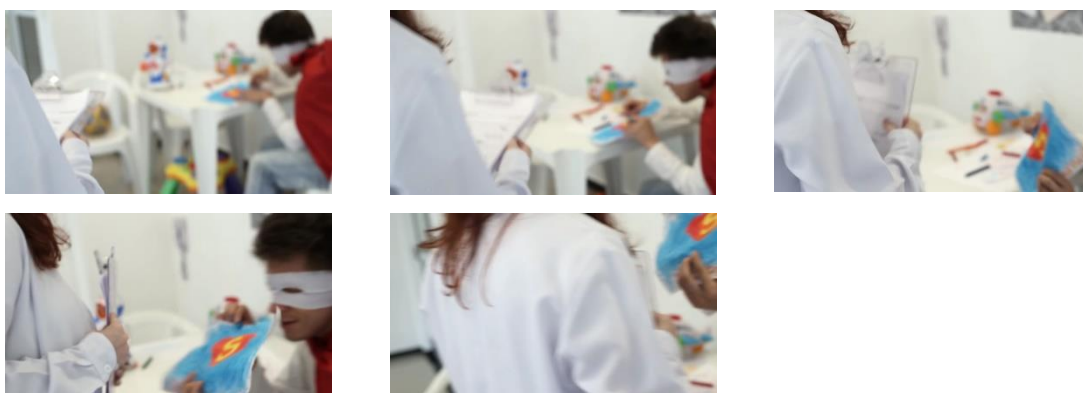


Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Neste momento, também de transição entre cenas, o mais importante seria descrever que a médica está indo em direção a outro paciente virando uma página de sua prancheta, descrição que pode ter sido realizada no final da cena anterior. Também são importantes a roupa que ele usa e o fato de ele estar desenhando, pois nos trechos a seguir ele mostra o desenho pra médica. Se houver tempo, deve-se descrever o quadro na parede e os brinquedos espalhados pela sala.

A médica continua se aproximando de Augusto e agora vemos o que ele estava desenhando. É o símbolo do superman sobre um fundo azul. Ele pega o desenho, mostra pra médica e, se levantando, ele fala “Azul” e ela repete de forma interrogativa “Azul?”.

Figura 44 – Frames da Cena 05b – Augusto



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Neste trecho vemos que o desenho que ele fazia é um dos desenhos que aparece nos créditos iniciais e seria interessante retomar uma descrição dele aqui. Há um corte na cena e vemos as mãos de Augusto, com os punhos fechados, como se estivesse voando pela sala. A médica diz em pensamento:

- Ele fica andando de um lado pro outro achando que é o Superman.

Figura 45 – Frames da Cena 05c – Augusto

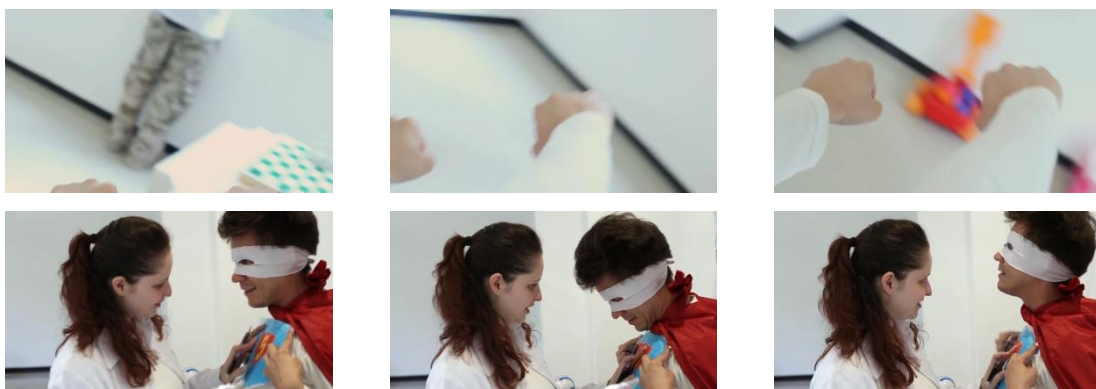


Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

A imagem parece mostrar Augusto voando pela sala. Mas a fala da médica não transmite essa ideia, por isso uma descrição desse movimento seria importante.

A cena continua com Augusto voando pela sala e depois há um close na médica, de frente para Augusto, que segura o desenho que fez na altura do peito, como se fosse o brasão que o *superman* tem em seu peito. Como fundo musical temos a mesma música suave de antes.

Figura 46 – Frames da Cena 05d – Augusto



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

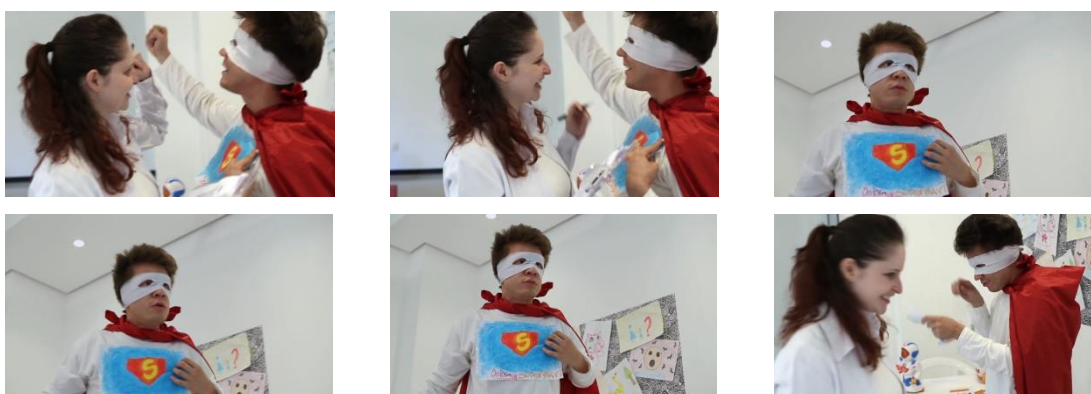
Em seguida, Augusto levanta lentamente a mão direita, com o punho ainda fechado, e cantarola o tema do superman. A médica sorri e repete o gesto

dele com a mão esquerda. Há outro corte e vemos Augusto, de frente para nós, segurando o desenho no peito e parecendo surpreso com algo. Neste momento ouvimos a médica perguntar para ele:

- É pra você voar?

Voltamos a ver a médica de frente para ele, sorrindo. Como se as duas cenas, a cena deles de frente um para o outro e a cena dele parecendo surpreso, não estivessem conectadas.

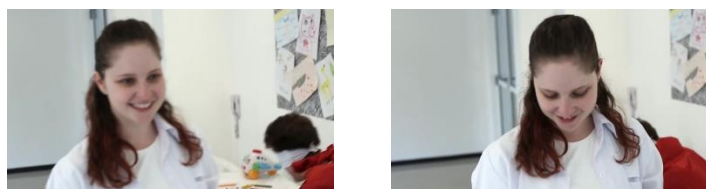
Figura 47 – Frames da Cena 05e – Augusto



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

A médica se afasta de Augusto indo em direção ao último paciente, Eduardo, enquanto Augusto se senta novamente à mesa e volta a desenhar. Ela está sorrindo e ouvimos novamente a música suave ao fundo.

Figura 48 – Frames da Cena 05f – Augusto



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Nesta cena, consideramos informações importantes para o roteiro de AD a roupa que Augusto veste, pois caracteriza sua vontade de ser o *superman*, o objeto que ele mostra para a médica, pois ambos mencionam a cor azul e o movimento que ele faz como se estivesse voando pela sala, que explica a fala da médica que diz “Ele fica andando de um lado pro outro achando que é o *Superman*.”.

Outros elementos interessantes seriam a interação entre os dois, a médica imita o movimento dele de levantar o braço, sorri para ele e parece gostar do desenho que ele fez. O quadro a seguir mostra o resumo destes elementos.

Quadro 39 – Elementos importantes da cena de Augusto

Cena	Elementos mais importantes
Cena 05: Augusto	Vestimenta de Augusto. Augusto voa pela sala. Descrição do desenho que Augusto fez. Augusto desenha. Interação da médica com Augusto. Dra. Maria se dirige a outro paciente. Quadro na parede com desenhos. Brinquedos espalhados pela sala.

Fonte: Elaborado pela autora.

A cena, que termina com um corte que vai mostrar Eduardo na janela, tem duração de 26 segundos (01:39:01 até 02:05:10) e possui seis legendas, que somam 10 segundos de falas, aproximadamente, e 16 segundos para descrições. A seguir, o quadro mostra a descrição de cada participante para esta cena.

Quadro 40 – Descrições dos participantes para a cena de Augusto

Participante	Descrição da cena
PR01	Augusto desenha o símbolo do superman.
	Augusto ergue os punhos e finge sobrevoar a sala
	Fantasiado de superman, ele coloca o desenho no peito e levanta o braço direito.
	Augusto volta a desenhar.
PR02	A sala é ampla e os pacientes estão espalhados por ela.
	Augusto usa máscara e uma capa.
	Sob o olhar de Augusto vemos seus braços estendidos e suas mãos cerradas como se voasse pela sala.
PR03	Augusto usa capa vermelha e máscara branca.
	As mãos de Augusto com os punhos cerrados voam pela sala.
	Ele põe o desenho do símbolo do Superman sobre o peito.
	A jovem de jaleco tem cabelos ruivos e olhos azuis.
PR04	Foco na prancheta.
	Foco nos dois braços estendidos de Augusto se movimentando pela sala.
	A mulher o fita com carinho.
	Ele usa uma máscara, uma capa vermelha...
	e segura no peito o símbolo do superman desenhado a mão.
NV01	Ela se afasta.
	Augusto mostra um desenho
NV02	Punhos fechados de Augusto aparecem como se ele estivesse voando
	Augusto está usando uma capa vermelha e, nos olhos, uma máscara branca.
NV03	Doutora Maria se afasta de Augusto.
	Ela vai à mesa de Augusto, que mostra uma pintura feita por ele.

	Augusto anda com os punhos cerrados à frente, como se estivesse voando.
	A <u>enfemeira</u> se aproxima de outro paciente e lê sua ficha.
NV04	Ele usa uma capa vermelha.
	Ele levanta e mostra um desenho.
	A imagem foca nos braços de Augusto imitando os movimentos do <u>super herói</u> .

Fonte: Elaborado pela autora.

PR01 descreve Augusto como fantasiado de superman, para PR02 ele usa máscara e capa, PR03 e NV02 o descrevem usando capa vermelha e máscara branca, PR04 descreve a máscara e a capa vermelha. NV04 fala apenas da capa vermelha.

Quanto à linguagem corporal de Augusto PR01 descreve que ele ergue os punhos e finge sobrevoar a sala, PR02 diz que “Sob o olhar de Augusto vemos seus braços estendidos e suas mãos cerradas como se voasse pela sala.”. PR03 diz que “As mãos de Augusto com os punhos cerrados voam pela sala.” e que ele “põe o desenho do símbolo do Superman sobre o peito”. PR04 diz que ele se movimenta pela sala com os dois braços estendidos. NV01 descreve “Punhos fechados de Augusto aparecem como se ele estivesse voando”. NV03 descreve que “Augusto anda com os punhos cerrados à frente, como se estivesse voando.”. A descrição desse movimento por NV04 é “A imagem foca nos braços de Augusto imitando os movimentos do super herói.”.

PR01 descreve como o símbolo do superman o desenho feito por Augusto. PR03 e PR04 também mencionam o símbolo do superman, mas não que Augusto estava desenhando ele. NV01, NV03 e NV04 descrevem apenas que Augusto mostra um desenho/pintura, mas não qual. PR03 decidiu descrever as características físicas da médica durante essa cena, como sendo ruiva e de olhos azuis. PR04 é a única a descrever alguma interação sentimental entre os personagens dizendo que a médica fita Augusto com carinho.

Quadro 41 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Augusto

Elementos mais importantes da Cena 05	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Vestimenta de Augusto.	○	○	○	○	×	○	×	○
Augusto voa pela sala.	○	○	○	○	○	×	○	○
Descrição do desenho que Augusto fez.	○	×	○	○	×	×	×	×
Augusto desenha.	○	×	×	×	×	×	×	×
Interação da médica com Augusto.	×	×	×	○	×	×	×	×
Dra. Maria se dirige a outro paciente.	×	–	×	○	×	×	○	–

Quadro na parede com desenhos.	X	X	X	X	X	X	X	X
Brinquedos espalhados pela sala.	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora.

Exceto NV02 que não descreveu de forma alguma, todos os outros participantes descrevem o voo de Augusto pela sala, alguns, PR01, PR02, PR03, NV01 e NV03 explicitando que ele parece voar.

Todos os profissionais e NV02 e NV04 descreveram as roupas que Augusto veste. Porém, PR01 diz que ele está fantasiado de superman, apesar da capa vermelha fazer parte da vestimenta desse herói, a máscara branca não faz.

PR01, PR03 e PR04 descreveram o desenho mostrado por Augusto. PR02, NV03 e NV04 falaram que médica se dirige a outro paciente ao final da cena de Augusto. PR04 diz que ela se afastou, o que, juntamente com as próximas descrições, pode ser entendido como ela se dirigir a outro paciente.

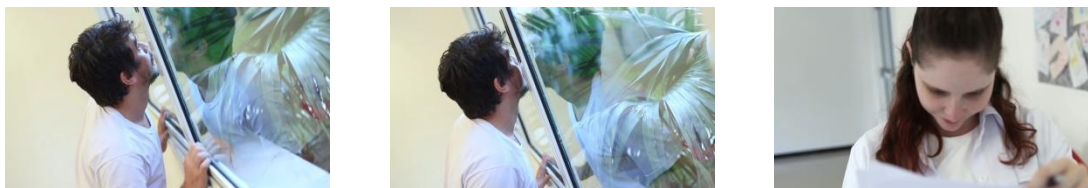
Apenas PR01 descreveu que Augusto estava desenhando. Da mesma forma, apenas PR04 descreve alguma interação mais sentimental entre Augusto e a médica. Nenhum participante descreveu nem o quadro com os desenhos na parede nem os brinquedos espalhados na sala.

Dos elementos que não achamos como sendo os mais relevantes e que foram descritos pelos participantes temos o fato de Augusto, no final da cena, voltar a desenhar, que foi descrito por PR01. PR02 diz que os pacientes estão espalhados pela sala. NV01, NV03 e NV04 dizem que Augusto mostra um desenho, no entanto achamos mais importante a descrição do desenho ou de que ele estava desenhando, o que não é encontrado em nenhum desses três roteiros. NV04 descreve que Augusto se levanta, o que faz sentido em seu roteiro pois havia mencionado que ele estava sentado em uma cadeira. Mas também não consideramos esta uma das ações mais importantes da cena.

CENA 06: EDUARDO

Há um corte na cena e vemos um rapaz olhando para fora através de uma janela de vidro. Há outro corte, voltando o foco para a médica caminhando em direção a Eduardo e lendo os prontuários em sua prancheta.

Figura 49 – Frames da Cena 06a – Eduardo

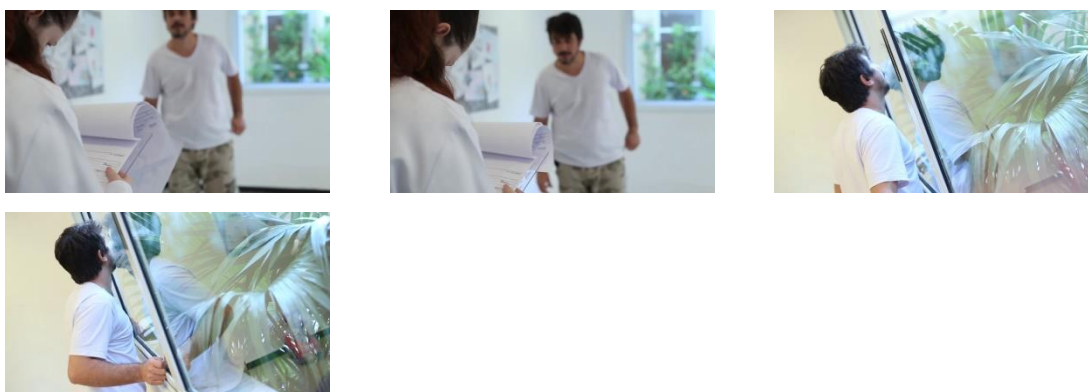


Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Neste trecho deve ser descrito, se não o foi antes, que a médica caminha na direção do próximo paciente lendo seu prontuário. Pode haver também uma breve descrição de Eduardo e sua localização próximo à janela e o fato de ele parecer procurar algo lá fora ou se esconder de algo. A janela é um objeto importante, pois, além das falas seguintes sugerirem que ele está em uma janela, uma das ações seguintes dele é avançar de forma raivosa contra a janela. Enquanto caminha na direção dele, a médica pensa:

- Eduardo. 30 anos. Ele acha que é do exército e que os inimigos vão atacá-lo. Ele fica sempre olhando pela janela pra ver se não está vindo ninguém.

Figura 50 – *Frames* da Cena 06b – Eduardo



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Mais uma vez seria interessante mencionar que ela retira essas informações dos prontuários em sua prancheta. Notamos que a calça vestida por Eduardo tem uma estampa de exército. Na fala da médica ela menciona que ele acha que é do exército e um dos desenhos que aparecem nos créditos finais é de um soldado do exército no meio do que parece ser uma guerra com tiros, mortos e tanques. Por isso, se houver tempo, a descrição da vestimenta dele seria

interessante, por ser um tema que aparece várias vezes no filme. Em seguida, a médica está ao lado dele na janela. Ele aponta para fora e diz:

- Eles vêm de lá! Do céu!

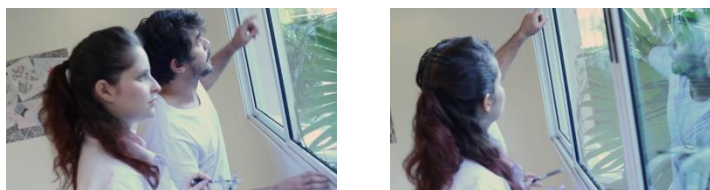
A médica pergunta:

- Dali?

Ele responde:

- É.

Figura 51 – Frames da Cena 06c – Eduardo.

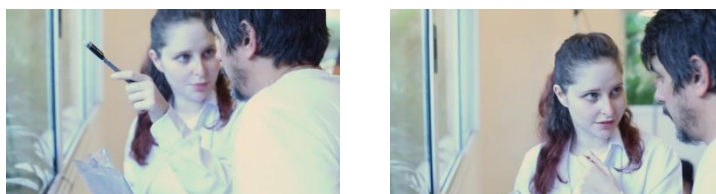


Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Neste momento seria interessante descrever que ele aponta para algo do lado de fora da janela. Em seguida, a médica aponta para fora com sua caneta e diz:

- Não é o inimigo. É a nossa frota. Entendeu?

Figura 52 – Frames da Cena 06d – Eduardo



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Há um corte na cena e vemos o rosto de Eduardo, através da janela, como se nós estivéssemos do lado de fora. Ele comprime o rosto contra o vidro e diz, parecendo com raiva de algo:

- Sai daqui! Sai! Sai daqui!

Figura 53 – Frames da Cena 06e – Eduardo



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Eduardo parece estar falando com o expectador. Mas sem uma descrição apropriada, o expectador cego pode achar que essa fala foi direcionada para a médica. E em nenhum momento os pacientes agem de forma agressiva com ela.

Esta cena termina quando há um corte entre a imagem de Eduardo com o rosto contra a janela e a imagem da médica se afastando de costas de Eduardo parecendo ler os prontuários. Ela tem duração de quase 37 segundos (02:05:11 até 02:42:04) e possui 10 legendas, que somam 18 segundos de falas, aproximadamente, e 19 segundos para descrições. O quadro a seguir mostra um resumo dos elementos que consideramos mais importantes nesta cena.

Quadro 42 – Elementos importantes da cena de Eduardo

Cena	Elementos mais importantes
Cena 06: Eduardo	Descrição de Eduardo. Localização de Eduardo na janela. Eduardo espanta alguém através da janela. Eduardo aponta para o lado de fora da janela. A médica aponta para o lado de fora. A médica lê o prontuário. Eduardo procurando/se protegendo de algo na janela. Descrição da roupa de Eduardo.

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresentamos as descrições dos participantes para esta cena.

Quadro 43 – Descrições dos participantes para a cena de Eduardo

Participante	Descrição da cena
PR01	Outro homem observa atento algo da janela de vidro espelhado.
	A médica consulta sua prancheta. Enquanto, ele a observa.
	Eduardo mostra algo fora da janela para a médica
	Eduardo irritado nos olha e se comprime contra o vidro da janela.
PR02	A médica se aproxima do próximo paciente.
	Ela confere o prontuário.
	Com um semblante agressivo e com o rosto grudado na janela, Eduardo encara a câmera.
PR03	Um rapaz olha pela janela com o rosto encostado no vidro.
	A jovem lê os prontuários.

	Ele aponta para fora da sala.
	Pelo lado de fora, vê-se o rosto de Eduardo colado ao vidro.
PR04	Um rapaz de barba olha atento através de uma janela de vidro.
	A mulher lê uns formulários na prancheta.
	Foco no rosto nervoso de Eduardo pressionando o vidro.
NV01	Ela verifica a prancheta enquanto um homem olha pela janela
NV02	Um homem olha pela janela.
	Doutora Maria olha suas fichas.
NV03	Eduardo está na janela, olhando para fora.
	Eduardo aponta para o céu lá fora.
	Eduardo bate o rosto contra a janela.
NV04	Agora, a doutora se aproxima de um homem que observa algo que está além de uma janela de vidro.
	Eduardo fica apavorado.

Fonte: Elaborado pela autora.

PR01 localiza Eduardo próximo a uma janela de vidro espelhado e descreve que ele está observando algo do lado de fora. PR03 diz que ele olha pela janela com o rosto encostado no vidro. PR04 o descreve como um rapaz de barba que está olhando atento através de uma janela de vidro. A única descrição de NV01 para a cena é “Ela verifica a prancheta enquanto um homem olha pela janela”. NV02 descreve que um homem olha pela janela. NV03 diz que Eduardo está na janela olhando para fora. NV04 diz que a médica “se aproxima de um homem que observa algo que está além de uma janela de vidro.”.

A ação de Eduardo de apontar para algo do lado de fora da janela é descrita por PR01, PR03, NV03. No trecho final, onde é importante frisar que Eduardo não está sendo agressivo com a médica, PR01 descreve “Eduardo irritado nos olha e se comprime contra o vidro da janela.”. PR02 descreve isso como “Com um semblante agressivo e com o rosto grudado na janela, Eduardo encara a câmera.”.

Já PR03 “Pelo lado de fora, vê-se o rosto de Eduardo colado ao vidro.”, PR04 “Foco no rosto nervoso de Eduardo pressionando o vidro.”, NV03 “Eduardo bate o rosto contra a janela.” e NV04 “Eduardo fica apavorado.”, o que não parece passar a ideia de que ele não está falando com a médica. PR01, PR02, PR3 e PR04, NV01, NV02 descrevem a ação da médica de consultar sua prancheta para nos passar as informações de Eduardo.

Quadro 44 – Elementos contemplados pelos participantes na cena de Eduardo

Elementos mais importantes da Cena 06	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Descrição de Eduardo.	X	X	X	O	X	X	X	X
Localização de Eduardo na janela.	O	O	O	O	O	O	O	O
Eduardo espanta alguém através	O	O	X	X	X	X	X	X

da janela.								
Eduardo aponta para o lado de fora da janela.	○	×	○	×	×	×	○	×
A médica aponta para o lado de fora.	×	×	×	×	×	×	×	×
A médica lê o prontuário.	○	○	○	○	○	○	×	×
Eduardo procurando/se protegendo de algo na janela.	○	×	×	○	×	○	○	○
Descrição da roupa de Eduardo.	×	×	×	×	×	×	×	×

Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*. Elaborado pela autora.

Nenhum dos participantes descreve a ação da médica de apontar para fora da janela nem a vestimenta de Eduardo nesta cena. Apenas PR04 descreve alguma característica física de Eduardo. PR01 e PR02 são os únicos que parecem passar a informação de que Eduardo está com raiva de quem quer que esteja do lado oposto da janela, e não da médica.

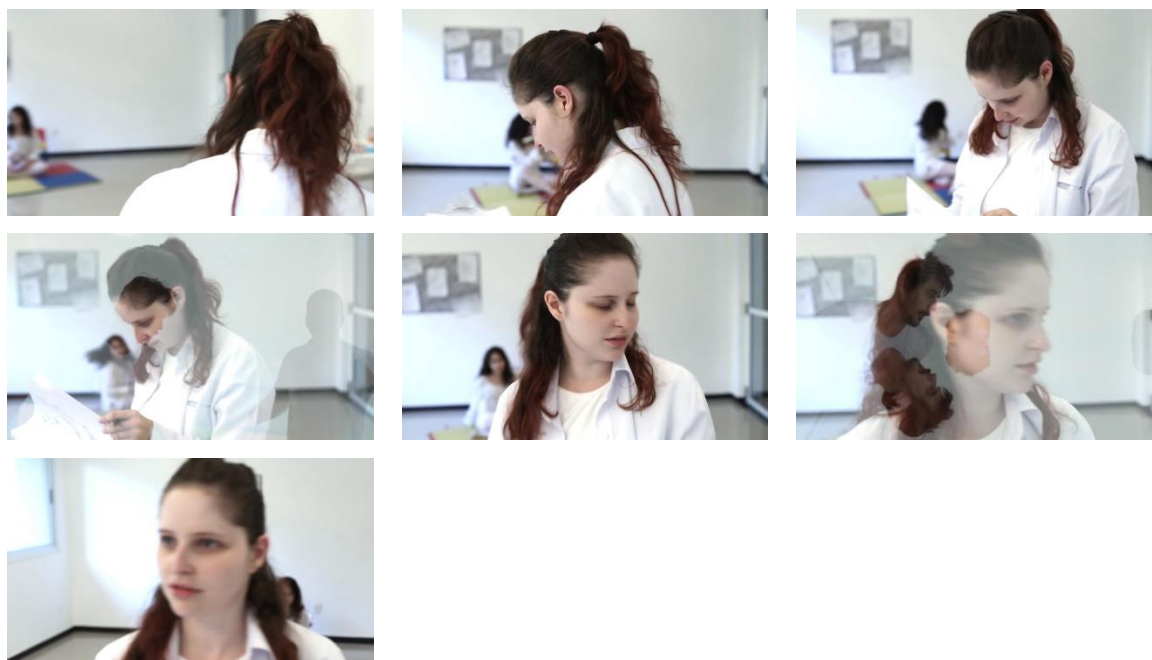
PR01, PR03 e NV03 descrevem que Eduardo aponta para algo além da janela. PR02, PR03 e NV01 são os únicos que não transmitem a ideia de que há algo do lado de fora da janela que desperte medo ou curiosidade por parte de Eduardo. Para PR03 e NV01 ele apenas olha pela janela. Exceto NV03 e NV04, todos os outros participantes descrevem que a médica lê as informações de seus prontuários.

Todos os participantes, em algum momento da cena, localizam Eduardo próximo à janela. Dentre os elementos não presentes na nossa lista dos mais importantes nesta cena temos que PR01 descreve que Eduardo está observando a médica e a ação de Eduardo pressionar o rosto contra o vidro, descrita por PR03, PR04, NV03 e NV04. Mais importante do que a ação dele, neste momento, era passar a informação de que ele olhava com raiva para nós.

CENA 07: DESFECHO

Essa cena começa com a médica, de costas, se afastando de Eduardo, último paciente com quem ela interagiu. A música de fundo que era bem suave começa a acelerar, escutamos sussurros e a médica se vira e começa a se agitar.

Figura 54 – Frames da Cena 07a – Desfecho.



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

As sobreposições das imagens nas cenas podem indicar uma confusão mental da médica, que começa a ficar assustada. Os sussurros e a música acelerada continuam enquanto ela vê os pacientes se levantando e indo em sua direção. Além da música acelerada e dos sussurros podemos ouvir a médica dizendo “Não! Não!” várias vezes.

Figura 55 – Frames da Cena 07b – Desfecho



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

A médica coloca as mãos na cabeça derrubando sua prancheta, os prontuários e a caneta que segurava. Os pacientes continuam indo em sua direção até ela ser encurralada em um canto próximo à porta por onde havia entrado. Ela se agacha encostada na parede.

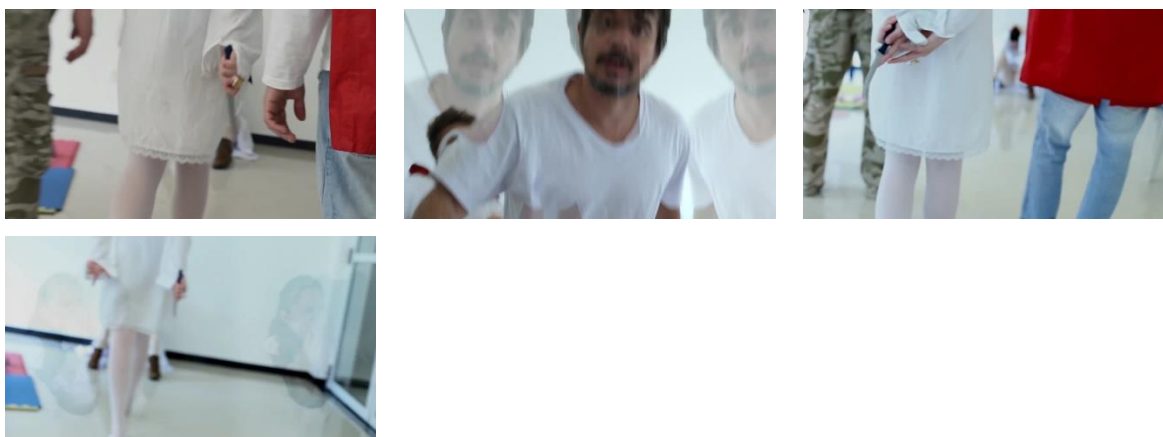
Figura 56 – Frames da Cena 07c – Desfecho



Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Neste trecho é importante passar a agitação da médica, transmitida principalmente pelos efeitos de sobreposição das imagens, dos gestos que ela faz e o fato de se achar encurralada. Em seguida, vemos as costas de uma pessoa carregando uma faca indo em direção à médica. Pelas roupas, podemos supor que é Roberta.

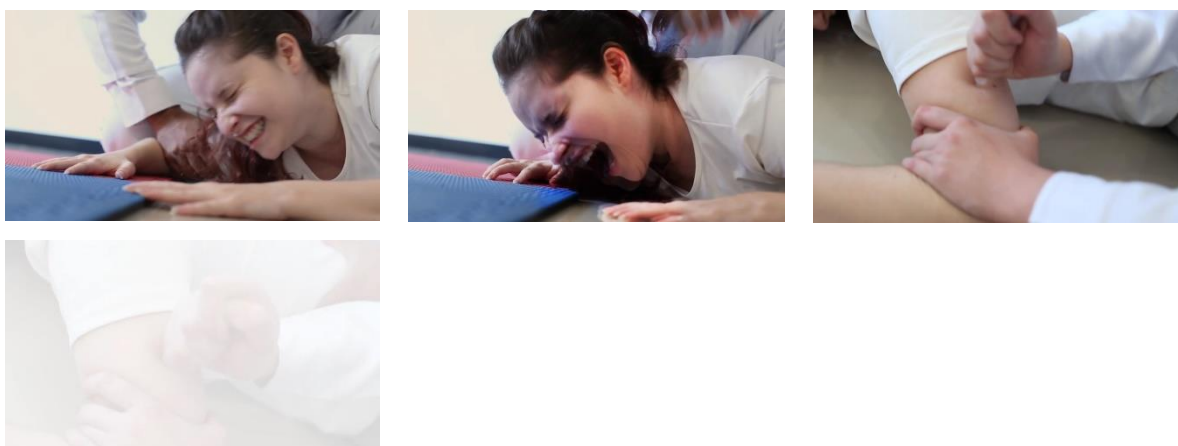
Figura 57 – Frames da Cena 07d – Desfecho



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Há um corte de cena e vemos a médica, já sem o jaleco, deitada de bruços no chão. Neste momento ela dá um grito, vemos que alguém está aplicando uma injeção em seu braço esquerdo. Há uma transição que clareia a tela toda até ficar completamente branca. Neste momento todos os sons do filme também desaparecem aos poucos.

Figura 58 – Frames da Cena 07e – Desfecho

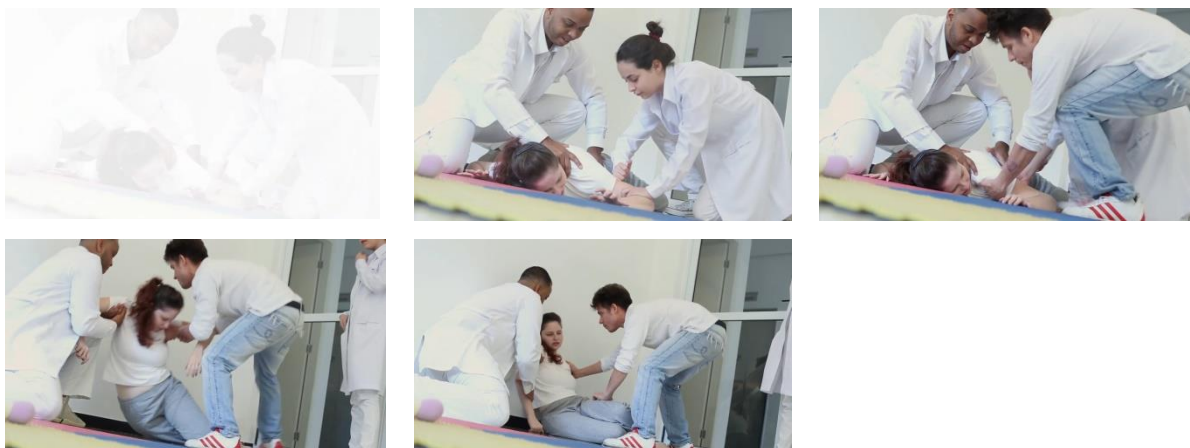


Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

A tela começa a mostrar novamente as imagens e a música suave volta a ser escutada. Vemos que quem aplicou a injeção na médica foi realmente Roberta. Marcos aparece segurando a médica ao chão, possivelmente para permitir que Roberta aplicasse a injeção. Podemos supor então que, ao ver a médica agitada, Marcos a segurou no chão para que Roberta aplicasse algum tipo de calmante. Roberta se afasta, Augusto ajuda marcos a colocar a médica sentada com as costas

na parede. Vemos melhor que a médica não veste mais jaleco, enquanto Roberta e Marcos sim.

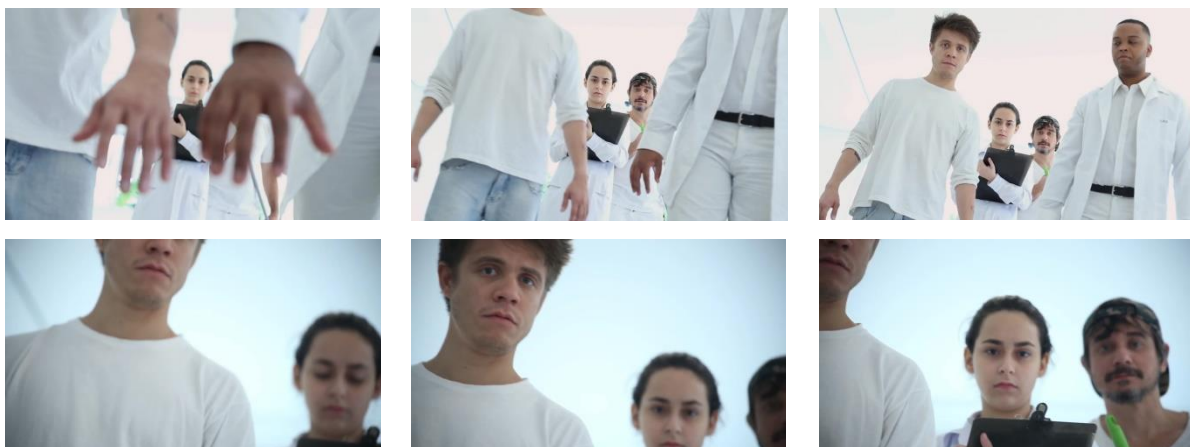
Figura 59 – Frames da Cena 07f – Desfecho



Fonte: *Frames* do filme Resquílios da Infância.

Após sentar a médica no chão, Augusto e Marcos se afastam dela. Desse ponto em diante temos a visão como se nós fossemos a médica. Vemos os dois que a ajudaram a se sentar se afastando e nos olhando. A câmera passa pelo rosto de cada personagem como se nós estivéssemos encarando cada um deles. Podemos ver Augusto sem a capa e a máscara de super-herói, Roberta de jaleco anotando algo em uma prancheta, Eduardo de boné, com estampa militar, segurando um cabo que parece ser de vassoura e Marcos também de jaleco.

Figura 60 – Frames da Cena 07g – Desfecho





Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Neste trecho a vestimenta dos personagens é o que caracteriza a troca de papéis, de pacientes eles passam a serem médicos e funcionários enquanto a médica passa a ser a verdadeira paciente do filme.

A cena do desfecho termina com o início dos créditos finais. Tem duração de quase 91 segundos (02:42:05 até 04:13:17) e possui quatro legendas, sendo três delas a médica falando e uma a médica gritando, que somam sete segundos de falas, aproximadamente. A cena possui 84 segundos nos quais podem ser inseridas descrições. O quadro a seguir mostra os elementos dessa cena que consideramos como os mais importantes.

Quadro 45 – Elementos importantes da cena do desfecho

Cena	Elementos mais importantes
Cena 07: Desfecho	Médica se afasta de Eduardo. Médica olha os prontuários. Médica fica agitada. Efeitos que indicam confusão mental. Pacientes se aproximam dela. Médica fica encurralada. Médica se agacha. Médica derruba as coisas que segurava. Alguém se aproxima com uma faca. Médica está deitada no chão. Roberta aplica a injeção na médica. Tela branca. Médica não está mais de jaleco. Marcos e Augusto a ajudam a sentar. Localização dos personagens no final da cena. Roberta está de jaleco. Marcos está de jaleco. Augusto não usa mais capa nem máscara. Descrição das roupas de Eduardo. Roberta faz anotações em sua prancheta. Descrição deles olhando para o espectador.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 46 mostra a descrição de cada participante para a cena.

Quadro 46 – Descrições dos participantes para a cena do desfecho

Participante	Descrição da cena
PR01	De costas, a médica caminha pela sala consultando sua prancheta.
	Um pouco <u>assutada</u> , a médica olha ao seu redor.
	Os pacientes começam a se agitar e caminhar em direção a médica
	Aterrorizada, a médica larga a prancheta.
	Ela se recolhe para o canto da sala enquanto é encurralada pelos pacientes.
	Em imagens duplicadas, a médica, chora, se contorce e se deita no chão.
	Eduardo e os outros se aproximam. A médica está acuada contra a parede.
	Com uma faca na mão, Roberta se aproxima da médica.
	A médica se contorce agora contra o chão enquanto aplicam uma dolorosa injeção no seu braço.
	A tela fica branca.
	A médica, agora sem jaleco, é segurada no chão por Roberta e Marcos. Augusto ajuda Marcos a sentá-la.
	Eles se afastam.
	Roberta veste um jaleco e carrega uma prancheta.
	Augusto está sem fantasia, Eduardo está com um boné e segura um cabo de vassoura
	Marcos veste um jaleco. Todos nos olham atentos.
PR02	A médica caminha pelo centro da sala, conferindo os prontuários.
	Ela levanta o olhar e balança a cabeça negativamente.
	Os pacientes se aproximam dela lentamente.
	As imagens da médica e dos pacientes se aproximando se sobrepõem. Ora vemos a aflição no rosto dela, ora vemos a ansiedade deles.
	A médica deixa cair a prancheta com os prontuários e sua caneta.
	As imagens se duplicam e se sobrepõem. A médica é encurralada no canto da sala.
	Ela se agacha, enquanto os pacientes chegam mais perto.
	Roberta se aproxima da médica com uma faca na mão.
	Eles deitam a médica de bruços no chão.
	Com uma seringa sem agulha, aplicam uma injeção no braço dela.
	A tela clareia até ficar totalmente branca.
	A médica está dopada no chão. Marcos segura o seu corpo e Roberta retira a seringa.
	Augusto se aproxima e ajuda Marcos a levantar a médica. Ela agora está sem o jaleco, usa apenas uma blusa branca e uma calça cinza.
	Eles a colocam sentada e escorada da parede.
	Sob o olhar atordoado da médica vemos Augusto sem a máscara e a capa, Roberta usando um jaleco e segurando uma prancheta, Eduardo usando um boné e segurando uma vassoura e Marcos também usando um jaleco.
Com um olhar triste e intrigante, os pacientes a observam. Eles parecem distantes de seus medos.	
PR03	A jovem de jaleco caminha pela sala.
	Ela consulta os prontuários dos pacientes.
	Close em seu rosto. Ela parece atordoada.
	Imagens desfocadas dos pacientes.
	Novamente, vê-se o rosto da jovem. Ela agora parece estar amedrontada.
	Ela derruba a prancheta.
	Os pacientes caminham na direção dela. As imagens estão desfocadas.
	Acuada em um canto da sala, ela põe as mãos no rosto.
	Agacha-se e se deita.
	Roberta caminha em sua direção, segurando uma faca.
	As imagens se sobrepõem rapidamente em meio ao desespero da jovem.
	Ela sofre deitada de bruços. Eles a seguram e aplicam uma injeção.

	Tela branca.
	Agora vê-se Marcos segurando a jovem, enquanto Roberta aplica a injeção.
	Roberta se levanta e se afasta. Augusto se aproxima e a ajuda a levantar.
	Ela usa camiseta branca e calça cinza. Augusto usa camisa branca e Marcos usa jaleco.
	Ao fundo, vê-se Roberta, também de jaleco e segurando uma prancheta.
	Atrás dela, está Eduardo, usando boné do exército e segurando uma vassoura.
	Os quatro observam a jovem ainda no chão.
PR04	A mulher de jaleco caminha devagar pela sala.
	Ao fundo, imagem desfocada da garota, Roberta, brincando.
	A mulher de repente começa a olhar o entorno e fica agitada.
	Ela olha nervosa para Marcos e Augusto.
	Confusa, ela fica com o olhar perdido.
	Larga a prancheta.
	Imagens difusas de Marcos, Augusto e Eduardo se fundem ao <u>sembrante</u> atordoado da mulher de jaleco.
	Imagens <u>sobrpostas</u> da mulher de jaleco transtornada.
	Foco na mão da garota Roberta, segurando uma faca.
	Ela passa pelos rapazes e se aproxima da mulher de jaleco que está agachada, acuada contra a parede.
	Uma seringa é injetada no braço da mulher que, agora, está sem jaleco.
	A tela fica branca.
	Do chão, vê-se Marcos e Roberta de jaleco segurando a mulher que parece estar desacordada.
	Roberta se afasta com a seringa enquanto Marcos e Augusto tentam erguer a mulher.
	Eles a colocam recostada na parede.
	Sérios e atentos, Augusto e Marcos fitam a mulher enquanto se afastam.
Ao fundo, Roberta a observa e faz anotações na prancheta.	
Ao seu lado, Eduardo <u>tabém</u> olha atento para a mulher.	
Imagem dos quatro fitando atentos na mesma direção.	
NV01	A médica continua olhando a prancheta enquanto vultos dos pacientes aparecem ao seu redor
	Ela os olha com medo
	Ela solta a prancheta e os vultos se aproximam
	Imagens duplicadas mostram ela colocando as mãos no rosto no canto da parede
	Roberta aparece segurando uma faca e andando em direção à médica
	Uma injeção é aplicada na médica
	Tela fica branca
	Os pacientes aparecem vestidos como funcionários do hospital
	Eles colocam a médica sentada no chão, mas agora ela está <u>ventida com</u> paciente
Os funcionários a encaram com pena	
NV02	Doutora Maria anda pela sala observando as fichas.
	Ela olha a sua volta e balança a cabeça em sinal negativo.
	Os pacientes se aproximam dela.
	Ela larga a prancheta e a caneta e coloca as mãos na cabeça.
	Balança os dedos em sinal de negativo.
	Com as mãos no rosto, se encosta na parede e desliza até sentar no chão.
	A imagem alterna em desordem mostrando a inquietação da doutora Maria.
	Com uma faca em punho, Roberta se aproxima de Maria.
	Deitada ao chão, Maria recebe uma injeção.
	Tela branca.
	Roberta retira a injeção de Maria.
	Marcos e Augusto a levantam e a sentam encostada na parede.
Agora, Maria usa roupa de paciente.	

	E Marcos e Roberta usam jaleco.
	De pé, todos a observam.
	Eduardo está ao lado de Roberta segurando uma vassoura.
	Roberta faz anotações em sua prancheta olhando para Maria.
NV03	A enfermeira se afasta.
	Os pacientes surgem como vultos, e ela olha ao redor.
	Assustada, ela tapa os ouvidos e derruba a prancheta.
	Ela e os pacientes aparecem duplicados.
	A enfermeira se agacha à parede, encurralada.
	Uma mão aparece segurando uma faca.
	A pessoa com a faca vai em direção à enfermeira.
	A enfermeira, deitada ao chão, recebe uma injeção no braço.
	A tela fica branca.
	Quando a enfermeira recobra a consciência, duas pessoas a levantam.
	Enquanto ela usa roupas desleixadas, os pacientes estão agora em roupas de enfermeiros.
	Os enfermeiros a olham.
NV04	A doutora volta a caminhar lentamente pela sala, enquanto olha os papéis presos na prancheta.
	Ela começa a ouvir vozes e ter alucinações.
	As pessoas que estão na sala se movimentam e começam a persegui-la.
	Desesperada, ela deixa a prancheta cair.
	A visão dela vai ficando turva.
	Encostada na parede, ela procura se defender das pessoas que tentam se aproximar dela.
	Aflita, ela leva as mãos ao rosto. Enquanto isso, Roberta se aproxima com uma faca em punhos.
	A doutora se contorce e Roberta aplica uma injeção de calmante na doutora.
	A imagem vai ficando <u>embassada</u> até surgir uma tela branca.
	A imagem retorna e mostra dois enfermeiros segurando a mulher.
	Outro rapaz chega e ajuda a colocá-la encostada na parede.
	Vagarosamente, as pessoas se afastam e ficam todos de pé, olhando atentamente as reações da paciente.
	A câmera foca e vai percorrendo pelos rostos de cada uma dessas pessoas: Augusto, Roberta, Eduardo e Marcos.
	Eles continuam olhando-a atentamente, enquanto Roberta anota algo em sua prancheta.

Fonte: Elaborado pela autora.

PR01 inicia a cena descrevendo a médica caminhando pela sala consultando a prancheta. PR02 diz que ela caminha pelo centro da sala e que confere os prontuários. PR03 também diz que ela caminha pela sala e consulta os prontuários. PR04 diz que ela caminha pela sala devagar e não comenta que ela olha para a prancheta, e sim que Roberta está ao fundo brincando. NV01 ao contrário fala que ela olha para a prancheta enquanto os vultos dos pacientes aparecem ao redor dela. NV02 descreve que ela anda pela sala observando as fichas. NV03 diz apenas que ela se afasta de Eduardo. NV04 descreve que ela caminha lentamente pela sala olhando os papeis na prancheta.

PR01 cria uma progressão da agitação da médica, indo de “um pouco assustada” para “aterrorizada”. PR03 também cria essa progressão com as palavras

“atordoada”, “amedrontada” e “desesperada”. PR04 descreve que ela fica agitada, olha nervosa, fica com o olhar perdido, fica com o semblante atordoado e por fim fica transtornada.

PR02 descreve que a médica levanta o olhar e balança a cabeça negativamente e em seguida está aflita. NV02 descreve que ela “balança a cabeça em sinal negativo”, “Balança os dedos em sinal de negativo” e que ela está inquieta. NV01 só diz que ela olha para os pacientes com medo. NV03 descreve que ela está assustada e NV04 como tendo alucinações e desesperada.

PR01 e PR02 descrevem a agitação dos pacientes também. PR03 diz apenas que as imagens estão desfocadas e que eles caminham na direção da médica. PR04 diz apenas que a médica olha para Marcos e Augusto. NV01 e NV02 dizem que os pacientes se aproximam dela. NV03 não menciona que os pacientes se aproximam dela, mas diz que eles aparecem em imagens duplicadas como vultos. NV04 descreve que “As pessoas que estão na sala se movimentam e começam a persegui-la.”, dando uma falsa impressão de que a médica está correndo e as pessoas na sala correndo atrás dela.

A médica derruba ou larga ou solta ou deixa cair a prancheta nos roteiros de PR01, PR03, PR04, NV01, NV03 e NV04. NV02 descreve que ela larga a prancheta e a caneta. PR02 diz que deixa cair a prancheta, os prontuários e sua caneta.

A descrição da médica sendo encurralada de PR01 é “Ela se recolhe para o canto da sala enquanto é encurralada pelos pacientes.”, “Em imagens duplicadas, a médica, chora, se contorce e se deita no chão.” e “Eduardo e os outros se aproximam. A médica está acuada contra a parede.”. PR02 é “Os pacientes se aproximam dela lentamente.”, “As imagens da médica e dos pacientes se aproximando se sobrepõem. Ora vemos a aflição no rosto dela, ora vemos a ansiedade deles.”, “As imagens se duplicam e se sobrepõem. A médica é encurralada no canto da sala.” e “Ela se agacha, enquanto os pacientes chegam mais perto.”. PR03 “Os pacientes caminham na direção dela. As imagens estão desfocadas.”, “Acuada em um canto da sala, ela põe as mãos no rosto.”, “Agacha-se e se deita.” e “As imagens se sobrepõem rapidamente em meio ao desespero da jovem.”. PR04 “Ela passa pelos rapazes e se aproxima da mulher de jaleco que está agachada, acuada contra a parede.”. De NV01 é “A médica continua olhando a prancheta enquanto vultos dos pacientes aparecem ao seu redor”, “Ela solta a prancheta e os vultos se aproximam” e “Imagens duplicadas mostram ela colocando as mãos no rosto no canto da parede”, NV02 “Com as mãos no rosto, se encosta na parede e desliza até sentar no chão.”. NV03 “A enfermeira se agacha à parede,

encurralada.”. NV04 “Encostada na parede, ela procura se defender das pessoas que tentam se aproximar dela.”.

Os efeitos que transmitem a ideia de confusão mental da médica é descrito por PR01 como “Em imagens duplicadas”. PR02 “As imagens se duplicam e se sobrepõem.”, PR03 “As imagens se sobrepõem rapidamente”, PR04 “Imagens difusas de Marcos, Augusto e Eduardo se fundem ao sembrante atordoado da mulher de jaleco.”, “ Imagens sobrpostas da mulher de jaleco transtornada.”, NV01 “Imagens duplicadas mostram ela colocando as mãos no rosto no canto da parede” e o fato da médica ver vultos dos pacientes. NV02 descreve “A imagem alterna em desordem mostrando a inquietação da doutora Maria.”. NV03 “Ela e os pacientes aparecem duplicados.”. NV04 “A visão dela vai ficando turva.”.

PR01, PR02, PR03, PR04, NV01, NV02 e NV04 dizem que Roberta se aproxima da médica com a faca. NV03 diz que alguém se aproxima dela com a faca e mesmo depois que fica claro que é essa pessoa NV03 não a identifica.

PR02 e PR03 descrevem que a médica está deitada de bruços no chão quando vai receber a injeção. NV02 e NV03 dizem que ela está deitada no chão.

PR01 descreve a injeção que Roberta aplica na médica como sendo dolorosa. NV04 afirma que é uma injeção de calmante. PR02 também fala que é Roberta quem dá a injeção, mas descreve o fato da seringa não possuir agulha. Em seu relato, quando perguntada se ela achava que a proposta do filme era realmente mostrar uma seringa sem agulha, ela respondeu:

PR02: Eu achei que é porque de fato aquilo ali era uma viagem dela. É como se os medos dela estivessem sendo refletidos neles. E pra mim aquilo foi uma alucinação... Pra mim, o que foi chave ali foi aquela sequencia. Como é que ela não é médica, e aquilo ali eles estão trazendo ela de volta pra uma realidade, eles aplicam uma seringa que não tem agulha. Pra mim, foi um elemento chave. Foi essa seringa. Quando eu vi... Ah.... Não, isso aqui é alucinação mesmo.

A transição de cena é descrita como “A tela fica branca.” por PR01, PR04 e NV03, “A tela clareia até ficar totalmente branca.” por PR02 e NV02, “Tela branca.” por PR03, “Tela fica branca” por NV01. NV04 “A imagem vai ficando embassada até surgir uma tela branca.”.

NV03 em seguida diz que “Quando a enfermeira recobra a consciência, duas pessoas a levantam.”, o que leva o expectador a perceber claramente que a tela branca foi a médica perdendo a consciência por causa da injeção. Porém, da mesma forma como não disse quem se aproximava com a faca, também não diz quem são essas pessoas que levantam a médica.

PR01, PR02 descrevem que a médica não está mais de jaleco após levar a injeção. PR02 diz ainda que ela está dopada e que veste blusa branca e calça cinza. PR03 não diz que ela não está mais de jaleco, mas diz que ela veste camiseta branca e calça cinza. PR04 diz que no momento em que ela recebe a injeção ela já está sem jaleco. NV01 e NV02 dizem que após a injeção ela está vestida como paciente. NV03 diz que ela usa roupas desleixadas.

PR01, PR04 e NV02 dizem quem são as pessoas que seguram a médica no chão e a ajudam a se sentar. PR02 e PR03 dizem que eles a levantam. NV03 diz apenas que duas pessoas levantam ela. NV04 diz que dois enfermeiros seguram ela e um outro rapaz ajuda a colocá-la encostada na parede. Em seguida descreve que o foco da câmera passa pelos rostos de Roberta, Marcos, Eduardo e Augusto, mas não há uma ligação com a cena das pessoas segurando ela no chão e ajudando-a se encostar na parede.

PR04 descreve que, após a injeção, a médica está desacordada e passa essa sensação até o final do filme.

Com relação à localização dos personagens após a aplicação da injeção PR01 diz apenas que Marcos e Augusto se afastam da médica. PR03 localiza Roberta, que está ao fundo da imagem, e Eduardo, que está atrás dela. PR04 descreve que Roberta se afasta após aplicar a injeção e Marcos e Augusto se afastam após recostá-la na parede. Em seguida, descreve que Roberta está ao fundo e Eduardo ao seu lado. NV02 descreve que todos estão de pé observando a médica e localiza apenas Eduardo ao lado de Roberta. NV04 descreve que as pessoas se afastam e ficam de pé olhando para a médica.

PR01 e NV02 descrevem que Roberta está de jaleco e com uma prancheta. PR02 e PR03 dizem a mesma coisa, porém Roberta segura a prancheta. PR04 diz apenas que Roberta faz anotações na prancheta.

PR01 descreve que Augusto está sem a fantasia. PR02 Augusto está sem a máscara e a capa. PR03 diz que Augusto usa camisa branca, mas não fala que ele está sem a capa e a máscara que havia descrito na cena de Augusto. PR04 e NV02 não descrevem Augusto no final do filme.

PR01 descreve que Eduardo está de boné e segurando um cabo de vassoura. PR02 diz que Eduardo usa boné e segura uma vassoura. PR03 Eduardo usa boné do exército e segura uma vassoura. NV02 descreve que Eduardo está segurando uma vassoura. PR04 não descreve Eduardo no final do filme.

PR01, PR02, PR03, PR04 e NV02 descrevem que Marcos está de jaleco. NV01 diz que “Os pacientes aparecem vestidos como funcionários do hospital” e NV03 “os pacientes estão agora em roupas de enfermeiros.”. NV04 fala em enfermeiros e em outro rapaz, em seguida fala de pessoas que se afastam da médica e em seguida que a câmera percorre os rostos dessas pessoas que são Augusto, Roberta, Eduardo e Marcos. Mas ficamos na dúvida se, da forma como está descrito, as pessoas entendem que os enfermeiros são Marcos e Roberta.

PR04, NV02 e NV04 descrevem que Roberta faz anotações em sua prancheta. A descrição de que os pacientes olham para nós como se nós fossemos a médica é descrita por PR01 como “Todos nos olham atentos.”. PR02 descreve isto nos colocando no lugar da médica “Sob o olhar atordoado da médica vemos Augusto sem a máscara e a capa, Roberta usando um jaleco e segurando uma prancheta, Eduardo usando um boné e segurando uma vassoura e Marcos também usando um jaleco.”. PR03 não passa essa ideia em seu roteiro com a descrição “Os quatro observam a jovem ainda no chão.”, nem PR04 com “Imagem dos quatro fitando atentos na mesma direção.”, nem NV01 descrevendo “Os funcionários a encaram com pena”, nem NV02 com as descrições “De pé, todos a observam.” e “Roberta faz anotações em sua prancheta olhando para Maria.”, nem NV03 com “Os enfermeiros a olham.”, nem NV04 descrevendo que “Vagarosamente, as pessoas se afastam e ficam todos de pé, olhando atentamente as reações da paciente.”, “A câmera foca e vai percorrendo pelos rostos de cada uma dessas pessoas: Augusto, Roberta, Eduardo e Marcos.” e “Eles continuam olhando-a atentamente, enquanto Roberta anota algo em sua prancheta.”.

O quadro a seguir mostra quais elementos que consideramos importantes no filme foram descritos pelos participantes.

Quadro 47 – Elementos contemplados pelos participantes na cena do desfecho

Elementos mais importantes da Cena 07	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Médica se afasta de Eduardo.	○	○	○	○	×	○	○	○
Médica olha os prontuários.	○	○	○	×	○	○	×	○
Médica fica agitada.	○	○	○	○	○	○	○	○
Efeitos que indicam confusão mental.	○	○	○	○	○	○	○	○
Pacientes se aproximam dela.	○	○	○	×	○	○	×	○
Médica fica encurralada.	○	○	○	○	○	○	○	○
Médica se agacha.	×	○	○	○	×	×	○	×

Médica derruba as coisas que segurava.	○	○	○	○	○	○	○	○
Alguém se aproxima com uma faca.	○	○	○	○	○	○	○	○
Médica está deitada no chão.	○	○	○	×	×	○	○	×
Roberta aplica a injeção na médica.	○	○	○	○	○	○	○	○
Tela branca.	○	○	○	○	○	○	○	○
Médica não está mais de jaleco.	○	○	×	○	○	○	○	×
Marcos e Augusto a ajudam a sentar.	○	○	○	○	×	○	×	×
Localização dos personagens no final da cena.	○	×	○	○	×	○	×	○
Roberta está de jaleco.	○	○	○	×	×	○	×	×
Marcos está de jaleco.	○	○	○	×	×	○	×	×
Augusto não usa mais capa nem máscara.	○	○	×	×	×	×	×	×
Descrição de Eduardo.	○	○	○	×	×	○	×	×
Roberta faz anotações em sua prancheta.	×	×	×	○	×	○	×	○
Descrição deles olhando para o espectador.	○	○	×	×	×	×	×	×

Fonte: Elaborado pela autora.

PR02 faz uma descrição subjetiva quando descreve ao final que os pacientes parecem distantes de seus medos. PR04 descreve que no começo dessa cena Roberta está ao fundo brincando. Elementos que não consideramos como os mais importantes para a cena.

CENA 08: CRÉDITOS FINAIS

Os créditos finais do filme apresentam outros desenhos infantis, alguns mais relacionados com a narrativa do filme do que outros, e os nomes e funções técnicas de quem participou da elaboração do filme. Todos os desenhos aparecem sobre uma superfície branca, ao lado de um tabuleiro e de peças de xadrez. As folhas com os desenhos vão sendo colocadas umas sobre as outras. Há uma música lenta durante toda essa cena.

No primeiro desenho, temos uma figura feminina de cabelo cor de rosa e roupa branca que, como explicado durante a análise dos créditos iniciais, identificamos como sendo a personagem da médica. Na frente dela, há uma figura masculina com roupa verde que parece correr dela e outra com roupa azul sentada

no chão ao lado dela. Os créditos que aparecem nesse momento são para o roteirista, Wellington Rilo, e os diretores, Arthur Stefan e Jorge Arbage.

No *frame* seguinte, temos um desenho de uma figura feminina segurando em uma das mãos o que parece ser uma xícara que está derramando um líquido cor de rosa. A figura está de pé, de costas, segurando a mão de uma figura feminina menor e cor de rosa. Há outra figura pequena e cor de rosa deitada mais à direita do desenho. Na cena na qual a médica interage com a paciente Roberta, esta está brincando com duas bonecas de cor lilás. Uma está sentada em uma cadeira de brinquedo e a outra está nas mãos de Roberta, que brinca de amarrar o cabelo da boneca. O desenho aqui apresentado parece remeter a essa cena, porém, Roberta estaria brincando de tomar chá com as bonecas. Os créditos falam da direção de produção, Camila Batalha, e da assistência de produção, Cláudio Nunes.

Figura 61 – Frames da Cena 08a – Créditos finais

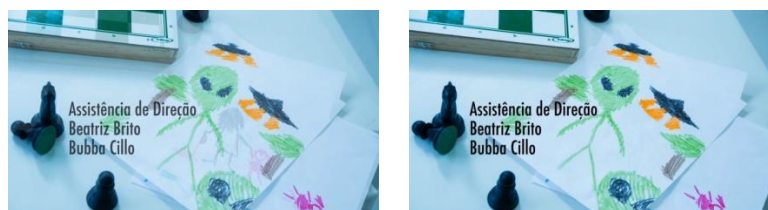


Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

As imagens nos desenhos não conversam de forma muito clara com o filme. Nesse momento, a leitura dos créditos parece ser mais importante. O que pode ser feito antes é indicar que os créditos aparecem sobre desenhos infantis.

Os *frames* seguintes mostram um desenho de ETs, árvores e naves espaciais. Ele conversa claramente com o medo que o personagem Marcos tem de ser abduzido. Os créditos que aparecem se referem à assistência de direção, Beatriz Brito e Bubba Cillo.

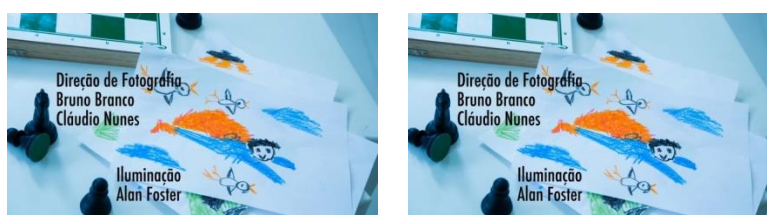
Figura 62 – Frames da Cena 08b – Créditos finais



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Nesse momento, tanto a descrição dos desenhos como a leitura dos créditos parecem ser importantes, cabendo aqui uma decisão pessoal por parte do audiodescritor. Os *frames* seguintes mostram os créditos da direção de fotografia, Bruno Branco e Cláudio Nunes, e do responsável pela iluminação, Alan Foster. O desenho mostrado é de uma figura masculina, com roupa azul e uma capa laranja que voa entre nuvens e pássaros. Ele remete ao personagem de Augusto, que “voa” pela sala onde ocorre o filme.

Figura 63 – Frames da Cena 08c – Créditos finais



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Novamente, tanto a imagem como os créditos parecem ter igual importância para o filme. O desenho seguinte mostra uma figura masculina com roupa verde e bota preta, que remete ao uniforme militar, segurando uma metralhadora que dispara. Próximo a ele, há um personagem caído e aparentemente ensanguentado, uma fogueira e um tanque de guerra. O desenho remete ao personagem Eduardo, que pensa ser do exército. Os créditos que aparecem são da operação de câmera e áudio, Edu Leporo e Wellington Rilo, e da assistência de fotografia, Bruno Branco.

Figura 64 – Frames da Cena 08d – Créditos finais



Fonte: *Frames* do filme Resquícios da Infância.

Do mesmo modo, tanto imagem como créditos podem ser escolhidos para serem audiodescritos. As imagens seguintes mostram dois desenhos que apareceram nos créditos iniciais, a figura feminina cercada pelos monstros e um

desenho que apenas um pedaço pode ser visto nos créditos iniciais. Nele, podemos ver melhor a figura feminina de roupa branca e cabelo cor de rosa. A roupa dela parece ser um jaleco, o nome Maria aparece em cima dela e o nome Natasha aparece embaixo, e quase na frente dela há um personagem atrás de uma câmera, como se fosse o diretor durante a gravação do curta. Esse foi o primeiro indício percebido pela presente pesquisadora de que o nome da médica era Maria. Personagem interpretado por Natacha e não Natasha, mas como será visto em breve os nomes nos desenhos não são todos escritos corretamente. Os créditos presentes tratam da produção de elenco, Agenor Feitoza de Lima e Claudio Nunes Filho, e da produção de locação, Camila Batalha.

Figura 65 – Frames da Cena 08e – Créditos finais



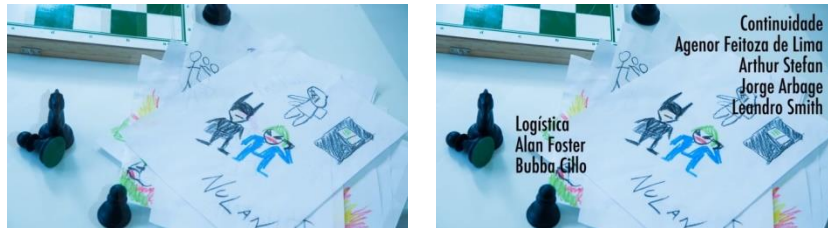
Fonte: *Frames* do filme *Resquícios da Infância*.

Nesse momento, acreditamos que o mais importante seria a descrição do desenho da médica, pois é basicamente o único momento no qual ele aparece. Porém, isso também depende de uma escolha do audiodescritor. Esse pode escolher em vez de chamar de médica a personagem durante todo o filme, chamá-la de Maria ou Dra. Maria.

Os próximos dois desenhos remetem a filmes que foram imediatamente identificados pela presente pesquisadora, são eles *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (2008) e *Kill Bill* (2003). No primeiro desenho, temos um personagem com fantasia preta, que pode ser identificado facilmente como sendo Batman, e outro com roupa azul e branca, cabelo verde e a boca bastante marcada de vermelho, o Curinga. Acima há outro personagem que parece estar morto e uma porta que parece estar aberta. O nome abaixo dos personagens, Nulan, remete ao nome do diretor da trilogia dos filmes do *Batman* (2005, 2018, 2012) Christopher Nolan. Assim como o nome Natacha, que aparece escrito errado, isso pode ser outra referência à infância, a escrita e/ou fala errada de certas palavras. Os créditos que acompanham essa

imagem tratam da continuidade, Agenor Feitoza de Lima, Arthur Stefan, Jorge Arbage e Leandro Smith, e da logística, Alan Foster e Bubba Cillo.

Figura 66 – Frames da Cena 08f – Créditos finais

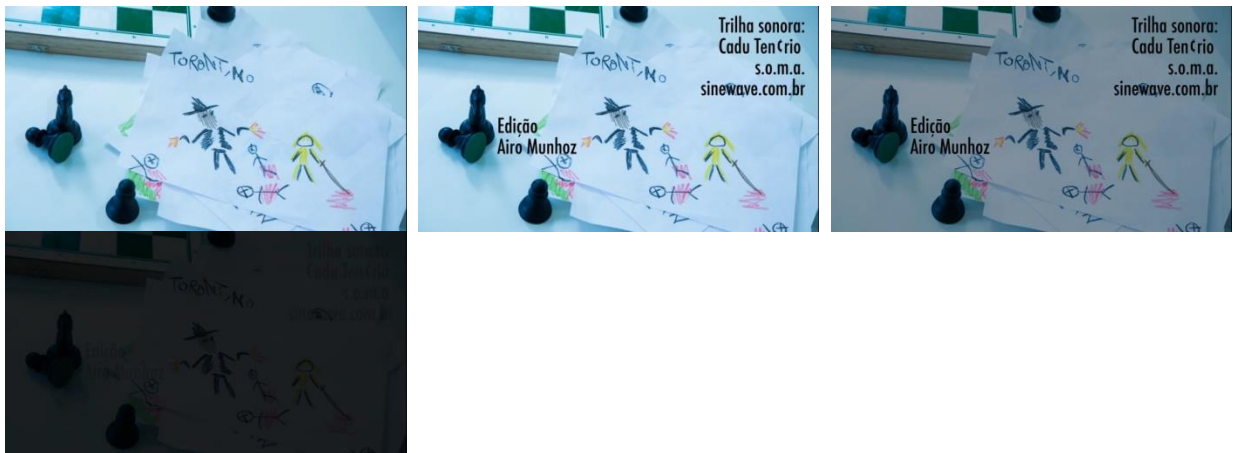


Fonte: Frames do filme Resquícios da Infância.

Apesar da imagem representar heróis que poderiam estar relacionados ao *Superman* de Augusto, ambos publicados em quadrinho pela *DC Comics*, a descrição desse desenho tem mais um caráter de divertimento, perceber a ligação entre os personagens da *DC Comics*, e entre filme e nome do diretor.

O desenho seguinte também teria sua descrição baseada nesse divertimento. A imagem mostra uma figura masculina com roupa e chapéu pretos e com uma arma em cada mão atirando. Ao lado dele há uma figura feminina com roupa e cabelos amarelos segurando uma espada ensanguentada. Em volta deles, há quatro personagens ensanguentados, que parecem mortos. O nome no canto superior esquerdo, *Torantino*, elimina qualquer dúvida que ainda pudesse existir em relação à encenação do filme *Kill Bill* (2003) de Quentin Tarantino.

Figura 67 – Frames da Cena 08g – Créditos finais



Fonte: Frames do filme Resquícios da Infância.

Nessa cena, o audiodescritor terá que assumir uma entre três posturas: descrever alguns créditos e desenhos e outros não; ou decidir por audiodescrever apenas os desenhos, mesmo alguns não se relacionando tanto com o filme; ou apenas os créditos, o que acreditamos ser impossível porque são muitos e o tempo da cena, apenas 27 segundos, não (04:13:18 até 04:40:14) permitiria.

Por acreditar nisso, e que alguns desenhos merecem e outros não serem audiodescritos, nossa posição é de descrever alguns desenhos e falar alguns créditos. Após a análise dos *frames* da cena, percebemos que as figuras do primeiro desenho dessa cena parecem mostrar figuras com medo da médica, o que não acontece no filme, já que, quando a médica age como médica, ela trata os pacientes com carinho, e que quando ela se torna a paciente, os outros personagens agem com cuidado e parecendo sentir pena dela. Mesmo no momento em que ela se agita e todos a cercam, eles estão mais preocupados com que ela não se machuque.

Da mesma forma, o tabuleiro e peças de xadrez e o desenho seguinte, mostrando o que parece ser a personagem de Roberta brincando de tomar chá com as bonecas, não têm uma ligação muito forte com o filme. Nesse momento, acreditamos que apenas mencionar a presença dos desenhos e ler os créditos seja mais importante para o roteiro de AD do que descrever os desenhos.

Os desenhos mostrando o *Superman* e o exército, apesar de conversarem com os personagens do filme, talvez não fossem tão importantes quanto a leitura dos créditos. Os desenhos que fazem referência aos outros filmes seriam interessantes de serem audiodescritos, mas por conta do tempo talvez fosse impossível descrever de forma a levar a PcDV a fazer as inferências que a imagem gera. A descrição, para isso, teria que ser um pouco longa.

O único desenho realmente relevante de ser audiodescrito seria o que mostra a médica e seu nome, Maria, pois, dependendo da audiodescrição no decorrer do filme, essa será a única forma das PcDVs saberem o nome da médica.

Quadro 48 – Elementos importantes da cena dos créditos finais

Cena	Elementos mais importantes
Cena 08: Créditos finais	Primeiros créditos. Desenho que mostra a médica e seu nome, Maria. Desenhos que remetem a cenas do filme. (Superman e o exército) Menção aos desenhos. O tabuleiro de xadrez. As peças de xadrez. Desenhos que fazem referência a outros filmes.

	Créditos do roteiro de AD.
--	----------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, temos as descrições dos participantes para a cena dos créditos finais.

Quadro 49 – Descrições dos participantes para a cena dos créditos finais

Participante	Descrição da cena
PR01	Créditos finais selecionados sobrepostos nos desenhos infantis:
	Direção Arthur Stefan Jorge Arbage
	Roteiro: Wellington Rilo Direção de produção: Camila Batalha
	Direção de fotografia: Bruno Branco Cláudio Nunes
	Elenco: Natacha Reis Giulia Britto
	Bruno Pinheiro, Rogério Ribeiro Márcio Marchetti
	Audiodescrição: <nome da participante>
PR02	Créditos finais Direção: Artur Stefan e Jorge Arbage.
	Roteiro: Wellington Rilo.
	Os créditos finais aparecem sobre as imagens de alguns desenhos e de um tabuleiro de xadrez e algumas peças.
	Direção de Fotografia: Bruno Branco e Cláudio Nunes. Iluminação: Alan Foster.
	Audiodescrição: <nome da participante>.
PR03	Créditos finais. Direção: Arthur Stefan e Jorge Arbage
	Roteiro: Wellington Rilo.
	Direção de Produção: Camila Batalha.
	Direção de Fotografia: Bruno Branco e Cláudio Nunes.
	Direção de Arte: Leandro Smith.
	Produção de elenco: Agenor Feitoza e Cláudio Nunes.
	Roteiro de audiodescrição: <nome do participante>.
PR04	Detalhe de peças de um tabuleiro de xadrez ao lado de um desenho feito a mão.
	Créditos finais.
	As imagens retratadas no desenho feito a mão se alternam:
	o superman voando ao lado de passarinhos,
	uma garotinha de cabelo rosa rodeada por monstros,
	a garotinha de cabelo rosa diante de uma câmera...
	e outros desenhos são empilhados uns sobre os outros ao lado do tabuleiro.
NV01	Roteiro Wellington Rilo
	Direção de Produção Camila Batalha
	Assistência de Direção Beatriz Brito Bubba Cillo
	Direção de Fotografia Bruno Branco Cláudio Nunes
	Operação de Câmera e Áudio Edu Leporo Wellington Rilo
	Direção de Arte Leandro Smith
	Produção de Locação Camila Batalha
	Roteiro de AD <nome da participante>
NV02	Roteiro de Wellington Rilo e Direção de Arthur Stefan e Jorge Arbage.
	Direção de produção: Camila Batalha.
	Assistência de produção: Cláudio Nunes.
	Assistência de direção: Beatriz Brito e Bubba Cillo.
	Direção de fotografia: Bruno Branco e Cláudio Nunes. Iluminação: Alan Foster.
	Operação de câmera e áudio: Edu Leporo e Wellington Rilo.
NV03	Créditos finais, em meio a um tabuleiro de xadrez e desenhos.
NV04	Créditos do filme. Roteiro: Wellington Rilo. Direção: Arthur Stefan e Jorge Arbage.

	Direção de Produção: Camila Batalha. Assistência de Produção: Cláudio Nunes.
	Assistência de direção: Beatriz Brito e Bubba Cillo.

Fonte: Elaborado pela autora.

PR01, PR02, PR03, PR04, NV03 e NV04 avisam em seus roteiros que os créditos finais começaram. PR01 diz que os créditos estão sobrepostos nos desenhos infantis. PR 02 diz que “Os créditos finais aparecem sobre as imagens de alguns desenhos e de um tabuleiro de xadrez e algumas peças.”.

PR01 descreve o crédito da direção, roteiro e direção de fotografia. Além destes, PR02 descreve o crédito da Iluminação. Além dos mesmos créditos que PR01, PR03 descreve direção de produção, direção de arte e produção de elenco. NV01 descreve os créditos de roteiro, direção de produção, assistência de direção, direção de fotografia, operação de câmera, direção de arte e produção de locação. É a que mais descreveu créditos, mas não descreveu o crédito de direção nem em momento algum fala dos outros elementos da cena.

NV02 descreve os créditos de roteiro, direção, direção de produção, assistência de produção, assistência de direção, direção de fotografia, operação de câmera e áudio. NV04 descreve os créditos de roteiro, direção, direção de produção, assistência de produção e assistência de direção.

PR04 decidiu não descrever nenhum dos créditos finais em seu roteiro. Porém, foi a que descreveu mais desenhos desta cena: “o superman voando ao lado de passarinhos,” , “uma garotinha de cabelo rosa rodeada por monstros,” e “a garotinha de cabelo rosa diante de uma câmera...”. Além de falar que: “Detalhe de peças de um tabuleiro de xadrez ao lado de um desenho feito a mão.”, “As imagens retratadas no desenho feito a mão se alternam:” e “e outros desenhos são empilhados uns sobre os outros ao lado do tabuleiro.”.

NV03 também não descreve nenhum crédito e diz apenas “Créditos finais, em meio a um tabuleiro de xadrez e desenhos.”. PR01 decidiu descrever durante esta cena os créditos do elenco, que apareceram no início do filme. PR01, PR02, PR03 e NV01 colocam seus nomes nos créditos como as pessoas que produziram os roteiros de audiodescrição. O quadro 50 mostra que elementos foram contemplados em cada roteiro.

Quadro 50 – Elementos contemplados pelos participantes na cena créditos finais

Elementos mais importantes da Cena 08	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Primeiros créditos.	○	○	○	×	○	○	×	○
Desenho que mostra a médica e seu nome, Maria.	×	×	×	×	×	×	×	×
Desenhos que remetem a cenas do filme. (Superman e o exército)	×	×	×	○	×	×	×	×
Menção aos desenhos.	○	○	×	○	×	×	○	×
O tabuleiro de xadrez.	×	○	×	○	×	○	×	×
As peças de xadrez.	×	○	×	○	×	×	×	×
Desenhos que fazem referência a outros filmes.	×	×	×	×	×	×	×	×
Créditos do roteiro de AD.	○	○	○	×	○	×	×	×

Fonte: Elaborado pela autora.

Nenhum dos participantes descreveu o desenho no qual está o nome da Dra. Maria. Na verdade, apenas o participante NV02 utiliza o nome dela em seu roteiro. Nenhum dos desenhos que fazem referências a outros filmes foi sequer mencionado.

Apenas PR04 descreve os desenhos que têm relação com o filme, do *superman* e do exército. As peças de xadrez só são mencionadas nos roteiros de PR02 e PR04. Além desses dois, somente NV02 menciona o tabuleiro de xadrez. PR03, NV01, NV02 e NV04 sequer mencionam que há desenhos durante os créditos finais. A maioria dos profissionais e apenas um novato colocaram seus nomes nos créditos finais como elaborados da audiodescrição. O elementos mais presente nos roteiros foram os primeiros créditos. Mesmo assim, PR04 e NV03 mencionam apenas “créditos finais”.

CENA 09: AVISO

A última cena do filme mostra um aviso sobre direitos autorais. A tela está preta e, aos poucos, vai aparecendo a logo do Latin American Film Institute centralizado na parte superior e o seguinte texto abaixo, também centralizado:

Este curta-metragem é um trabalho de conclusão de curso dos alunos do Latin American Film Institute. Possui finalidade didática e não pode ser vendido, exibido, reproduzido ou distribuído com finalidade comercial sem autorização expressa dos produtores encarregados. Os nomes e personagens contidos neste filme são fictícios e qualquer semelhança será mera coincidência. As imagens e sons contidas neste vídeo não refletem

necessariamente as opiniões do Latin American Film Institute e são de inteira responsabilidade dos produtores do vídeo. Copyright 2015 c Latin American Film Institute todos os direitos reservados.

Figura 68 – Frames da Cena 09 - Aviso



Fonte: *Frames* do filme Resquícos da Infância.

O texto é longo e, mesmo não descrevendo novamente a logo do instituto que devia ter sido descrita no início do filme, é impossível lê-lo todo na audiodescrição, pois essa cena dura apenas 5 segundos (04:40:15 até 04:45:09). O ideal é resumir a informação contida no texto que basicamente adverte sobre as regras de utilização da obra. Não há fundo sonoro durante esta cena. A seguir o quadro com o resumo dos elementos que achamos importantes nessa cena e em seguida apresentamos a descrição de cada participantes para a mesma.

Quadro 51 – Elementos importantes da cena do aviso

Cena	Elementos mais importantes
Cena 09: Aviso	Resumir a informação contida no texto sobre as regras de utilização da obra. Logo do instituto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 52 – Descrições dos participantes para a cena do aviso

Participante	Descrição da cena
PR01	Este curta-metragem é um trabalho de conclusão de curso dos alunos do Latin Film Institute.
PR02	Este curta-metragem possui finalidade didática e não pode ser vendido, exibido, reproduzido ou distribuído com finalidade comercial.
PR03	Fim.
PR04	A tela escurece.
NV01	Locução de AD xx

NV02	-
NV03	-
NV04	Tela escurece. Surge o nome da produtora: Latin American <u>Filme</u> Institute.

Fonte: Elaborado pela autora.

Apenas os participantes PR01 e PR02 resumem as informações do aviso sobre direitos autorais do filme. NV04 fala apenas da produtora. PR03 explicita que o filme terminou. PR04 faz o mesmo, porém descrevendo que a tela escurece. NV01 aproveita a cena para colocar o crédito de quem irá gravar a audiodescrição. NV02 e NV03 decidiram não descrever nada neste momento. O quadro a seguir mostra quais participantes descreveram os elementos dessa cena.

Quadro 53 – Elementos contemplados pelos participantes na cena do aviso

Elementos mais importantes da Cena 09	PR01	PR02	PR03	PR04	NV01	NV02	NV03	NV04
Resumir a informação contida no texto sobre as regras de utilização da obra.	○	○	×	×	×	×	×	×
Logo do instituto.	×	×	×	×	×	×	×	○

Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos participantes nem menciona a logo da produtora no final do filme, nem menciona o aviso de direitos autorais.

APÊNDICE F – Legenda para surdos e ensurdecidos do filme resquícios da infância

Num	Tempo de entrada e saída	Som e diálogos
1	00:00:01,038→00:00:05,052	[Música instrumental]
2	00:00:08,519→00:00:11,545	[Música suave]
3	00:00:45,843→00:00:48,251	<i>[Dra. Maria] Roberta. 22 anos.</i>
4	00:00:49,186→00:00:51,341	<i>Ela fica o dia inteiro nessa cadeira</i>
5	00:00:51,442→00:00:53,304	<i>brincando com suas bonecas.</i>
6	00:00:54,733→00:00:57,018	<i>Quando criança o padrasto abusava dela</i>
7	00:00:57,119→00:00:58,395	<i>enquanto ela brincava.</i>
8	00:00:59,087→00:01:00,118	<i>Hum!</i>
9	00:01:00,689→00:01:02,266	<i>Ela nunca mais se recuperou.</i>
10	00:01:02,907→00:01:05,376	[Roberta] Você é essa. [Dra. Maria] Ah! Eu sou essa?
11	00:01:05,977→00:01:07,946	[Dra. Maria] Que boneca mais linda!
12	00:01:09,564→00:01:11,658	[Música suave continua]
13	00:01:13,623→00:01:15,715	<i>[Dra. Maria] Marcos. 29 anos.</i>
14	00:01:16,555→00:01:19,491	<i>Ele passou parte da infância trancafiado em um quarto.</i>
15	00:01:20,186→00:01:22,259	<i>Ele acha que foi abduzido por ETs</i>
16	00:01:22,360→00:01:24,446	<i>e que um dia eles voltarão para pegá-lo.</i>
17	00:01:25,738→00:01:27,395	<i>Vive sempre se escondendo.</i>
18	00:01:27,573→00:01:31,139	[Marcos sussurra] Cuidado, é perigoso. É perigoso.
19	00:01:35,900→00:01:38,856	[Marcos sussurra] Fora! Fora! Shhh...
20	00:01:39,383→00:01:41,464	[Música suave continua]
21	00:01:42,663→00:01:44,579	<i>[Dra. Maria] Augusto, 28 anos.</i>
22	00:01:46,094→00:01:48,013	[Augusto] Azul. [Dra. Maria] Azul.
23	00:01:49,114→00:01:50,745	<i>Ele fica andando de um lado pro outro</i>
24	00:01:50,846→00:01:51,961	<i>achando que é o Superman.</i>
25	00:01:53,137→00:01:55,186	[Música suave continua]
26	00:01:57,114→00:01:59,482	[Augusto cantarola tema do Superman]
27	00:02:01,463→00:02:02,493	<i>[Dra. Maria] É pra você voar?</i>
28	00:02:05,913→00:02:07,924	[Música suave continua]
29	00:02:14,119→00:02:16,078	<i>[Dra. Maria] Eduardo. 30 anos.</i>
30	00:02:18,263→00:02:21,212	<i>Ele acha que é do exército e que os inimigos vão atacá-lo.</i>
31	00:02:22,311→00:02:23,393	<i>Ele fica</i>
32	00:02:23,694→00:02:27,055	<i>sempre olhando pela janela pra ver se não está vindo ninguém.</i>
33	00:02:29,312→00:02:31,225	[Eduardo] Eles vêm de lá. Do céu.
34	00:02:31,326→00:02:32,526	[Dra. Maria] Dali? [Eduardo] É.
35	00:02:32,748→00:02:35,238	Não é o inimigo. É a nossa frota.
36	00:02:36,139→00:02:37,192	Entendeu?
37	00:02:37,494→00:02:38,944	Sai daqui! Sai!
38	00:02:40,649→00:02:41,726	Sai daqui!
39	00:02:43,114→00:02:45,164	[Música acelera]
40	00:02:46,865→00:02:48,865	[Sussurros]
41	00:02:54,193→00:02:55,805	[Dra. Maria] Não...
42	00:02:58,562→00:03:01,070	[Música acelerada e sussurros]
43	00:03:04,524→00:03:06,524	[Dra. Maria] Não! Não!
44	00:03:07,225→00:03:09,744	[Música acelerada e sussurros]
45	00:03:11,207→00:03:13,255	[Dra. Maria] Não! Não!
46	00:03:13,856→00:03:16,356	[Música acelerada e sussurros]
47	00:03:20,964→00:03:22,968	[Música acelerada]
48	00:03:29,998→00:03:31,488	[Grito]
49	00:03:35,857→00:03:37,509	[Música acelerada para]
50	00:03:38,279→00:03:40,828	[Música suave]

APÊNDICE G – Roteiro etiquetado PR01

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:02,659

<CRED_DESC_FONTE> Em grandes letras brancas

<CRED> Latin American Film Institute

<cps> 20,31

<AD2> 2

<t> 00:00:02,694 --> 00:00:06,870

<AMB_OBJ> pincelada <AMB_COR> em amarelo <AMB_CEN_DIST_OBJ> abaixo de Film

<AMB_OBJ> um foco de luz <AMB_COR> amarela <ACAO> cintila <AMB_CEN_DIST_OBJ> na tela

<cps> 17,49

<AD3> 3

<t> 00:00:07,830 --> 00:00:09,171

<LC> A tela clareia

<cps> 10,44

<AD4> 4

<t> 00:00:09,172 --> 00:00:11,647

<AMB_OBJ_DESC> Um pequeno e <AMB_COR> colorido <AMB_OBJ> jogador de futebol americano <AMB_OBJ_DESC> de brinquedo.

<cps> 25,86

<AD5> 5

<t> 00:00:11,648 --> 00:00:18,826

<LC> série <AMB_OBJ> de desenhos <AMB_OBJ_DESC> infantis <AMB_CEN_DIST_OBJ> em <AMB_OBJ> folhas de papel: <AMB_OBJ_DESC> uma faca <AMB_OBJ_DESC> com gotas em <AMB_COR> verde e <AMB_COR> vermelho

<cps> 11,70

<AD6> 6

<t> 00:00:19,049 --> 00:00:21,392

<AMB_OBJ_DESC> entre rabiscos, <INS_LET> a palavra superman

<cps> 14,51

<AD7> 7

<t> 00:00:21,393 --> 00:00:25,679

<AMB_OBJ_DESC> no meio de <AMB_OBJ> uma pintura <AMB_COR> azul, <INS_LET> a

letra S <AMB_COR> amarela <AMB_OBJ_DESC> dentro de um escudo <AMB_COR> vermelho

<cps> 17,26

<AD8> 8

<t> 00:00:25,680 --> 00:00:29,346

<AMB_OBJ_DESC> uma menina acuada por vários monstros diabólicos

<cps> 13,10

<AD9> 9

<t> 00:00:30,580 --> 00:00:34,929

<DESC_EXPL> Título do filme <AMB_CEN_DIST_OBJ> ao lado <AMB_OBJ> do jogador

<AMB_OBJ_DESC> de brinquedo: <CRED> Resquícios da infância

<cps> 16,10

<AD10> 10

<t> 00:00:36,375 --> 00:00:42,558

<PERS_IDENT_CF_ID> Uma jovem <PERS_IDENT_PROF> médica <ACAO> entra <AMB_CEN_DIST_PERS> na <AMB_CEN_DESC_IN> <AMB_ILUM> pálida <DESC_EXPL> sala psiquiátrica, <PERS_IDENT_PRON> ela <PERS_FIG> veste um jaleco branco e <ACAO> segura <AMB_OBJ> uma prancheta.
<cps> 16,33

<AD11>
<t> 00:00:43,160 --> 00:00:45,511
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> caminha <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção a <PERS_IDENT_GEN> uma mulher <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão.
<cps> 18,71

<AD12> 12
<t> 00:01:02,188 --> 00:01:04,042
<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> mostra <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> boneca a <PERS_IDENT_PROF> médica.
<cps> 18,88

<AD13> 13
<t> 00:01:08,159 --> 00:01:13,084
<PERS_IDENT_PROF> A médica <AMB_CEN_LOC_TEMP> agora <ACAO> caminha <ACAO> virando <AMB_OBJ> a página <AMB_CEN_DIST_OBJ> da <AMB_OBJ> prancheta.
<cps> 10,76

<AD14> 14
<t> 00:01:27,632 --> 00:01:35,695
<PERS_IDENT_PROF> A médica <PERS_LINCORP> está agachada <AMB_CEN_DIST_PERS> na frente de <PERS_IDENT_NOME> Marcos, que está <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> acuado e <PERS_EEMOC> amedrontado <AMB_CEN_DIST_PERS> sob <AMB_OBJ> a mesa
<cps> 10, 29

<AD15> 15
<t> 00:01:35,696 --> 00:01:42,458
<AMB_CEN_LOC_TEMP> Enquanto <PERS_IDENT_NOME> Marcos <ACAO> sussurra <DESC_EXPL> palavras desconexas, <PERS_IDENT_PROF> a médica <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> dirige-se para <PERS_IDENT> outro paciente.
<cps> 12,27

<AD16> 16
<t> 00:01:44,646 --> 00:01:47,881
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> desenha <AMB_OBJ_DESC> o símbolo do superman.
<cps> 11,75

<AD17> 17
<t> 00:01:51,666 --> 00:01:54,094
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_LINCORP> <ACAO> ergue os punhos e <LC> <ACAO> <PERS_LINCORP> <DESC_EXPL> finge sobrevoar <AMB_CEN_DIST_PERS> a sala
<cps> 19,77

<AD18> 18
<t> 00:01:54,340 --> 00:01:57,970
<PERS_FIG> Fantasiado de superman, <PERS_IDENT_PRON> ele <ACAO> coloca <AMB_OBJ> o desenho <AMB_CEN_DIST_OBJ> no peito e <ACAO> <PERS_LINCORP> levanta o braço direito.
<cps> 21,76

<AD19> 19

<t> 00:02:03,189 --> 00:02:05,249

<PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> volta a desenhar.

<cps> 12,13

<AD20> 20

<t> 00:02:05,666 --> 00:02:09,752

<PERS_IDENT_GEN> Outro homem <ACAO> observa <PERS_EMENT> atento <AMB_OBJ> algo <AMB_CEN_DIST_PERS> da <AMB_OBJ> janela <AMB_OBJ_DESC> de vidro espelhado.

<cps> 14,93

<AD21> 21

<t> 00:02:10,565 --> 00:02:13,671

<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> consulta <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> prancheta. <AMB_CEN_LOC_TEMP> Enquanto, <PERS_IDENT_PRON> ele <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> observa.

<cps> 18,03

<AD22> 22

<t> 00:02:29,271 --> 00:02:32,517

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <ACAO> mostra <AMB_OBJ> algo <AMB_CEN_DIST_OBJ> fora da <AMB_OBJ> janela para <PERS_IDENT_PROF> a médica

<cps> 14,79

<AD23> 23

<t> 00:02:37,258 --> 00:02:40,999

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <PERS_EEMOC> <PERS_EXPFAC> irritado <LC> nos <ACAO> olha e se <ACAO> comprime <AMB_CEN_DIST_PERS> contra <AMB_OBJ> o vidro da janela.

<cps> 17,37

<AD24> 24

<t> 00:02:42,931 --> 00:02:47,527

<PERS_LINCORP> De costas, <PERS_IDENT_PROF> a médica <ACAO> caminha <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala <ACAO> consultando <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> prancheta.

<cps> 13,92

<AD25> 25

<t> 00:02:51,527 --> 00:02:56,450

<PERS_EEMOC> Um pouco assutada, <PERS_IDENT_PROF> a médica <ACAO> olha ao <PERS_IDENT_PRON> seu redor.

<cps> 9,34

<AD26> 26

<t> 00:02:56,451 --> 00:03:02,887

<PERS_IDENT> Os pacientes <ACAO> começam a se agitar e <ACAO> caminhar <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção <PERS_IDENT_PROF> a médica

<cps> 9,79

<AD27> 27

<t> 00:03:03,804 --> 00:03:05,751

<PERS_EEMOC> Aterrorizada, <PERS_IDENT_PROF> a médica <ACAO> larga <AMB_OBJ> a prancheta.

<cps> 21,06

<AD28> 28

<t> 00:03:07,037 --> 00:03:13,153

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> se recolhe para <AMB_CEN_DIST_PERS> o canto da sala <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <ACAO> <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> é encurralada pelos <PERS_IDENT> pacientes.

<cps> 12,10

<AD29> 29

<t> 00:03:13,154 --> 00:03:16,495

<LC> Em imagens duplicadas, <PERS_IDENT_PROF> a médica, <ACAO> chora, <ACAO> <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> se contorce e <ACAO> se deita <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão.

<cps> 20,95

<AD30> 30

<t> 00:03:17,326 --> 00:03:20,773

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo e <PERS_IDENT> os outros <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproximam. <PERS_IDENT_PROF> A médica <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> está acuada <AMB_CEN_DIST_PERS> contra a parede.

<cps> 20,31

<AD31> 31

<t> 00:03:20,774 --> 00:03:25,092

Com <AMB_OBJ> uma faca <AMB_CEN_DIST_OBJ> na mão, <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima <PERS_IDENT_PROF> da médica.

<cps> 11,81

<AD32> 32

<t> 00:03:28,593 --> 00:03:34,368

<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> se contorce <AMB_CEN_LOC_TEMP> agora <AMB_CEN_DIST_PERS> contra o chão <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <ACAO> aplicam <AMB_OBJ_DESC> <DESC_EXPL> uma dolorosa <AMB_OBJ> injeção <AMB_CEN_DIST_OBJ> no <PERS_IDENT_PRON> seu braço.

<cps> 15,75

<AD33> 33

<t> 00:03:34,369 --> 00:03:35,650

<LC> A tela fica branca.

<cps> 14,83

<AD34> 34

<t> 00:03:40,731 --> 00:03:50,128

<PERS_IDENT_PROF> A médica, <AMB_CEN_LOC_TEMP> agora <PERS_FIG> sem jaleco, <ACAO> é segurada <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão por <PERS_IDENT_NOME> Roberta e <PERS_IDENT_NOME> Marcos. <PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> ajuda <PERS_IDENT_NOME> Marcos <ACAO> a sentá-<PERS_IDENT_PRON> la.

<cps> 10,64

<AD35> 35

<t> 00:03:50,129 --> 00:03:51,803

<PERS_IDENT_PRON> Eles <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afastam.

<cps> 9,55

<AD36> 36

<t> 00:03:51,804 --> 00:03:55,523

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <PERS_FIG> veste um jaleco e <ACAO> carrega
<AMB_OBJ> uma prancheta.
<cps> 12,90

<AD37> 37
<t> 00:03:55,524 --> 00:04:04,730
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_FIG> está sem fantasia, <PERS_IDENT_NOME>
Eduardo <PERS_FIG> está com um boné e <ACAO> segura <AMB_OBJ> um cabo
<AMB_OBJ_DESC> de vassoura
<cps> 8,58

<AD38> 38
<t> 00:04:04,731 --> 00:04:13,290
<PERS_IDENT_NOME> Marcos <PERS_FIG> veste um jaleco.
<PERS_IDENT> Todos <LC> nos <ACAO> olham <PERS_EMENT> atentos.
<cps> 5,50

<AD39> 39
<t> 00:04:14,618 --> 00:04:18,255
<DESC_EXPL> Créditos finais selecionados <LC> sobrepostos <AMB_OBJ> nos desenhos
<AMB_OBJ_DESC> infantis:
<cps> 17,32

<AD40> 40
<t> 00:04:18,290 --> 00:04:21,686
<CRED> Direção Arthur Stefan Jorge Arbage
<cps> 9,72

<AD41> 41
<t> 00:04:21,721 --> 00:04:25,761
<CRED> Roteiro: Wellington Rilo
<CRED> Direção de produção: Camila Batalha
<cps> 14,60

<AD42> 42
<t> 00:04:25,762 --> 00:04:29,725
<CRED> Direção de fotografia: Bruno Branco Cláudio Nunes
<cps> 12,11

<AD43> 43
<t> 00:04:29,726 --> 00:04:32,742
<CRED> Elenco: Natacha Reis
<CRED> Giulia Britto
<cps> 10,94

<AD44> 44
<t> 00:04:32,743 --> 00:04:35,982
<CRED> Bruno Pinheiro, <CRED> Rogério Ribeiro
<CRED> Márcio Marchetti
<cps> 14,51

<AD45> 45
<t> 00:04:36,286 --> 00:04:38,645
<CRED> Audiodescrição: <nome da participante>
<cps> 11,02

<AD46> 46

<t> 00:04:40,410 --> 00:04:45,626

<CRED> Este curta-metragem é um trabalho de conclusão de curso dos alunos do Latin Film Institute.

<cps> 17,44

APÊNDICE H – Roteiro etiquetado PR02

<AD1> 1

<t> 00:00:00,335 --> 00:00:03,651

<CRED> Latin American Film Institute.

<cps> 9,04

<AD2> 2

<t> 00:00:08,016 --> 00:00:13,515

<DESC_EXPL> Os créditos iniciais com o nome do elenco <LC> intercalam-se às imagens de <AMB_OBJ> giz de cera, <AMB_OBJ> brinquedos e <AMB_OBJ> desenhos.

<cps> 19,09

<AD3> 3

<t> 00:00:16,432 --> 00:00:23,735

<LC> Vemos <AMB_OBJ> um robô <AMB_COR> colorido, <AMB_OBJ> alguns desenhos <AMB_OBJ_DESC> feitos à mão <AMB_OBJ_DESC> de bonecas, <AMB_OBJ_DESC> de bichos,

<AMB_OBJ_DESC> do símbolo do superman e <AMB_OBJ_DESC> de monstros .

<cps> 15,47

<AD4> 4

<t> 00:00:28,934 --> 00:00:33,517

<DESC_EXPL> O título do filme <LC> surge sobre as imagens. <CRED> Resquícios da Infância.

<cps> 19,96

<AD5> 5

<t> 00:00:34,946 --> 00:00:39,295

<PERS_IDENT_PROF> Uma médica de <PERS_CF_ASPEC_PERM> pele branca, <PERS_CF_ASPEC_PERM> cabelos ruivos e <PERS_CF_ASPEC_PERM> olhos claros <ACAO> entra <AMB_CEN_DIST_PERS> em uma sala.

<cps> 17,24

<AD6> 6

<t> 00:00:39,468 --> 00:00:45,102

<PERS_IDENT_PRON> Ela <PERS_FIG> usa jaleco e <ACAO> segura <AMB_OBJ> uma prancheta <AMB_OBJ_DESC> com <AMB_OBJ> prontuários, <ACAO>

<AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima de <PERS_IDENT_CF_ID> uma jovem que <ACAO> segura <AMB_OBJ> uma boneca.

<cps> 17,92

<AD7> 7

<t> 00:01:09,906 --> 00:01:13,821

<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta de

<PERS_IDENT_NOME> Roberta e <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima de

<PERS_IDENT> outro paciente.

<cps> 15,83

<AD8> 8

<t> 00:01:27,902 --> 00:01:33,725

<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> acaricia o rosto de <PERS_IDENT_NOME> Marcos, <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <PERS_IDENT_PRON> ele, <PERS_EEMOC> apreensivo, <ACAO> se esconde <AMB_CEN_DIST_PERS> embaixo de <AMB_OBJ> uma mesa

<AMB_OBJ_DESC> de plástico.

<cps> 18,03

<AD9> 9

<t> 00:01:34,159 --> 00:01:37,999

<PERS_IDENT_NOME> Marcos <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> permanece escondido e <PERS_IDENT_PROF> a médica <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se dirige a <PERS_IDENT> outro paciente.
<cps> 16,92

<AD10> 10
<t> 00:01:39,191 --> 00:01:42,647
<AMB_CEN_DESC_IN> A sala é ampla e <PERS_IDENT> os pacientes <AMB_CEN_DIST_PERS> estão espalhados por ela.
<cps> 15,91

<AD11> 11
<t> 00:01:44,628 --> 00:01:46,444
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_FIG> usa máscara e <PERS_FIG> uma capa.
<cps> 17,07

<AD12> 12
<t> 00:01:51,904 --> 00:01:57,434
<LC> Sob o olhar de <PERS_IDENT_NOME> Augusto vemos <PERS_IDENT_PRON> seus <PERS_LINCORP> braços estendidos e <PERS_LINCORP> <PERS_IDENT_PRON> suas mãos cerradas <ACAO> <PERS_LINCORP> <DESC_EXPL> como se voasse <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala.
<cps> 17,54

<AD13> 13
<t> 00:02:03,880 --> 00:02:06,700
<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima do <PERS_IDENT> próximo paciente.
<cps> 14,53

<AD14> 14
<t> 00:02:10,359 --> 00:02:12,570
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> confere <AMB_OBJ> o prontuário.
<cps> 11,30

<AD15> 15
<t> 00:02:39,684 --> 00:02:43,757
<PERS_EXPFAC> Com um semblante agressivo e <PERS_LINCORP> com o rosto grudado <AMB_CEN_DIST_PERS> <AMB_OBJ> na janela, <PERS_IDENT_NOME> Eduardo <LC> <ACAO> encara a câmera.
<cps> 20,37

<AD16> 16
<t> 00:02:44,795 --> 00:02:48,005
<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> caminha <AMB_CEN_DIST_PERS> pelo centro da sala, <ACAO> conferindo <AMB_OBJ> os prontuários.
<cps> 19,93

<AD17> 17
<t> 00:02:50,619 --> 00:02:53,861
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> levanta o olhar e <ACAO> <PERS_LINCORP> balança a cabeça negativamente.
<cps> 16,34

<AD18> 18
<t> 00:02:54,213 --> 00:02:56,692

<PERS_IDENT> Os pacientes <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproximam
<PERS_IDENT_PRON> dela <PERS_LINCORP> lentamente.
<cps> 16,94

<AD19> 19
<t> 00:02:56,693 --> 00:03:03,683
<LC> As imagens da <PERS_IDENT_PROF> médica e dos <PERS_IDENT> pacientes <ACAO>
<AMB_CEN_DIST_PERS> se aproximando se sobrepõem. <LC> Ora vemos a
<PERS_EEMOC> aflição no rosto <PERS_IDENT_PRON> dela, ora vemos a <PERS_EEMOC>
ansiedade <PERS_IDENT_PRON> deles.
<cps> 18,31

<AD20> 20
<t> 00:03:05,325 --> 00:03:08,440
<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> deixa cair <AMB_OBJ> a prancheta com
<AMB_OBJ> os prontuários e <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> caneta.
<cps> 20,54

<AD21> 21
<t> 00:03:09,310 --> 00:03:13,843
<LC> As imagens se duplicam e se sobrepõem. <PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO>
<PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> é encurralada <AMB_CEN_DIST_PERS> no canto da
sala.
<cps> 17,20

<AD22> 22
<t> 00:03:14,461 --> 00:03:19,479
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> <PERS_LINCORP> se agacha,
<AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <PERS_IDENT> os pacientes <ACAO>
<AMB_CEN_DIST_PERS> chegam mais perto.
<cps> 10,96

<AD23> 23
<t> 00:03:20,886 --> 00:03:23,695
<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima
<PERS_IDENT_PROF> da médica com <AMB_OBJ> uma faca <AMB_CEN_DIST_OBJ> na
mão.
<cps> 17,79

<AD24> 24
<t> 00:03:29,219 --> 00:03:31,300
<PERS_IDENT_PRON> Eles <ACAO> deitam <PERS_IDENT_PROF> a médica
<PERS_LINCORP> de bruços <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão.
<cps> 18,74

<AD25> 25
<t> 00:03:31,715 --> 00:03:35,465
<AMB_OBJ> Com uma seringa <AMB_OBJ_DESC> sem agulha, <ACAO> aplicam
<AMB_OBJ> uma injeção <AMB_CEN_DIST_OBJ> no braço <PERS_IDENT_PRON> dela.
<cps> 16,53

<AD26> 26
<t> 00:03:35,731 --> 00:03:38,859
<LC> A tela clareia até ficar totalmente branca.
<cps> 13,74

<AD27> 27

<t> 00:03:40,727 --> 00:03:45,240

<PERS_IDENT_PROF> A médica <PERS_CF_ASPEC_MOM> <DESC_EXPL> está dopada <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão. <PERS_IDENT_NOME> Marcos <ACAO> segura o <PERS_IDENT_PRON> seu corpo e <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> retira <AMB_OBJ> a seringa.

<cps> 18,16

<AD28> 28

<t> 00:03:45,556 --> 00:03:53,730

<PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima e <ACAO> ajuda <PERS_IDENT_NOME> Marcos a <ACAO> levantar <PERS_IDENT_PROF> a médica. <PERS_IDENT_PRON> Ela <AMB_CEN_LOC_TEMP> agora <PERS_FIG> está sem o jaleco, <PERS_FIG> usa apenas uma blusa branca e <PERS_FIG> uma calça cinza.

<cps> 15,90

<AD29> 29

<t> 00:03:54,313 --> 00:03:56,921

<PERS_IDENT_PRON> Eles <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> colocam <PERS_LINCORP> sentada e <PERS_LINCORP> escorada <AMB_CEN_DIST_PERS> da parede.

<cps> 16,87

<AD30> 30

<t> 00:03:56,922 --> 00:04:08,083

<LC> Sob o olhar <PERS_EEMOC> atordoado da <PERS_IDENT_PROF> médica vemos <PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_FIG> sem a máscara e <PERS_FIG> a capa, <PERS_IDENT_NOME> Roberta usando <PERS_FIG> um jaleco e <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma prancheta, <PERS_IDENT_NOME> Eduardo <PERS_FIG> usando um boné e <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma vassoura e <PERS_IDENT_NOME> Marcos também <PERS_FIG> usando um jaleco.

<cps> 18,09

<AD31> 31

<t> 00:04:08,488 --> 00:04:13,979

Com um olhar <PERS_EEMOC> triste e <PERS_EEMOC> intrigante, <PERS_IDENT> os pacientes <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> observam. <PERS_IDENT_PRON> Eles <DESC_EXPL> parecem distantes de <PERS_IDENT_PRON> seus medos.

<cps> 17,30

<AD32> 32

<t> 00:04:14,967 --> 00:04:19,162

<DESC_EXPL> Créditos finais

<CRED> Direção: Artur Stefan e Jorge Arbage.

<cps> 12,39

<AD33> 33

<t> 00:04:19,304 --> 00:04:21,147

<CRED> Roteiro: Wellington Rilo.

<cps> 13,56

<AD34> 34

<t> 00:04:21,530 --> 00:04:27,309

<DESC_EXPL> Os créditos finais <LC> aparecem sobre as imagens de alguns <AMB_OBJ> desenhos e de <AMB_OBJ> um tabuleiro de xadrez e <AMB_OBJ> algumas peças.

<cps> 18,51

<AD35> 35

<t> 00:04:28,195 --> 00:04:33,257

<CRED> Direção de Fotografia: Bruno Branco e Cláudio Nunes.

<CRED> Iluminação: Alan Foster.

<cps> 15,01

<AD36> 36

<t> 00:04:34,233 --> 00:04:36,444

<CRED> Audiodescrição: <nome da participante>

<cps> 12,21

<AD37> 37

<t> 00:04:37,808 --> 00:04:45,052

<CRED> Este curta-metragem possui finalidade didática e não pode ser vendido, exibido, reproduzido ou distribuído com finalidade comercial.

<cps> 18,08

APÊNDICE I – Roteiro etiquetado PR03

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:02,757

<DESC_EXPL> Logotipo

<CRED> Latin American Film Institute

<cps> 13,42

<AD2> 2

<t> 00:00:03,358 --> 00:00:05,113

<AMB_OBJ> Traço <AMB_COR> amarelo <AMB_CEN_DIST_OBJ> sob <CRED> a palavra Film.

<cps> 18,80

<AD3> 3

<t> 00:00:05,629 --> 00:00:07,178

<AMB_OBJ> Facho de luz <AMB_COR> amarela <AMB_ILUM> ilumina <DESC_EXPL> o logotipo.

<cps> 25,17

<AD4> 4

<t> 00:00:08,447 --> 00:00:12,276

<LC> Imagem de <AMB_OBJ> um robô <AMB_OBJ_DESC> de brinquedo.

<DESC_EXPL> Créditos iniciais. <CRED> Natacha Reis.

<cps> 16,45

<AD5> 5

<t> 00:00:13,127 --> 00:00:14,538

<CRED> Giulia Britto.

<cps> 9,92

<AD6> 6

<t> 00:00:15,490 --> 00:00:19,005

<AMB_CEN_DIST_OBJ> Sob os créditos, <LC> veem-se vários <AMB_OBJ> desenhos

<AMB_OBJ_DESC> feitos por crianças.

<cps> 17,06

<AD7> 7

<t> 00:00:19,934 --> 00:00:21,205

<CRED> Bruno Pinheiro.

<cps> 11,80

<AD8> 8

<t> 00:00:21,743 --> 00:00:24,073

<AMB_OBJ> Desenho <AMB_OBJ_DESC> do símbolo do Superman.

<cps> 13,30

<AD9> 9

<t> 00:00:24,832 --> 00:00:28,212

<CRED> Rogério Ribeiro. <CRED> Márcio Marchetti.

<cps> 10,05

<AD10> 10

<t> 00:00:31,329 --> 00:00:34,540

<DESC_EXPL> Título do filme: <CRED> Resquícios da Infância.

<cps> 12,14

<AD11> 11

<t> 00:00:36,038 --> 00:00:39,664
<PERS_IDENT_CF_ID> Uma jovem <ACAO> brinca com <AMB_OBJ> bonecas
<AMB_CEN_DIST_PERS> em uma sala <AMB_CEN_DESC_IN> com poucos móveis.
<cps> 15,99

<AD12> 12
<t> 00:00:40,046 --> 00:00:43,357
<PERS_IDENT_CF_ID> Outra jovem <ACAO> entra. <PERS_IDENT_PRON> Ela <PERS_FIG>
usa jaleco branco e <ACAO> segura <AMB_OBJ> uma prancheta.
<cps> 19,02

<AD13> 13
<t> 00:00:44,169 --> 00:00:45,681
<LC> Close na <AMB_OBJ> prancheta.
<cps> 12,56

<AD14> 14
<t> 00:01:08,710 --> 00:01:13,938
<PERS_IDENT_CF_ID> A jovem <PERS_FIG> de jaleco <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS>
se afasta de <PERS_IDENT_NOME> Roberta, que <PERS_EXPFAC> sorri <PERS_LINCORP>
sentada <AMB_CEN_DIST_PERS> sobre <AMB_OBJ> um tapete <AMB_COR> colorido.
<cps> 15,68

<AD15> 15
<t> 00:01:27,892 --> 00:01:32,514
<PERS_IDENT_NOME> Marcos <PERS_CF_ASPC_PERM> é negro e está <PERS_LINCORP>
deitado <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão <AMB_CEN_DIST_PERS> embaixo de
<AMB_OBJ> uma mesa <AMB_OBJ_DESC> plástica.
<cps> 14,27

<AD16> 16
<t> 00:01:33,418 --> 00:01:35,536
<PERS_IDENT_PRON> Ele <ACAO> <PERS_LINCORP> cobre a cabeça com os braços.
<cps> 15,58

<AD17> 17
<t> 00:01:36,510 --> 00:01:38,555
<PERS_IDENT_CF_ID> A jovem <PERS_FIG> de jaleco <ACAO> se levanta.
<cps> 14,18

<AD18> 18
<t> 00:01:39,086 --> 00:01:42,216
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> <PERS_LINCORP> faz sinal com as mãos para que
<PERS_IDENT_NOME> Marcos <DESC_EXPL> fique calmo.
<cps> 16,93

<AD19> 19
<t> 00:01:44,436 --> 00:01:47,085
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_FIG> usa capa vermelha e <PERS_FIG> máscara
branca.
<cps> 16,23

<AD20> 20
<t> 00:01:51,881 --> 00:01:55,739
<LC> As mãos de <PERS_IDENT_NOME> Augusto com <PERS_LINCORP> os punhos cerrados
<DESC_EXPL> voam pela sala.
<cps> 14,25

<AD21> 21

<t> 00:01:59,902 --> 00:02:03,113

<PERS_IDENT_PRON> Ele <ACAO> põe <AMB_OBJ> o desenho <AMB_OBJ_DESC> do símbolo do Superman <AMB_CEN_DIST_OBJ> sobre o peito.

<cps> 16,81

<AD22> 22

<t> 00:02:03,703 --> 00:02:06,610

<PERS_IDENT_CF_ID> A jovem <PERS_FIG> de jaleco tem <PERS_CF_ASPC_PERM> cabelos ruivos e <PERS_CF_ASPC_PERM> olhos azuis.

<cps> 17,19

<AD23> 23

<t> 00:02:07,462 --> 00:02:10,880

<PERS_IDENT_CF_ID> Um rapaz <ACAO> olha <AMB_CEN_DIST_PERS> pela <AMB_OBJ> janela

<PERS_LINCORP> com o rosto <AMB_CEN_DIST_PERS> encostado <AMB_OBJ> no vidro.

<cps> 16,38

<AD24> 24

<t> 00:02:11,701 --> 00:02:13,420

<PERS_IDENT_CF_ID> A jovem <ACAO> lê <AMB_OBJ> os prontuários.

<cps> 15,12

<AD25> 25

<t> 00:02:26,813 --> 00:02:29,117

<PERS_IDENT_PRON> Ele <ACAO> <PERS_LINCORP> aponta para fora da sala.

<cps> 12,58

<AD26> 26

<t> 00:02:38,919 --> 00:02:42,355

<LC> Pelo lado de fora, vê-se o rosto de <PERS_IDENT_NOME> Eduardo <PERS_LINCORP> colado <AMB_OBJ> ao vidro.

<cps> 17,17

<AD27> 27

<t> 00:02:46,081 --> 00:02:48,876

<PERS_IDENT_CF_ID> A jovem <PERS_FIG> de jaleco <ACAO> caminha <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala.

<cps> 12,88

<AD28> 28

<t> 00:02:49,701 --> 00:02:52,493

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> consulta <AMB_OBJ> os prontuários dos <AMB_OBJ_DESC> pacientes.

<cps> 14,68

<AD29> 29

<t> 00:02:53,909 --> 00:02:56,817

<LC> Close em seu rosto.

<PERS_IDENT_PRON> Ela <DESC_EXPL> parece <PERS_EEMOC> atordoada.

<cps> 13,75

<AD30> 30

<t> 00:02:58,308 --> 00:03:00,470

<LC> Imagens desfocadas dos <PERS_IDENT> pacientes.

<cps> 15,26

<AD31> 31

<t> 00:03:01,062 --> 00:03:05,050

Novamente, <LC> vê-se o rosto da jovem. <PERS_IDENT_PRON> Ela

<AMB_CEN_LOC_TEMP> agora <DESC_EXPL> parece <PERS_EEMOC> estar amedrontada.

<cps> 17,30

<AD32> 32

<t> 00:03:07,122 --> 00:03:08,645

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> derruba <AMB_OBJ> a prancheta.

<cps> 15,75

<AD33> 33

<t> 00:03:09,270 --> 00:03:13,060

<PERS_IDENT> Os pacientes <ACAO> caminham <AMB_CEN_DIST_PERS> na direção

<PERS_IDENT_PRON> dela. <LC> As imagens estão desfocadas.

<cps> 17,41

<AD34> 34

<t> 00:03:14,033 --> 00:03:16,551

<PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> Acuada em <AMB_CEN_DIST_PERS> um canto da sala,

<PERS_IDENT_PRON> ela <ACAO> <PERS_LINCORP> põe as mãos no rosto.

<cps> 20,65

<AD35> 35

<t> 00:03:18,437 --> 00:03:20,284

<ACAO> <PERS_LINCORP> Agacha-se e <ACAO> se deita.

<cps> 11,36

<AD36> 36

<t> 00:03:21,125 --> 00:03:24,193

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> caminha <AMB_CEN_DIST_PERS> em

<PERS_IDENT_PRON> sua direção, <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma faca.

<cps> 16,29

<AD37> 37

<t> 00:03:24,593 --> 00:03:28,148

<LC> As imagens se sobrepõem rapidamente em meio ao <PERS_EEMOC> desespero da

<PERS_IDENT_CF_ID> jovem.

<cps> 18,28

<AD38> 38

<t> 00:03:30,250 --> 00:03:34,180

<PERS_IDENT_PRON> Ela <PERS_EEMOC> <DESC_EXPL> sofre <PERS_LINCORP>

deitada de bruços. <PERS_IDENT_PRON> Eles <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> seguram e <ACAO> aplicam <AMB_OBJ> uma injeção.

<cps> 16,53

<AD39> 39

<t> 00:03:38,063 --> 00:03:39,541

<LC> Tela branca.

<cps> 8,11

<AD40> 40

<t> 00:03:40,679 --> 00:03:44,806

<LC> <AMB_CEN_LOC_TEMP> Agora vê-se <PERS_IDENT_NOME> Marcos <ACAO> segurando <PERS_IDENT_CF_ID> a jovem, <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> aplica <AMB_OBJ> a injeção.
<cps> 17,20

<AD41> 41
<t> 00:03:45,038 --> 00:03:50,000
<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> se levanta e <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta. <PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima e <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> ajuda <ACAO> a levantar.
<cps> 14,51

<AD42> 42
<t> 00:03:50,978 --> 00:03:58,082
<PERS_IDENT_PRON> Ela <PERS_FIG> usa camiseta branca e <PERS_FIG> calça cinza. <PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_FIG> usa camisa branca e <PERS_IDENT_NOME> Marcos <PERS_FIG> usa jaleco.
<cps> 11,68

<AD43> 43
<t> 00:04:00,619 --> 00:04:04,438
<LC> <AMB_CEN_DIST_PERS> Ao fundo, vê-se <PERS_IDENT_NOME> Roberta, também de <PERS_FIG> jaleco e <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma prancheta.
<cps> 17,54

<AD44> 44
<t> 00:04:05,437 --> 00:04:09,798
<AMB_CEN_DIST_PERS> Atrás <PERS_IDENT_PRON> dela, está <PERS_IDENT_NOME> Eduardo, <PERS_FIG> usando boné do exército e <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma vassoura.
<cps> 16,96

<AD45> 45
<t> 00:04:11,072 --> 00:04:13,251
<PERS_IDENT> Os quatro <ACAO> observam <PERS_IDENT_CF_ID> a jovem <AMB_CEN_DIST_PERS> ainda no chão.
<cps> 18,81

<AD46> 46
<t> 00:04:14,063 --> 00:04:18,385
<DESC_EXPL> Créditos finais. <CRED> Direção: Arthur Stefan e Jorge Arbage
<cps> 12,26

<AD47> 47
<t> 00:04:19,537 --> 00:04:21,683
<CRED> Roteiro: Wellington Rilo.
<cps> 11,64

<AD48> 48
<t> 00:04:22,350 --> 00:04:24,857
<CRED> Direção de Produção: Camila Batalha.
<cps> 13,96

<AD49> 49
<t> 00:04:25,695 --> 00:04:28,980
<CRED> Direção de Fotografia: Bruno Branco e Cláudio Nunes.
<cps> 15,52

<AD50> 50
<t> 00:04:29,979 --> 00:04:32,408
<CRED> Direção de Arte: Leandro Smith.
<cps> 12,35

<AD51> 51
<t> 00:04:33,369 --> 00:04:37,083
<CRED> Produção de elenco: Agenor Feitoza e Cláudio Nunes.
<cps> 13,46

<AD52> 52
<t> 00:04:38,248 --> 00:04:40,445
<CRED> Roteiro de audiodescrição: <nome do participante>
<cps> 19,11

<AD53> 53
<t> 00:04:41,360 --> 00:04:42,600
<DESC_EXPL> Fim.
<cps> 3,22

APÊNDICE J – Roteiro etiquetado PR04

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:03,304

<LC> <AMB_CEN_DIST_OBJ> Sobre um fundo <AMB_COR> preto, em
<CRED_DESC_FONTE> <AMB_OBJ> letras <AMB_COR> brancas: <CRED> Latin American
Film Institute.

<cps> 21,48

<AD2> 2

<t> 00:00:03,790 --> 00:00:07,705

<LC> Surge <AMB_OBJ> uma faixa <AMB_COR> dourada <AMB_CEN_DIST_OBJ> sob a
marca

e <AMB_OBJ> uma luz <ACAO> se desloca <AMB_CEN_DIST_OBJ> atrás.

<cps> 15,83

<AD3> 3

<t> 00:00:08,060 --> 00:00:09,637

<LC> Tela escurece.

<cps> 8,87

<AD4> 4

<t> 00:00:10,150 --> 00:00:12,436

<LC> Foco num <AMB_OBJ> playmobil <AMB_OBJ_DESC> de futebol americano.

<cps> 17,49

<AD5> 5

<t> 00:00:12,437 --> 00:00:21,824

<LC> Em movimento lento, a câmera foca <AMB_OBJ> desenhos <AMB_OBJ_DESC> de
vários motivos feitos a mão: <AMB_OBJ_DESC> uma girafa, <AMB_OBJ_DESC> um garoto
boquiaberto cercado por bichos e <AMB_OBJ_DESC> uma faca com gotas <AMB_COR>
vermelhas.

<cps> 16,83

<AD6> 6

<t> 00:00:21,825 --> 00:00:25,994

<AMB_OBJ> A imagem do <AMB_OBJ_DESC> símbolo do superman desenhada <LC> se
sobre põe aos <AMB_OBJ> outros desenhos.

<cps> 17,75

<AD7> 7

<t> 00:00:25,995 --> 00:00:28,752

<AMB_CEN_LOC_TEMP> Agora, <AMB_OBJ> o desenho <AMB_OBJ_DESC> de uma
garotinha rodeada por monstros.

<cps> 19,94

<AD8> 8

<t> 00:00:30,302 --> 00:00:33,868

<AMB_CEN_DIST_OBJ> Ao lado do <AMB_OBJ> playmobil, <LC> surge <DESC_EXPL> o
título:

<CRED> Resquícios da infância.

<cps> 16,82

<AD9> 9

<t> 00:00:34,746 --> 00:00:38,935

<LC> Fusão <DESC_EXPL> do título com a imagem de <AMB_CEN_DESC_IN> uma sala
<AMB_COR> branca com <AMB_OBJ_DESC> grande <AMB_OBJ> porta <AMB_OBJ_DESC>
de vidro.

<cps> 17,66

<AD10> 10

<t> 00:00:38,936 --> 00:00:42,761

<PERS_IDENT_CF_ID> Uma garota, <PERS_LINCORP> sentada <AMB_CEN_DIST_PERS> num <AMB_OBJ> tatame <AMB_COR> colorido, <ACAO> brinca <PERS_LINCORP> virada para a parede.

<cps> 17,77

<AD11> 11

<t> 00:00:42,762 --> 00:00:45,827

<PERS_IDENT_GEN> Uma mulher <PERS_FIG> de jaleco, <PERS_LINCORP> segurando <AMB_OBJ> uma prancheta, <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> entra.

<cps> 17,29

<AD12> 12

<t> 00:00:53,290 --> 00:00:54,561

<LC> Foco <AMB_OBJ> numa boneca <AMB_OBJ_DESC> de pano.

<cps> 19,66

<AD13> 13

<t> 00:01:10,028 --> 00:01:11,792

<AMB_CEN_LOC_TEMP> Agora, <PERS_IDENT_GEN> a mulher <ACAO> caminha <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala.

<cps> 19,27

<AD14> 14

<t> 00:01:11,793 --> 00:01:13,861

<LC> Imagem turva de <AMB_OBJ> folhas <AMB_CEN_DIST_OBJ> na <AMB_OBJ> prancheta.

<cps> 17,40

<AD15> 15

<t> 00:01:27,501 --> 00:01:30,327

<PERS_IDENT_NOME> Marcos <PERS_EEMOC> agitado <AMB_CEN_DIST_PERS> embaixo de <AMB_OBJ> uma mesa <AMB_COR> branca <AMB_OBJ_DESC> de plástico.

<cps> 18,75

<AD16> 16

<t> 00:01:30,328 --> 00:01:32,926

<PERS_EMENT> Atenciosa, <PERS_IDENT_GEN> a mulher <ACAO> conversa com <PERS_IDENT_PRON> ele <PERS_LINCORP> agachada.

<cps> 17,70

<AD17> 17

<t> 00:01:33,915 --> 00:01:36,669

<LC> Detalhe de <PERS_IDENT_NOME> Marcos <PERS_LINCORP> encolhido <AMB_CEN_DIST_PERS> embaixo <AMB_OBJ> da mesa.

<cps> 15,97

<AD18> 18

<t> 00:01:37,298 --> 00:01:39,112

<PERS_IDENT_PRON> Ele <ACAO> <PERS_LINCORP> faz gestos <DESC_EXPL> como se falasse com alguém.

<cps> 23,15

<AD19> 19

<t> 00:01:39,562 --> 00:01:40,683

<PERS_IDENT_GEN> A mulher <ACAO> se levanta.
<cps> 17,84

<AD20> 20
<t> 00:01:41,091 --> 00:01:42,441
<LC> Foco <AMB_OBJ> na prancheta.
<cps> 13,33

<AD21> 21
<t> 00:01:52,021 --> 00:01:55,688
<LC> Foco <PERS_LINCORP> nos dois braços estendidos de <PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> se movimentando <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala.
<cps> 18,81

<AD22> 22
<t> 00:01:55,689 --> 00:01:57,438
<PERS_IDENT_GEN> A mulher <PERS_IDENT_PRON> o <ACAO> fita <PERS_EEMOC> com carinho.
<cps> 16,00

<AD23> 23
<t> 00:01:59,600 --> 00:02:01,696
<PERS_IDENT_PRON> Ele <PERS_FIG> usa uma máscara, <PERS_FIG> uma capa vermelha...
<cps> 19,56

<AD24> 24
<t> 00:02:02,376 --> 00:02:05,531
e <ACAO> segura <AMB_CEN_DIST_OBJ> no peito <AMB_OBJ_DESC> o símbolo do superman <AMB_OBJ_DESC> desenhado a mão.
<cps> 17,74

<AD25> 25
<t> 00:02:06,343 --> 00:02:07,357
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta.
<cps> 13,80

<AD26> 26
<t> 00:02:07,358 --> 00:02:10,267
<PERS_IDENT_CF_ID> Um rapaz <PERS_CF_ASPEC_PERM> de barba <ACAO> olha <PERS_EMENT> atento <AMB_CEN_DIST_PERS> através de <AMB_OBJ> uma janela de <AMB_OBJ_DESC> vidro.
<cps> 20,96

<AD27> 27
<t> 00:02:10,692 --> 00:02:13,104
<PERS_IDENT_GEN> A mulher <ACAO> lê <AMB_OBJ> uns formulários <AMB_CEN_DIST_OBJ> na <AMB_OBJ> prancheta.
<cps> 16,99

<AD28> 28
<t> 00:02:42,104 --> 00:02:44,726
<LC> Foco no rosto <PERS_EEMOC> nervoso de <PERS_IDENT_NOME> Eduardo <ACAO> pressionando <AMB_OBJ> o vidro.
<cps> 20,59

<AD29> 29

<t> 00:02:45,266 --> 00:02:48,189
<PERS_IDENT_GEN> A mulher <PERS_FIG> de jaleco <ACAO> caminha <PERS_LINCORP>
devagar <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala.
<cps> 15,39

<AD30> 30
<t> 00:02:48,547 --> 00:02:51,557
<AMB_CEN_DIST_PERS> Ao fundo, <LC> imagem desfocada <PERS_IDENT_CF_ID> da
garota, <PERS_IDENT_NOME> Roberta, <ACAO> brincando.
<cps> 18,93

<AD31> 31
<t> 00:02:52,137 --> 00:02:55,363
<PERS_IDENT_GEN> A mulher <AMB_CEN_LOC_TEMP> de repente <ACAO> começa a olhar
o entorno e <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> fica agitada.
<cps> 18,59

<AD32> 32
<t> 00:02:55,364 --> 00:02:58,049
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> olha <PERS_EEMOC> nervosa para
<PERS_IDENT_NOME> Marcos e <PERS_IDENT_NOME> Augusto.
<cps> 14,52

<AD33> 33
<t> 00:03:00,970 --> 00:03:02,806
<PERS_EMENT> Confusa, <PERS_IDENT_PRON> ela <PERS_EXPFAC> fica com o olhar
perdido.
<cps> 20,69

<AD34> 34
<t> 00:03:06,167 --> 00:03:07,065
<ACAO> Larga <AMB_OBJ> a prancheta.
<cps> 20,04

<AD35> 35
<t> 00:03:08,664 --> 00:03:14,701
<LC> Imagens difusas de <PERS_IDENT_NOME> Marcos, <PERS_IDENT_NOME> Augusto e
<PERS_IDENT_NOME> Eduardo se fundem <PERS_EXPFAC> ao sembrante
<PERS_EEMOC> atordoado <PERS_IDENT_GEN> da mulher <PERS_FIG> de jaleco.
<cps> 16,23

<AD36> 36
<t> 00:03:14,908 --> 00:03:19,417
<LC> Imagens sobrepostas <PERS_IDENT_GEN> da mulher <PERS_FIG> de jaleco
<PERS_EEMOC> transtornada.
<cps> 11,53

<AD37> 37
<t> 00:03:21,044 --> 00:03:23,544
<LC> Foco na mão <PERS_IDENT_CF_ID> da garota <PERS_IDENT_NOME> Roberta,
<ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma faca.
<cps> 20

<AD38> 38
<t> 00:03:24,122 --> 00:03:30,319
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> passa pelos
<PERS_IDENT_CF_ID> rapazes e <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima

<PERS_IDENT_GEN> da mulher <PERS_FIG> de jaleco que <PERS_LINCORP> está agachada, <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> acuada <AMB_CEN_DIST_PERS> contra a parede.

<cps> 15,97

<AD39> 39

<t> 00:03:31,836 --> 00:03:35,808

<AMB_OBJ> Uma seringa <ACAO> é injetada <AMB_CEN_DIST_OBJ> no braço <PERS_IDENT_GEN> da mulher que, <AMB_CEN_LOC_TEMP> agora, <PERS_FIG> está sem jaleco.

<cps> 17,62

<AD40> 40

<t> 00:03:36,023 --> 00:03:37,480

<LC> A tela fica branca.

<cps> 13,04

<AD41> 41

<t> 00:03:39,161 --> 00:03:44,740

<LC> Do chão, vê-se <PERS_IDENT_NOME> Marcos e <PERS_IDENT_NOME> Roberta <PERS_FIG> de jaleco <PERS_LINCORP> segurando <PERS_IDENT_GEN> a mulher que <DESC_EXPL> parece <PERS_EMENT> estar desacordada.

<cps> 16,13

<AD42> 42

<t> 00:03:44,741 --> 00:03:49,944

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta com <AMB_OBJ> a seringa <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <PERS_IDENT_NOME> Marcos e <PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> tentam erguer <PERS_IDENT_GEN> a mulher.

<cps> 15,56

<AD43> 43

<t> 00:03:50,291 --> 00:03:52,682

<PERS_IDENT_PRON> Eles <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> colocam <PERS_LINCORP> recostada <AMB_CEN_DIST_PERS> na parede.

<cps> 14,63

<AD44> 44

<t> 00:03:53,810 --> 00:03:58,081

<PERS_EEMOC> Sérios e <PERS_EMENT> atentos, <PERS_IDENT_NOME> Augusto e <PERS_IDENT_NOME> Marcos <ACAO> fitam <PERS_IDENT_GEN> a mulher <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afastam.

<cps> 16,38

<AD45> 45

<t> 00:03:59,155 --> 00:04:02,958

<AMB_CEN_DIST_PERS> Ao fundo, <PERS_IDENT_NOME> Roberta <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> observa e <ACAO> faz anotações <AMB_OBJ> na prancheta.

<cps> 14,98

<AD46> 46

<t> 00:04:03,382 --> 00:04:07,280

<AMB_CEN_DIST_PERS> Ao <PERS_IDENT_PRON> seu lado, <PERS_IDENT_NOME> Eduardo também <ACAO> olha <PERS_EMENT> atento para <PERS_IDENT_GEN> a mulher.

<cps> 13,59

<AD47> 47

<t> 00:04:09,645 --> 00:04:13,311

<LC> Imagem <PERS_IDENT> dos quatro <ACAO> fitando <PERS_EMENT> atentos na mesma direção.

<cps> 13,91

<AD48> 48

<t> 00:04:14,032 --> 00:04:19,426

<LC> Detalhe de <AMB_OBJ> peças <AMB_OBJ_DESC> de um tabuleiro de xadrez <AMB_CEN_DIST_OBJ> ao lado de <AMB_OBJ> um desenho <AMB_OBJ_DESC> feito a mão.

<cps> 14,27

<AD49> 49

<t> 00:04:19,996 --> 00:04:21,976

<DESC_EXPL> Créditos finais.

<cps> 8,08

<AD50> 50

<t> 00:04:21,977 --> 00:04:25,064

<LC> As imagens retratadas no <AMB_OBJ> desenho <AMB_OBJ_DESC> feito a mão se alternam:

<cps> 18,46

<AD51> 51

<t> 00:04:25,065 --> 00:04:27,474

<AMB_OBJ_DESC> o superman voando ao lado de passarinhos,

<cps> 17,01

<AD52> 52

<t> 00:04:28,602 --> 00:04:32,044

<AMB_OBJ_DESC> uma garotinha de cabelo rosa rodeada por monstros,

<cps> 14,52

<AD53> 53

<t> 00:04:31,498 --> 00:04:34,731

<AMB_OBJ_DESC> a garotinha de cabelo rosa diante de uma câmera...

<cps> 15,46

<AD54> 54

<t> 00:04:34,732 --> 00:04:39,839

e <AMB_OBJ> outros desenhos <AMB_CEN_DIST_OBJ> são empilhados uns sobre os outros ao lado <AMB_OBJ> do tabuleiro.

<cps> 14,48

<AD55> 55

<t> 00:04:40,348 --> 00:04:41,369

<LC> A tela escurece.

<cps> 15,67

APÊNDICE K – Roteiro etiquetado NV01

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:04,443

<CRED> Latin American Film Institute

<cps> 6,30

<AD2> 2

<t> 00:00:06,901 --> 00:00:10,429

<AMB_OBJ> Brinquedos e <AMB_OBJ> desenhos <AMB_OBJ_DESC> feitos com lápis de colorir <LC> são mostrados

<cps> 17,85

<AD3> 3

<t> 00:00:10,430 --> 00:00:11,430

<CRED> Natacha Reis

<cps> 12

<AD4> 4

<t> 00:00:13,144 --> 00:00:14,951

<CRED> Giulia Britto

<cps> 7,19

<AD5> 5

<t> 00:00:19,878 --> 00:00:21,703

<CRED> Bruno Pinheiro

<cps> 7,67

<AD6> 6

<t> 00:00:24,825 --> 00:00:28,661

<CRED> Rogério Ribeiro, <CRED> Márcio Marchetti

<cps> 8,08

<AD7> 7

<t> 00:00:31,210 --> 00:00:33,879

<CRED> Resquícios da Infância

<cps> 8,24

<AD8> 8

<t> 00:00:34,517 --> 00:00:37,803

<PERS_IDENT_CF_ID> Garota <PERS_LINCORP> sentada <ACAO> brincando com

<AMB_OBJ> bonecas

<cps> 10,95

<AD9> 9

<t> 00:00:39,586 --> 00:00:41,304

<PERS_IDENT_PROF> Médica <ACAO> entra <AMB_CEN_DIST_PERS> na sala

<cps> 11,64

<AD10> 10

<t> 00:01:09,146 --> 00:01:12,029

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> anda <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma prancheta

<cps> 14,57

<AD11>

<t> 00:01:29,312 --> 00:01:32,890

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> toca no rosto de <PERS_IDENT_NOME> Marcos que
<AMB_CEN_DIST_PERS> está embaixo da <AMB_OBJ> mesa
<cps> 14,53

<AD12> 12
<t> 00:01:32,891 --> 00:01:36,058
<PERS_IDENT_PRON> Ele <ACAO> coloca <PERS_LINCORP> as mãos na cabeça
<PERS_EEMOC> com aflição
<cps> 12,63

<AD13> 13
<t> 00:01:36,478 --> 00:01:42,354
<PERS_IDENT_PROF> A médica <PERS_LINCORP> faz sinal de negativo e <ACAO> continua
a andar <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala
<cps> 10,04

<AD14> 14
<t> 00:01:45,012 --> 00:01:46,215
<PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> mostra <AMB_OBJ> um desenho
<cps> 20,78

<AD15> 15
<t> 00:01:52,414 --> 00:01:56,787
<PERS_LINCORP> Punhos fechados de <PERS_IDENT_NOME> Augusto <LC> <ACAO>
<PERS_LINCORP> <DESC_EXPL> aparecem como se <PERS_IDENT_PRON> ele estivesse
voando
<cps> 14,63

<AD16> 16
<t> 00:02:05,328 --> 00:02:08,758
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> verifica <AMB_OBJ> a prancheta
<AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <PERS_IDENT_GEN> um homem <ACAO> olha
<AMB_CEN_DIST_PERS> pela <AMB_OBJ> janela
<cps> 17,20

<AD17> 17
<t> 00:02:46,141 --> 00:02:51,313
<PERS_IDENT_PROF> A médica <ACAO> continua olhando <AMB_OBJ> a prancheta
<AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <LC> vultos dos <PERS_IDENT> pacientes aparecem
<AMB_CEN_DIST_PERS> ao <PERS_IDENT_PRON> seu redor
<cps> 17,01

<AD18> 18
<t> 00:02:51,799 --> 00:02:53,913
<PERS_IDENT_PRON> Ela <PERS_IDENT_PRON> os <ACAO> olha <PERS_EEMOC> com
medo
<cps> 9,46

<AD19> 19
<t> 00:03:07,584 --> 00:03:10,815
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> solta <AMB_OBJ> a prancheta e <LC> <PERS_IDENT>
os vultos <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproximam
<cps> 14,23

<AD20> 20
<t> 00:03:10,816 --> 00:03:16,269

<LC> Imagens duplicadas mostram <PERS_IDENT_PRON> ela <ACAO> colocando <PERS_LINCORP> as mãos no rosto <AMB_CEN_DIST_PERS> no canto da parede
<cps> 13,75

<AD21> 21

<t> 00:03:20,044 --> 00:03:25,760

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> aparece <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma faca e <ACAO> andando <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção <PERS_IDENT_PROF> à médica
<cps> 11,02

<AD22> 22

<t> 00:03:31,753 --> 00:03:34,366

<AMB_OBJ> Uma injeção <ACAO> é aplicada <AMB_CEN_DIST_OBJ> na <PERS_IDENT_PROF> médica
<cps> 12,24

<AD23> 23

<t> 00:03:34,923 --> 00:03:37,781

<LC> Tela fica branca
<cps> 5,60

<AD24> 24

<t> 00:03:42,356 --> 00:03:47,171

<PERS_IDENT> Os pacientes <ACAO> aparecem <PERS_FIG> vestidos como <PERS_IDENT_PROF> funcionários do hospital
<cps> 12,46

<AD25> 25

<t> 00:03:47,172 --> 00:03:53,195

<PERS_IDENT_PRON> Eles <ACAO> colocam <PERS_IDENT_PROF> a médica <PERS_LINCORP> sentada <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão, <AMB_CEN_LOC_TEMP> mas agora <PERS_IDENT_PRON> ela <PERS_FIG> está ventida com <PERS_IDENT> paciente
<cps> 12,78

<AD26> 26

<t> 00:03:53,196 --> 00:03:56,029

<PERS_IDENT_PROF> Os funcionários <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> encaram <PERS_EEMOC> com pena
<cps> 12,00

<AD27> 27

<t> 00:04:14,483 --> 00:04:16,714

<CRED> Roteiro Wellington Rilo
<cps> 9,86

<AD28> 28

<t> 00:04:16,715 --> 00:04:19,760

<CRED> Direção de Produção Camila Batalha
<cps> 10,83

<AD29> 29

<t> 00:04:19,761 --> 00:04:22,810

<CRED> Assistência de Direção Beatriz Brito Bubba Cillo
<cps> 15,08

<AD30> 30

<t> 00:04:22,811 --> 00:04:25,703
<CRED> Direção de Fotografia Bruno Branco Cláudio Nunes
<cps> 15,90

<AD31> 31
<t> 00:04:25,704 --> 00:04:29,681
<CRED> Operação de Câmera e Áudio Edu Leporo Wellington Rilo
<cps> 12,82

<AD32> 32
<t> 00:04:29,682 --> 00:04:32,259
<CRED> Direção de Arte Leandro Smith
<cps> 10,86

<AD33> 33
<t> 00:04:32,260 --> 00:04:35,869
<CRED> Produção de Locação Camila Batalha
<cps> 9,14

<AD34> 34
<t> 00:04:36,533 --> 00:04:39,403
<CRED> Roteiro de AD
<nome da participante>
<cps> 8,01

<AD35> 35
<t> 00:04:39,404 --> 00:04:43,647
<CRED> Locução de AD xx
<cps> 3,53

APÊNDICE L – Roteiro etiquetado NV02

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:05,370

<CRED> Latin American film institute.

<cps> 5,58

<AD2> 2

<t> 00:00:06,470 --> 00:00:08,623

<LC> Imagem de um <AMB_OBJ> robô.

<cps> 8,36

<AD3> 3

<t> 00:00:08,624 --> 00:00:11,924

<CRED> Natacha Reis.

<cps> 3,93

<AD4> 4

<t> 00:00:11,925 --> 00:00:14,425

<CRED> Giulia Britto.

<cps> 5,60

<AD5> 5

<t> 00:00:14,426 --> 00:00:18,826

<AMB_OBJ> Folhas desenhadas <AMB_CEN_DIST_OBJ> espalhadas sobre <AMB_OBJ> uma mesa.

<cps> 10

<AD6> 6

<t> 00:00:18,827 --> 00:00:20,827

<CRED> Bruno Pinheiro.

<cps> 7,5

<AD7> 7

<t> 00:00:24,328 --> 00:00:26,228

<CRED> Rogério Ribeiro.

<cps> 8,42

<AD8> 8

<t> 00:00:26,229 --> 00:00:27,229

<CRED> Márcio Marchetti.

<cps> 17

<AD9> 9

<t> 00:00:30,030 --> 00:00:34,030

<DESC_EXPL> Título do filme: <CRED> Resquícios da infância.

<cps> 10

<AD10> 10

<t> 00:00:34,031 --> 00:00:36,931

<PERS_IDENT> Uma paciente <PERS_LINCORP> está sentada <AMB_CEN_DIST_PERS> no chão <ACAO> brincando de <AMB_OBJ> boneca.

<cps> 18,62

<AD11> 11

<t> 00:00:36,932 --> 00:00:39,932

<PERS_IDENT_PROF> Doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria <ACAO> abre <AMB_OBJ> a porta e <ACAO> entra <AMB_CEN_DIST_PERS> na sala.

<cps> 14,33

<AD12> 12

<t> 00:00:40,033 --> 00:00:45,033

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> segura <AMB_OBJ> uma prancheta <AMB_OBJ_DESC> com <AMB_OBJ> a ficha <AMB_OBJ_DESC> dos pacientes.

<cps> 10,20

<AD13> 13

<t> 00:01:08,457 --> 00:01:13,177

<PERS_IDENT_PROF> Doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria <ACAO>
<AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta da <PERS_IDENT_NOME> Roberta e <ACAO> muda <AMB_OBJ> a ficha da <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> prancheta.

<cps> 14,19

<AD14> 14

<t> 00:01:31,500 --> 00:01:33,843

<PERS_IDENT_NOME> Marcos <AMB_CEN_DIST_PERS> está debaixo da <AMB_OBJ> mesa.

<cps> 11,95

<AD15> 15

<t> 00:01:38,101 --> 00:01:41,944

<PERS_IDENT_PROF> Doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria <ACAO>
<AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta de <PERS_IDENT_NOME> Marcos e <ACAO> muda <AMB_OBJ> a ficha novamente.

<cps> 15,352

<AD16> 16

<t> 00:01:52,503 --> 00:01:57,192

<PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_FIG> está usando uma capa vermelha e, nos olhos, <PERS_FIG> uma máscara branca.

<cps> 15,14

<AD17> 17

<t> 00:02:03,861 --> 00:02:05,933

<PERS_IDENT_PROF> Doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria <ACAO>
<AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta de <PERS_IDENT_NOME> Augusto.

<cps> 16,89

<AD18> 18

<t> 00:02:05,934 --> 00:02:08,981

<PERS_IDENT_GEN> Um homem <ACAO> olha <AMB_CEN_DIST_PERS> pela <AMB_OBJ> janela.

<cps> 8,53

<AD19> 19

<t> 00:02:08,982 --> 00:02:13,818

<PERS_IDENT_PROF> Doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria <ACAO> olha <PERS_IDENT_PRON> suas <AMB_OBJ> fichas.

<cps> 6,41

<AD20> 20

<t> 00:02:44,633 --> 00:02:49,037

<PERS_IDENT_PROF> Doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria <ACAO> anda <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala <ACAO> observando <AMB_OBJ> as fichas.

<cps> 11,35

<AD21> 21

<t> 00:02:51,038 --> 00:02:54,338

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> olha a <PERS_IDENT_PRON> sua volta e <ACAO>
<PERS_LINCORP> balança a cabeça em sinal negativo.

<cps> 17,57

<AD22> 22

<t> 00:02:54,339 --> 00:02:58,139

<PERS_IDENT> Os pacientes <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproximam
<PERS_IDENT_PRON> dela.

<cps> 8,15

<AD23> 23

<t> 00:02:58,140 --> 00:03:06,809

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> larga <AMB_OBJ> a prancheta e <AMB_OBJ> a caneta e
<PERS_LINCORP> coloca as mãos na cabeça.

<cps> 6,92

<AD24> 24

<t> 00:03:06,810 --> 00:03:10,150

<ACAO> <PERS_LINCORP> Balança os dedos em sinal de negativo.

<cps> 11,37

<AD25> 25

<t> 00:03:10,151 --> 00:03:14,317

<PERS_LINCORP> Com as mãos no rosto, <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se encosta
<AMB_CEN_DIST_PERS> na parede e <ACAO> desliza até <ACAO> sentar
<AMB_CEN_DIST_PERS> no chão.

<cps> 17,28

<AD26> 26

<t> 00:03:14,318 --> 00:03:20,935

<LC> A imagem alterna em desordem mostrando a <PERS_EEMOC> inquietação da
<PERS_IDENT_PROF> doutora <PERS_IDENT_NOME> Maria.

<cps> 10,57

<AD27> 27

<t> 00:03:20,936 --> 00:03:26,382

Com <AMB_OBJ> uma faca <AMB_CEN_DIST_OBJ> em punho, <PERS_IDENT_NOME>
Roberta <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima de <PERS_IDENT_NOME> Maria.

<cps> 9,54

<AD28> 28

<t> 00:03:29,483 --> 00:03:34,783

<PERS_LINCORP> Deitada <AMB_CEN_DIST_PERS> ao chão, <PERS_IDENT_NOME> Maria
<ACAO> recebe <AMB_OBJ> uma injeção.

<cps> 7,92

<AD29> 29

<t> 00:03:35,884 --> 00:03:37,755

<LC> Tela branca.

<cps> 6,41

<AD30> 30

<t> 00:03:40,612 --> 00:03:43,685

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> retira <AMB_OBJ> a injeção
<AMB_CEN_DIST_OBJ> de <PERS_IDENT_NOME> Maria.

<cps> 11,06

<AD31> 31

<t> 00:03:43,686 --> 00:03:48,016

<PERS_IDENT_NOME> Marcos e <PERS_IDENT_NOME> Augusto <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> levantam e <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> sentam <AMB_CEN_DIST_PERS> encostada na parede.

<cps> 13,62

<AD32> 32

<t> 00:03:49,017 --> 00:03:51,917

<AMB_CEN_LOC_TEMP> Agora, <PERS_IDENT_NOME> Maria <PERS_FIG> usa roupa de paciente.

<cps> 12,06

<AD33> 33

<t> 00:03:51,918 --> 00:03:54,018

E <PERS_IDENT_NOME> Marcos e <PERS_IDENT_NOME> Roberta <PERS_FIG> usam jaleco.

<cps> 14,76

<AD34> 34

<t> 00:03:53,419 --> 00:03:56,619

<PERS_LINCORP> De pé, <PERS_IDENT> todos <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> observam.

<cps> 7,50

<AD35> 35

<t> 00:03:57,020 --> 00:04:04,073

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <AMB_CEN_DIST_PERS> está ao lado de <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma vassoura.

<cps> 7,79

<AD36> 36

<t> 00:04:04,374 --> 00:04:12,548

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> faz anotações em <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> prancheta <ACAO> olhando para <PERS_IDENT_NOME> Maria.

<cps> 7,09

<AD37> 37

<t> 00:04:12,549 --> 00:04:16,404

<CRED> Roteiro de Wellington Rilo e <CRED> Direção de Arthur Stefan e Jorge Arbage.

<cps> 17,89

<AD38> 38

<t> 00:04:16,405 --> 00:04:17,405

<CRED> Direção de produção: Camila Batalha.

<cps> 36

<AD39> 39

<t> 00:04:17,406 --> 00:04:18,406

<CRED> Assistência de produção: Cláudio Nunes.

<cps> 39

<AD40> 40

<t> 00:04:18,407 --> 00:04:21,736

<CRED> Assistência de direção: Beatriz Brito e Bubba Cillo.

<cps> 15,62

<AD41> 41

<t> 00:04:21,737 --> 00:04:24,637

<CRED> Direção de fotografia: Bruno Branco e Cláudio Nunes. <CRED> Iluminação: Alan Foster.

<cps> 26,55

<AD42> 42

<t> 00:04:24,638 --> 00:04:25,638

<CRED> Operação de câmera e áudio: Edu Leporo e Wellington Rilo.

<cps> 57

APÊNDICE M – Roteiro etiquetado NV03

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:06,304

<LC> Tela preta com <AMB_OBJ> luz <AMB_COR> amarela <AMB_CEN_DIST_OBJ> ao fundo.
<CRED> Latin America Film Institute.

<cps> 10,31

<AD2> 2

<t> 00:00:07,908 --> 00:00:12,682

<AMB_OBJ> Bonecos e <AMB_OBJ> desenhos <LC> <DESC_EXPL> aparecem
<AMB_CEN_DIST_OBJ> no que parece ser <AMB_CEN_DESC_IN> um quarto de criança.

<cps> 13,82

<AD3> 3

<t> 00:00:30,105 --> 00:00:34,759

<DESC_EXPL> O título do filme, <CRED> Resquícios da Infância, <LC> aparece ao lado do
<AMB_OBJ> boneco e <AMB_OBJ> bola de futebol.

<cps> 18,47

<AD4> 4

<t> 00:00:35,774 --> 00:00:38,999

<AMB_CEN_DIST_PERS> Em <AMB_CEN_DESC_IN> um quarto de hospital,
<PERS_IDENT_CF_ID> uma garota <ACAO> brinca com <AMB_OBJ> uma boneca.

<cps> 17,98

<AD5> 5

<t> 00:00:39,296 --> 00:00:41,079

<PERS_IDENT_PROF> Uma enfermeira <ACAO> entra.

<cps> 11,77

<AD6> 6

<t> 00:00:42,033 --> 00:00:44,394

<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> lê <AMB_OBJ> a ficha <AMB_OBJ_DESC> da
paciente.

<cps> 15,24

<AD7> 7

<t> 00:00:58,124 --> 00:01:00,461

<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> mexe nos cabelos <PERS_IDENT_CF_ID> da
garota.

<cps> 17,11

<AD8> 8

<t> 00:01:03,201 --> 00:01:05,952

<PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> diz <PERS_IDENT_PROF> à enfermeira que
<AMB_OBJ> a boneca é <PERS_IDENT_PRON> ela.

<cps> 15,99

<AD9> 9

<t> 00:01:08,760 --> 00:01:11,765

<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> lê <AMB_OBJ> a ficha de <AMB_OBJ_DESC>
outro paciente.

<cps> 13,97

<AD10> 10

<t> 00:01:11,824 --> 00:01:13,902

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> olha debaixo de <AMB_OBJ> uma mesa.

<cps> 13,95

<AD11> 11

<t> 00:01:27,692 --> 00:01:29,846

<PERS_IDENT_NOME> Marcos <PERS_LINCORP> está encondido <AMB_CEN_DIST_PERS> sob <AMB_OBJ> a mesa.

<cps> 15,32

<AD12> 12

<t> 00:01:36,370 --> 00:01:38,871

<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta <AMB_OBJ> da mesa.

<cps> 12,39

<AD13> 13

<t> 00:01:39,962 --> 00:01:42,654

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> lê outra <AMB_OBJ> ficha <AMB_OBJ_DESC> de paciente.

<cps> 11,51

<AD14> 14

<t> 00:01:44,391 --> 00:01:47,327

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> vai <AMB_CEN_DIST_PERS> à <AMB_OBJ> mesa de <PERS_IDENT_NOME> Augusto, que <ACAO> mostra <AMB_OBJ> uma pintura <AMB_OBJ_DESC> feita por <PERS_IDENT_PRON> ele.

<cps> 21,45

<AD15> 15

<t> 00:01:51,877 --> 00:01:55,562

<PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> anda <PERS_LINCORP> com os punhos cerrados à frente, <LC> <ACAO> <PERS_LINCORP> <DESC_EXPL> como se estivesse voando.

<cps> 18,99

<AD16> 16

<t> 00:02:03,958 --> 00:02:07,546

<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima de <PERS_IDENT> outro paciente e <ACAO> lê <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> ficha.

<cps> 15,60

<AD17> 17

<t> 00:02:08,106 --> 00:02:10,733

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <AMB_CEN_DIST_PERS> está na <AMB_OBJ> janela, <ACAO> olhando para fora.

<cps> 15,98

<AD18> 18

<t> 00:02:27,086 --> 00:02:29,106

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <ACAO> aponta para <AMB_CEN_DESC_EX> o céu lá fora.

<cps> 16,83

<AD19> 19

<t> 00:02:38,499 --> 00:02:41,842

<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <ACAO> bate o rosto contra <AMB_OBJ> a janela.

<cps> 11,06

<AD20> 20

<t> 00:02:42,838 --> 00:02:45,231

<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afasta.
<cps> 9,61

<AD21> 21
<t> 00:02:51,660 --> 00:02:55,041
<PERS_IDENT> Os pacientes <LC> surgem como vultos, e <PERS_IDENT_PRON> ela <ACAO> olha ao redor.
<cps> 15,38

<AD22> 22
<t> 00:03:05,629 --> 00:03:08,753
<PERS_EEMOC> Assustada, <PERS_IDENT_PRON> ela <PERS_LINCORP> tapa os ouvidos e <ACAO> derruba <AMB_OBJ> a prancheta.
<cps> 16,64

<AD23> 23
<t> 00:03:08,951 --> 00:03:13,426
<PERS_IDENT_PRON> Ela e <PERS_IDENT> os pacientes <LC> aparecem duplicados.
<cps> 8,71

<AD24> 24
<t> 00:03:15,069 --> 00:03:17,703
<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira <ACAO> <PERS_LINCORP> se agacha <AMB_CEN_DIST_PERS> à parede, <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> encurralada.
<cps> 16,70

<AD25> 25
<t> 00:03:21,217 --> 00:03:23,258
<PERS_IDENT> Uma mão <ACAO> aparece <ACAO> segurando <AMB_OBJ> uma faca.
<cps> 17,14

<AD26> 26
<t> 00:03:23,258 --> 00:03:26,885
<PERS_IDENT> A pessoa <AMB_CEN_DIST_OBJ> com <AMB_OBJ> a faca <ACAO> vai <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção <PERS_IDENT_PROF> à enfermeira.
<cps> 12,95

<AD27> 27
<t> 00:03:29,794 --> 00:03:34,370
<PERS_IDENT_PROF> A enfermeira, <PERS_LINCORP> deitada <AMB_CEN_DIST_PERS> ao chão, <ACAO> recebe <AMB_OBJ> uma injeção <AMB_CEN_DIST_OBJ> no braço.
<cps> 12,67

<AD28> 28
<t> 00:03:34,370 --> 00:03:36,237
<LC> A tela fica branca.
<cps> 10,17

<AD29> 29
<t> 00:03:40,703 --> 00:03:43,513
<AMB_CEN_LOC_TEMP> Quando <PERS_IDENT_PROF> a enfermeira <ACAO> recobra a consciência, <PERS_IDENT> duas pessoas <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> levantam.
<cps> 23,48

<AD30> 30
<t> 00:03:50,772 --> 00:03:54,625

<AMB_CEN_LOC_TEMP> Enquanto <PERS_IDENT_PRON> ela <PERS_FIG> usa roupas desleixadas, <PERS_IDENT> os pacientes estão <AMB_CEN_LOC_TEMP> agora em <PERS_FIG> roupas de enfermeiros.

<cps> 22,32

<AD31> 31

<t> 00:04:01,507 --> 00:04:04,355

<PERS_IDENT_PROF> Os enfermeiros <PERS_IDENT_PRON> a <ACAO> olham.

<cps> 8,07

<AD32> 32

<t> 00:04:14,782 --> 00:04:17,870

<DESC_EXPL> Créditos finais, <LC> em meio a <AMB_OBJ> um tabuleiro de xadrez e

<AMB_OBJ> desenhos.

<cps> 19,43

APÊNDICE N – Roteiro etiquetado NV04

<AD1> 1

<t> 00:00:00,000 --> 00:00:06,766

<CRED_DESC_FONTE> Em letras brancas <LC> surge <DESC_EXPL> o nome da produtora:

<CRED> Latin American Film Institute

<cps> 10,78

<AD2> 2

<t> 00:00:06,767 --> 00:00:07,880

<LC> Tela preta.

<cps> 9,88

<AD3> 3

<t> 00:00:08,496 --> 00:00:14,400

<LC> Lentamente, a imagem da câmera mostra <AMB_OBJ> uma mesa, <AMB_OBJ_DESC> onde estão alguns <AMB_OBJ> brinquedos <AMB_COR> coloridos e <AMB_OBJ> lápis de <AMB_OBJ_DESC> cores.

<cps> 17,44

<AD4> 4

<t> 00:00:14,400 --> 00:00:18,754

<AMB_OBJ> Vários papéis <AMB_OBJ_DESC> com desenhos <AMB_CEN_DIST_OBJ> estão dispostos na parede.

<cps> 12,17

<AD5> 5

<t> 00:00:19,510 --> 00:00:24,514

<LC> A imagem retorna para <AMB_OBJ> a mesa e mostra <AMB_OBJ> rabiscos e <AMB_OBJ> um desenho <AMB_OBJ_DESC> do brasão do Superman.

<cps> 16,18

<AD6> 6

<t> 00:00:24,936 --> 00:00:30,016

<AMB_OBJ> Outros desenhos <LC> surgem na tela.

<AMB_OBJ> Eles <DESC_EXPL> parecem indicar sentimentos de quem os fez.

<cps> 15,55

<AD7> 7

<t> 00:00:30,496 --> 00:00:34,575

<LC> Surge <DESC_EXPL> o título do filme: <CRED> Resquícios da infância.

<cps> 11,52

<AD8> 8

<t> 00:00:36,528 --> 00:00:40,598

<PERS_IDENT_PROF> Uma doutora com <AMB_OBJ> uma prancheta

<AMB_CEN_DIST_OBJ> na mão <ACAO> entra <AMB_CEN_DIST_PERS> em uma sala.

<cps> 13,26

<AD9> 9

<t> 00:00:41,378 --> 00:00:45,678

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> observa o local e <ACAO> começa a caminhar,

<PERS_LINCORP> lentamente, <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção à

<PERS_IDENT_CF_ID> uma menina.

<cps> 17,67

<AD10> 10

<t> 00:01:08,545 --> 00:01:13,746

<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> sai e <ACAO> vai <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção à <PERS_IDENT_CF_ID> um garoto que <PERS_LINCORP> está deitado <AMB_CEN_DIST_PERS> debaixo de <AMB_OBJ> uma mesa.
<cps> 14,03

<AD11> 11
<t> 00:01:28,090 --> 00:01:32,511
<PERS_EEMOC> Assustado, <PERS_IDENT_PRON> ele <ACAO> fala algo para <PERS_IDENT_PROF> a doutora.
<cps> 9,04

<AD12> 12
<t> 00:01:32,867 --> 00:01:36,165
<LC> A imagem <PERS_IDENT_PRON> o mostra <PERS_LINCORP> encolhido, ainda, <AMB_CEN_DIST_PERS> debaixo <AMB_OBJ> da mesa.
<cps> 15,46

<AD13> 13
<t> 00:01:37,029 --> 00:01:40,751
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> levanta e <ACAO> sai <AMB_CEN_DIST_PERS> em direção à <PERS_IDENT_CF_ID> um outro rapaz que está <PERS_LINCORP> sentado <AMB_CEN_DIST_PERS> em <AMB_OBJ> uma cadeira.
<cps> 20,68

<AD14> 14
<t> 00:01:40,851 --> 00:01:42,555
<PERS_IDENT_PRON> Ele <PERS_FIG> usa uma capa vermelha.
<cps> 15,25

<AD15> 15
<t> 00:01:44,544 --> 00:01:46,735
<PERS_IDENT_PRON> Ele <ACAO> levanta e <ACAO> mostra <AMB_OBJ> um desenho.
<cps> 14,60

<AD16> 16
<t> 00:01:52,657 --> 00:01:57,427
<LC> A imagem foca nos braços de <PERS_IDENT_NOME> Augusto <ACAO> <PERS_LINCORP> <DESC_EXPL> imitando os movimentos do super herói.
<cps> 15,30

<AD17> 17
<t> 00:02:06,279 --> 00:02:13,659
<AMB_CEN_LOC_TEMP> Agora, <PERS_IDENT_PROF> a doutora <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima de <PERS_IDENT_GEN> um homem que <ACAO> observa <AMB_OBJ> algo <AMB_CEN_DIST_OBJ> que está além de <AMB_CEN_DIST_PERS> <AMB_OBJ> uma janela <AMB_OBJ_DESC> de vidro.
<cps> 12,73

<AD18> 18
<t> 00:02:28,108 --> 00:02:29,569
<PERS_IDENT_NOME> Eduardo <PERS_EEMOC> fica apavorado.
<cps> 15,74

<AD19> 19
<t> 00:02:43,633 --> 00:02:50,359

<PERS_IDENT_PROF> A doutora <ACAO> volta a caminhar <PERS_LINCORP> lentamente <AMB_CEN_DIST_PERS> pela sala, <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <ACAO> olha <AMB_OBJ> os papéis <AMB_CEN_DIST_OBJ> presos <AMB_OBJ> na prancheta.
<cps> 13,67

<AD20> 20
<t> 00:02:52,291 --> 00:02:56,988
<PERS_IDENT_PRON> Ela <ACAO> <DESC_EXPL> começa a ouvir vozes e <LC> <DESC_EXPL> ter alucinações.
<cps> 9,15

<AD21> 21
<t> 00:02:59,276 --> 00:03:04,425
<PERS_IDENT> As pessoas que estão <AMB_CEN_DIST_PERS> na sala <ACAO> se movimentam e <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> começam a persegui-
<PERS_IDENT_PRON> la.
<cps> 12,81

<AD22> 22
<t> 00:03:05,642 --> 00:03:08,443
<PERS_EEMOC> Desesperada, <PERS_IDENT_PRON> ela <ACAO> deixa <AMB_OBJ> a prancheta cair.
<cps> 14,28

<AD23> 23
<t> 00:03:08,643 --> 00:03:10,138
<LC> A visão <PERS_IDENT_PRON> dela vai ficando turva.
<cps> 20,73

<AD24> 24
<t> 00:03:10,373 --> 00:03:16,627
<PERS_LINCORP> Encostada <AMB_CEN_DIST_PERS> na parede, <PERS_IDENT_PRON> ela <ACAO> procura se defender <PERS_IDENT> das pessoas que <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> tentam se aproximar <PERS_IDENT_PRON> dela.
<cps> 13,59

<AD25> 25
<t> 00:03:16,995 --> 00:03:23,237
<PERS_EEMOC> Aflita, <PERS_IDENT_PRON> ela <PERS_LINCORP> leva as mãos ao rosto. <AMB_CEN_LOC_TEMP> Enquanto isso, <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se aproxima com <AMB_OBJ> uma faca <AMB_CEN_DIST_OBJ> em punhos.
<cps> 14,73

<AD26> 26
<t> 00:03:28,377 --> 00:03:33,618
<PERS_IDENT_PROF> A doutora <ACAO> <PERS_LINCORP> <PERS_EEMOC> se contorce e <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> aplica <AMB_OBJ> uma injeção <AMB_OBJ_DESC> <DESC_EXPL> de calmante <AMB_CEN_DIST_OBJ> na <PERS_IDENT_PROF> doutora.
<cps> 13,92

<AD27> 27
<t> 00:03:34,392 --> 00:03:38,584
<LC> A imagem vai ficando embassada até surgir uma tela branca.
<cps> 13,59

<AD28> 28

<t> 00:03:40,069 --> 00:03:44,619

<LC> A imagem retorna e mostra <PERS_IDENT_PROF> dois enfermeiros <ACAO> segurando <PERS_IDENT_GEN> a mulher.

<cps> 13,40

<AD29> 29

<t> 00:03:45,582 --> 00:03:50,007

<PERS_IDENT_CF_ID> Outro rapaz <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> chega e <ACAO> ajuda a colocá- <PERS_IDENT_PRON> la <AMB_CEN_DIST_PERS> encostada na parede.

<cps> 12,88

<AD30> 30

<t> 00:03:51,293 --> 00:03:57,489

<PERS_LINCORP> Vagarosamente, <PERS_IDENT> as pessoas <ACAO> <AMB_CEN_DIST_PERS> se afastam e ficam <PERS_IDENT> todos <PERS_LINCORP> de pé, <ACAO> olhando <PERS_EMENT> atentamente <DESC_EXPL> as reações da paciente.

<cps> 16,13

<AD31> 31

<t> 00:03:58,795 --> 00:04:06,022

<LC> A câmera foca e vai percorrendo pelos rostos de cada uma dessas pessoas:

<PERS_IDENT_NOME> Augusto, <PERS_IDENT_NOME> Roberta, <PERS_IDENT_NOME> Eduardo e <PERS_IDENT_NOME> Marcos.

<cps> 14,80

<AD32> 32

<t> 00:04:06,913 --> 00:04:12,113

<PERS_IDENT_PRON> Eles continuam <ACAO> olhando- <PERS_IDENT_PRON> a <PERS_EMENT> atentamente, <AMB_CEN_LOC_TEMP> enquanto <PERS_IDENT_NOME> Roberta <ACAO> anota algo em <PERS_IDENT_PRON> sua <AMB_OBJ> prancheta.

<cps> 15,76

<AD33> 33

<t> 00:04:12,716 --> 00:04:17,876

<DESC_EXPL> Créditos do filme. <CRED> Roteiro: Wellington Rilo.

<CRED> Direção: Arthur Stefan e Jorge Arbage.

<cps> 15,89

<AD34> 34

<t> 00:04:17,976 --> 00:04:22,883

<CRED> Direção de Produção: Camila Batalha.

<CRED> Assistência de Produção: Cláudio Nunes.

<cps> 15,28

<AD35> 35

<t> 00:04:22,984 --> 00:04:29,302

<CRED> Assistência de direção: Beatriz Brito e Bubba Cillo.

<cps> 8,23

<AD36> 36

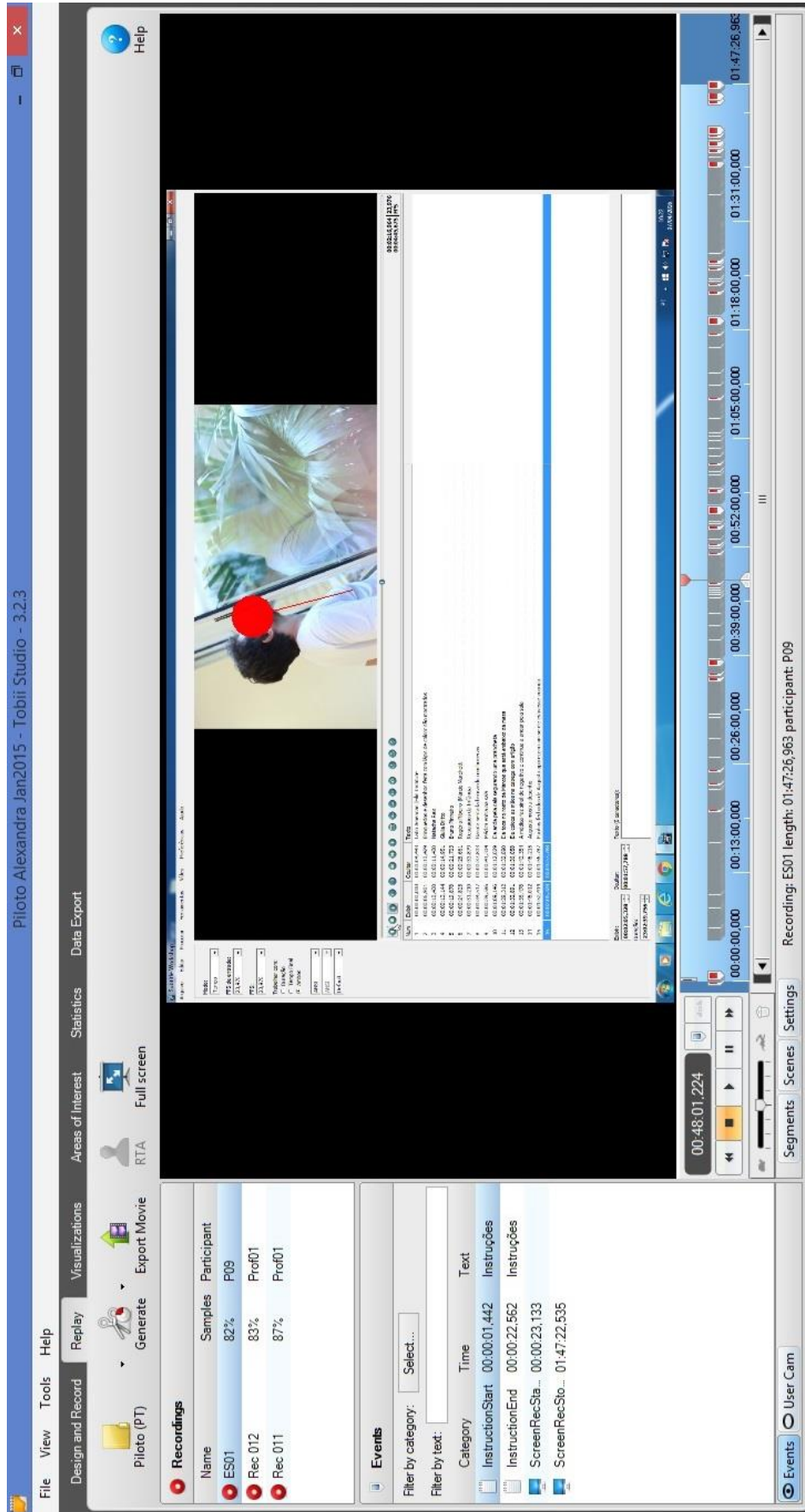
<t> 00:04:39,268 --> 00:04:44,819

<LC> Tela escurece.

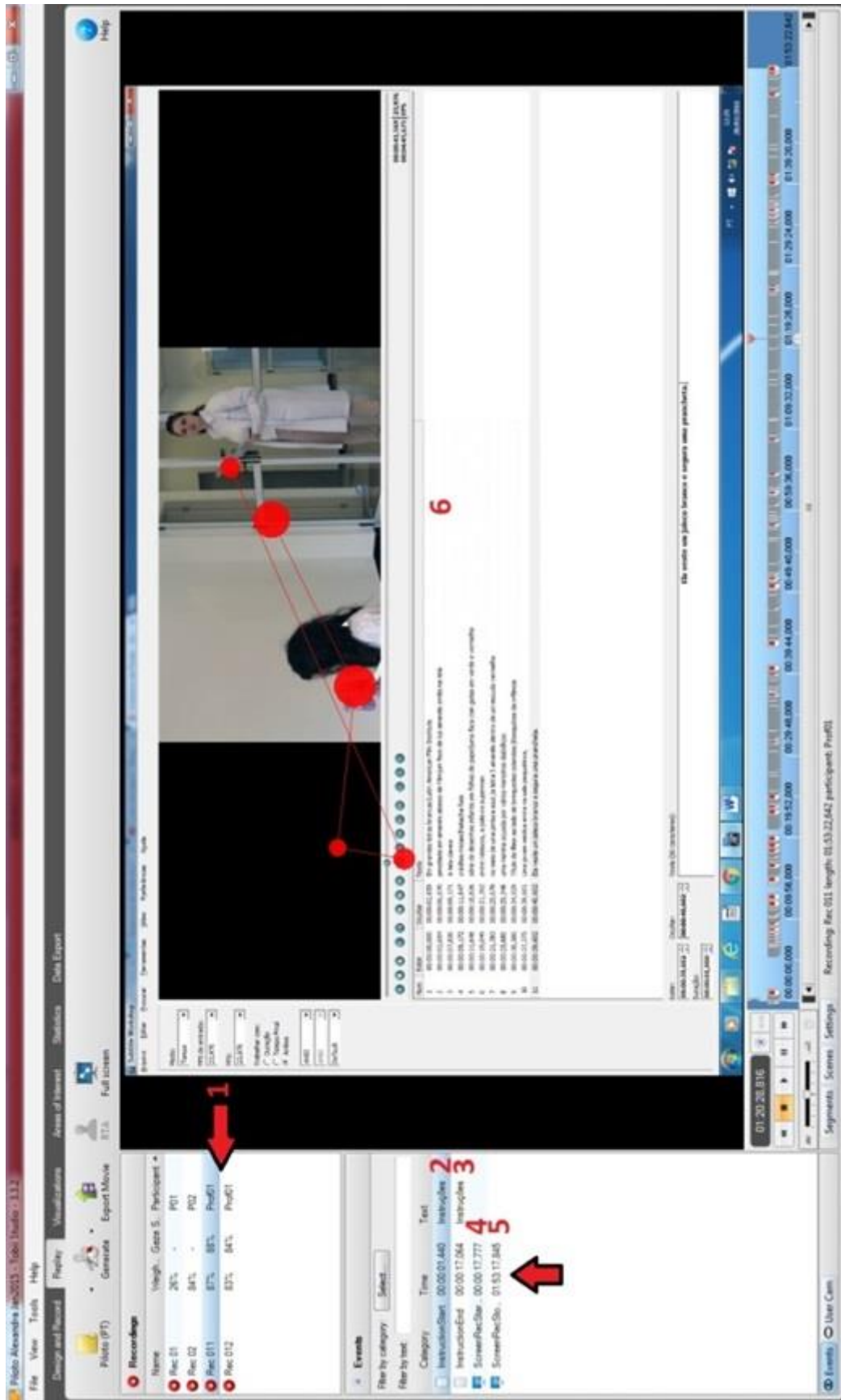
<LC> Surge <DESC_EXPL> o nome da produtora: <CRED> Latin American Filme Institute.

<cps> 12,97

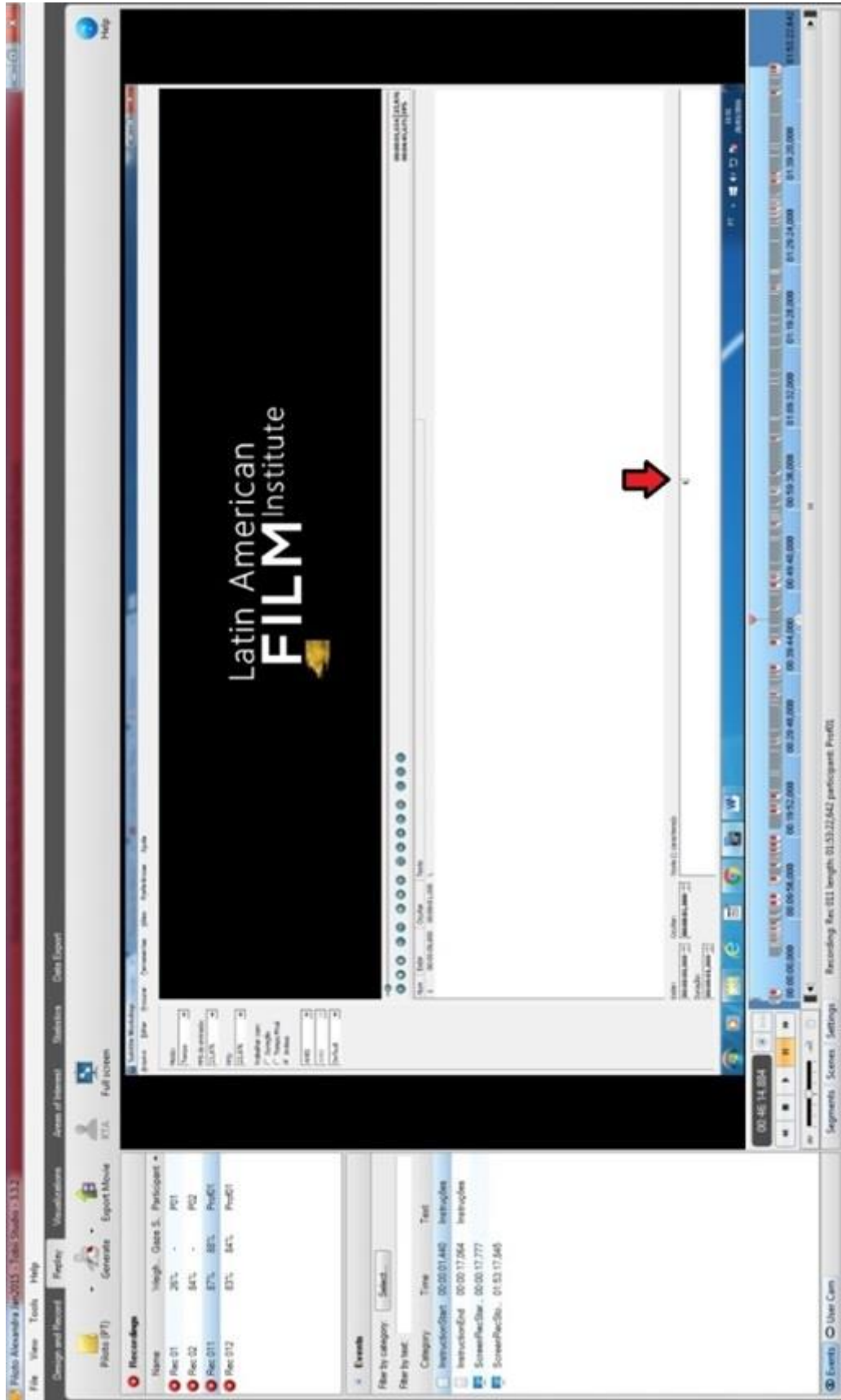
APÊNDICE O – Figura 8



APÊNDICE P – Figura 15



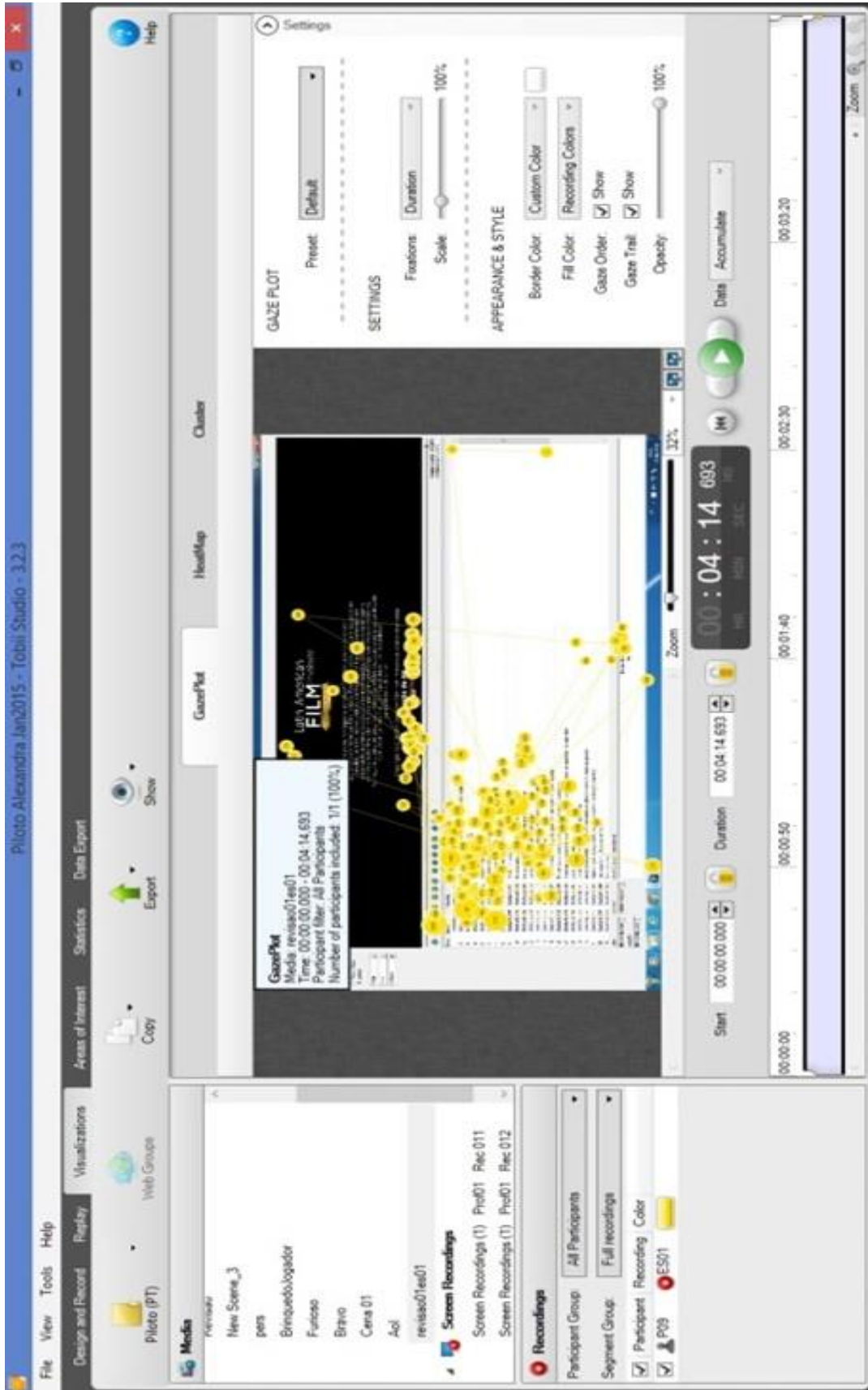
APÊNDICE Q – Figura 16



APÊNDICE R – Figura 17



APÊNDICE S – Figura 18



APÊNDICE T – Figura 19

The screenshot shows a video player interface for a file named "Sistema Workshop - 24/03/2018". The video content displays a medical professional in a white coat performing a procedure on a patient. Two red circles are overlaid on the video to highlight specific actions. A black box with the text "XXXXXXXXXXXX" is positioned over the lower part of the video frame. The interface includes a menu bar with options like "Arquivo", "Editar", "Formatar", "Visualizar", "Ajuda", and a toolbar with various playback controls. Below the video, there is a list of frames with the following data:

Frame	Time (ms)	Frame Size	Frame Type
1	00:00:00.000	350x200	Keyframe
2	00:00:00.000	350x200	Keyframe
3	00:00:00.000	350x200	Keyframe
4	00:00:00.000	350x200	Keyframe
5	00:00:00.000	350x200	Keyframe
6	00:00:00.000	350x200	Keyframe
7	00:00:00.000	350x200	Keyframe
8	00:00:00.000	350x200	Keyframe
9	00:00:00.000	350x200	Keyframe
10	00:00:00.000	350x200	Keyframe
11	00:00:00.000	350x200	Keyframe
12	00:00:00.000	350x200	Keyframe
13	00:00:00.000	350x200	Keyframe
14	00:00:00.000	350x200	Keyframe
15	00:00:00.000	350x200	Keyframe
16	00:00:00.000	350x200	Keyframe
17	00:00:00.000	350x200	Keyframe
18	00:00:00.000	350x200	Keyframe
19	00:00:00.000	350x200	Keyframe
20	00:00:00.000	350x200	Keyframe

At the bottom of the interface, there is a status bar showing the current frame (20) and a "Close" button.

APÊNDICE U – Figura 22



APÊNDICE V – Figura 26

The image displays two screenshots of the website **sinônimos.com.br**, which provides a dictionary of synonyms. The top screenshot shows the search results for the word **bravo**. The word **bravo** is highlighted in a red circle within a word cloud. Below the word cloud, the text reads: "Sinônimo de bravo para 11 verbos de palavra brava". The list of synonyms includes: Animal que é domesticado; feroz, indomável, bravo, indomável, feroz, iracundo, indomado, selvático, bravo; Que está entusiasmado; irado, irado, irado, irado, irado, irado, irado, irado; Que se irita com facilidade; irritadíssimo, agressivo, zangadíssimo, irascível, genioso, agastadíssimo, enfurecido; Que é severo; rígido, rigoroso, brebo, autoritário, severo, inflexível; Mais revoltado; tormentoso, aborrecido, impetuoso, revolto, agitado, violento; Terreno não cultivado; silvestre, bravo, agreste, maninho, baldio; Que é corajoso.

The bottom screenshot shows the search results for the word **furioso**. The word **furioso** is highlighted in a red circle within a word cloud. The text reads: "Sinônimo de furioso para 11 verbos de palavra brava". The list of synonyms includes: bravo, furioso, furioso, furioso, furioso, furioso, furioso, furioso, furioso, furioso, furioso; frenético, furibundo, fúria, enraivecido, psicologicamente, colérico, agastado; A palavra **furioso** aparece e também nas seguintes expressões: bravo zangado, avesso, doido, louco, assanhado, turbulento, enclabreado, energúmeno, possesso, azongado, danado, desapoderado, enfurecido, escabreado, fero, rabido, saído, tirânico, vinolento, bravo, bozina, espumante.

ANEXOS

ANEXO A – Autorização de utilização do filme *Resquícios da Infância*

Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior
Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada
Av. Luciano Carneiro, 345 - Fátima, Fortaleza/CE - CEP: 60410-690
Fone: (85) 3101 2032 / 3101 2030 (ramal 205)
Site: www.uece.br/cmla E-mail: secretaria_posla@uece.br

**Autorização para utilização de filme em pesquisa**

Eu, Luciana Gomes Reis Stipp, Produtora Executiva, autorizo a doutoranda **Alexandra Frazão Seoane**, a utilizar o filme **Resquícios de Infância (2015)** na pesquisa intitulada **Conhecimento experto em audiodescrição: Análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos**. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e tem como prazo de término fevereiro de 2017. A pesquisadora poderá exibir o filme apenas aos participantes da pesquisa e utilizar imagens ou trechos do filme na tese, apresentações de trabalho e em artigos provenientes dessa pesquisa. Está proibida qualquer exibição pública ou comercialização do filme. Em contrapartida a pesquisadora se compromete, ao fim da pesquisa, entregar ao Latin American Film Institute uma versão do filme audiodescrito para deficientes visuais e legendado para surdos e ensurdecidos.

São Paulo, 14 de março de 2016

LATIN AMERICAN FILM INSTITUTE
CNPJ: 09.087.848 / 0001-74

Luciana Gomes Reis Stipp

ANEXO B – Esquema de orientação da participante PR01

Resquícios de infância

Temas

Os loucos são os outros

Violência infantil

Abuso sexual

Esquizofrenia

Homicídio

Psiquiatria

Ufologia

Guerra

Heroísmo

Símbolos

Brinquedos – jogador de futebol americano / alienígena/ astronauta

Desenhos

Faca com respingos de sangue – gotas de sangue – gotas em verde e em vermelho

Mãe e filho e ponto de interrogação

Azul, símbolo do superman, letras S dentro de um escudo vermelho, superman

Boneca em rosa ao redor de vários bonecos HAHA

Monstros ao redor de uma menina sentada/ acuada

Final

Médica no meio de loucos

Mãe com uma faca, filha e filha deitada

Alienígena verde e naves espaciais preto e laranja

Superhomem/ superman sobrevoando junto aos pássaros

Soldado com metralhadora e tanques de guerra, explosões

Monstros ao redor de uma menina sentada/ acuada novamente

Personagens

Maria - Doutora

Roberta – infantil - abuso

Marcos – trancado – alienígenas

Augusto – superman - azul

Eduardo – militar – janela

Final – personagens

Maria - Louca

Roberta – médica

Marcos – medicou ou enfermeiro

Augusto – enfermeiro

Eduardo – zelador

Natacha Reis

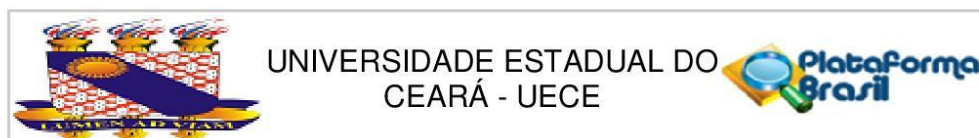
Giulia Britto

Bruno Pinheiro

Rogério Ribeiro

Márcio Marche

ANEXO C – Parecer do comitê de ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Conhecimento experto em audiodescrição: Análise do processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos.

Pesquisador: Alexandra Frazão Seoane

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51469615.9.0000.5534

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

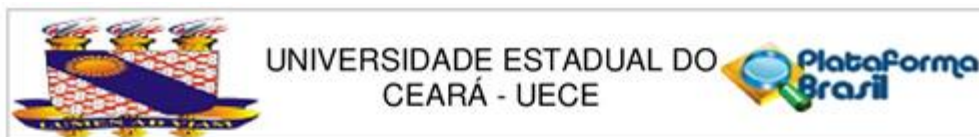
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.520.420

Apresentação do Projeto:

Serão analisados os comportamentos tradutórios de audiodescritores ao elaborarem uma audiodescrição (AD). A AD é uma modalidade de tradução audiovisual onde o objetivo principal é descrever elementos visuais para pessoas cegas e/ou Pessoa com Deficiência Visual (PcDV). A modalidade de audiodescrição analisada será a de filmes. O audiodescritor receberá um filme e deverá elaborar um roteiro de AD que posteriormente pode ser gravado. Os comportamentos tradutórios a serem analisados englobam tudo o que for realizado pelo audiodescritor do momento em que este recebe o vídeo que será audiodescrito até o momento em que ele decide que a audiodescrição está pronta para ser gravada. Farão parte desta pesquisa oito participantes com e sem experiência profissional na elaboração de AD, que fazem parte ou que já fizeram parte do grupo de pesquisa em Legendagem e Audiodescrição (grupo LEAD) da UECE. Serão divididos em dois grupos, o de profissionais e o de novatos, cada um com 4 participantes. Os participantes receberão um vídeo de, no máximo, 5 minutos a ser escolhido e terão o movimento ocular rastreado através de um rastreador ocular (Eye Tracker) durante todo o processo. Os dados coletados serão analisados com base na triangulação dos dados provenientes dos questionários pré-coleta, pós-coleta, relatos retrospectivos e do rastreador ocular.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi **CEP:** 60.714-903
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** cep@uece.br



Continuação do Parecer: 1.520.420

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o processo tradutório de audiodescritores profissionais e novatos durante a produção de roteiros de AD para filmes.

Objetivo Secundário:

- a) Esboçar uma metodologia para investigar o processo tradutório de audiodescritores.
- b) Descrever e comparar o ritmo cognitivo, tempo gasto na orientação, redação e revisão, de audiodescritores profissionais e novatos.
- c) Comparar os roteiros de AD elaborados por audiodescritores profissionais e novatos.
- d) Identificar prováveis padrões processuais dos audiodescritores profissionais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

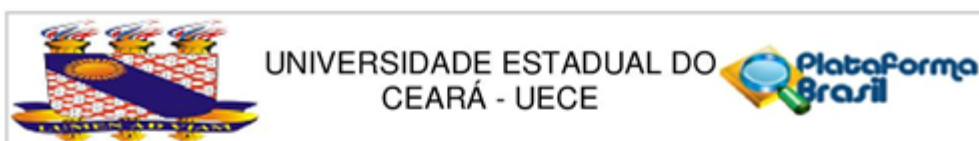
Todos os riscos e a maneira de contorná-los estão bem descritos. O pesquisador relata que há a possibilidade de os participantes sentirem-se inferiorizados intelectualmente por não terem entendido algumas partes do filme ou algumas das perguntas dos questionários e/ou de pensarem que eles estão sendo testados. Para tanto, será enfatizado, a fim de reduzir os riscos, que a elaboração de um roteiro de AD é uma atividade subjetiva, onde não há escolhas certas ou erradas, deixando claro que o participante pode tirar suas dúvidas em relação aos questionários com a pesquisadora responsável a qualquer momento. Além disso, o pesquisador relata que deixará claro para os participantes que a utilização do rastreador ocular não acarretará em riscos para a visão dos participantes. Outro risco previsto é o cansaço do participante no decorrer do experimento, já que este deverá durar 2 horas. Com relação a isso, o participante será informado que, caso necessário, poderá dar uma pausa para descansar, e que o experimento retomará assim que esse se sentir confortável. Já os benefícios pretendidos com a pesquisa são encontrar padrões de comportamento tradutório que possam ser ensinados ou desencorajados em cursos de formação de audiodescritores e ajudar na elaboração de parâmetros que auxiliem o audiodescritor na elaboração de futuros roteiros.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Ao identificar padrões sistemáticos que possam fornecer subsídios ao instrutor e ao audiodescritor em formação para uma melhor recepção de produtos audiovisuais por parte da pessoa com deficiência visual, há contribuição tanto para a pesquisa em audiodescrição quanto para a formação de audiodescritores em cursos de extensão, graduação e pós-graduação. As justificativas estão evidentes no projeto/protocolo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE em forma de convite; apresenta o título e o objetivo da pesquisa, explicita adequadamente os riscos e benefícios, consta telefone, email e endereço do CEP. No TCLE, há telefone, email, nome completo e campo para assinatura do pesquisador responsável. Quanto a Folha de rosto, contém a assinatura do pesquisador responsável e contém a assinatura e carimbo do responsável pela instituição onde se realizará a pesquisa. Já em relação à Carta de Anuência, evidencia a descrição do título da pesquisa e do nome do pesquisador principal, descreve exatamente o que será realizado na instituição, com o período em que os dados serão coletados, apresentando o carimbo da instituição e assinatura do responsável. Quanto ao cronograma, está adequadamente descrito, indicando quando começará cada fase do estudo; há indicação que a coleta de dados iniciará apenas após aprovação do CEP. Quanto ao orçamento, há descrição sobre o que será gasto; o financiamento será próprio, mas a pesquisadora afirma que todos os equipamentos necessários, como o rastreador e o computador, e o local da coleta de dados, já se encontram a sua disposição (recurso da instituição UECE). Há coerência entre o método e o orçamento da pesquisa.



Continuação do Parecer: 1.520.420

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_630925.pdf	31/03/2016 17:36:27		Aceito
Outros	carta_anuencia.pdf	31/03/2016 17:35:57	Alexandra Frazão Seoane	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Alexandra_14_03_2016.doc	14/03/2016 16:38:03	Alexandra Frazão Seoane	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Assinada.pdf	30/11/2015 17:25:13	Alexandra Frazão Seoane	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	30/11/2015 17:18:47	Alexandra Frazão Seoane	Aceito

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
 Bairro: Itaperi CEP: 60.714-903
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3101-9890 Fax: (85)3101-9906 E-mail: cep@uece.br

Página 03 de 04

Continuação do Parecer: 1.520.420

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 28 de Abril de 2016

Assinado por:
ISAAC NETO GOES DA SILVA
 (Coordenador)